



Faculdade de Ciências Sociais

Departamento de Ciências da Educação

Mestrado em Ciências da Educação - Administração Educacional

Relatório de Estágio

O papel da administração e liderança do Gabinete do Ensino Superior da Região Autónoma da Madeira na valorização do Ensino Superior

Orientador

Professor Doutor António Veloso Bento

Mestranda

Petra Diana Freitas Reis

Funchal, setembro de 2015

Pensamentos

“O segredo do sucesso não é prever o futuro.
É preparar-se para um futuro
que não pode ser previsto”.
Michael-Hammer

“O trabalho perseverante vence todos
os obstáculos”.
Virgílio Geórgicas

Agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste relatório de estágio, em especial ao Professor Doutor António Veloso Bento pela sua orientação pedagógica que despertou maior desenvolvimento pessoal, profissional bem como pela sua enorme disponibilidade e empenhamento e ao Dr. João Costa e Silva pelo seu interesse, empenho demonstrado e colaboração durante o decorrer do estágio.

A todos o meu muito obrigado!

Sumário

Resumo	VII
Abstract	VIII
Résumé	IX
Resumen	XI
Índice de Siglas	XIII
Índice de Abreviaturas.....	XIII
Índice de Quadros	XIV
Índice de Tabelas.....	XIV
Índice de Gráficos.....	XVII
Introdução.....	1
Capítulo 1 – Organização do Relatório	7
1.1. Pertinência do Estudo.....	7
1.2. Estrutura do Relatório	13
1.3. Objetivos do Relatório	13
1.4. Metodologia do Relatório	14
Capítulo 2 – Contextualização do Estágio.....	19
2.1. Local do Estágio.....	19
2.2. Objetivos Gerais e Atividades Realizadas	19
2.3. Áreas de Intervenção.....	34
Capítulo 3 – Revisão da Literatura	41
3.1. Liderança e Administração Educacional.....	41
3.2. Estilos de Liderança	42
3.3. Liderança nas Organizações Educativas	45
3.4. Diferença entre Líder e Gestor	46
3.5. Importância do Ensino Superior	48
3.6. Motivações para a Continuação dos Estudos para o Nível de Ensino Superior.....	51
3.7. Fatores Responsáveis pelas Motivações para o Ingresso ao Ensino Superior	53
3.8. A História dos Gabinetes de Ensino Superior a Nível Nacional e Regional	58
Capítulo 4 – Identificação e Caraterização do Gabinete do Ensino Superior da RAM	61
4.1. História.....	61
4.2. Estrutura Organizacional.....	62
4.3. Localização e Caraterização do Meio Envolveinte	62

4.4. Missão, Visão e Valores.....	62
4.5. Serviços Prestados.....	64
4.6. Caraterização dos Recursos	65
4.6.1. Recursos Humanos.....	65
4.6.2. Recursos Financeiros	65
4.6.3. Recursos Físicos.....	65
Capítulo 5 – Investigação Empírica “Motivação dos Alunos de Ensino Secundário em Prosseguir os Estudos para o Ensino Superior”.....	67
5.1. Problema de Investigação	67
5.2. Questões de Investigação	68
5.3. Objetivos	68
5.4. Metodologia da Investigação Empírica.....	69
5.4.1. Tipo de estudo	70
5.4.2. Local de estudo.....	70
5.4.3. Delimitação do campo de estudo	71
5.4.3.1. Critérios de Seleção do Campo de estudo	73
5.5. Limitações do estudo	74
5.6. Instrumentos de Recolha de Dados	74
5.7. População e Amostra	78
5.8. Caraterização da Amostra	79
5.9. Tipos de Amostragem	80
5.10. Cuidados Éticos.....	81
5.11. Tratamentos de Dados.....	82
Capítulo 6 - Apresentação dos Resultados da Investigação	85
6.1. Apresentação, Análise e Interpretação dos Resultados de Investigação.....	85
6.2. Reflexão dos Resultados da Investigação	106
Conclusões da Investigação	127
Considerações Finais e Recomendações para estudos futuros.....	129
Referências Bibliográficas	132
Referências Webgráficas	135
Referências Legislativas.....	137
Bibliografia Consultada	137
Apêndices	139

Apêndice 1 – Horário de estágio realizado no GES	139
Apêndice 2 – Manual do Candidato ao Ensino Superior	140
Apêndice 2.1 – Manual do Candidato ao Ensino Superior (final adaptado)	156
Apêndice 3 – Manual do Estudante ao Ensino Superior	167
Apêndice 4 – Manual do Diplomado no Ensino Superior	181
Apêndice 5 – Guião da Entrevista a Diretores de Turma de 9º ano	189
Apêndice 6 – Guião da Entrevista a Diretoras de Turma de 12º ano	191
Apêndice 7 – Questionários implementados aos alunos de 12º ano	193
Apêndice 8 – Pedido de autorização ao Secretário Regional de Educação para a implementação de questionários a três turmas das três principais escolas secundárias do Funchal bem como a implementação das entrevistas às três diretoras de turma destas turmas e a implementação de entrevistas a três diretoras de turmas das três principais escolas de 3º ciclo do Funchal	197
Apêndice 9 – Atividades diárias realizadas no GES (Apontamentos)	198
Apêndice 10 - Entrevistas Transcritas às Diretoras de Turma de 9º e 12º ano.	204
Apêndice 10.1 – Entrevista Transcrita à Diretora de turma da Escola 1	204
Apêndice 10.2 – Entrevista Transcrita à Diretora de turma da Escola 2	210
Apêndice 10.3 – Entrevista Transcrita à Diretora de turma da Escola 3	219
Apêndice 10.4 – Entrevista Transcrita à Diretora de turma da Escola 4	227
Apêndice 10.5 - Entrevista Transcrita à Diretora de turma da Escola 5	233
Apêndice 10.6 - Entrevista Transcrita à Diretora de turma da Escola 6	239
Anexos	252
Anexo 1 – Calendário com as ações de sensibilização/informação sobre o ensino superior do GES às Escolas	252
Anexo 2 – Declaração emitida pelo Orientador de estudo Doutor António Bento para efeitos do pedido da autorização da realização do estudo nas escolas solicitadas	253
Anexo 3 – Autorização dada concedida Secretaria Regional da Educação para a implementação do estudo nas escolas solicitadas	254

Resumo

O presente relatório evidencia duas partes do nosso trabalho; uma primeira sobre o estágio onde registamos todas as atividades desenvolvidas durante o decorrer do mesmo no Gabinete do Ensino Superior (GES) da Região Autónoma da Madeira (RAM) e na qual utilizamos a investigação-ação como metodologia recorrente, reflexiva e autocrítica. A segunda parte debruça-se sobre o estudo de investigação empírica, cujo objetivo era avaliar a importância de prosseguir os estudos para o nível de ensino superior. Neste sentido, realizámos o estágio no GES com o intuito de perceber o papel da administração e liderança deste Gabinete na valorização deste ensino, ganhando uma experiência prática de liderança educacional. Este relatório de estágio está inserido no âmbito do Mestrado em Administração Educacional (AE) da Universidade da Madeira (UMa). No decorrer do estágio, o Diretor do GES partilhou a sua liderança e exemplificou o seu quotidiano, fazendo perceber quais são os problemas mais frequentes com que tem de lidar, e qual a sua relação com os técnicos superiores, restante equipa e comunidade educativa. Através das técnicas de investigação, investigação-ação e observação utilizadas durante o estágio, percebemos o que é realmente liderar, consolidando assim toda a teoria aprendida com uma realidade prática, onde pudemos verificar que o líder “ideal” é o que combina a gestão com a liderança. Realizamos um estudo de investigação empírica de interesse para o GES onde se pretendeu saber quais são as motivações dos estudantes de 12º ano em prosseguirem os seus estudos para o ensino superior, para que desta forma fosse possível identificar o nível de motivação dos jovens, podendo assim tirar conclusões e encontrar possíveis soluções. Este estudo surgiu com base nas dúvidas e incertezas inerentes à nossa sociedade devido à conjuntura económica atual que questiona o prosseguimento ou não dos estudos para o ensino superior. A metodologia utilizada foi a qualitativa e a quantitativa, tratando-se de uma metodologia mista porque baseamo-nos na recolha de dados através de seis entrevistas realizadas a diretoras de turma de (9º e 12º ano) e 58 questionários implementados, bem como de pesquisas bibliográficas, documentais e legislativas. Concluímos que o Diretor do GES é um líder democrático pois toma a atitude de projetar e concretizar as atividades que têm de ser desenvolvidas, tendo sempre em atenção problemas e necessidades que surgem no grupo. Relativamente ao estudo de investigação empírica algumas das soluções encontradas para que a motivação de prosseguir os estudos continue e aumente passa por criar perspetivas de futuro mais positivas, haver mais oferta de cursos na nossa Universidade da Madeira e também mais emprego. Trabalhar esta motivação depende sobretudo das forças políticas, das famílias e dos professores. Assim, entendemos que os professores são líderes porque têm o papel de motivar os estudantes. Concluímos que a maioria dos estudantes do ensino secundário inquiridos estão motivados em ingressar no ensino superior, sobretudo pela motivação de obterem melhores condições de vida. Os que não se encontram motivados justificam que não o estão sobretudo pela atual condição do país. Todas as entrevistadas e a maioria dos inquiridos concordam que, e tal como a nossa revisão de literatura revela, estudar no ensino superior ainda compensa.

Palavras-chave: Estágio; Liderança; Administração Educacional; Motivação; Ensino Secundário e Ensino Superior.

Abstract

This report highlights two parts of our work, the first one is about the training where we record all the activities developed during the course in the Higher Education Office (HEO) of the Autonomous Region of Madeira (ARM), so we used research-action as a recurring methodology, reflective and self-critical. The second part focuses on the study of empirical research whose objective was to evaluate the importance of further education: higher education. In this sense, we had our training at HEO in order to understand the role of management and leadership of this office in the valuation of this teaching, and thus gaining practical experience in educational leadership. This training report is inserted under the Master in Educational Administration (EA) at the University of Madeira (UMa). During the training course the Director of HEO shared his leadership and exemplified his daily life, making clear the most common problems that he has to deal with, what his relationship with the senior staff, other staff and educational community is. Through the research techniques, research-action and observation used during the training we realized what leading really is, consolidating all the theory learned from a practical reality, where we observed that the "ideal" leader is the one that combines the management with leadership. We conducted a study of empirical research of interest to the HEO where we intended to find out what the motivations of 12th grade students are to continue their studies at the university, so this way it was possible to identify the level of motivation of young people, and thus we can draw conclusions and possible solutions. This study arose because of the doubts and uncertainties inherent in our society due to the current economic environment that questions the continuation or not of higher education. We used a mixed methodology: qualitative and quantitative, because we based on data collected through six interviews with directors of class (9th and 12th grade) and 58 implemented questionnaires, as well as literature, documentary and legislative researches. We conclude that the Director of HEO is a democratic leader since he takes the attitude of designing and implementing activities that have to be developed, bearing in mind the problems and needs that arise in the group. Regarding the study of empirical research some of the solutions we found to increase motivation and continue further studies are creating more positive prospects for the future, more course offerings at our University of Madeira and also more jobs. Working this motivation depends mainly on political forces, families and teachers. So, we understand that teachers are leaders because they have the power to motivate students. We conclude that most of the surveyed high school students are motivated and want to go to university especially to obtain better living conditions and those who are not motivated claim that they are mostly not because of the current condition of the country. All the interviewees and the majority of respondents agree that studying at the university is worth it and our literature review shows the same.

Keywords: Training; Leadership; Educational Administration; Motivation; Secondary and Higher Education.

Résumé

Ce rapport met en évidence deux parties de notre travail. La première est sur le stage réalisé au Bureau de l'Enseignement Supérieur (BES) de la Région Autonome de Madère (RAM), au cours duquel nous avons enregistré toutes les activités y développées, en utilisant la recherche-action, réflexive et autocritique, comme la méthodologie prédominante. La deuxième partie est sur la recherche empirique, dont l'objectif était d'évaluer l'importance de poursuivre des études dans l'enseignement supérieur. Pour ce motif, nous avons réalisé le stage au BES dont le but a été de comprendre le rôle de l'administration et le leadership de ce bureau dans la valorisation de ce niveau d'enseignement, en obtenant une expérience pratique de leadership éducationnel. Ce rapport de stage fait partie du Master en Administration Éducationnelle (AE) de l'Université de Madère (UMa). Au cours de ce stage, le Directeur du BES a partagé son leadership, a montré son quotidien, en démontrant les problèmes les plus fréquents auxquels il doit faire face, et comment est son rapport avec les techniciens supérieurs, les autres membres de son équipe et la communauté éducative. À travers les techniques de recherche, recherche-action et observation utilisées pendant le stage, nous avons compris ce qui est vraiment diriger, en consolidant ainsi toute la théorie apprise avec une réalité pratique, où nous avons pu constater que le leader «idéal» est celui qui fait la conjonction de la gestion avec le leadership. Nous avons mené une étude de recherche empirique d'intérêt pour le BES où on a voulu savoir les motivations des étudiants de Terminale à poursuivre leurs études d'enseignement supérieur, afin d'identifier le niveau de motivation des jeunes pour, finalement, trouver des conclusions et des solutions possibles. Cette étude s'est fondée sur les doutes et les incertitudes inhérentes à notre société dues à la situation économique actuelle qui questionne la poursuite ou non des études dans l'enseignement supérieur. La méthodologie utilisée a été la qualitative et la quantitative, concernant une approche méthodologique mixte parce que nous nous sommes appuyés sur la collecte de données à travers l'élaboration de six interviews à des professeures principales (de Troisième et Terminale) et de cinquante-huit questionnaires à des étudiants, ainsi que des recherches bibliographiques, documentaires et législatives. Nous avons conclu que le Directeur du BES est un leader démocratique puisqu'il prend l'attitude de projeter et de réaliser les activités qui doivent être développées, en faisant toujours attention aux problèmes et aux besoins qui surgissent dans le groupe. En ce qui concerne l'étude de recherche empirique, nous avons constaté que certaines des solutions trouvées pour que la motivation de poursuivre les études continue et augmente, implique la création de perspectives d'avenir plus positives, avoir plus d'offre de formations à l'Université de Madère et créer aussi plus d'emplois. Développer cette motivation dépend surtout des forces politiques, des familles et des professeurs. De cette façon, nous considérons que les professeurs sont des leaders parce qu'ils ont la fonction de motiver les élèves. Nous avons conclu que la majorité des étudiants interrogés de l'enseignement secondaire sont motivés à entrer dans l'enseignement supérieur car ils ont la motivation d'obtenir de meilleures conditions de vie. Ceux qui ne sont pas motivés justifient leur position notamment par la situation actuelle du pays. Toutes les professeures interviewées et la majorité des étudiants

interrogés sont d'accord qu'il vaut la peine d'étudier dans l'enseignement supérieur, comme le démontre aussi toute la bibliographie utilisée pour la rédaction de ce rapport.

Mots clés: Stage, Leadership, Administration Éducationnelle, Motivation, Enseignement Secondaire et Enseignement Supérieur.

Resumen

Este informe pone de relieve dos partes de nuestro trabajo, una primera sobre las prácticas en la cual grabamos todas las actividades desarrolladas durante el transcurso de las mismas en la Oficina de Educación Superior (GES) de la Región Autónoma de Madeira (RAM), dónde usamos la investigación-acción como metodología recurrente, reflexiva y autocrítica. La segunda parte se centra en el estudio de la investigación empírica cuyo objetivo fue evaluar la importancia de dar continuidad a la educación hasta el nivel superior. En este sentido, realizamos las prácticas en la GES con el fin de comprender el papel de la gestión y el liderazgo de esta oficina en la valoración de esta enseñanza, adquiriendo una experiencia efectiva de liderazgo educativo. Este informe de prácticas se inserta en el programa de Maestría en Administración de la Educación (AE) en la Universidad de Madeira (UMA). A lo largo de las prácticas el Director de la GES ha compartido su liderazgo y ha ejemplificado su cotidiano, permitiendo entender cuáles son los problemas más comunes a los que tiene que hacer frente, y cuál es su relación con el personal de categoría superior, el resto del personal y la comunidad educativa. A través de técnicas de investigación, la investigación-acción y la observación utilizadas durante las prácticas nos dimos cuenta de lo que realmente es liderar, consolidando así toda la teoría aprendida a partir de una realidad práctica, donde pudimos observar que lo que hace "ideal" a un líder es la combinación de la gestión con liderazgo. Hemos llevado a cabo un estudio de investigación empírica de interés para la GES donde se pretendía averiguar cuáles son las motivaciones que hacen con que los estudiantes del grado 12 continúen sus estudios hasta los estudios superiores, para que de esta manera fuera posible identificar el nivel de motivación de los jóvenes, y por lo tanto poder sacar conclusiones y posibles soluciones. Este estudio surgió por las dudas e incertidumbres inherentes a nuestra sociedad, debido a la situación económica actual que cuestiona la continuación o no de estudios de educación superior. La metodología fue cualitativa y cuantitativa, siendo por lo tanto una metodología mixta porque nos hemos basado en la recopilación de datos a través de seis entrevistas con directores de clase (9 y 12 grado) y 58 encuestas, así como búsquedas bibliográficas, documentales y legislativas. Llegamos a la conclusión de que el Director de la GES es un líder democrático desde que asumió la actitud de proyectar y implementar las actividades que tienen que ser desarrolladas teniendo en cuenta los problemas y necesidades que surgen en el grupo. En cuanto al estudio de la investigación empírica algunas de las soluciones encontradas para la motivación para continuar estudios se mantenga y crezca son la creación de perspectivas más positivas para el futuro, más ofertas de cursos en nuestra Universidad de Madeira y también más puestos de trabajo. Trabajar esta motivación depende principalmente de las fuerzas políticas, de las familias y de los profesores. Así, entendemos que los maestros son líderes porque tienen la función de motivar a los estudiantes. Llegamos a la conclusión de que la mayoría de los estudiantes de instituto encuestados están motivados para entrar en la educación superior, siendo especialmente motivados por la deseada obtención de mejores condiciones de vida. Los que no están motivados garantizan que en su mayoría no lo están debido a la condición actual del país. Todas las encuestas y la mayoría de los encuestados están de

acuerdo en cuanto al hecho de que - y nuestra revisión de la literatura así lo muestra- seguir los estudios hasta la educación superior vale la pena.

Palabras clave: Etapa; Liderazgo; Administración de la Educación; motivación; Institutos y Educación Superior.

Índice de Siglas

- AE – Administração Educacional.
DGES – Direção Geral do Ensino Superior.
DRAPL – Direção Regional da Administração Pública e Local.
DRE – Direção Regional de Educação.
DSAES – Direção de Serviços de Acesso ao Ensino Superior.
EUA – Estados Unidos da América.
GCDE – Gabinete Coordenador do Desporto Escolar.
GES – Gabinete do Ensino Superior.
IPP – *Internet Printing Protocol*.
MEC – Ministério da Educação e Ciência.
OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico.
PIB – Produto Interno Bruto.
RAM – Região Autónoma da Madeira.
SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences* - programa estatístico para as ciências sociais.
SRE – Secretaria Regional de Educação.
UE – União Europeia.
UMa – Universidade da Madeira.

Índice de Abreviaturas

- Ed. – edição.
Et. al. – outros.
h. – horas.
Km – Quilómetros.
min – minutos.
nº – número.
Orgs. – organizadores.
p. – Página.
pp. – Páginas.
s.d. – Sem data.

Índice de Quadros

Quadro 1 – Recursos físicos do GES	21
Quadro 2 – Recursos humanos do GES	22
Quadro 3 – Períodos dos Serviços prestados no GES.....	24
Quadro 4 – Ações relacionadas com os exames e as candidaturas ao Ensino Superior.	25
Quadro 5 – Atividades dos serviços prestados no GES e respetivos processos de suporte.....	35
Quadro 6 – Processo de avaliação de aptidões dos candidatos ao ensino superior.	35
Quadro 7 – Processo dos pré-requisitos fixados por alguns estabelecimentos de ensino para alguns dos seus cursos superiores	36
Quadro 8 – Processo do concurso nacional de acesso ao ensino superior público.....	37
Quadro 9 – Processo do concurso aos Apoios do Governo Regional para a frequência do ensino superior	37
Quadro 10 - Processos de equivalências de habilitações estrangeiras de nível superior	38
Quadro 11 – Efetuar a gestão dos Recursos Humanos do GES.....	38
Quadro 12 – Descrição do modo de se proceder às aquisições por ajuste direto do GES.....	39
Quadro 13 – Processos de recolha e divulgação de legislação, registo de entradas e gestão do correio eletrónico do GES.....	39

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Datas das marcações e reuniões com os Diretores das seis escolas	71
Tabela 2 – Datas de marcações das entrevistas com as 6 diretoras de turmas das seis escolas ...	72
Tabela 3 – Datas da implementação das entrevistas com as 6 diretoras de turmas das seis escolas	72
Tabela 4 – Datas da implementação dos questionários a 3 turmas de 12º ano alunos de três escolas secundárias do Funchal	72
Tabela 5 – Total de inquiridos, segundo o género, por escola	79
Tabela 6 – Distribuição da amostra em função da profissão dos pais.....	87

Tabela 7 – Distribuição da amostra segundo as habilitações da mãe e pai, se está motivado para ingressar no ensino superior.....	89
Tabela 8 – Distribuição da amostra segundo as habilitações da mãe e pai, por quem os apoia para poderem estudar.	90
Tabela 9 – Distribuição da amostra segundo se os alunos pensam que estarão preparados para ingressar no ensino superior, por que usufruem de escalão escolar.....	91
Tabela 10 – Distribuição da amostra segundo se estão motivados e se pensam que estarão preparados para ingressar no ensino superior, e se por alguma vez reprovou de ano	93
Tabela 11 – Distribuição da amostra segundo se estão motivados para ingressar no ensino superior, por que alguma vez reprovaram de ano	94
Tabela 12 – Distribuição da amostra segundo se estão motivados para ingressar no ensino superior, por que no ano letivo anterior transitaram com negativas	94
Tabela 13 – Distribuição da amostra por níveis de motivação e autoestima dos alunos	95
Tabela 14 – Distribuição da amostra segundo se estão motivados para ingressar no ensino superior por níveis de motivação e autoestima dos alunos	96
Tabela 15 – Distribuição da amostra segundo se tiverem dúvidas sabem onde recorrer e se conhecem o gabinete do ensino superior da RAM, em função de saber em que curso superior querem ingressar	99
Tabela 16 – Distribuição da amostra segundo se estão motivados e se pensam que estarão preparados para ingressar no ensino superior, em função de conhecer os meios para adquirir bolsas de estudo.....	100
Tabela 17 – Distribuição da amostra segundo se querem ingressar no ensino superior, por que pensam que estarão preparados para ingressar no ensino superior.....	101
Tabela 18 – Distribuição da amostra segundo se querem ingressar no ensino superior e se conhecem o gabinete do ensino superior da RAM, em função se sabem onde recorrer em caso de dúvidas no processo de ingressar no ensino superior.....	103
Tabela 19 – Distribuição da amostra segundo se estão motivados e se pensam que estarão preparados para ingressar no ensino superior, por conhecer o gabinete do ensino superior da RAM.....	104

Tabela 20 – Distribuição da amostra segundo a importância em prosseguir os estudos, por escola.....	106
Tabela 21 – Distribuição da amostra segundo as justificações para prosseguir os estudos, por escola.....	107
Tabela 22 – Distribuição da amostra segundo a motivação dos alunos para ingressar no ensino superior, por escola	109
Tabela 23 – Distribuição da amostra segundo os motivos da motivação em ingressar no ensino superior por escola	109
Tabela 24 – Distribuição da amostra segundo se os alunos querem ingressar no ensino superior, por escola	109
Tabela 25 – Distribuição da amostra segundo os motivos dos alunos quererem ingressar no ensino superior, por escola.....	110
Tabela 26 – Distribuição da amostra segundo se os alunos inquiridos usufruem de algum escalão escolar, por escola	114
Tabela 27 – Distribuição da amostra segundo se os alunos inquiridos reprovaram alguma vez de ano por escola	115
Tabela 28 – Distribuição da amostra, segundo se no ano letivo anterior os alunos inquiridos transitaram com negativas por escola	115
Tabela 29 – Distribuição da amostra segundo quem apoia os inquiridos para poderem estudar por escolas.....	118
Tabela 30 – Distribuição da amostra, segundo se os inquiridos ao concluir o ensino secundário pensam estar preparados para ingressar no ensino superior por escola	119

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Distribuição da amostra em função do género	85
Gráfico 2 – Distribuição da amostra em função da idade.	85
Gráfico 3 – Distribuição da amostra em função de com quem vivem.	86
Gráfico 4 – Distribuição da amostra em função do nível de escolaridade dos pais	86
Gráfico 5 – Distribuição da amostra em função das justificações da importância de prosseguir os estudos.....	87
Gráfico 6 – Distribuição da amostra em função da motivação para ingressar no ensino superior	88
Gráfico 7 – Distribuição da amostra em função das justificações dos alunos motivados.....	89
Gráfico 8 – Distribuição da amostra em função das justificações dos alunos que não estão motivados	89
Gráfico 9 – Distribuição da amostra em função de quem os apoia para poderem estudar	90
Gráfico 10 – Distribuição da amostra em função se usufruem de escalão escolar	91
Gráfico 11 – Distribuição da amostra em função do rendimento escolar	92
Gráfico 12 – Distribuição da amostra em função de quantas vezes reprovou de ano	92
Gráfico 13 – Distribuição da amostra em função de negativas no ano letivo anterior.....	93
Gráfico 14 – Distribuição da amostra em função de quem quer ingressar no ensino superior	97
Gráfico 15 – Distribuição da amostra em função das justificações para querer ingressar no ensino superior	97
Gráfico 16 – Distribuição da amostra em função das justificações para não querer ingressar no ensino superior	97
Gráfico 17 – Distribuição da amostra em função de onde pretendem ingressar.....	98
Gráfico 18 – Distribuição da amostra em função dos motivos porque pretendem ingressar na RAM	98
Gráfico 19 – Distribuição da amostra em função dos motivos porque pretendem ingressar fora da RAM.....	98

Gráfico 20 – Distribuição da amostra em função se já sabem o curso que querem ingressar para os alunos que querem ingressar no ensino superior	99
Gráfico 21 – Distribuição da amostra em função se conhecem os meios para adquirir bolsas de estudo	100
Gráfico 22 – Distribuição da amostra em função se está preparado para ingressar no ensino superior	101
Gráfico 23 – Distribuição da amostra em função das justificações se pensam que não estarão preparados para ingressar no ensino superior	102
Gráfico 24 – Distribuição da amostra em função das justificações se pensam que não estarão preparados para ingressar no ensino superior	102
Gráfico 25 – Distribuição da amostra em função, de se tiverem dúvidas no processo de ingresso na universidade sabem onde recorrer.....	102
Gráfico 26 – Distribuição da amostra em função do conhecimento do gabinete do ensino superior	103

Introdução

“Se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode”

(Freire, 2009, p.112).

A realização do presente relatório surge no âmbito do estágio, integrado no plano de estudos do Mestrado em Ciências da Educação- Administração Educacional do 2º Ano/2º Semestre, ministrado na Universidade da Madeira.

Este relatório de estágio baseia-se no **papel da administração e liderança do GES da RAM na valorização do Ensino Superior** e foi realizado durante o período de 1 de outubro de 2014 a 31 de janeiro de 2015, perfazendo um total de 17 semanas, 160 horas de trabalho no local do estágio (ver apêndice 1). A realização deste estágio incluiu a concretização de uma investigação empírica, sendo esta de grande pertinência para o local de estágio. Para tal, foi necessário recorrer às três principais escolas secundárias do Funchal para implementar questionários a uma turma de 12º ano de cada escola, com o intuito de perceber a motivação dos alunos de nível secundário em prosseguirem os estudos. Foram, também, implementadas entrevistas aos diretores de turma destas mesmas turmas. Recorreu-se, ainda, a três escolas de 3º ciclo para implementar entrevistas a três diretoras de turma de 9º ano, uma de cada escola, incidindo sobre o seu papel enquanto líderes educacionais para motivar e preparar os seus alunos para continuarem os estudos para o nível secundário e, conseqüentemente, a ingressarem no ensino superior.

Este estágio, realizado no GES da RAM, foi um estágio vocacionado para a área de gestão e liderança do gabinete abrangendo o conhecimento de todo o trabalho em todas as áreas do seu funcionamento, permitindo-nos ter um contacto real com um estilo de liderança, privilegiando a articulação de conhecimentos e competências. A orientação do respetivo estágio esteve a cargo do Dr. João Costa e Silva (Diretor do GES da RAM) e do Professor Doutor António Veloso Bento (Professor Orientador da Universidade da Madeira).

Neste âmbito, consideramos importante definir os conceitos de administração educacional, liderança, estágio e relatório de estágio.

Começando pela definição de administração educacional, entendemos que é importante sublinhar que tem um sentido plural de organizações, tanto das organizações educativas, escolares e não escolares, bem como de organizações com valências educativas. Desta forma, entendemos que a administração da educação é vista como atividade e prática de administrar a

vários níveis e em distintos contextos institucionais e organizacionais de educação, e não só como orientação política e normativa ou aparelho administrativo (Lima, 1992).

Quanto ao termo liderança, este pode ser entendido como instrumento da administração no sentido em que não se restringe à chefia, não se fundamenta no autoritarismo, mas sim como uma habilidade que se aprende, que permite a capacitação pessoal que é relevante para todos os segmentos da instituição e que reforça o trabalho em equipa. Conforme as abordagens sobre a liderança no âmbito educativo, podemos afirmar que um forte potencial de liderança é o diferencial para uma gestão de qualidade. “Sendo essa responsabilidade de todos que fazem a educação, mesmo que o gestor seja o articulador do processo, cabe a cada um intensificar sua participação e progredir na sua atuação como agente de mudanças” (Alves, C. & Moura, K. s.d., p.13).

Gaudêncio (2009, p.13) afirma que a “liderança é uma habilidade que as pessoas podem desenvolver em si mesmas, desde que aprendam a lidar com suas próprias emoções de forma madura”. Por sua vez, Hunter (2006, p.18) define liderança como “a habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasmadamente visando atingir objetivos comuns, inspirando confiança por meio da força do caráter” e Luck (2010b) como um conceito complexo que abrange um conjunto de comportamentos, atitudes e ações voltado para influenciar pessoas e produzir resultados, levando em consideração a dinâmica das organizações sociais e do relacionamento interpessoal e intergrupar no seu contexto, superando ambiguidades. A liderança é, então, uma questão de responsabilidade e de compromisso (citado por Alves, C. & Moura, K. s.d.).

Relativamente à definição de estágio, Susana Caires (2001) refere algumas definições que retratam o que é, ou o que deve ser, o estágio. Neste sentido, o “Estágio: Tempo de tirocínio; aprendizagem profissional; situação transitória” (p.11). A mesma autora entende que estágio é uma “experiência de formação estruturada e, como um marco fundamental na formação e preparação dos alunos para a entrada no mundo profissional” (p. 15). De acordo com Ryan e colaboradores (1996), “a forma como se concebe e estrutura, o estágio parece variar de acordo com a amplitude e o grau de definição dos resultados da aprendizagem esperados” (citado por Caires, 2001, p.22). Segundo Wright, (1985) citado por Ryan et al., (1996), o estágio permite “aos alunos o acompanhamento de um projeto nas suas diferentes etapas e prende-se com a possibilidade do aluno vivenciar, na totalidade, o que é estar dentro de uma organização e participar nas diferentes experiências relacionadas com a sua área de trabalho” (citado por Caires, 2001, p. 24).

No contexto do Ensino Superior, o contacto direto com a prática profissional e com contextos reais de trabalho surge, geralmente, no âmbito dos estágios curriculares - uma disciplina que integra o plano de estudos de vários cursos. A sua definição como uma experiência de formação estruturada e como um marco fundamental na formação e preparação dos estudantes do ensino superior para a entrada no mundo profissional, tem sido uma noção largamente difundida entre os docentes, as entidades empregadoras e os próprios alunos (citado por Vieira, Caires e Raposo 2011, p.30).

Neste sentido, o estágio é considerado como uma “atividade privilegiada de exploração vocacional na medida em que possibilita o contacto com o mundo profissional, potenciando um maior conhecimento de si próprio e do mundo do trabalho” (Vieira et al., 2011, p. 1). Ele pode atuar como uma fonte de autoeficácia, pois viabiliza experiências de aprendizagem direta e aprendizagem por observação. Assim, “o estágio possibilita que o sujeito vivencie experiências diretas de mestria e sucesso em atividades profissionais bem como a aprendizagem vicária através da observação do desempenho de outros profissionais”, podemos afirmar que o estágio é uma experiência positiva para o desenvolvimento vocacional dos estudantes (Vieira et al., 2011, p. 1).

O estágio evidencia uma enorme importância para a formação profissional, como é o caso da preparação para cargos de liderança e administração em contextos educativos. De uma forma prática, o estágio visa facilitar a futura integração profissional dos alunos e aumentar a sua experiência no que se refere à aplicação prática de conhecimentos (Vieira et al., 2011).

Segundo o dicionário Priberam de Língua Portuguesa (2013), estágio é o período durante o qual uma pessoa ou um grupo exerce uma atividade temporária com vista à sua formação ou aperfeiçoamento profissional.

Para a realização do estágio foi preciso um contacto com o GES para obter autorização para a realização deste, sendo assinada uma convenção entre a Universidade da Madeira, representada pelo Professor Doutor António Veloso Bento, e o GES, representado pelo Diretor Dr. João Costa e Silva.

De acordo com a 2ª cláusula da convenção da Unidade Curricular – Relatório de Estágio (2014, p.2) do “Mestrado em Ciências da Educação – Administração Educacional, visa a integração progressiva e orientada do/a Mestrando/a no exercício das atividades administrativas e de gestão, assim como noutras atividades desenvolvidas no local de estágio.”

Quanto ao conceito de relatório de estágio, podemos afirmar que, segundo a Academia de Ciências de Lisboa (2002, p. 3149), um relatório é “uma exposição escrita e minuciosa do

conjunto de ações desenvolvidas por uma organização profissional, associação, partido [...] ou no âmbito de um programa de trabalho, de um projeto científico e outros”.

Neste sentido, o relatório cobre-se de grande importância, pois permite efetuar uma reflexão, não só acerca de todo o trabalho desenvolvido ao longo do estágio, como também dos resultados obtidos. O relatório baseia-se numa organização sequenciada na reflexão individual acerca da forma como decorreu o estágio, bem como numa análise das atividades desenvolvidas ao longo do mesmo.

Um dos principais objetivos do relatório é informar com exatidão e clareza a experiência realizada. Na formação de um aprendiz elaborar um relatório significa aprender a organizar dados, informações, resultados obtidos e transmiti-los de maneira fidedigna (Caldas, 2002).

Nesta perspetiva, notamos que o relatório é um importante elemento formativo, uma vez que facilita a autoavaliação, autorreflexão, a tomada de consciência das dificuldades, bem como a fundamentação, quer das atividades efetuadas, quer das capacidades e competências desenvolvidas.

Neste âmbito, entendemos que o relatório de estágio é a descrição do que foi alcançado durante o estágio. Com a sua elaboração, pretendemos realçar as linhas orientadoras referentes ao estágio, de forma que este se torne o mais produtivo e gratificante para nós, bem como para o GES.

Podemos afirmar que alcançámos todos os objetivos propostos, bem como realizamos todas as atividades planeadas previamente no projeto, onde podemos potenciar o nosso nível de conhecimentos e a nossa experiência profissional, tendo sempre em conta o sigilo profissional, respeitando os valores, cumprindo assim os nossos deveres e obrigações, preparando-nos para a transição profissional.

Conseguimos fazer do estágio uma experiência enriquecedora a nível pessoal e profissional, onde conseguimos melhorar os nossos conhecimentos e práticas e podemos, com este estudo, sublinhar que a formação do ensino superior vale a pena. Assim, deixamos um contributo de estudo para o GES, engrandecendo a nossa formação de liderança em contexto educativo numa área fundamental do percurso de educação - a transição do ensino secundário para o ensino superior -, daí entendermos que a liderança do GES é importante para motivar os estudantes a ingressar no ensino superior. Neste sentido, sabemos que o GES apoia, promove, assegura e motiva o ingresso no ensino superior. Possui apoio técnico e especializado onde os estudantes podem encontrar todas as informações e orientações precisas para o sucesso das candidaturas, frequência do ensino superior, bem como orientações após finalizarem o curso.

É importante termos em conta que, apesar dos dias difíceis que o nosso país atravessa, o diploma do ensino superior continua a ser positivo. “O diploma superior faz a diferença – para melhor” (Bento, 2014, p. 6).

Capítulo 1 – Organização do Relatório

1.1. Pertinência do Estudo

Na segunda metade do século XX, no seguimento de uma crescente democratização do acesso ao ensino superior, o número de diplomados do ensino superior aumentou mundialmente. Em países como Espanha, Grécia, Portugal nos primeiros anos do século XXI, ouvimos falar até em excessos de oferta de diplomados e em fenómenos de ‘*sobrequalificações*’. No entanto, o benefício salarial dos diplomados continuava a ser significativamente elevado, particularmente em Portugal, sendo que um diploma de ensino superior é ainda um meio de acesso a uma vida profissional mais satisfatória, estável e bem remunerada (Rego, C. et al., 2013; *Education at a glance*, 2013, OCDE). Machin e McNally (2007) referem que isto se deve ao facto de, para além do aumento do lado da oferta, haver a crescente terciarização das economias e a evolução tecnológica que tem contribuído para o crescimento da procura (citado por Rego, C. et al., 2013).

No entanto, a crise económica que atravessamos tem provocado grandes acréscimos de desemprego em diversos países e os jovens têm sido drasticamente atingidos. O desemprego jovem, hoje, atinge valores próximos dos 50% em países como a Espanha ou a Grécia, contudo em todos os países da União Europeia, tendo em conta toda a população ativa, “a percentagem de desempregados com ensino superior é sempre a menor” (Rego, C. et al., 2013, pp. 242-243; Leitão, 2007).

Nesta perspetiva, a origem deste estudo surge da necessidade de avaliar a importância do ensino superior, pela difícil conjuntura atual que atravessamos, que na realidade não é a mais atrativa para seguir este nível de ensino. Hoje vivemos numa época onde os jovens estudantes universitários não têm garantias de emprego, onde as dúvidas e as incertezas são uma constante em suas vidas. O desemprego está a aumentar, apesar de nos diplomados se manter abaixo da média geral, as notícias sobre emigração de jovens diplomados afirmam-se e, embora não haja números absolutos, indicam que este é um movimento com uma dimensão significativa.

Há quem se interroge se a obtenção de um diploma vale o esforço e o custo para o orçamento familiar, como há quem questione se faz sentido, em situação de dificuldade financeira, o país investir na formação de jovens que vão contribuir para outras economias (Lourtie, 2013, p. 11).

Neste âmbito, Gomes (2007) refere que as gerações de hoje, estão mais preocupadas com o que vai acontecer após o percurso universitário do que gerações de há 30/40 anos atrás. Este

autor afirma que esta preocupação é natural porque a percentagem dos jovens que chega ao ensino superior aproxima-se dos 35%, começando assim a aproximar-se dos números que são vulgares na Europa, e afirma que vão subir ainda mais (Gomes, 2007; Santos, 2007).

Em Portugal, a prova destes pensamentos e preocupações aconteceu em Março de 2011.

Onde cerca de meio milhão de pessoas se manifestaram e protestaram na rua no que ficou conhecido como manifestações da Geração à rasca, insinuou-se que estudar não compensa, pois os jovens qualificados de hoje seriam mal pagos e teriam mais dificuldades em conseguir emprego que outros da mesma geração que abandonaram precocemente a escola. Não é bem assim (Bento, 2014, p 5).

Apesar da difícil conjuntura atual, a opção dos estudantes do ensino secundário em prosseguirem os seus estudos para o nível do ensino superior hoje é a melhor escolha, pois continuar a estudar compensa, tanto pela remuneração, bem como pelas hipóteses de empregabilidade (Bento, 2014).

Neste sentido, com maiores ou menores diferenças relativas, conclui-se que em todos os países da União Europeia a taxa de desemprego é menor quanto maior for o nível de educação do trabalhador; por isso, em geral, um diploma universitário continua a ser importante (Rego, C. et al., 2013; Ramphelle, et al., 2000; Copeland, 2014; Vieira & Vieira, 2013; Vieira; Vieira & Raposo, 2013; Kezar, A. et al. 2008; *Education at a glance*, 2013, OCDE).

Contudo, entre os vinte e oito países da União Europeia, Portugal é o país, depois da Grécia e da Espanha, que tem uma maior taxa de desemprego entre os diplomados do ensino superior, “uma estatística preocupante para a competitividade e o futuro desenvolvimento económico e social destes países” (Rego, C. et al., 2013).

Nesta linha de pensamento, em época de crise e de desemprego elevado, apesar do custo de oportunidade da continuação de estudos ser relativamente menor, se é difícil encontrar trabalho, compensa continuar a estudar. Como consequência desta época, surge a diminuição da capacidade financeira das famílias, aumentando a necessidade de apoio por parte do Estado. “Este apoio é fundamental nos países europeus, que exibem ainda números muito inferiores aos dos Estados Unidos da América (EUA) em termos de graduação de jovens adultos” (Rego, C. et al., 2013, p. 243). Portugal assumiu a meta da União Europeia (UE) como sua, no âmbito da Estratégia 2020, onde a percentagem de jovens entre 30 e 34 anos com ensino superior deverá atingir 40%, mas os números para Portugal em 2011 eram apenas 26.1% (Rego, C. et al., 2013). Por isso é importante motivar o ingresso no ensino superior.

No relatório da UE sobre a educação (2011), a Comissária responsável pelo pelouro da Educação, Cultura, Multilinguismo e Juventude (Andorulla Vassiliou) declarava que *“a boa notícia é que os níveis de ensino na europa aumentaram consideravelmente. Mais jovens completam o ensino Secundário e obtêm graduação do ensino superior em comparação com há dez anos atrás. Porém, o abandono escolar precoce continua a ser um problema que afeta um em cada sete jovens da União Europeia e um em cada cinco alunos ainda têm, aos 15 anos, fracas competências no domínio da leitura. É por isso que a educação e a formação estão entre os objetivos centrais da estratégia Europa 2020.”* Daí que apelasse aos Estados membros para não fazerem cortes nos orçamentos para a educação, apesar da crise económica: *“O gasto com a educação é um investimento para o emprego e o crescimento económico, que a longo prazo, acaba por se pagar a si próprio...”* (citado por Bento, 2014, p. 6).

A evolução da procura do ensino superior em Portugal tem sido influenciada quer por fatores demográficos, quer socioeconómicos. As mudanças na organização da população têm tido uma diminuição significativa no número de indivíduos em idade universitária, que tem traduzido uma tendência de decréscimo de novos alunos durante a última década. Neste sentido, o número de estudantes em idade universitária manter-se-á a diminuir. *“As nossas projeções sugerem que o número de candidatos irá estabilizar durante os próximos cinco anos, seguir uma ligeira tendência ascendente posteriormente e voltar a diminuir depois de 2018.”* (Vieira & Vieira, 2013, p. 217).

A política financeira que vem sendo conduzida desde 2011, no quadro do programa de ajustamento, tem criado fortes pressões orçamentais sobre as instituições de ensino superior, por via da redução das dotações do Orçamento de Estado e do aumento das contribuições obrigatórias. O número de candidatos ao ensino superior oriundos do ensino secundário não cresce, pelo contrário, dá sinais de redução (Lourtie, 2013, p. 11).

Em particular, no caso da ilha da Madeira, é relevante referir que desde 2010 o número de alunos, de candidatos ao ensino superior na RAM tem vindo a diminuir. No caso particular da Universidade da Madeira, está registado que nos últimos três anos houve uma diminuição de 17% de alunos na UMa (declaração do reitor da UMa no telejornal a 11-05-15), daí também surgir a necessidade de perceber quais as motivações dos estudantes em ingressar no ensino superior nesta difícil época de crise. Também a nível nacional, a procura pelo ensino superior está a diminuir em comparação com os anos anteriores, daí a necessidade acrescida de fazer este estudo para realçar a importância de frequentar o ensino superior.

Neste âmbito, achamos pertinente realizar este estudo por sabermos que Portugal é um dos poucos países europeus que defronta hoje uma diminuição da procura pelo ensino superior, sendo também um dos países mais afetados pela crise económica e financeira. Portugal encontra-se “sob tutela de um programa de consolidação orçamental, no âmbito do qual foram feitos cortes nas verbas provenientes do orçamento de estado para o ensino superior (...), havendo a perspectiva de cortes adicionais num futuro próximo” (Vieira; Vieira & Raposo, 2013, p. 226). A crise económica e financeira que se tem vivenciado nos últimos anos a nível mundial e a nível nacional, tem afetado o Ensino Superior público fortemente. Nesta perspetiva, vemos que “os governos têm desinvestido nas Universidades, as famílias têm tido dificuldades em manter os seus filhos nas instituições superiores, os próprios alunos têm abandonado os seus estudos universitários e o desemprego dos licenciados tem aumentado significativamente” (Bento, 2014, p. 1). Nesta linha de pensamento, achamos crucial que se reflita e que se aposte na educação superior, tendo em conta que:

A margem para aumentar as taxas de participação no ensino superior em Portugal ainda é grande, uma vez que o país está no topo da lista dos países da OCDE com menor taxa de frequência universitária. Mas a margem de aumento do financiamento público também é grande. Dados do Eurostat mostram que, em termos de PIB *per capita*, os gastos por aluno (no ensino superior) são os segundos mais baixos da UE25, e correspondem a menos da metade dos valores observados nos EUA (Vieira & Vieira, 2013, p. 218).

Vivemos numa época onde a economia mundial está a mudar, a “tecnologia está a conduzir muito deste processo, com a tecnologia de informação, a biotecnologia, e outras inovações a liderarem as mudanças indeléveis no modo como nós vivemos e trabalhamos” (Ramphale, et al., 2000, p.125).

O ensino superior é essencial para “formar cientistas, engenheiros, e outros que ajudam a inventar, adoptar e funcionar a moderna tecnologia em todos os setores” (Ramphale, et al., 2000, p.125). Quando os cientistas nos países em desenvolvimento são inspirados para definir e enfrentar problemas locais, eles contribuirão provavelmente para as soluções adequadas em áreas tão vitais como a proteção ambiental, a prevenção e o tratamento das doenças, a expansão industrial e o fornecimento de infraestruturas (Ramphale, et al., 2000).

Nesta perspetiva, o conhecimento torna-se mais importante e, conseqüentemente, o ensino superior torna-se fulcral. Por isso, os países precisam de educar mais os seus jovens até ao

ensino superior, porque um grau inferior a este é hoje considerado uma qualificação baixa para muitos empregos qualificados (Ramphele, et al., 2000, p.13).

Simultaneamente, os benefícios do ensino superior continuam a aumentar e os custos de quem não se forma neste tipo de ensino também tendem a aumentar. É importante salientar que “o Ensino Superior não é mais um luxo: ele é essencial ao desenvolvimento económico e social nacional” (Ramphele, et al., 2000, p.17).

Hoje, mais do que nunca na história humana, a riqueza – ou a pobreza – das nações depende da qualidade do ensino superior. Aqueles que têm um mais lato repertório de perícias e uma maior capacidade de aprendizagem podem olhar em frente para vidas de significado económico sem precedentes. Mas nas décadas que hão-de vir os pobremente educados encontrar-se-ão de frente com vidas com perspectivas flagrantes de franco desespero (citado por Ramphele, et al., 2000, p.21).

O ensino superior, atualmente, é fundamental para o futuro do mundo em desenvolvimento mais do que qualquer outra época vivida. Ele pode garantir um progresso sustentado, o desenvolvimento económico, pois quanto mais os países em desenvolvimento se atrasam na continuação de estudos do ensino superior, mais dificuldades enfrentam (Ramphele, et al., 2000).

É crucial uma maior reflexão sobre este assunto, sendo especialmente importante analisar o impacto das reformas de Bolonha na procura e no sistema de ensino superior, no sentido de cativar e motivar o ingresso neste nível de ensino. Para tal, podemos pensar em diminuir o período de tempo necessário para obter um diploma, pois ao diminuir os gastos e os custos de oportunidade para a frequência do ensino superior pode-se levar ao aumento da sua procura. “A análise empírica também pode ser enriquecida para inclusão de outros potenciais determinantes da procura, como por exemplo o prémio salarial ou o custo de oportunidade” (Vieira & Vieira, 2013, p. 217).

A Lei de Bases do Sistema Educativo, ao introduzir uma certa flexibilidade nas escolhas, apela para modalidades sistemáticas e coerentes de apoio aos processos psicológicos de escolha vocacional, de informação e de tomada de decisão dos jovens. Assim, impõe-se estudar, efetivamente, as variáveis subjacentes às escolhas escolares e profissionais dos jovens portugueses para que desse modo possam ser consertadas ações e orientações facilitadoras de um maior leque de opções, conducentes a uma maior satisfação e realização profissional dos

indivíduos e que conseqüentemente proporcione uma mais valia para o desenvolvimento do país (citado por Leitão, 2007, p.98).

Conclusões do estudo *Education at a glance*, 2012, OCDE, constataam que Portugal é um dos países em que se tem mais vantagens em tirar um curso superior. Segundo o mesmo estudo, as vantagens não são apenas económicas, uma vez que se refletem também a nível social, pessoal, a nível da saúde, entre outros.

Podemos ainda referir o abandono escolar no ensino superior que, apesar de não existirem estatísticas nacionais recentes que o afirmam, é uma preocupação cada vez mais notória. Os “líderes de associações estudantis do ensino Secundário e Superior garantem que o abandono escolar está a aumentar” (Bento, 2014, p.3), sendo um sintoma da crise que estamos a atravessar nos últimos anos e que o abandono escolar superior agravou-se por razões económicas. “Um estudo da Federação Académica do Porto estima em 500 mil as desistências do ensino superior em década e meia (entre 1996 e 2011)” (citado por Bento, 2014, p 3).

Por todas estas questões, consideramos crucial fomentar a importância do ensino superior nos jovens portugueses, mais concretamente os da RAM. Para tal, foi realizado um estudo de investigação onde pudemos perceber as motivações existentes nos jovens estudantes em prosseguirem os seus estudos para o ensino superior e fomentar a importância deste nível de ensino. Assim sendo, o presente estudo visa perceber todo o trabalho realizado na RAM. Neste sentido, foram realizadas intervenções em cooperação com o GES da RAM, pois o nosso trabalho de estágio tem um carácter eminentemente exploratório. Sendo que o objetivo é fomentar e apoiar o ingresso dos jovens da RAM no ensino superior, através da perceção das suas motivações para prosseguirem os estudos. Pretendemos realizar este estudo também por uma motivação pessoal, por acreditarmos que o saber não é demais e que, quanto mais a sociedade for instruída, haverá melhor capacidade de resposta às dificuldades sociais.

Este trabalho é, de facto, relevante, uma vez que os conteúdos estudados revelam diariamente incertezas e dúvidas sobretudo nos estudantes, por isso este estudo clarifica, e pretende colmatar os pensamentos e ações que podem impedir um estudante de ingressar no ensino superior, porque, tal como vimos, são vários os autores que afirmam que estudar no ensino superior é compensatório.

1.2. Estrutura do Relatório

O presente relatório está estruturado em seis capítulos. O primeiro destina-se à organização do relatório realizado, onde fazemos referência à pertinência do estudo, à estrutura do relatório, exposição dos objetivos alcançados e a metodologia utilizada para a realização do relatório; o segundo refere-se à descrição da realização do estágio, no qual serão discriminados o local de estágio, objetivos gerais e específicos alcançados durante o estágio, bem como as áreas de intervenção; o terceiro destina-se à revisão da literatura na fundamentação e complementação do tema do relatório com base no projeto anteriormente realizado; o quarto capítulo refere-se à identificação e caracterização do GES; o quinto capítulo diz respeito à investigação empírica realizada, bem como a metodologia qualitativa e quantitativa utilizada para este estudo. Depois o sexto capítulo destina-se à apresentação dos resultados da investigação, onde foram realizadas uma análise e reflexão dos resultados da investigação. De seguida, temos o ponto onde é apresentado as conclusões da investigação e, por fim, incluímos as considerações finais, com uma reflexão crítica de todo o trabalho e sugestões futuras de trabalho. Seguem-se as referências bibliográficas, referências *webgráficas*, referências legislativas, bibliografia consultada, apêndices e anexos.

1.3. Objetivos do Relatório

A elaboração deste relatório de estágio tem os seguintes objetivos:

- Refletir acerca do trabalho realizado no decorrer do estágio;
- Analisar se os objetivos delineados no projeto do estágio foram atingidos, mencionando-os;
- Referir as atividades planeadas e desenvolvidas;
- Elaborar uma descrição permanente, global e coerente do trabalho realizado sobre a organização da nossa intervenção de acordo com os conhecimentos adquiridos durante a nossa formação académica;
- Analisar as experiências vividas, as competências adquiridas e os contributos obtidos para o enriquecimento pessoal e profissional;
- Descrição e análise da investigação empírica;
- Desenvolver a nossa capacidade de reflexão sobre o trabalho autónomo de pesquisa, assim como a nossa responsabilidade enquanto profissionais intervenientes na comunidade.

Através destes objetivos, pretendemos conseguir transmitir coerentemente todas as informações relativas às atividades desenvolvidas para o alcance dos objetivos que propusemos

no projeto de estágio, assim como as experiências vivenciadas ao longo deste período. Apesar de estarmos conscientes que num documento desta natureza é difícil transmitir todo o conteúdo inerente ao estágio, esforçamo-nos para que, neste documento, ficasse o máximo de registos da nossa prática, complementando-o ao máximo.

1.4. Metodologia do Relatório

Para a redação do Relatório, inicialmente foram realizadas análises documental, bibliográfica e legislativa, através da consulta de livros, estudos realizados neste âmbito, legislação relevante, dissertações, relatórios de estágio de mestrado e artigos que abordassem esta temática, permitindo, assim, extrair o máximo de informação possível. Tratou-se de uma metodologia de carácter qualitativo, pois o relatório é sobretudo um trabalho descritivo, onde houve a utilização dos conhecimentos pedagógicos adquiridos anteriormente.

Decidimos realizar o estágio porque dar-nos-ia uma experiência no contexto de liderança educacional. No decorrer deste desenvolvemos um estudo de investigação ação onde primeiramente detetamos um problema social atual que queríamos investigar e perceber o trabalho que está a ser feito, pois tal como Sousa (2005) refere “uma investigação inicia-se geralmente porque há a necessidade de se procurar esclarecer uma dúvida, de responder a uma pergunta” (p.12). Tendo em conta que, segundo Rosa (1994), “a investigação é uma demanda daquilo que não se conhece. O investigador vai do que sabe, os vestígios, para o que não sabe, o que os vestígios indicam. (...) O termo da investigação da demanda, é uma descoberta” (citado por Sousa, 2005, p.12). Sabemos que não podemos partir para a investigação com ideias preconcebidas nem influenciar os resultados, por isso tivemos uma postura neutra onde independentemente do resultado que iríamos obter o nosso objetivo era conhecer e descobrir a situação real.

Sendo assim, o problema de investigação base é o seguinte: **Perceber as atuais motivações/desmotivações dos jovens de nível secundário para ingressarem no ensino superior**, sempre com a máxima que “Investigar é procurar descobrir” (Sousa, 2005, p.11). Por isso, sentimos a necessidade de incluir um estudo de investigação, sendo este de relevância para o local de estágio. Neste sentido, Bruner referiu que “a investigação deve ser simultaneamente rigorosa e relevante-relevante para o quotidiano das aprendizagens, assumindo a complexidade, e rigorosa nos modos alternativos de pesquisa” (citado por Esteves, 2008, p. 12).

Assim utilizamos a metodologia **investigação-ação**, sendo que esta parte do princípio de que “o profissional é competente e capacitado para formular questões relevantes no âmbito da sua prática, para identificar objetivos a prosseguir e escolher as estratégias e metodologias

apropriadas, para monitorizar tanto os processos como os resultados” (Esteves, 2008, pp. 9-10). Nesta linha de pensamento, pretendemos apresentar conclusões com possíveis soluções e respostas do problema previamente identificado, devemos sublinhar que a investigação-ação é uma forma de investigação social, pois é aplicada em todas as áreas das ciências (Esteves, 2008). Rapoport (1970, p. 499) afirma que “a investigação ação pretende contribuir para a resolução das preocupações das pessoas envolvidas numa situação problemática imediata e, simultaneamente, para as finalidades das ciências sociais, através da colaboração de ambas as partes, num quadro ético mutuamente aceitável” (citado por Esteves, 2008, p. 19).

Para uma definição completa desta técnica de investigação, podemos referir que, segundo Esteves (2008), uma das definições mais concisas é a de John Elliott (1991, p. 69):

Podemos definir a investigação ação como o estudo de uma situação social no sentido de melhorar a qualidade da ação que nela decorre” (citado por Esteves, 2008, p. 18). “Existem duas linhas de força implícitas nesta definição ampla - o desejo de melhorar a qualidade do que ocorre numa determinada situação e a necessidade, para tal, de investigar essa situação. Esta noção remete para o conceito de desenvolvimento (pessoal, profissional) para o qual se requer a compreensão dos ambientes e das ações cuja mudança se deseja, mediante a prática de investigação dos mesmos (Esteves, 2008, p. 18).

A investigação-ação é um recurso para o desenvolvimento dos profissionais de educação, contribuindo assim para a melhoria da educação (Esteves, 2008). Nesta perspetiva, uma vez o problema formulado, fomos ao terreno percebê-lo, observá-lo e refleti-lo para o podermos comunicar. É importante referir:

Investigação-ação é um processo reflexivo que caracteriza uma investigação numa determinada área problemática cuja prática se deseja aperfeiçoar ou aumentar a sua compreensão pessoal. Esta investigação é conduzida pelo prático – primeiro, para definir claramente o problema; segundo para especificar um plano de ação-, incluindo a testagem de hipóteses pela aplicação da ação ao problema. A avaliação é efetuada para verificar e demonstrar a eficácia da ação realizada. Finalmente, os participantes refletem, esclarecem novos acontecimentos e comunicam esses resultados à comunidade de investigadores-ação. Investigação-ação é uma investigação científica sistemática e auto-reflexiva levada a cabo por práticos, para melhorar a prática. (Esteves, 2008, p.20).

Para chegarmos a possíveis conclusões e soluções precisamos da colaboração de todos os participantes na investigação, por isso Kemmis e McTaggart (1988) sintetizam:

A investigação ação é uma forma de indagação introspetiva coletiva empreendida por participantes em situações sociais (incluindo educacionais) com o objetivo de melhorar a racionalidade e a justiça das suas práticas sociais e educativas, assim como a sua compreensão destas práticas e das situações em que estas têm lugar (citado por Esteves, 2008, pp. 19-20).

Neste sentido, à medida que fazíamos a investigação íamos melhorando a nossa prática, sendo que **investigação-ação** é quando o profissional se investiga a si próprio, pois, ao fazer o estágio, refletimos as nossas próprias ações. Desta forma, subentende-se que fazemos uma análise sobre o nosso trabalho, refletindo sobre o mesmo, criticando-o e modificando-o gradualmente para melhorar os resultados. “O conhecimento prático é construído em contextos culturais, sociais e educacionais específicos, tem características coletivas que cada profissional experiencia na sua história de vida. É, assim, experienciado por cada profissional nos níveis inter e intrapessoal” (Esteves, 2008, p. 8).

Por isso, a investigação-ação é viável quando se faz estágio, pois

o conhecimento profissional prático é de natureza evolutiva, o que significa que está aberto à mudança. Mudar o conhecimento profissional prático não é uma mera questão do prático individual ou do teórico alinhado, pois que requer uma ampla reflexão cultural e social, tanto como uma mudança nos contextos profissionais, nas relações pessoais, nas relações de poder que os habitam (Esteves, 2008, p.8).

É, sobretudo, um processo reflexivo, sendo que durante o decorrer do estágio não estávamos lá só para aprender a prática de liderar, mas, simultaneamente, para refletir e melhorar, tomando iniciativas para modificar o que existe com o intuito de melhorar.

A investigação-ação torna clara a ideia que a realidade social e educacional está pragnante de possibilidades de mudança e transfromação, de que são atores centrais os profissionais quando desenvolvem a necessidade de refletir sobre a própria prática, isto é, de investigar o próprio trabalho a fim de o melhorar inovando e construindo conhecimento praxeológico (Esteves, 2008, p. 9).

A técnica de observação foi, simultaneamente, utilizada com a investigação-ação pois a observação “é uma técnica que pode muitas vezes revelar características de grupos ou indivíduos impossíveis de descobrir por outros meios” (Bell, 1997, p. 141). A observação realizada foi direta pois todos os dias de estágio podíamos observar os acontecimentos, situações e

comportamentos dos profissionais da equipa, podendo intervir e aprender com estes, sobretudo com o Diretor do GES.

Acreditamos que quem faz um estágio deve fazer investigação-ação, há um trabalho muito pessoal e são necessárias estratégias que adquirimos com a experiência e com a prática refletida. De acordo com Esteves (2008) “o conhecimento profissional prático é uma janela para uma melhor compreensão e apropriação da prática profissional” (p. 8).

A finalidade da investigação-ação é melhorar o desempenho das nossas tarefas e do ambiente profissional em que estas ocorrem (Esteves, 2008). Este foi sem dúvida um objetivo que procuramos alcançar durante o estágio e que relatamos no nosso relatório.

Acrescentamos que este trabalho tem por base o guia orientador de trabalhos escritos, normas Apa 6ª edição, em vigor na Universidade da Madeira, assim como o regulamento específico do 2º ciclo em ciências da educação - Administração Educacional, 2013-2015.

Capítulo 2 – Contextualização do Estágio

2.1. Local do Estágio

O estágio foi realizado no GES, localizado na cidade do Funchal, na Rua das Hortas, nº 18.

A escolha do GES para nosso local de estágio de integração à Vida Profissional no âmbito da liderança e administração educacional, deveu-se às seguintes razões:

- ☞ Desenvolver a nossa destreza e conhecimentos para atuar perante problemas e ações de cariz educativo, pois participamos em vários momentos de serviços prestados pelo GES como criação de documentos para o GES; análise e arquivo de processos de bolsas de estudo; pesquisa de documentos internos e atendimento ao público-alvo.
- ☞ Desenvolver a nossa capacidade de resposta perante o público-alvo e em situações de imprevisto, tendo sempre em consideração as diferentes características de personalidades; analisamos e vivenciamos o atendimento dado pelos técnicos superiores; troca de informações com a equipa de trabalho e, essencialmente, com o líder do gabinete;
- ☞ Executar técnicas de educação e liderança específicas aprendidas ao longo da nossa formação académica - esta etapa foi muito trabalhada através da prática do líder do GES que sempre exemplificou a sua liderança e permitiu-nos colaborar sempre que pertinente.

2.2. Objetivos Gerais e Atividades Realizadas

Nesta etapa do relatório de estágio serão analisados e refletidos os objetivos e as atividades que se encontravam planeadas no projeto de estágio anteriormente elaborado e que, ao longo do estágio no GES, foram realizadas. Assim, os objetivos surgirão pela mesma ordem em que se encontravam no projeto de estágio.

Objetivo Geral 1:

Conhecer a estrutura física, humana, orgânica e funcional do GES.

Reflexão do objetivo geral 1 e atividades desenvolvidas

Segundo Paulo Freire (2009), a existência é ter noção que o corpo humano é um corpo consciente, captador, apreendido, transformador, criador, que envolve a linguagem, cultura e a comunicação. Refere que, na prática profissional, é fundamental conhecer o contexto onde atuamos, bem como, as equipas com quem interagimos. Este foi, de facto, o primeiro objetivo - - conhecer a realidade envolvente, por isso consideramos fundamental a integração no serviço,

conhecer a sua estrutura física, orgânica e funcional e, assim, trazer o nosso conhecimento para a prática e, com esta, aprender mais.

Neste sentido, Paulo Freire (2009) defende que todos nós precisamos de saberes comuns, e que a relação teoria-prática é importante para aprender. Refere a importância de refletirmos sobre a nossa prática enquanto profissionais para a melhorarmos, de facto esta reflexão faz a diferença, pois refletindo detetamos onde falhamos e corrigimos onde ambicionamos melhorar a nossa prática e tal só é possível se refletirmos sobre ela.

Paulo Freire (2009) refere também que sentimos curiosidade, que tem realmente de existir para alcançarmos a aprendizagem, a vontade de querer saber mais, criar, que nos leva a sentir e ganhar consciência que somos inacabados e, por isso, procuramos a conectividade a ligação aos outros, tarefa de grande responsabilidade, porque lidamos com pessoas que têm sentimentos, conhecimentos próprios, opiniões criadas que têm de ser respeitadas. Daí termos realizado este estágio pela necessidade de conexão, de trabalharmos em grupo onde haja interação e troca de conhecimentos para alcançarmos a construção, aprofundar e alargar experiências e estar no contexto real do nosso tema de estudo, que tivemos e temos interesse de saber mais.

Por isso, compreender a estrutura humana, física e funcional do serviço em que se trabalha é fundamental, já que permite não só uma melhor adaptação a esse serviço, mas também favorece um melhor desempenho de funções e o estabelecimento de boas relações. Sendo a integração um processo que envolve transmissão de informações, desenvolvimento de habilidades, desenvolvimento ou modificações de atitudes e desenvolvimento do nível conceptual, é nos diálogos que encontramos as experiências.

Assim, no dia 19 de setembro de 2014, reunimos com o nosso orientador do local do estágio, Diretor do GES, e o Professor Doutor António Bento, nosso orientador da Universidade da Madeira, onde foram explicados os objetivos de estágio e planeamos o nosso horário para a realização deste, sendo estabelecido uma convenção assinada pelos orientadores, entre o GES e a Universidade da Madeira.

O estágio teve início no dia 1 de outubro de 2014. Fomos recebidos no GES do Funchal pelo diretor deste gabinete, Dr. João Costa e Silva, onde realizámos uma visita guiada às instalações. Neste dia, foi-nos apresentada a nossa secretária com o nosso computador de trabalho e respetiva palavra-passe de acesso, e explicado o que era pretendido fazer bem como o modo de funcionamento da equipa multidisciplinar e as rotinas do GES. Desta forma fomos integrando, colaborando e executando as nossas funções no âmbito da liderança e administração educacional.

O Dr. João Costa e Silva, bem como a restante equipa de trabalho, mostraram-se disponíveis e recetíveis para nos acompanhar ao longo do estágio, participando no nosso desenvolvimento profissional. A equipa e, em especial, o Dr. João Costa e Silva responderam-nos sempre que solicitamos esclarecimentos, pedidos de documentos, como o plano de atividades realizado anualmente pelo Diretor do GES, consulta de documentos internos do GES, pastas de processos de candidatos a bolsas de estudo e conhecimento dos protocolos entre o GES e as escolas (ver anexo 1). Assim foi-nos dado conhecimento do local e do material utilizado pelos profissionais do GES, incluindo os arquivos de documentação. Dialogamos sobre o percurso do aluno/candidato, estudante ao ensino superior e formado no ensino superior, abordando quais são as suas principais necessidades que o GES precisa satisfazer, onde conseguimos observar e integrar-nos neste processo de pesquisa interna e externa de informação.

De seguida, será feita a caracterização do GES quanto à sua estrutura física, humana, orgânica e funcional.

Relativamente a estrutura física:

Recursos Físicos	
Rés-Chão (Atendimento ao público)	5 gabinetes; 1 hall de entrada; 1 wc.
1º Piso (Serviços Administrativos)	3 Secretárias; 1 Sala de arquivo; 1 wc.

Quadro 1 - Recursos Físicos do GES.

O rés-chão destina-se ao atendimento ao público. Neste, existe um *hall* de entrada com um televisor que passa um *power point* com as informações mais pertinentes e atualizadas para informar o seu público-alvo. Podemos, também, encontrar panfletos e cartazes com informações. Os 5 gabinetes que encontramos neste piso pertencem aos técnicos superiores e ao diretor e, por fim, um WC de uso comum.

Relativamente ao primeiro piso, é destinado sobretudo aos serviços administrativos, onde é arquivada a documentação do GES. As três secretárias são para o uso de uma assistente técnica, de uma assistente operacional que tem a função de telefonista, e a outra foi disponibilizada para nós para a realização dos manuais – tarefa explicada mais adiante.

Quanto aos recursos humanos:

Recursos Humanos	
Diretor	1
Técnicos Superiores	4
Assistente Técnica	1
Assistentes Operacionais	3

Quadro 2 - Recursos Humanos do GES.

No total, a equipa do GES conta com 9 colaboradores: o diretor, quatro técnicos superiores (sendo dois destes licenciados em psicologia, um em gestão e outro em matemática), uma assistente técnica, que apoia os técnicos superiores e três assistentes operacionais, que contribuem para responder aos serviços prestados do GES.

Quanto a estrutura orgânica:

Conhecer a estrutura orgânica de um serviço implica conhecer todos os elementos que pertencem à sua organização e, mais especificamente, as relações interpessoais e intrapessoais que se estabelecem de forma a possibilitar uma comunicação funcional.

Sabemos que são precisos vários profissionais que trabalhem em conjunto para concretizarem o mesmo objetivo, sendo o líder crucial para alcançarem o serviço de qualidade.

A funcionalidade da equipa do GES está dependente de uma equipa multidisciplinar, sendo com a interação e colaboração destes elementos que o GES consegue dar uma resposta positiva e eficiente ao seu público-alvo.

O trabalho de equipa do GES é muito necessário e importante, o qual favorece a grande máxima do GES: informação cuidada, decisão acertada. Nota-se que, nesta equipa, o objetivo comum está claro a todos os elementos da equipa, pois trabalham para o mesmo.

Quanto à estrutura funcional:

A estrutura funcional diz respeito ao conhecimento de todas as regras, atividades estipuladas para o funcionamento do serviço. Estas são regidas por este, tal como as datas previamente estabelecidas para os diversos serviços que o GES tem de prestar. Desta forma encontram-se essencialmente registadas no plano de atividades anual do gabinete.

O horário de atendimento ao público no GES é das 9h às 12h e das 14h às 17h. Sendo o horário dos profissionais das 9h às 12h30min e das 14h às 17h30min, com a execução de uma assistente operacional responsável pela limpeza do GES que entra às 8h e sai às 16h.

É importante referir que os “clientes” do GES, quando se dirigem a este, podem escolher com qual dos técnicos querem falar. O atendimento dos telefonemas tem o mesmo horário do atendimento ao público do GES, procurando dar uma resposta a todas as dúvidas e informações que são pedidas. A fim de fornecer a melhor qualidade, os “clientes” podem solicitar informações e as chamadas são passadas para os técnicos superiores mais adequados, de acordo com as tarefas que têm. As informações que dizem respeito ao diretor são comunicadas a este para poder dar autorização de serem divulgadas. Quando existe uma situação atípica, tem de ser passada para este. Sendo o diretor que tem de assinar e autorizar a maior parte dos documentos.

Quando existem novas informações, o diretor comunica à equipa. Reune-a sempre que entra em vigor a prestação de um serviço, dando as indicações necessárias para o prestar, por exemplo em relação aos apoios excecionais do governo regional é passado aos técnicos as regras e burocracias destes apoios pelo diretor. É importante referir que existem diferentes períodos para a prestação dos diferentes serviços prestados pelo GES, como podemos ver no quadro seguinte:

Clientes Externos	Serviços Prestados	Períodos Estabelecidos
Candidatos ao Ensino Superior	Divulgação e informação sobre o ensino superior através de entrevistas no gabinete e sessões nas escolas;	Fevereiro a Junho
	Avaliação de aptidões;	Durante o ano
	Inscrição e realização de provas para pré-requisitos;	Março e Abril
	Organização e coordenação regional do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior Público;	Fevereiro a Outubro
	Organização e coordenação regional dos Regimes Especiais de Acesso ao Ensino Superior Público;	Fevereiro a Outubro
Candidatos aos Apoios do Governo Regional	Divulgação e informação;	Durante o ano
	Organização e coordenação dos Processos de Candidatura;	Setembro e Outubro
Emigrantes e Descendentes	Orientação, encaminhamento e acompanhamento dos processos de equivalência e graus superiores;	Durante o ano
Recém Diplomados do Ensino Superior	Informação e orientação a dar após a conclusão dos cursos.	Durante o ano

Quadro 3 - Períodos dos Serviços prestados no GES, adaptado do plano de atividades do GES 2014.

Salientamos que os períodos estabelecidos são aproximados nos diversos anos laborais.

Em relação ao serviço dos apoios do Governo Regional, foi realizada uma lista pelo Diretor do GES por ordem alfabética para cada técnico superior se responsabilizar pelos processos dos apoios. Assim, cada técnico fazia o atendimento dos candidatos por ordem alfabética.

Neste período de candidaturas aos apoios regionais, sobretudo dos estudantes que vão estudar fora da RAM, as senhas são distribuídas as 8h e às 9h o gabinete atende o público, sendo maioritariamente os encarregados de educação dos candidatos, pois a maioria já se encontra fora da RAM.

É, também, pertinente referir que as ações relacionadas com os exames e as candidaturas ao ensino superior são alertadas pelo GES, sendo que decorrem nos seguintes períodos:

Ações relacionadas com ingresso no ensino superior	Períodos
Exames Nacionais – Inscrição	Fevereiro
Pré-requisitos – Inscrição	Março
Pré-requisitos – Realização	Abril
Exames Nacionais – Realização	Junho
Candidaturas- 1ª Fase	Julho
Candidaturas- 1ª Fase - Resultados	Setembro
Candidaturas- 2ª Fase	Setembro
Candidaturas- 2ª Fase - Resultados	Setembro
Candidaturas- 3ª Fase	Setembro
Candidaturas- 3ª Fase - Resultados	Outubro

Quadro 4 - Ações relacionadas com os exames e as candidaturas ao ensino superior.

Nos serviços prestados pelo GES é sempre promovido o espírito de trabalho em equipa, sendo fundamental que todos estejam a par das informações recentes para que os “clientes” conheçam a informação segura e atualizada.

Todos os colaboradores do GES recebem afavelmente o “cliente”, procurando satisfazer a necessidade deste.

É registado diariamente o número de “clientes” que recorrem ao GES, bem como todas as chamadas efetuadas.

O Diretor do GES, em conjunto com a subchefe, passam anualmente o inquérito de avaliação do serviço interno a todos os colaboradores da equipa de trabalho. Estes dados são tratados estatisticamente, e o questionário normalmente decorre no mês de Janeiro.

Tendo em conta as normas e rotinas do GES, **o líder tem como principais funções:**

- Gerir uma equipa (estabelecer horários, cargos, tarefas etc.);
- Gerir conflitos;
- Distribuir tarefas;
- Dar o consentimento em todos os despachos de trabalho dos elementos da equipa;
- Criar o plano de atividades anual;
- Comunicar com os órgãos superiores externos;
- Resolver situações mais específicas e críticas;
- Atendimento aos alunos, famílias, escolas, jornalistas, etc.;
- Desenvolver os aspectos burocráticos;

- Atualizar informação nas páginas sociais on-line;
- Informar a equipa de novas regras e assuntos que precisam ser lembrados;
- Orientar os restantes elementos da equipa na resolução de problemas, garantindo o correto funcionamento do serviço.

Estas tarefas são realizadas diariamente pelo Diretor do GES. Na ausência do Diretor, este é substituído pela subchefe, a técnica superior com mais experiência.

Na prestação de serviços, é obrigatório o cumprimento das normas de procedimentos que orientam a prática dos colaboradores, sendo estas realizadas com o máximo de qualidade. As assistentes operacionais realizam funções na área da limpeza, receção e levam a SRE as declarações para carimbar com selos brancos. Uma das assistentes operacionais reencaminha as chamadas para os técnicos, que fazem todo o processo de atendimento aos “clientes”.

O GES não vive isolado pois pertence à Direção Regional de Juventude e Desporto, por isso verifica-se, assim, uma constante e permanente interligação com outros pares desta direção:

- A nível dos técnicos de informática;
- Em relação aos transportes - sempre que seja necessário transportar documentação, ou o diretor e técnicos a serviços externos, é chamado o motorista da Direção;
- Quanto ao serviço de instalações e equipamentos, as requisições deste tipo de serviços são sempre elaboradas pelo líder e subchefe, encaminhadas para o secretariado da Direção, por exemplo, avarias de materiais – computadores, impressoras, - reposições de material - folhas, cartuchos, colas e grafos;
- As declarações emitidas pelo GES, maioritariamente, levam selos brancos que têm de ser carimbados na SRE.

Tendo em conta o tempo estabelecido no cronograma do projeto do estágio para a concretização deste objetivo, procuramos, desde o início do estágio, observar a prática do diretor no GES, bem como a funcionalidade prestada pela equipa multidisciplinar nas diversas situações a fim de pudermos realizá-lo de forma eficiente e respeitando as rotinas do serviço.

Prestamos os serviços que nos prepuseram, colaborámos e acompanhamos a liderança do diretor, o que nos permitiu desenvolver competências relacionais e profissionais de acordo com as situações específicas.

Assim, consideramos que este objetivo foi atingido, uma vez que conseguimos realizar todas as atividades propostas no tempo estabelecido.

Achamos importante referir que o à vontade e disponibilidade que nos foram transmitidas pela equipa foi um ponto a favor para a concretização deste objetivo e que deu um maior incentivo ao nosso desempenho.

Objetivo Geral 2:

Acompanhar a liderança e administração no GES.

Reflexão do objetivo geral 2 e atividades desenvolvidas

Sabendo que liderança é um ato de influenciar um grupo para atingir determinados objetivos importantes para a equipa, é um elemento central capaz de arcar a diferença, tanto nas organizações em geral, como nas organizações educativas (Trigo & Costa, 2008) Garcia e Dolan (1997) defendem que a verdadeira liderança é um diálogo sobre valores (citado por Trigo & Costa, 2008).

O tipo de liderança do GES, dos três estilos clássicos de White e Lippit (1943) referido por Bento & Ribeiro (2013), encontra-se no estilo democrático onde apresenta qualidade de trabalho, pois o líder dá muita atenção à sua equipa de trabalho, dá ênfase aos “clientes” do GES, é organizado e orienta a sua equipa para prestar com qualidade os seus serviços. Assim, podemos afirmar que o Diretor do GES é um líder de **estilo democrático**, pois toma as suas decisões em grupo, assiste e estimula a sua equipa, e o grupo de trabalho define as técnicas para atingir os objetivos.

Quando a equipa precisa de aconselhamentos técnicos solicitam ao líder e este está sempre disponível para ajudar e esclarecer dúvidas. É, assim, entendido como um apoio e não se entende como superior, quando critica é sempre com objetivo de melhorar e alcançar a máxima qualidade e procura ser igual aos outros membros da equipa, não se encarregando muito de tarefas.

Na equipa de trabalho, nota-se que com a presença ou ausência do líder há um ritmo de trabalho progressivo e seguro, mantendo igual rendimento. Notamos, também, a existência de amizade e companheirismo entre os elementos do grupo. Estes desenvolvem comunicações espontâneas e cordiais com o líder, originando um clima geral de satisfação. Havendo ênfase, tanto no líder, como no subordinado, o que vai ao encontro da nossa revisão de literatura, segundo Bento & Ribeiro (2013).

Em relação aos outros estilos, também apresentados na nossa revisão da literatura, referimos que o Diretor do GES enquadra-se, também, na liderança transformacional, pois nas suas ações de liderança notamos motivação, fluidez verbal, sucesso, sociabilidade, energia, autoafirmação e iniciativa, exercendo grande influência no grupo, clarificando os papéis e exigências que devem ser alcançados no grupo, elevando os valores deste.

O líder motiva a equipa para realizarem objetivos comuns, estando assim toda a equipa motivada para o mesmo, sendo que o líder dá atenção às necessidades pessoais e profissionais

dos elementos da equipa, encarregando todos de ter a visão, missão e valores da organização, para que todos os objetivos do gabinete sejam alcançados, tendo sempre o sentido de presença.

O Diretor do GES combina a gestão com a liderança no entanto é mais líder do que gestor, pois passa mais tempo na comunicação com a equipa, exemplificando as tarefas e assegurando-se de que está tudo a correr como planeado de forma prática e presencial. Dedicar tempo do seu dia-a-dia para a resolução de problemas, tanto dos “clientes”, como da equipa de trabalho, no entanto não descarta a gestão.

Com a liderança do GES aprendemos, experienciando que um líder tem de dar atenção a questões sociais, culturais e humanas, e não apenas a questão de burocracias e à gestão. Afinal, é isso o que distingue um líder do gestor.

Assim, achamos pertinente referir a diferença entre um gestor e o líder. De acordo com a nossa revisão da literatura, com os autores Bento e Ribeiro (2013); Costa (2000); Costa, J & Costa, F. (s.d.) o gestor interessa-se mais com os aspetos burocráticos/técnicos, preocupa-se em gerir bem a organização, é um coordenador geral do trabalho e distribuidor de tarefas, procura garantir que tudo está certo e de acordo com as normas para atingir os objetivos estipulados pela organização. Estas práticas de gestão são, realmente, tidas em conta pelo Diretor do GES, por isso o líder é também gestor e isto notamos na prática diária do Diretor do GES. Sabemos que um gestor pode não ser líder, uma vez que o líder trata de aspetos carismáticos, afetivos, relacionais do grupo, é o que procura constantemente garantir se tudo está bem, procurando realizar o que é melhor para a organização. O bem da organização do GES é, também, o bem do líder.

Conhecer a prática do Diretor do GES foi muito enriquecedor para uma futura prática profissional pois é um Diretor que trabalha para a excelência, para alcançar o melhor que conseguimos. Enquanto futuros líderes de contextos educativos devemos ter sempre presente que precisamos de dar o nosso melhor, que o nosso exemplo é crucial para alcançar o sucesso e que o líder não o é sozinho, mas sim existe na partilha da sua liderança e em cativar todos os membros de equipa para o mesmo objetivo de trabalho.

A concretização deste objetivo baseou-se em todos os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do mestrado.

De seguida, são apresentadas as atividades que realizamos ao longo do estágio, sobre as quais realizamos uma reflexão.

- Colaboramos com o líder sempre que necessário, sempre que nos foi solicitada alguma tarefa realizámo-la com empenho, tendo por base o objetivo comum do GES: alcançar a

qualidade. Era comum entre a equipa, especialmente com o Diretor do GES, trocarmos saberes e opiniões para a realização das tarefas.

- Acompanhamos e colaboramos nas atividades que exercemos, sempre de acordo com os métodos de trabalho do líder, observámos os seus métodos de trabalho e tivemos sempre em conta a escuta ativa, onde aprendemos um estilo de liderança pela partilha e exemplificação do seu dia-a-dia, enquanto líder do GES.
- Observamos as estratégias e métodos de gestão de conflitos do líder, onde este ouvia os seus elementos de equipa e procurava solucionar os problemas de forma eficaz, onde consultava a equipa para intervir, respeitando a opinião de cada elemento para tomar uma decisão coletiva.
- Conhecemos a motivação de trabalho da equipa do GES onde notamos que todos trabalhávamos para o mesmo objetivo. Neste sentido, toda a equipa trabalhava e estava motivada para alcançar a missão do GES, na ausência do líder a equipa continua a trabalhar com o mesmo nível de empenho e dedicação.

Objetivo Geral 3:

Comunicar eficazmente dentro da equipa do GES, possibilitando a continuidade da qualidade dos serviços.

Reflexão do objetivo geral 3 e atividades desenvolvidas

Segundo Paulo Freire (2009), é através da comunicação que conseguimos a partilha, a troca de saberes.

Assim, a comunicação, para as boas práticas de liderança, torna-se imprescindível, estando envolta num processo complexo, incluindo a verbal e a não-verbal, sendo a simpatia e amabilidade valorizadas no GES, mas necessário, abrangendo a gestão dos recursos humanos, que devem ser desenvolvidos, praticados e aperfeiçoados para ser possível trabalhar em equipa e poder dar resposta a todos os “clientes” do GES.

Neste estágio, a promoção de um clima de empatia entre os profissionais esteve sempre presente, pois só assim foi possível comunicar, solicitar ajuda e orientar os elementos da equipa, que sempre se disponibilizaram para colaborar. Ao longo do estágio estabelecemos diálogos com a equipa, essencialmente com o Diretor do GES e o Professor Doutor António Bento, para um melhor conhecimento e compreensão das atividades desenvolvidas.

Consideramos relevante referir que o espírito de equipa foi bastante gratificante, predominando o espírito de conetividade, garantindo, desta forma, um bom ambiente de trabalho.

No decorrer do estágio, a nossa presença foi ativa e responsável onde utilizamos termos adequados, claros e concisos na equipa multidisciplinar, promovendo uma relação profissional e interpessoal assertiva.

Para a continuidade de qualidade dos serviços o GES, sempre que elaborado o plano anual de atividades é realizada a análise SWOT onde acredita que precisamos identificar os pontos fortes e os pontos fracos dentro da organização minimizando os pontos fracos e potencializando os fortes, bem como identificar as ameaças e oportunidades externas à organização, realçando as oportunidades e esbatendo as ameaças para alcançar um serviço de qualidade.

Na nossa opinião, a comunicação e a observação da prática do diretor foi um factor que nos permitiu desenvolver competências relacionais fundamentais para a prática do trabalho em equipa e para a manutenção e bom espírito de grupo.

Deste modo, podemos afirmar que este objetivo foi alcançado com sucesso, uma vez que concretizamos as atividades propostas.

Mantivemos, ao longo do estágio, a escuta ativa, nomeadamente, no atendimento ao público, tendo a relação de empatia onde era constante o diálogo com os profissionais para um melhor conhecimento e compreensão dos serviços prestados.

Falávamos livremente com toda a equipa de trabalho colaborando nas suas tarefas bem como solicitávamos esclarecimentos sempre que necessário, criando boas relações comunicacionais, participando de forma ativa clara, objetiva e perceptível, trocando informações sobre os candidatos que recorrem ao GES, nomeadamente conteúdos relevantes de processos.

No atendimento ao público, bem como na comunicação entre a equipa de trabalho, usamos ao máximo a assertividade, a sensatez e a relação de empatia, tendo sempre presente que o atendimento ao aluno exigia uma relação de ajuda assertiva através da comunicação verbal e não verbal. Por parte do líder, havia comunicações diárias para que todos estivessem a par do trabalho a desenvolver, mostrando-se disponível para resolver qualquer situação que surgisse no decorrer das nossas tarefas. Ao longo do dia, comunicávamos frequentemente com o líder, dando um *feedback*.

Objetivo Geral 4:

Participar no atendimento ao aluno/candidato no GES.

Reflexão do objetivo geral 4 e atividades desenvolvidas

Em relação ao atendimento ao público-alvo no GES, colaboramos empenhadamente e ativamente com a equipa de trabalho na preparação de tarefas, identificando e dando resposta às dúvidas, necessidades e interesses do candidato ao ensino superior. Tentámos ir ao encontro das suas necessidades, contribuindo sempre para alcançar a máxima satisfação deste, identificando possíveis problemas com o objetivo de os minimizar e obter a mudança de comportamentos através da informação cuidada que se proporciona aos candidatos/estudantes do ensino superior. Favorecendo a integração destes e respetiva família, incentivando o apoio da família à integração na vida académica do aluno, proporcionando um espaço que transmita bem-estar.

Sendo desenvolvida a relação de ajuda, tanto com os candidatos que se dirigem ao GES, quer com a equipa de trabalho, executando todas as funções que nos eram pedidas e colaborando sempre com a administração do GES, desenvolvendo, assim, competências relacionais e humanas de acordo com o público-alvo. Promovendo um clima de confiança, empatia, aceitando e compreendendo as reações e comportamentos do aluno, exigindo de nós uma preparação física e psicológica para as diferenças sociais e económicas, mantendo uma atitude coerente e evitando discriminações.

Durante o decorrer do estágio tivemos sempre de cumprir com as regras vigentes laborais do GES. Algumas das tarefas desenvolvidas foram: colaboramos na realização de bolsas de estudo; consultamos documentação sempre que foi necessário; avaliamos a reação dos alunos ao atendimento; realizamos procedimentos específicos, tais como entrega de impressos, processo de arquivação e consulta de dossiês; atuamos em situações de improviso, conseguindo maior destreza para agirmos mediante essas situações; verificamos faltas de material para proceder à sua reposição; preenchemos documentação referente a declarações, impressos e recibos pedidos pelos candidatos; consultamos documentação arquivada (ficha ENES, processos de bolsas de estudo, entre outras) dos candidatos, quando necessário. Sendo, simultaneamente, sempre feita uma observação geral do funcionamento do GES para aprender ao máximo com este estilo de liderança.

Objetivo Geral 5:

Elaborar três manuais para o GES, sendo um Manual do Candidato ao Ensino Superior, um Manual do Estudante ao Ensino Superior e um Manual do Diplomado no Ensino Superior. A

elaboração destes manuais reveste-se de grande importância e utilidade para o GES, bem como para os alunos candidatos, estudantes e diplomados no ensino superior.

Reflexão do objetivo geral 5 e atividades desenvolvidas

A elaboração destes manuais enquadra-se nos objetivos específicos do GES que são os seguintes: “**Aumentar os níveis de formação e qualificação promovendo o acesso e o sucesso dos estudantes no ensino superior; Melhorar a qualidade do trabalho e dos serviços públicos prestados promovendo a satisfação dos utentes**” (Plano de atividades GES, 2014).

Neste sentido, realizamos um manual de apoio ao candidato ao ensino superior (ver apêndice 2 e 2.1), bem como realizamos um manual do estudante ao ensino superior (ver apêndice 3) e realizamos um outro manual do diplomado no ensino superior (ver apêndice 4).

Para a divulgação dos Manuais elaborados no programa *In Design* foi necessário a impressão, formato digital em *word* dos manuais para assumirmos uma versão final. Em relação à publicitação destes foi realizada pelos contatos existentes no GES via *email* na sua página web e *facebook*. Neste sentido, os manuais elaborados têm o objetivo de apoiar os candidatos, estudantes e diplomados no Ensino Superior.

Para a elaboração destes manuais, foi necessária a realização de pesquisas bibliográficas/webgráficas. Procuramos conhecer realidades mais comuns dos candidatos, estudantes e diplomados através de dados recentes do GES, proporcionando nos manuais dicas e orientações para o ingresso no ensino superior, bem como para a frequência com sucesso neste nível de ensino e ainda para os diplomados do ensino superior, esclarecendo e orientando rumos mais assertivos para os jovens da RAM.

Objetivo Geral 6:

Elaborar uma investigação empírica.

Reflexão do objetivo geral 6 e atividades desenvolvidas

Para a realização da investigação empírica precisamos perceber o trabalho efetuado no GES para fomentar a importância do ensino superior, adquirindo contacto com a realidade profissional, trabalhando em cooperação, onde podemos presenciar que este é um trabalho constante por parte deste gabinete, onde o líder dirige-se a todas as escolas de nível secundário da RAM para dar uma ação de formação, onde aborda a importância de continuar os estudos para o nível superior. Divulga os serviços que o GES disponibiliza, e para além das escolas secundárias, dirige-se, também, a algumas escolas de 3º ciclo da RAM, previamente agendadas

pelo líder em conformidade com os diretores de escolas. São também, trabalhadas diariamente as páginas *web* do GES, colocando sempre as informações pertinentes e mais recentes para os candidatos, estudantes e diplomados no ensino superior.

No GES, toda a equipa trabalha para o mesmo objetivo: o de prestar informações cuidadas e esclarecimentos para as dúvidas do seu público-alvo. Quando sentíamos dúvidas, questionávamos os profissionais, bem como trocávamos informações para realizarmos as tarefas de forma segura. O GES oferece aos estudantes que recorrem a este gabinete um atendimento personalizado, testes vocacionais, e pesquisas de instituições superiores.

Uma outra etapa desta investigação passou por conhecer o trabalho realizado pelos diretores de turma do 3º ciclo (9º ano) e do secundário (12º ano) para motivarem os seus alunos a ingressarem no ensino superior. Para tal, foram realizadas entrevistas a três diretoras de turma de 9º ano e entrevistas a três diretoras de turma de 12º ano. Pretendemos conhecer as motivações atuais dos alunos do ensino secundário (12º ano) para prosseguirem os seus estudos para o ensino superior, sendo realizada a implementação de questionários a três turmas de 12º ano de cada escola. Esta investigação acabou por se revelar pertinente para o GES porque os resultados obtidos serão tidos em conta e trabalhados, sendo um contributo para o gabinete.

Com esta investigação, adquirimos novos conhecimentos, capacidades e competências, onde intervimos com base nos quatro pilares fundamentais da educação **aprender a conhecer, aprender a viver com os outros, aprender a ser e aprender a fazer**, com autonomia técnica, sentido de responsabilidade, criatividade e iniciativa. Podemos também acrescentar um quinto pilar de Paulo Freire o **Aprender Porquê**, debatido e estudado no 1º ano curricular do mestrado que exige de nós profissionais de educação a curiosidade o querer saber, conhecer, viver e fazer mais.

Objetivo Geral 7:

Consolidar conhecimentos e adquirimos destreza na realização das diferentes áreas de trabalho no GES.

Reflexão do objetivo geral 7 e atividades desenvolvidas

Durante o estágio, procuramos conhecer as diferentes áreas de trabalho, tendo tarefas específicas para cada uma delas com a observação atenta da prestação de serviços, levada a cabo pelos profissionais.

Executamos o maior número de funções possíveis, primando sempre pela qualidade, adquirindo o máximo de eficácia e eficiência. Neste sentido, íamos colaborando para as realizar

com destreza e onde podíamos aumentar os nossos conhecimentos científicos e técnicos, fazendo pesquisas bibliográficas e webgráficas, sempre que necessário e desenvolvemos atividades que permitiam relacionar conhecimentos teórico-práticos.

Demonstramos interesse e disponibilidade para participar no maior número de atividades possíveis, desenvolvidas pela equipa de trabalho. Assim, nas tarefas que executamos, sentimos segurança para a prestação de serviços de forma autónoma. Esta segurança foi transmitida pelo Diretor do gabinete e restante equipa de trabalho, colaborando, constantemente, para a preparação do aluno candidato e estudante do ensino superior, fornecendo informações cuidadas ao público-alvo.

Objetivo Geral 8:

Elaborar um relatório, com o intuito de fornecer um relato global e crítico do Estágio.

Reflexão do objetivo geral 8 e atividades desenvolvidas

A elaboração deste relatório passou por avaliar e refletir as atividades planeadas e desenvolvidas, sendo conferido que os objetivos inicialmente propostos foram atingidos, fornecendo assim a descrição das atividades realizadas.

Para a descrição do trabalho realizado durante o estágio, registávamos as atividades desenvolvidas diariamente (ver apêndice 9).

No período que estávamos a realizar o estágio, organizávamos um tempo extra para a continuação da elaboração do relatório onde executávamos as pesquisas bibliográficas e refletíamos diariamente o nosso dia de estágio, onde procurávamos sempre melhorar o nosso dia-a-dia.

Neste sentido, a construção deste relatório de estágio permitiu-nos ter um registo crítico, sendo que o relatório será entregue na data prevista.

2.3. Áreas de Intervenção

Uma vez que este relatório auxilia o nosso estágio no GES no âmbito do mestrado em AE, numa vertente de estudo sobre a necessidade de fomentar a importância para ingressar no ensino superior, consideramos pertinente conhecer as diversas áreas de intervenção do GES. Neste sentido identificam-se as seguintes:

Atividades:
1.Avaliação de Aptidões.
2.Pré-requisitos.
3.Candidaturas de Acesso ao Ensino Superior.
4.Candidaturas aos Apoios do governo regional.
5.Equivalências de habilitações Estrangeiras.
Processos de suporte:
6.Recursos humanos.
7.Aquisição.
8.Sistemas de Informação.

Quadro 5 - Atividades prestadas no GES e respetivos processos de suporte, adaptado do plano de atividades do GES (2014).

Nos quadros seguintes vemos para cada ponto das áreas de intervenção, quais os passos que são realizados pelos diversos profissionais do GES:

1. Avaliação da aptidão e a orientação dos estudantes da Região para a frequência do ensino superior
1- Marcação da entrevista (Área de Avaliação de Aptidões).
2- Entrevista (Área de Avaliação de Aptidões).
3-Aplicação de testes (Área de Avaliação de Aptidões).
4- Tratamento e análise de resultados (Área de Avaliação de Aptidões).
5- Emissão de relatório (Área de Avaliação de Aptidões).
6- Nova entrevista para comunicação de resultados e esclarecimentos de dúvidas (Área de Avaliação de Aptidões).
7- Arquivo dos Relatórios (Área de Avaliação de Aptidões).

Quadro 6 - Processo de avaliação de aptidões dos candidatos ao ensino superior, adaptado do plano de atividades do GES (2014).

2. Organização e coordenação, na Região, de ações respeitantes ao acesso ao ensino superior
1- Reunião de lançamento da atividade (Diretor do GES).
2- Divulgação na internet, nas Escolas e nos órgãos de Comunicação Social (Diretor do GES).
3- Realização de parceria com o IPP e o GCDE para a realização dos pré requisitos C na Região (Diretor do GES).
4- Inscrição e distribuição de formulários no GES (Áreas de estudantes).
5- Levantamento do nº de inscrições ao pré requisito grupo C e receção de documentação (Áreas de estudantes).
6- Introdução dos dados dos candidatos através do sistema <i>online</i> no portal do IPP (Chefe de divisão).
7- Preenchimento do mapa de candidatos com indicação das provas desportivas coletivas a realizar (Áreas de estudantes).
8- Reunião com o GCDE para calendarização das provas (Dirigentes).
9- Receção da pauta com os resultados das provas (Dirigentes).
10- Introdução dos resultados dos candidatos através do sistema <i>online</i> no portal do IPP (Chefe de divisão).
11- Envio da pauta por correio eletrónico para o IPP (Dirigentes).
12- Receção da pauta homologada pelo IPP e respetivos certificados (Dirigentes).
13- Comunicação da receção dos certificados e entrega aos candidatos (Áreas de estudantes).

Quadro 7: Processo dos pré-requisitos fixados por alguns estabelecimentos de ensino para alguns dos seus cursos superiores, adaptado do plano de atividades do GES (2014).

3. Organização e coordenação, na Região, de ações respeitantes ao acesso ao ensino superior
1- Divulgação através da internet, escolas e órgãos de comunicação social (Diretor do GES).
2- Pedido e validação da senha para as candidaturas <i>online</i> (Áreas de estudantes).
3- Elaboração e divulgação do calendário por ordem alfabética para a apresentação das candidaturas (Diretor do GES).
4- Marcação das candidaturas no Porto Santo com a escola secundária local (Diretor do GES).
5- Reunião para lançamento do processo (Diretor do GES).
6- Realização das candidaturas <i>online</i> 1ª fase (Áreas de estudantes).
7- Envio de documentação para a DGES (Dirigentes).
8- Arquivo dos processos de candidatura (Coordenadora Especialista).
9- Receção e arquivo das pautas dos candidatos (Diretor do GES e Assistente Técnica).
10- Realização das candidaturas <i>online</i> 2ª fase (Áreas de estudantes).
11- Arquivo dos processos de candidatura <i>online</i> 2ª fase (Coordenadora Especialista).
12- Realização das candidaturas <i>online</i> 3ª fase (Áreas de estudantes).
13- Arquivo dos processos das candidaturas <i>online</i> 3ª fase (Coordenadora Especialista).

Quadro 8 - Processo do concurso nacional de acesso ao ensino superior público, adaptado do plano de atividades do GES (2014).

4. Organização e coordenação do serviço de concessão de apoios financeiros aos estudantes do ensino superior oriundos da Região
1- Previsão Orçamental para o ano seguinte (Dirigentes).
2- Convocatória de reunião para lançamento do processo (Diretor do GES).
3- Elaboração de calendário e divulgação do concurso no site, internet e no GES (Diretor do GES).
4- Receção, análise, cálculo da capitação e parecer das candidaturas (Áreas de estudantes).
5- Despacho e comunicação dos resultados. Se o resultado for indeferido passa à atividade (Diretor do GES e área administrativa).
6 - Autorização dos pagamentos (Diretor do GES).
7- Arquivo dos processos (Área Administrativa).
8- Receção de Reclamações e reanálise do processo (Dirigentes do GES).
9- Despacho e comunicações dos resultados referentes às reclamações. Caso o processo seja indeferido passa à atividade (Diretor do GES).

10- Autorização de pagamentos (Diretor do GES).

11- Arquivo (Área Administrativa).

Quadro 9 - Processo do concurso aos Apoios do Governo Regional para a frequência do ensino superior, adaptado do plano de atividades do GES (2014).

5. Apoio aos emigrantes e seus familiares nos processos de equivalência e equiparação de habilitações estrangeiras de nível superior

1- Entrevista com o “cliente” (Áreas de estudantes).

2- Contacto por *email*/telefone com a Instituição de ensino superior, com conhecimento ao “cliente” (Áreas de estudantes).

3- Receção da documentação original e cópias no GES (Áreas de estudantes).

4- Autenticação das cópias (Assistente Operacional).

5- Preparação do processo para envio ao estabelecimento de ensino (Áreas de estudantes).

6- Contacto com o candidato sobre o resultado do pedido, 6 meses depois (Áreas de estudantes).

7- Arquivo do processo (Áreas de estudantes).

8- Atualização da tabela de equivalências (Áreas de estudantes).

Quadro 10 - Processos de equivalências de habilitações estrangeiras de nível superior, adaptado do plano de atividades do GES (2014).

6. Aplica-se a toda a atividade do Gabinete e à gestão dos recursos humanos

1- Necessidade de recrutar recursos humanos? Se não, passar à atividade 5 (Diretor do GES).

2- Informação ao Diretor Regional de educação da necessidade de recrutamento (Diretor do GES).

3- Autorização do Diretor Regional. Se não, passar à atividade 5 (Diretor do GES).

4- Acolhimento e integração dos novos colaboradores (Dirigentes).

5- Identificação das necessidades de formação (Dirigentes).

6- Aprovação das necessidades. Se não, passar à atividade 9 (Diretor do GES).

7- Articulação com o plano de formação da DRE e DRAPL (Dirigentes).

8- Relatório da ação de formação e entrega da cópia do certificado (Formandos).

9- Avaliação de desempenho (Dirigentes).

10- Avaliação da satisfação dos colaboradores através do preenchimento de um inquérito (Diretor do GES).

11- Análise de resultados dos questionários (Dirigentes).

Quadro 11 - Efetuar a gestão dos recursos humanos, adaptado do plano de atividades do GES (2014).

7. Aplica-se à gestão das aquisições
1- Identificação da necessidade de compra do bem/serviço (Diretor do GES).
2- Solicitação/ Consulta de preços (Dirigentes).
3- Preenchimento do impresso referente à Aquisição (ajuste direto simples) (Dirigentes).
4- Autorização da despesa e cabimento. Envio da requisição ao fornecedor; Se NÃO, o processo fica anulado (Diretor Regional de Educação).
5- Compra para expedição (DRE).
6- Receção do produto/serviço (GES).
7- Confirmação do material/serviço (GES).
8- Receção da fatura para pagamento (DRE).
9- Arquivo da documentação (GES).

Quadro 12 - Descrição do modo de se proceder às aquisições por ajuste direto do GES, adaptado do plano de atividades do GES (2014).

8. Aplica-se à gestão do sistema de informação
1- Pasta de legislação partilhada na rede do GES (Diretor do GES).
2- Atualização à pasta de legislação sempre que ocorram alterações (Diretor do GES e Área de estudantes).
3- Registo da correspondência recebida (Assistente Técnica).
4- Informação solicitada via <i>emails</i> organizada em pastas no <i>Outlook</i> por temas (Área de estudantes).
5- Atualização das pastas (Área de estudantes).

Quadro 13 - Processos de recolha e divulgação de legislação, registo de entradas e gestão do correio eletrónico, adaptado do plano de atividades do GES (2014).

Capítulo 3 – Revisão da Literatura

3.1. Liderança e Administração Educacional

A palavra liderança deriva de *leader* (termo inglês). Em Portugal, a noção do termo liderança substituiu a “arte do comando” e surgiu com o aparecimento das ciências sociais, ou seja, a partir do século XIX (Bento & Ribeiro, 2013, p. 11).

O conceito de liderança não é único, existem várias definições deste conceito sendo que, segundo Ciulla (2003), as mais antigas frisam a capacidade do líder impor a sua vontade, enquanto as mais recentes dão maior destaque às relações entre líderes e seguidores (citado por Bento & Ribeiro, 2013). “Atualmente, liderança é entendida como uma relação social com três componentes essenciais: líderes, seguidores e contextos nos quais interagem” (Bento & Ribeiro, 2013, p. 11).

A liderança tem vindo a ocupar um lugar central na investigação e na reflexão em torno das organizações, destacando-se para as questões da sua gestão, tratando-se de um objeto de estudo privilegiado pelas diversas ciências sociais e humanas (Costa, 2000; Bihilm, 1996). É um tema em evolução contínua que desperta grande interesse pela influência que tem nas organizações, sociedades e indivíduos, pois é uma das maiores chaves para o sucesso das organizações (Bento & Ribeiro, 2013).

A influência é necessária porque o líder precisa mudar muitas vezes os comportamentos dos outros, intencionalmente, e esta consegue-se através do poder e da autoridade que o líder pode usar. Para George Terry (1960), a liderança é o ato de influenciar as pessoas, motivando-as a empenhar-se de forma livre em objetivos de grupos comuns (citado por Trigo & Costa, 2008; Alves, C. & Moura, K. s.d).

Existem várias definições de liderança, no entanto podemos afirmar que, em todas elas, há uma característica comum: baseia-se no ato de influenciar o outro a fazer algo de forma empenhada e satisfatória (citado por Trigo & Costa, 2008). Liderar é, sobretudo, orientar um grupo em direção a objetivos comuns, é um comportamento que envolve uma panóplia de funções, tais como planificar, avaliar, motivar, controlar, punir, informar, entre outras. É um processo de conduzir um grupo de pessoas, transformando-o numa equipa que gera resultados. É a habilidade de motivar e influenciar os liderados, de forma ética e positiva que contribuam voluntariamente e com entusiasmo para alcançarem os objetivos da equipa e da organização (Trigo & Costa, 2008).

O comportamento das pessoas, bem como o dos grupos, exige um estilo de liderança adequado (Bento & Ribeiro, 2013). A organização treina os seus líderes para que estes consigam, dos seus subordinados, altos valores de desempenho (Costa, 2003).

A administração educacional tem como ferramenta a liderança, um sentido plural de organizações tanto das organizações educativas, escolares e não escolares, bem como de organizações com valências educativas. A administração da educação é compreendida como atividade e prática de administrar, a vários níveis e em distintos contextos institucionais e organizacionais de educação (Lima, 1992).

3.2. Estilos de Liderança

Carlyle (1910) refere que, durante muito tempo, se acreditou que os líderes já nasciam líderes, ou seja, tinham características inatas, como a amabilidade, força física e a inteligência, que eram consideradas essenciais para exercer a liderança, o que permitia, desde muito cedo, apurar os potenciais líderes (citado por Costa, 2000). No entanto, fruto de vários estudos sobre líderes, Lindzey (1940) verificou que tal não era possível, porque o comportamento difere com a situação e com os liderados. Concluiu, então que não era possível encontrar algum traço de personalidade que fosse possível distinguir líderes dos não líderes. Bihilm (1996) também sublinha esta ideia, afirmando que o critério da personalidade não é suficiente para discriminar líderes de não líderes, e sobretudo não é suficiente para distinguir líderes eficazes, de não eficazes.

É possível admitir a possibilidade de treino e da adaptação do líder às funções de liderança. A nossa realidade organizacional revela que existem características diferentes nos líderes (Bento & Ribeiro, 2013).

Há três grandes concepções de liderança que Jorge Adelino da Costa (2000) identifica na visão mecanicista da liderança, onde subdivide em três metáforas: o líder nato, o líder treinado e o líder ajustável. O **líder nato** baseia-se na ideia dos primórdios das concepções e da investigação de que os líderes, mais do que feitos, nascem líderes. Os defensores desta ideia dizem que existem características pessoais que são próprias dos líderes. Relativamente ao **líder treinado**, surge no período dos anos 50, que representou uma viragem nas concepções de liderança nas organizações, onde se acreditou que o líder poderia e deveria ser feito, identificando-se as melhores maneiras de atuar, os comportamentos padrão que deviam ser aprendidos pelos candidatos à liderança, dando, assim, início à formação e à preparação do treino de líderes. Por fim, o **líder ajustável** surgiu na década de 60, defendendo-se que a liderança depende dos

contextos e situações, justificando que o comportamento do líder pode ser eficaz numa situação e ineficaz noutra situação, em contexto diferente (Costa, 2000; Bento & Ribeiro, 2013).

Na primeira década de 60, Blake e Mouton (1964) identificaram 5 estilos de liderança, variando na relação entre o foco nas pessoas e o foco nas tarefas, sendo eles o estilo liberal, o estilo democrático, o estilo intermédio, o estilo diretivo/autocrático e o estilo integrador (Bento & Ribeiro, 2013).

No final da década de 70, Owens (1976) acrescentou mais dois estilos: o burocrático, que só se preocupa em cumprir a lei, esquecendo as necessidades da organização da equipa, e o carismático, que tem grande afinidade com a sua equipa, além de possuir bons conhecimentos técnicos e profissionais.

Na década de 80, segundo Bryman (1996), o líder começa a ser entendido como alguém que define a realidade organizacional por via da articulação entre uma visão, que advém da maneira como ele define a missão da organização, e os valores que tem como base (citado por Costa, 2000). É a partir dos anos 80 que surge uma abordagem com foco no carisma e nas capacidades transacionais e transformacionais do líder.

Relativamente à liderança com base no carisma transformacional, segundo Ferreira, et. al. (2003), há um conjunto de traços de personalidades que são notórios nas ações de liderança, como a fluidez verbal; ascendência; sucesso; motivação; sociabilidade; iniciativa; energia; auto-afirmação; etc. Assim, o líder carismático é o que consegue ter influência sobre um grupo sem ter uma razão evidente (citado por Bento & Ribeiro, 2013). Quanto à liderança transacional esta não realça o cariz pessoal, mas procura, sim, compatibilizar e harmonizar os objetivos dos liderados pelas trocas, por coordenação de interesses, de negociação de conflitos e troca de incentivos. Neste sentido, a liderança transacional é ultrapassada pela transformacional, que passa por elevar os valores do grupo e a sua transformação como um todo, clarificando papéis e exigências nos grupos. Caracteriza-se por uma forte componente pessoal, pois o líder motiva os seus colaboradores para a realização de objetivos, estes colaboram por estarem motivados tendo o sentido de presença. Por isso, define-se que o líder transformacional é pró-ativo e motivador, tem em conta as necessidades de desenvolvimento pessoal e profissional, despertando um compromisso forte para a visão, missão e valores da organização, de modo a alcançar os objetivos desta (Bento & Ribeiro, 2013; Bihilm, 1996). A liderança transformacional visa a mudança, a inovação, o risco, a visão, o projeto, o compromisso e as pessoas, enquanto que a liderança transacional visa a estabilidade, racionalidade, objetivos, regulamentos, tarefas e recursos (Costa, J & Costa, F. s.d). Neste âmbito Alves, C. & Moura, K. (s.d) **também referem que existem estes últimos estilos de liderança referidos, entendendo que a liderança**

transformacional abrange, sobretudo, o aspeto dos valores comungados por todos numa organização e oferece uma visão transformadora de processos sociais e do próprio ambiente. Defendem, também, que a **liderança transaccional** procura influenciar nas relações de interação entre as pessoas participantes da comunidade. Acrescentam que existe a liderança **compartilhada** que promove a dispersão das responsabilidades, também designada por liderança distribuída. E, por fim, a **coliderança** que se acentua para a ação conjunta do núcleo administrativo que trabalha em parceria para alcançarem as metas e objetivos, tendo em vista o bem comum da instituição.

Sergiovanni (1984) refere cinco estilos de liderança: **líder técnico**, que planifica, coordena, organiza, é muito técnico e administrativo; **líder humano**, centraliza-se no apoio e em animar as pessoas, tenta manter um ambiente amistoso; **líder educativo**, relacionado com aspetos educativos, muito preocupado com a formação; o **líder simbólico**, assume o papel de chefe e tem a preocupação de selecionar comportamentos, definir objetivos; e, por fim, o **líder cultural**, que fortalece os valores, as crenças e as culturas (Bento & Ribeiro, 2013).

Kurt Lewin tinha uma teoria onde referia que existem **três estilos de liderança: o autocrático (autoritário), democrático e o liberal**, conhecidos como os estilos clássicos de liderança (citado por Costa, 2000; Bento & Ribeiro, 2013). Esta teoria foi testada por White e Lippitt (1943) que estudaram a liderança e afirmam que o estilo de comportamento do líder tem a ver com o que ele faz e como faz, por isso defendem que existem estes três estilos de liderança. Relativamente ao **estilo autoritário**, o líder toma decisões sem qualquer participação do grupo; determina a tarefa que cada elemento tem de executar e qual o seu par de trabalho; aponta as críticas diretamente à pessoa sem qualquer cuidado na utilização das palavras para não ofender. As consequências que este estilo de liderança tem no grupo são: a grande tensão, frustração, agressividade, ausência de espontaneidade e iniciativa. Não há uma relação de amizade, havendo apenas trabalho e execução de tarefas. Os elementos do grupo não revelam satisfação em relação à tarefa que exercem, o trabalho de grupo só desenvolve na presença física do líder. Há muito ênfase no líder (citado por Bento & Ribeiro, 2013).

Quanto ao **estilo democrático**, o líder toma as suas decisões em grupo, assiste e estimula a sua equipa ao invés de impor. Cabe ao grupo definir as técnicas para atingir os objetivos, solicitar aconselhamentos técnicos ao líder, quando é necessário, e este sugere duas ou mais alternativas para a equipa poder escolher. O líder é entendido como um apoio, as tarefas ganham uma nova dimensão à medida que acontecem os debates. O grupo é que decide a divisão de tarefas e cada elemento é livre de escolher o seu companheiro de trabalho. O líder não se entende como superior, procura ser igual aos outros membros da equipa, não se encarregando muito de

tarefas. Quando critica e elogia é com objetivo. As consequências no grupo são o desenvolvimento da amizade e do bom relacionamento entre os elementos; há um ritmo de trabalho progressivo e seguro mesmo na ausência do líder, os elementos do grupo desenvolvem comunicações espontâneas e cordiais com o líder, há um clima geral de satisfação. Há ênfase no líder e no subordinado (Bento & Ribeiro, 2013).

Em relação ao **estilo liberal** (*laissez-faire*), expressão francesa que significa “deixar andar”, a pessoa faz o que quer, os elementos do grupo têm total liberdade para tomar decisões, a participação do líder é limitada, o grupo é que decide a divisão de tarefas e o companheiro de trabalho sem qualquer participação do líder. Este não avalia e não regula o que se passa no grupo, quando é questionado faz alguns comentários irregulares sobre o mesmo. As consequências no grupo deste tipo de liderança são: a ausência de satisfação na produtividade, a maior abordagem dos problemas pessoais do que os assuntos relativos ao trabalho, a ocorrência de muitas discussões que resultam em perda de tempo. O grupo torna-se individualista e há pouco respeito pelo líder. Há ênfase no subordinado. Este estilo de liderança, normalmente, é considerado o pior estilo, porque pode causar confusão, desorganização e desrespeito (Bento & Ribeiro, 2013).

Com o objetivo de verificar as conclusões de Kurt Lewin, Likert (1967) realizou um novo estudo e concluiu que, quanto mais significativa for a mudança do estilo autocrático para o democrático, maior é a eficácia, produtividade e satisfação da organização (citado por Bento & Ribeiro, 2013).

Segundo Lawrence & Lorsch (1969) defendem, as organizações necessitam de ser sistematicamente, adaptadas aos objetivos coletivos e às finalidades humanas e individuais, não havendo um único meio para organizar (citado por Costa, 2000). Nesta perspetiva, o líder deve adotar um dos três estilos de liderança, tendo em conta o grupo com o qual está a trabalhar, para poder liderar. Um líder pode ter muito sucesso numa situação e insucesso noutra contexto situacional (Bento & Ribeiro, 2013).

Para que a liderança seja eficaz, é crucial termos em conta o líder, os liderados e o contexto (Bento & Ribeiro, 2013).

3.3. Liderança nas Organizações Educativas

A liderança educativa deve acontecer com a participação de todos os envolvidos no contexto educativo, conseguindo uma forma emancipadora e facilitadora de decisão coletiva (Costa, 2000). Na mesma linha de pensamento, também Sergiovanni (2004) entende que o líder

deve exercer a liderança de forma a promover uma cultura com base nos valores e convicções, para que haja uma cultura que una toda a comunidade educativa e, assim, consiga promover um clima de bom relacionamento entre todos. Deve, também, envolver a comunidade nas decisões, na orgânica e atividades da vida da organização educativa. A participação de todos no processo de liderança subentende que todos fazem parte da organização, criando assim um sentimento de pertença (citado por Bento & Ribeiro, 2013). O líder deve fomentar a liderança em toda a sua equipa, “o líder deve tentar ser sempre o exemplo” (Bento & Ribeiro, 2013, p. 21).

Devido à complexidade que caracteriza a nossa sociedade, o líder deve possuir cinco características para alcançar o sucesso nas organizações sendo elas: “objetivo moral; compreensão do processo de mudança; capacidade de relacionamento; criação e partilha de conhecimento e coerência” (citado por Bento & Ribeiro, 2013, p. 24).

Em contexto educativo, “uma liderança eficaz pressupõe que se tenham em conta as crenças, os valores, as necessidades, os desejos e as especificidades locais de cada escola e dos sujeitos que a compõem. Ou seja, a liderança estilo “tamanho único” (Formosinho, 1986) é inadequada às organizações” educativas (citado por Bento & Ribeiro, 2013, p. 24).

Costa (2000) refere que a liderança educativa “pressupõe o respeito pelos princípios da participação ativa, da democraticidade e pela implicação de todos no processo educativo” (citado por Bento & Ribeiro, 2013, p. 25).

3.4. Diferença entre Líder e Gestor

Segundo Bolman & Deal (1991), a liderança é diferente da gestão. Pode-se ser líder sem ser gestor e gestor sem ser líder, pois a autoridade é diferente da liderança, sendo que os líderes podem ter autoridade e as autoridades podem não ser líderes. Entendem que a liderança não se situa, exclusivamente, nas posições elevadas da organização (citado por Costa, 2000).

Neste sentido, a liderança e a gestão não são conceitos sinónimos pois existem vários líderes em contexto escolar que não exercem funções de gestão organizacional, bem como existem gestores que não exercem liderança (Costa, 2000).

O gestor tem objetivos diferentes em relação ao líder, pois interessa-se mais com os aspetos burocráticos/técnicos, preocupa-se em gerir bem a organização, é um coordenador geral do trabalho e distribuidor de tarefas, procura garantir que tudo está certo e de acordo com as normas, para atingir os objetivos estipulados pela organização. Enquanto que o líder trata de aspetos carismáticos, afetivos, relacionais do grupo, procura constantemente garantir que tudo está bem, procurando realizar o que é melhor para a organização. Assim, podemos afirmar que

os líderes podem ser gestores, mas nem sempre os gestores podem ser líderes (Bento & Ribeiro, 2013; Costa, 2000; Costa, J & Costa, F. s.d.).

Existem autores, como Mintzberg (2003), que defendem que a liderança é um caso particular da gestão, e autores como Kotter (1997) que defendem que a gestão é uma das diversas funções da liderança e, por fim, existem outros autores como Costa (1994) que defendem que tanto a gestão como a liderança podem ser utilizadas simultaneamente dentro da organização (citado por Bento & Ribeiro, 2013).

O gestor desenvolve planos estratégicos e operacionais que acredita serem os mais eficazes para atingir os objetivos, promove e coordena a execução dos planos. Enquanto que o líder tem a função de incentivar as pessoas da organização a se identificarem e elaborarem planos, pondo-os em prática para o melhor da organização, sendo que o bem da organização é também o bem do líder. Kotter (1997) defende que a “gestão tem a ver com a complexidade da organização e a liderança tem a ver com as mudanças que lá podem ser operadas” (citado por Bento & Ribeiro, 2013, pp. 19-20).

Quando falamos em liderança educacional, falamos também na gestão, “acentuando-se as diferenças entre os conceitos, apontando-se as similaridades e distinguindo-se as prioridades de uma e de outra” (Costa, J & Costa, F. s.d., p. 3). Neste sentido, podemos mencionar algumas diferenças entre liderança e gestão. De acordo com Bento e Ribeiro (2013), à liderança está subjacente a “inovação e desenvolvimento; originalidade; foco nas pessoas; confiança; visão a longo prazo; orienta para os fins; futuro; faz as coisas certas; perguntam: o quê e porquê” é focada para o estilo transformacional (p.20). Enquanto que a gestão se baseia na “administração; reprodução; foco nos sistemas e estruturas; controlo; visão a curto prazo; orienta para os resultados; perguntam: como e quando; presente; faz as coisas bem”, é focada para o estilo transacional (Bento & Ribeiro, 2013, p. 20).

Os dois conceitos em análise estão presentes em todas as organizações educativas e tendencialmente estão a valorizar mais a liderança do que a gestão (Bento & Ribeiro, 2013). Devemos, então, passar da gestão educacional para a liderança educacional. Assim, todos têm a possibilidade de se sentirem no mesmo patamar de responsabilidade, fazendo com que o envolvimento e a colaboração sejam cada vez maiores, o que só se consegue se houver a participação de todos (Bento & Ribeiro, 2013).

É imprescindível a presença das dimensões do gestor e do líder, para o sucesso da organização escolar” (Costa & Costa, s.d., p.11). O diretor escolar de hoje tem que saber orientar a sua escola num caminho bastante sinuoso, tem de ter a capacidade para trabalhar

com as limitações próprias à organização escolar dos nossos dias, ou seja, tem de ter em conta: “a centralização; a autonomia precária; a burocracia; as práticas rotineiras; os conflitos de interesses e de valores; a falta de uma auto-avaliação; o défice de recursos e, sobretudo, a mobilidade docente (Costa & Costa, s.d., p.11).

Nesta perspetiva, consideramos que, para a melhoria das escolas, é necessário uma “redefinição e equilíbrio entre os dois vectores - líder e gestor que só é possível com uma maior margem de autonomia, não só administrativa, mas sobretudo pedagógica” (Costa & Costa, s.d., p.11). Podemos, então, perceber que um líder ideal é o que combina a gestão com a liderança.

3.5. Importância do Ensino Superior

A importância do ensino superior é reconhecida a nível europeu. Vários estudos, como *Education at a glance*, 2012, OCDE, EUROSTAT, entre outros, provam que quanto mais alto é o nível de ensino, maiores são os benefícios. Inclusive, estes estudos referem que a educação é muitas vezes a melhor ferramenta para a criação de riqueza e felicidade (Copeland, 2014; Rego, C. et al., 2013; Vieira & Vieira, 2013; Vieira; Vieira & Raposo, 2013; *Education at a glance*, 2012, OCDE; Kezar, A. et al. 2008; Ramphele, et al., 2000).

Na generalidade dos casos, os estudantes e famílias entendem que formar-se no ensino superior é um investimento para uma vida melhor no futuro, para enfrentar de forma mais vigorosa o mercado de trabalho, obter melhores remunerações e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida (Rego, C. et al., 2013, p. 239). Neste sentido, um diploma é muitas vezes considerado um passaporte para uma vida pessoal mais satisfatória e uma vida profissional mais bem remunerada. Por isso, referimos algumas teorias que consideram o ensino superior, não como um bem de consumo, mas sim como um investimento. Exemplos destas são a teoria do capital humano de Becker (1964), ou a teoria da sinalização de Spence (1973). A teoria de Becker referia que o ensino superior era um meio para obtenção de conhecimentos e de competências que aumentavam a produtividade pessoal e a probabilidade de conseguir empregos com melhores remunerações, fazendo com que os custos de oportunidade de curto prazo associados à frequência do ensino superior fossem compensados por uma melhor remuneração ao longo da vida profissional. A teoria de Spence considerava que o ensino superior era um “meio de sinalizar a qualidade individual perante potenciais empregadores que, num contexto de informação assimétrica, não podiam identificar *a priori* os empregados mais produtivos, usando o seu nível de educação como *proxy* para a capacidade individual” (citado por Vieira & Vieira, 2013, p. 206; Rego, C. et al., 2013). Spence (1973) considera que um diploma universitário é um

sinal que distingue de todos os candidatos a um emprego, os que merecem salários mais elevados (citado por Vieira & Vieira, 2013; Rego, C. et al., 2013).

O ensino superior é, realmente, importante pois este traz diversas vantagens às sociedades, quer sociais, quer políticas. Este melhora as vidas individuais e enriquece toda a sociedade, o que “indica uma mescla substancial entre os interesses privados e os interesses públicos no ensino superior” (Ramphéle, et al., 2000, p.49). O ensino superior aumenta as remunerações e a produtividade, o que faz com que os indivíduos e os países, simultaneamente, fiquem mais ricos. Pode, ainda, encorajar a iniciativa e a independência (Ramphéle, et al., 2000; Copeland, 2014; Rego, C. et al., 2013; Vieira & Vieira, 2013; Vieira; Vieira & Raposo, 2013; *Education at a glance*, 2012, OCDE; Kezar, A. et al. 2008).

Os benefícios da educação superior, para quem detém um diploma universitário (17 anos de educação), podem ser entendidos como benefícios “privados”, no entanto, são também benefícios públicos, pois “uma melhor formada força de trabalho contribui para aumentar os fluxos de impostos, melhorar os cuidados de saúde, melhorar o capital institucional, e por aí em diante” (Ramphéle, et al., 2000, p.50).

É pertinente referir que o impacto macroeconómico da educação é forte porque, tal como os indivíduos com educação superior alcançam maior sucesso no mercado de trabalho, também “as economias com taxas de escolarização e número de anos de estudo maiores conseguem ser mais dinâmicas, competitivas nos mercados globais, e melhor sucedidas em termos de rendimentos *per capita* mais elevados” (Ramphéle, et al., 2000, p.50).

O ensino superior é uma questão de interesse público porque ele se relaciona com o desenvolvimento económico e social. A formação dos jovens neste grau de ensino pode e leva ao “desbloquear o potencial a todos os níveis da sociedade, ajudando as pessoas talentosas a ganhar formação avançada independentemente do seu nível de partida” (Ramphéle, et al., 2000, p.50). É de interesse público, também, porque quanto mais cidadãos formados no ensino superior tiver um país, melhor será a geração de investigação e de conhecimento, o que é verdadeiramente significativo para a economia, que permite envolver-se no comércio escolar e científico com as outras nações, além de gerar conhecimento (Ramphéle, et al., 2000).

A educação superior é fulcral porque “evita que os estudantes se tornem “balcanizados” num estreito conjunto de disciplinas e amplia a coesão entre coortes nos quais os estudantes mais talentosos e motivados são familiarizados com um corpo essencial de conhecimento” (Ramphéle, et al., 2000, p.120). Assim, a educação superior também promove uma ampla abertura de espírito, pensamento crítico e aptidões de comunicação, sendo essencial numa democracia efetivamente participativa (Ramphéle, et al., 2000, p.120).

A formação de ensino superior é significativa no desenvolvimento dos indivíduos porque os prepara para uma carreira e proporciona uma ampla experiência de vida, fazendo com que o indivíduo se sinta confiante na sua área de trabalho. Tais habilidades podem trazer realização pessoal e satisfação, bem como uma carreira de sucesso (Copeland, 2014).

A formação universitária é um dos determinantes mais significativos do desenvolvimento económico e social. Quanto maior o nível educacional da população, melhores são as perspetivas de desenvolvimento sustentável e de competitividade internacional de um país. “Seria assim expectável que, pelo menos onde as restrições financeiras não o impedem, fosse garantido acesso ao ensino superior a todos os candidatos que reunissem as condições necessárias” (Vieira; Vieira & Raposo, 2013, p. 221; Copeland, 2014; Rego, C. et al., 2013; Vieira & Vieira, 2013; Kezar, A. et al. 2008; *Education at a glance*, 2012, OCDE; Ramphela, et al., 2000).

Achamos relevante referir os mitos que existem em torno do acesso às universidades que, muitas vezes, fazem com que os alunos desistam, por isso devem ser ultrapassados pela importância que o ensino superior suporta. Neste sentido, há sete mitos comuns sobre a universidade que devemos considerar antes de decidir que a educação superior não é o caminho certo a seguir. São eles: 1. *A universidade é muito cara* - é importante saber que existe uma quantidade significativa de dinheiro em bolsa disponível a partir do governo que irá abranger a maioria da taxa de matrícula para o ensino superior. 2. *Não há vagas para conseguir ajuda financeira, por isso o estudante já tem de ter poupanças* - para os alunos carenciados existem, realmente, apoios financeiros. 3. *A universidade é para jovens e não para adultos* - a maioria dos alunos que frequentam muitas universidades são adultos e não apenas jovens, nunca é tarde demais para ingressar na universidade. 4. *Só vai para a universidade quem tem membros da família que frequentaram a universidade* - em cada família, alguém tem que ser o primeiro embora alguns membros da família não o entendam, terá de ser discutida a lista de benefícios para ajudar a compreender as escolhas de ir para o ensino superior. No entanto, é natural que os filhos de um formado no ensino superior esteja mais propenso a ir para a universidade. 5. *Não ingressa na universidade o aluno que não gosta de matemática, não gosta de redigir textos longos* - é importante estar informado de que há vários tipos de programas curriculares diferentes nas universidades, alguns cursos não exigem matemática. Além disso, as universidades públicas oferecem muitos programas de formação profissional. 6. *Não ter o perfil de um universitário* - as universidades têm pessoas de mais variados estilos económicos, sociais, géneros e religiões, não há um perfil único. 7. *Não consegue ingressar em nenhuma universidade* - as faculdades públicas possuem um acesso aberto e selecionam os candidatos de forma criteriosa e segura. Existem muitas universidades e, em cada uma delas, há cursos distintos. É de sublinhar que as

universidades públicas oferecem mais do que a formação profissional e técnica, pois também oferecem um currículo de educação geral (Kezar, A. et al. 2008).

A educação superior é realmente significativa, pois uma geração mais qualificada pode ambicionar uma sociedade com mais qualidade de vida e responder, eficazmente, aos problemas sociais (*Education at a glance*, 2012, OCDE; Ramphele, et al., 2000). “O diploma superior faz a diferença – para melhor” (Bento, 2014, p. 6).

3.6. Motivações para a Continuação dos Estudos para o Nível de Ensino Superior

São muitas as motivações para a continuação de estudos para o nível de ensino superior, pois vários estudos como *Education at a glance*, 2012, OCDE, EUROSTAT e autores como Copeland (2014), Rego, C. et al. (2013), Vieira & Vieira (2013), Vieira; Vieira & Raposo (2013), Kezar, A. et al. (2008), Ramphele, et al., (2000) e Bento (2014) apontam várias vantagens em prosseguir os estudos pós secundário.

Neste sentido, reflitamos sobre os benefícios que podemos ganhar com a formação de nível superior. Um dos vários benefícios em frequentar este ensino é o económico que, de acordo com as estatísticas sobre o salário médio anual, as pessoas que frequentam a universidade ganham mais, como resultado dos seus níveis mais elevados de educação. Quanto maior o nível de escolaridade, mais elevados serão os salários, pois mais educação equivale a um salário mais elevado (Copeland, 2014; Rego, C. et al., 2013; Vieira & Vieira, 2013; Vieira; Vieira & Raposo, 2013; *Education at a glance*, 2012, OCDE; Kezar, A. et al. 2008; Ramphele, et al., 2000).

Os estudantes universitários são os mais empregados, pois as pessoas que têm um diploma de nível médio têm três vezes mais probabilidade de estarem desempregados do que alguém com um diploma de nível superior. Os detentores de diplomas de ensino superior tendem a economizar mais dinheiro e possuem bens e fazem mais investimentos (*Education at a glance*, 2012, OCDE). Os formados no ensino superior tendem a trabalhar em empregos com estabilidade, em escritórios ou outras instalações com condições, equipados com ar condicionado, aquecimento e conveniências que melhoram a qualidade de vida. As pessoas que frequentam a universidade propendem a tomar decisões mais informadas enquanto consumidores, o que também pode levar a ter mais dinheiro (*Education at a glance*, 2012, OCDE). Os licenciados têm maiores oportunidades de trabalho e tendem a ter competências que podem ser facilmente aplicadas em diferentes ambientes de trabalho e em diferentes localizações geográficas. Por outras palavras, eles têm muito mais opções de trabalho, o que ajuda a estabilizar as suas vidas (*Education at a glance*, 2012, OCDE).

Contudo, existem mais benefícios para além do económico ao frequentar a universidade, como o benefício pessoal. O ingresso no ensino superior pode, realmente, mudar a vida e levar a uma maior felicidade e saúde, dado que os diplomados do ensino superior normalmente têm maiores salários, o que lhes permite ter mais opções no futuro e maior possibilidade de escolha de um trabalho que se adapte ao seu estilo de vida. Neste sentido, referem que as pessoas com uma educação superior têm expectativas de vida mais longas, tendem a se exercitar mais e praticar mais desporto, determinando assim o benefício de saúde.

Os dados *Education at a glance* (2012), OCDE apontam também que os filhos de pessoas com formação superior têm maior probabilidade de concluir o ensino médio e ingressar na universidade, tendo habilidades cognitivas superiores. Os formados em universidades tendem a ter empregos que são mais significativos e interessantes e que lhes permitem mais liberdade para tomar decisões no trabalho. Estes estão mais satisfeitos com as suas carreiras e vida diária, tendo assim maior autoestima e mais auto-direção. Os diplomados no ensino superior são os melhores em resolver problemas e lidar com as decisões do dia-a-dia (Kezar, A. et al. 2008; Copeland, 2014; *Education at a glance*, 2012, OCDE).

Além dos benefícios económicos, pessoais e de saúde, o ensino superior traz, também, muitos benefícios sociais. Associados às universidades, geralmente existem atividades extracurriculares e clubes para os estudantes, que ajudam a promover interações sociais entre pessoas de diversas culturas e contextos sociais distintos. A formação do ensino superior estimula os estudantes a serem cidadãos participantes ativos nas suas comunidades e economias que os prepara para o futuro (Kezar, A. et al. 2008; Copeland, 2014; *Education at a glance*, 2012, OCDE).

Nesta perspetiva, segundo os dados da *Education at a glance*, 2012, OCDE podemos afirmar que em Portugal as diferenças de salário entre licenciados e não licenciados refletem-se na entrada do mercado de trabalho, como também durante toda a vida profissional. Além das vantagens económicas e financeiras, os dados deste mesmo estudo referem que os licenciados têm melhores condições no local de trabalho, uma melhor saúde individual e familiar e um maior desenvolvimento cognitivo dos filhos. O retorno financeiro e social dos licenciados em Portugal, para o indivíduo como para a sociedade, é positivo. Em Portugal, estudar compensa e é importante fazê-lo para o bom desenvolvimento do nosso país (*Education at a glance*, 2012, OCDE). O estudo em análise refere ainda que, quanto maiores forem as taxas de diplomados num país, mais se contribui indiretamente para a diminuição da taxa de mortalidade infantil e da taxa de pobreza e crime, contribuindo para o aumento da esperança de vida e uma maior estabilidade política (*Education at a glance*, 2012, OCDE).

Estudar compensa, pois ao longo do tempo as taxas de desemprego têm sido menores para quem tem o ensino superior, comparativamente a quem tem o ensino básico ou secundário (Bento, 2014; *Education at a glance*, 2012, OCDE; Kezar, A. et al. 2008). Historicamente, a educação valeu e continua a valer a pena. Ao longo dos últimos 25 anos, as diferenças de rendimentos têm crescido entre os trabalhadores com diferentes níveis de escolaridade. Hoje nós somos mais educados do que nunca. A educação continua a ter vantagem, os benefícios educacionais são, realmente, mais notáveis nos níveis de educação mais altos (Copeland, 2014; Bento, 2014; Rego, C. et al., 2013; Vieira & Vieira, 2013; Vieira; Vieira & Raposo, 2013; *Education at a glance*, 2012, OCDE; Kezar, A. et al. 2008; Ramphele, et al., 2000).

3.7. Fatores Responsáveis pelas Motivações para o Ingresso ao Ensino Superior

A procura do ensino superior em Portugal tem sido influenciada, maioritariamente, por fatores demográficos e socioeconómicos. A decisão de ingressar na universidade é influenciada por vários fatores: culturais, psicológicos, sociológicos, políticos ou económicos. No entanto, resulta também de uma avaliação racional, que é seguida noutros contextos de escolha, sendo, assim, uma questão que pode ser analisada numa:

Perspetiva económica, recorrendo por exemplo aos postulados da teoria neoclássica do consumidor. Segundo esta teoria, para maximizar o bem-estar pessoal, os consumidores escolhem os bens mais preferidos de entre aqueles que o seu poder de compra pode comportar. Este comportamento maximizador compreende dois domínios: um está relacionado com as preferências individuais, que definem o que é melhor para cada pessoa, o outro é a restrição orçamental que, dados os preços e o rendimento pessoal, define o poder de compra individual (Vieira & Vieira, 2013, p. 205).

Nesta linha de pensamento, a decisão de frequentar o ensino superior é procurada por quem a considera útil e, simultaneamente, para quem pode pagar as despesas que lhe são próprias. “Tudo o resto constante é expectável que esta procura seja influenciada positivamente pelo nível de rendimento individual, ou familiar, e negativamente pelos custos direta e indiretamente envolvidos” (Vieira & Vieira, 2013, p. 205).

É, também, de recordar que, de acordo com o relatório da OCDE *Education at a Glance 2013*, Portugal é um dos países europeus em que a frequência de ensino superior mais depende do financiamento das famílias. Assim, verificamos que Portugal tem um dos mais altos custos

para as famílias para poder ter um filho a estudar no ensino superior, sendo que as famílias portuguesas fazem um esforço bem maior a nível do orçamento familiar para que consigam que os seus filhos acedam ao ensino superior. Se for para ingressar no ensino superior privado, estes custos para as famílias são ainda maiores, notando-se uma taxa significativa de jovens que expressam a dificuldade de prosseguir estudos e até se sentem obrigados a desistir.

Assim o rendimento e os custos são fatores decisivos da restrição orçamental individual. As opções e preferências são estabelecidas por um vasto conjunto de considerações, tanto subjetivas como objetivas, podendo ir do simples gosto, motivação pelo estudo, como pela influência que é exercida por campanhas de opinião pública, e/ou por familiares e amigos, na decisão de escolher continuar a estudar, após a conclusão do ensino secundário ou procurar um emprego e ingressar no mercado de trabalho. Esta decisão é influenciada pelos benefícios esperados com a obtenção de um diploma de ensino superior (Vieira & Vieira, 2013; Rego, C. et al., 2013).

Apesar de ser possível a separação teórica, que distingue entre ensino superior como bem de consumo e como investimento, novos desenvolvimentos alargaram estas conceções originais para incluir motivações de investimento na abordagem neoclássica de consumo e enriquecer a abordagem do capital humano com aspetos inerentes ao consumo. No entanto, Duchesne e Nonneman (1998) defenderam a impossibilidade de distinção empírica entre as teorias que integram motivos de consumo e de investimento e a teoria alargada do capital humano, sugerindo que ambas conduzem a um problema de consumo intertemporal, no qual os agentes maximizam o consumo atual e futuro, limitados por uma restrição orçamental intertemporal. Nesta perspetiva integrada, a procura é determinada pelas preferências individuais intertemporais, onde o prémio salarial de um curso superior pode desempenhar um papel importante, e por outras variáveis que também influenciam a restrição orçamental intertemporal, como o rendimento e os custos (citado por Vieira & Vieira, 2013, p. 206).

Neste sentido, segundo as perspetivas clássica e intertemporal, a procura pelo ensino superior pode ser representada por uma função de procura “que é um conceito utilizado em economia para representar a relação entre a procura de um bem e um conjunto de variáveis que influenciam as preferências e o poder de compra dos consumidores” (Vieira & Vieira, 2013, p. 206). Assim, em relação ao ensino superior, a função de procura individual “depende das preferências pessoais e de variáveis como o preço direto (propinas), o rendimento individual ou familiar, o preço dos bens complementares, como alojamento, transporte, alimentação, livros e outros materiais, e do preço de bens substitutos”. As escolhas acarretam o peso atribuído ao

custo de oportunidade de ingressar no ensino superior e aos benefícios futuros esperados deste nível de ensino (Vieira & Vieira, 2013, p. 207).

Dependendo do gosto pessoal e da perceção das capacidades individuais, uma pessoa pode decidir que os benefícios futuros da educação superior compensam os custos de adiar salários e incorrer a vida profissional imediatamente após a conclusão do ensino secundário. Assim, os determinantes da procura individual e o impacto das suas variações podem variar em contextos distintos, devendo a procura agregada ser sempre objeto de análise empírica (Vieira & Vieira, 2013, p. 207).

Segundo Gayle et al., (2003), a procura pelo ensino superior depende primeiramente do sucesso do sistema na manutenção dos alunos na escola até ao final do ensino secundário. No entanto, apesar de haver progressos, há ainda um número significativo de estudantes portugueses que não conclui a escolaridade obrigatória (12º ano), e os que concluem são menos de metade da faixa etária correspondente. Neste sentido, “As políticas públicas que procuram reduzir as taxas de abandono e aumentar o sucesso escolar no ensino primário e secundário têm um papel importante no fornecimento de estudantes às universidades” (Vieira & Vieira, 2013, p. 207).

Depende também, em segundo lugar, de fatores sociais e culturais. Em Portugal, as taxas de participação feminina no ensino primário e secundário são relativamente estáveis, mas até meados dos anos noventa aumentaram substancialmente no ensino superior. A probabilidade de frequentar o ensino superior depende, também, e significativamente da escolaridade dos pais, tanto por razões financeiras, como também pela influência do conhecimento relativo aos benefícios consequentes da educação superior (Vieira & Vieira, 2013, p. 208).

Jacob (2002), Tao (2006), entre outros, referem que a decisão de frequentar o ensino superior depende ainda, em terceiro lugar, dos fatores económicos, que desempenham um papel significativo, pois o rendimento familiar condiciona a decisão de enviar os filhos para a universidade, dependendo do desempenho da economia, refletido, por exemplo, na taxa de desemprego ou no crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) (citado por Vieira & Vieira, 2013). Contudo, ao refletir os custos e os benefícios esperados, as famílias geralmente dão “mais peso ao prémio salarial dos licenciados do que ao custo de oportunidade, aos salários que deixam de ser auferidos durante a frequência do ensino superior” (Rego, C. et al., 2013, p. 241).

Neste âmbito, é importante considerar as políticas sociais de apoio a estudantes descendentes de famílias com baixos rendimentos, como o valor das propinas. Bus et al., (2004) menciona que, em relação aos Estados Unidos da América (EUA), concluíram uma relação

muito significativa entre propinas e matrículas, mas fraca entre as propinas e os indicadores macroeconómicos. Christofides et al., (2008b) encontrou o mesmo efeito no Canadá, mas Canton e Jong (2005), na Holanda, concluíram que as candidaturas não são sensíveis ao valor das propinas, provavelmente porque o seu valor é baixo e o apoio social aos estudantes é generoso. Relativamente a Portugal, as propinas são comparativamente recentes e os estudantes podem pagá-las em prestações. O que não se espera que só o facto de pagar as propinas impeça o acesso ao ensino superior a famílias de baixo rendimento, porque podem recorrer a apoio social (citado por Vieira & Vieira, 2013, p. 208). Pode, ainda, haver outros fatores exógenos a afetar a procura, como, por exemplo, a “extensão da escolaridade obrigatória para 12 anos, melhorias nas políticas de apoio social aos estudantes ou programas mais apelativos de empréstimos para realização de cursos superiores, fluxos migratórios, ou qualquer outro evento imprevisto”. (Vieira & Vieira, 2013, p. 216).

Contudo, Christofides et al., (2008a) referem que fatores do lado da oferta também devem ser considerados, mais concretamente a existência de uma rede de instituições geograficamente dispersa pois, quanto mais distante estiver a universidade da habitação familiar, maiores serão os custos do curso devido a despesas extras com alojamento e transportes (citado por Vieira & Vieira, 2013, p. 208).

As decisões de prosseguir os estudos para o nível de ensino superior são, geralmente, tomadas pelos pais que antecipam com a sua geração o nível de capital humano que a sociedade virá a ter no futuro. Assim, “os pais escolhem entre o contributo produtivo atual dos filhos, no caso de entrarem mais cedo no mercado de trabalho, por oposição a uma maior permanência no sistema educativo que os poderá habilitar de forma mais robusta para enfrentar o mercado de trabalho”. Como consequência desta tomada de decisão, está a ponderação do ‘custo de oportunidade’ em ingressar de imediato no mercado de trabalho, com a decisão de permanecer no sistema educativo, a nível de valor atual do rendimento individual que os filhos poderão obter (Rego, C. et al., 2013, p. 239).

Além disso, é necessário salientar a existência de importantes externalidades positivas associadas à melhoria da qualificação da população. Em períodos de crise económica, a possibilidade dos indivíduos, particularmente os jovens, acederem ao mercado de trabalho é menor. Neste contexto, ficará a ideia de que os indivíduos que prosseguirem estudos para o ensino superior preparam-se melhor para o ingresso, mais tarde, no mercado de trabalho. Contudo, nestas circunstâncias, as famílias, que muitas vezes também são afetadas pelo fenómeno do desemprego, podem ter mais dificuldade em manter os jovens a estudar. Estamos assim perante um *trade-off* que além de ter efeitos no presente, em termos da organização do

sistema educativo, tem também consequências no futuro em termos do nível de qualificação da população bem como do nível de rendimentos e de qualidade de vida (Rego, C. et al., 2013, p. 239-240).

Podemos afirmar que a literatura sobre esta temática constata que os indivíduos diplomados com ensino superior são os que melhor se integram no mercado de trabalho, os que são mais rapidamente colocados e os que melhor resistem em situações de desemprego. Além disso, quanto maior o nível de habilitação escolar, mais elevadas são as remunerações, ou seja, os prémios salariais associados (Copeland, 2014; Rego, C. et al., 2013; Vieira & Vieira, 2013; Vieira; Vieira & Raposo, 2013; *Education at a glance*, 2012, OCDE; Kezar, A. et al. 2008; Ramphele, et al., 2000).

É importante compreender os “principais fatores explicativos das aspirações educativas dos jovens ao longo do seu percurso educativo, sobretudo ao longo do ensino secundário/transição para o ensino superior” (Leitão, Paixão & Silva, 2007, pp.16 -17).

Assim, quando pretendemos motivar, devemos trabalhar os fatores responsáveis por essa motivação para o ensino superior. Nesta perspetiva, para motivar é importante preparar através de orientações, informações escolar e profissional eficazes e que respondem às necessidades do país, por isso é relevante conhecer as motivações dos que procuraram e que têm sucesso nas formações de ensino superior, para que haja exemplos concretos de carreiras de sucesso (Leitão, Paixão & Silva, 2007, p.17).

Paixão (2004) refere que as teorias da motivação procuram explicar a escolha, a persistência face a obstáculos e o esforço despendido na realização de tarefas, normalmente ambíguas, complexas e prolongadas no tempo, caso das tarefas vocacionais mais típicas e recorrentes. Qualquer teoria ou modelo explicativo que conceba a motivação como um processo e não como um estado, procura explicar tanto o desencadear como o desenvolvimento do funcionamento motivacional, focando a sua atenção em torno do papel desempenhado pelos fatores e construtos motivacionais envolvidos nesse processo (citado por Leitão, Paixão & Silva, 2007, p.18).

As revisões da literatura mostram, também, a inteligência geral que (ou capacidade cognitiva), embora seja uma variável importante para o sucesso escolar, sozinha não determina o sucesso. Por isso, achamos importante identificar os fatores motivacionais que podem contribuir para melhorar a performance dos estudantes (Leitão, 2007).

Bandura, com a sua teoria geral sociocognitiva, colocava ênfase na interação Pessoa-Meio-Comportamento que era caracterizada pela tríade motivação, auto-eficácia e ansiedade (Bandura, 1986, cf. Lent, Brown, Nota & Soresi, 2003), onde explicava as mais importantes influências que marcam o desenvolvimento de carreira (citado por Leitão, Paixão & Silva, 2007, p.20). A *Social Cognitive Career Theory* (SCCT) de Bandura (Lent, Brown, & Hackett, 1994) tem-se evidenciado como base de vários trabalhos de investigação sobre interesses, escolha de carreira e realização académica e profissional. Estes estudos constataam que a autoeficácia e as expetativas de resultado funcionam com os preditores mais fortes das escolhas vocacionais. Deste modo, Bandura e outros investigadores que têm trabalhado no âmbito da SCCT parecem supor que as expetativas de autoeficácia estão envolvidas num complexo sistema de retroalimentação onde comportamento, sentimento e cognição interagem continuamente (citado por Leitão, Paixão & Silva, 2007, pp.20-21).

3.8. A História dos Gabinetes de Ensino Superior a Nível Nacional e Regional

Os gabinetes de ensino superior foram criados pela Direção Geral do Ensino Superior (DGES). No total existem 21 gabinetes de acesso ao ensino superior em Portugal, incluindo as ilhas, sendo que existe um por cada distrito do território português continental e, em relação às ilhas, existe um gabinete no distrito do Funchal e um gabinete no distrito de Angra do Heroísmo (DGES, 2008).

A DGES é um serviço central do Ministério da Educação e Ciência (MEC), referenciando a legislação respetiva a Orgânica do Ministério da Educação e Ciência: Decreto Lei n.º 125/2011, de 29 de dezembro, retificado pela Declaração de Retificação n.º 3/2012, de 26 de janeiro. Podemos confirmar que no referido Decreto Lei n.º 125/2011 no Artigo 13.º, a DGES tem por missão garantir a:

Conceção, a execução e a coordenação das políticas que, no âmbito do ensino superior, cabem ao MEC. 2 — A DGES prossegue, designadamente, as seguintes atribuições:

a) Apoiar o membro do Governo responsável pela área do ensino superior na definição das políticas para o sector, nomeadamente nas vertentes da definição e da organização da rede de instituições de ensino superior, do acesso e do ingresso no ensino superior (...). b) Assegurar e coordenar a prestação de informação sobre o sistema de ensino superior; c) Coordenar as ações relativas ao acesso e ao ingresso no ensino superior; d) Prestar o apoio que lhe seja solicitado pela Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior, no âmbito dos processos de acreditação e de avaliação do ensino superior; (...) 3 — A DGES é

dirigida por um diretor-geral, coadjuvado por um subdiretor-geral, cargos de direção superior de 1.º e 2.º graus, respetivamente.

As Direções de serviços da DGES, suas competências e número máximo de unidades flexíveis encontram-se na Portaria n.º 143/2012, de 16 de maio, de acordo com o Artigo 1.º da referida portaria. Nomeadamente, no ponto 1 deste artigo, percebemos que a DGES se estrutura em diversas unidades orgânicas nucleares, sendo elas:

a) Direção de Serviços de Acesso ao Ensino Superior; b) Direção de Serviços de Apoio ao Estudante; c) Direção de Serviços de Suporte à Rede do Ensino Superior. 2 — As unidades referidas no número anterior são dirigidas por diretores de serviços, cargos de direção intermédia de 1.º grau.

No artigo 2º da última portaria referida, ficamos a conhecer o que compete à Direção de Serviços de Acesso ao Ensino Superior (DSAES):

a) Desenvolver as ações cometidas pela lei à DGES, no que se refere ao regime geral e aos regimes especiais de acesso e ingresso no ensino superior; b) Desenvolver as ações cometidas pela lei à DGES, no que se refere à avaliação da capacidade para a frequência do ensino superior dos maiores de 23 anos; c) Divulgar a informação acerca dos concursos do regime geral e dos regimes especiais, quer através de guias informativos, quer através da Internet; f) Instruir os processos referentes aos recursos físicos dos estabelecimentos do ensino superior que devam ser objeto de decisão da tutela; (...).

A nível regional, o GES é um organismo que se insere no âmbito da Orgânica da Direção Regional de Juventude e Desporto da Secretaria Regional de Educação e Recursos Humanos, do Governo Regional da RAM.

O gabinete pertence à rede nacional de entidades que promovem, anualmente, o concurso nacional e os regimes especiais de acesso ao ensino superior Público, em colaboração com a Direção-Geral do Ensino Superior do Ministério da Educação e Ciência.

Capítulo 4 – Identificação e Caracterização do Gabinete do Ensino Superior da RAM

4.1. História

O Gabinete do Ensino Superior da RAM iniciou a sua atividade em 18 de Novembro de 1988. Enquadra-se na orgânica da Direção Regional de Juventude e Desporto da Secretaria Regional de Educação e Recursos Humanos.

O GES vem, desde há vários anos, a apoiar, promover e assegurar a realização das candidaturas para o ingresso no ensino superior. O GES presta apoio técnico e especializado e fornece informações e orientações precisas com vista ao sucesso das candidaturas ao ensino superior dos jovens da RAM. Trata-se de um apoio que se pode considerar decisivo para os candidatos ao ensino superior. Na hora de escolher o curso superior e a universidade, decisão importantíssima na vida de um estudante, o Gabinete abre as suas portas para prestar todo o tipo de informações sobre os cursos, os seus objetivos e saídas profissionais, os planos de estudo, as disciplinas, os ramos e as especializações, as universidades, as condições de acesso exigidas, as classificações mínimas de entrada, etc.

São muitos os alunos que não sabem que área seguir no ensino superior. Para estes, o GES disponibiliza um Serviço de Avaliação de Aptidões Profissionais que em muito ajuda os candidatos ao ensino superior a tomar as decisões mais corretas e adequadas ao seu sucesso académico e profissional.

O GES, a par de outras instituições regionais e nacionais, atribui apoios financeiros a estudantes do ensino superior que se encontram a estudar fora da Região e, ainda, a estudantes oriundos do Porto Santo que frequentam, também, o ensino superior em estabelecimentos sediados na RAM.

Conforme determinado na sua Orgânica, o Gabinete tem como principais atribuições no plano da sua divulgação, promover e assegurar a realização, na Região, de ações respeitantes ao acesso ao ensino superior, informação, organização e coordenação; promover a avaliação da aptidão e a orientação dos estudantes da Região para a frequência do ensino superior; promover e assegurar serviço de concessão de apoios financeiros aos estudantes do ensino superior oriundos da Região; apoiar os emigrantes e seus familiares nos processos de equivalência e equiparação de habilitações estrangeiras de nível superior.

4.2. Estrutura Organizacional

O GES é um organismo que se insere no âmbito da Orgânica da Direção Regional de Juventude e Desporto, da Secretaria Regional de Educação e Recursos Humanos, do Governo Regional da Região Autónoma da Madeira.

4.3. Localização e Caracterização do Meio Envoltente

O Gabinete do Ensino Superior encontra-se situado no centro da cidade do Funchal, na Rua das Hortas, nº 18.

O Gabinete encontra-se, ainda, localizado perto das duas maiores escolas secundárias da Região, a Francisco Franco e a Jaime Moniz, o que facilita o acesso por parte da grande maioria dos seus “clientes”.

4.4. Missão, Visão e Valores

O GES, tal como todas as instituições de referência, tem definido pela sua gestão uma missão e uma visão e assenta a sua atuação num conjunto de valores.

Promover iniciativas e ações que conduzam à formação e qualificação de nível superior dos cidadãos e ser um Serviço Público eficiente, transparente e de reconhecida qualidade (GES, 2015).

Com esta missão, o Gabinete pretende revelar, de forma sintética e entendível por toda a população, qual é a sua finalidade, a sua estratégia e os compromissos que qualquer organização assume para com os seus parceiros (“clientes”, fornecedores, colaboradores e a sociedade em geral).

A missão dá um significado à atividade dos funcionários e dirigentes e permite-lhes ver para além da linha do horizonte, para além das suas tarefas diárias. Mostra-lhes, ainda, a importância da sua participação na realização dos objetivos globais que estão cometidos à organização.

Relativamente à Visão, que tem como referência a missão do Gabinete, a gestão do Gabinete definiu-a do seguinte modo:

“INFORMAÇÃO CUIDADA, DECISÃO ACERTADA”.

E, assim, foi definida tendo em atenção que a prestação de um serviço de informação de qualidade é uma das condições fundamentais para poder assegurar o cumprimento da sua missão com sucesso.

No GES, os Valores assumem uma dimensão muito importante já que se constituem como os princípios que guiam a vida do Gabinete, tendo um papel fundamental, quer na forma de poder concretizar os seus objetivos, quer no atendimento das necessidades dos indivíduos.

Ética Profissional: exige-se de todos os funcionários do GES os mais elevados padrões de ética, procurando agir sempre com boa-fé, tendo em conta critérios de honestidade, integridade, imparcialidade e equidade.

Simpatia: a todos os estudantes, familiares e demais que procuram os serviços do GES é dada uma atenção individualizada, praticando sempre a cortesia, simpatia e desenvolvendo permanentemente o culto do sorriso.

Qualidade: a excelência do GES é alcançada através de práticas de eficiência e de eficácia ao serviço da satisfação total dos seus parceiros.

Inovação: o GES procura a capacidade de adotar a novidade e de questionar a rotina. Trata-se de um processo criativo que procura dar resposta às necessidades imprevisíveis dos estudantes e familiares.

O GES, através de um projeto do governo regional, candidatou-se ao primeiro nível da EFQM (*European Foundation for Quality Management*). Esta candidatura teve como principal objetivo a melhoria contínua dos serviços prestados pelo Gabinete e da sua relação com os cidadãos, promover uma gestão integrada dos recursos humanos e a satisfação dos “clientes” com os serviços prestados e, finalmente, garantir uma eficácia e eficiência dos processos internos. Para tal, foram desenvolvidos três projetos: Projeto 1 – Desenvolvimento de um sistema de gestão por pessoas; Projeto 2 – Incremento da divulgação pública do serviço; Projeto 3 – Desenvolvimento de questionários para auscultação de satisfação dos colaboradores.

O Gabinete aceitou o desafio e, depois de um grande esforço e empenhamento de todos os seus colaboradores, alcançou com sucesso o seu principal objetivo, tendo sido certificado com o **1º nível de excelência da EFQM**.

4.5. Serviços Prestados

Os principais serviços prestados pelo GES à comunidade em que se insere são:

- ☞ Promoção e garantia da realização de todas as ações respeitantes ao acesso ao ensino superior na RAM, relativamente ao plano da sua divulgação, informação, organização e coordenação;
- ☞ Divulgação e informação sobre o ensino superior, através de entrevistas no gabinete e sessões nas escolas;
- ☞ Inscrição e realização de provas para pré-requisitos;
- ☞ Promoção da avaliação da aptidão e a orientação dos estudantes da Região para o ingresso e frequência do ensino superior;
- ☞ Organização e coordenação regional do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior Público;
- ☞ Organização e coordenação regional dos Regimes Especiais de Acesso ao Ensino Superior;
- ☞ Promoção do acompanhamento dos estudantes do ensino superior naturais da RAM e desenvolver ações que promovam o sucesso académico dos estudantes;
- ☞ Promoção e garantia, no plano da sua divulgação, organização e gestão, o serviço de atribuição de apoios financeiros aos estudantes do ensino superior provenientes da Região;
- ☞ Promoção do acolhimento e orientação dos estudantes após a conclusão dos seus estudos de nível superior.
- ☞ Orientação, encaminhamento e acompanhamento dos processos de equivalência de graus superiores aos emigrantes e descendentes.

Embora a grande maioria dos seus “clientes” esteja concentrada na Região, o Gabinete acaba por prestar serviços para “clientes” de outras regiões, nomeadamente do Continente e de países estrangeiros, como é o caso da Venezuela e da África do Sul, graças à sua divulgação, através do seu *site* e da sua página do *facebook* na internet.

Outro serviço também prestado pelo GES, em parceria com as escolas da região, são as Sessões de Divulgação e Informação, dirigidas aos estudantes do ensino secundário e, também, do 9º ano de escolaridade. Têm como objetivo estimular e motivar os alunos para a importância da formação de nível superior, bem como prestar esclarecimentos sobre questões relacionadas com os vários concursos de acesso e apoios sociais.

4.6. Caracterização dos Recursos

Tendo assistido ao longo dos últimos anos ao aparecimento de forma acentuada de “clientes” cada vez mais preocupados, atentos e mais exigentes, o Gabinete tem sentido a necessidade de evoluir, relativamente a um conjunto de áreas. Destacam-se “a qualificação e formação do seu capital humano, a simplificação de procedimentos, a objetividade e partilha de informação, a utilização das TIC (tecnologias de informação e comunicação) e a racionalização de recursos financeiros. Estas são condições necessárias, entre outras, para que o Gabinete acompanhe este desígnio nacional, assumindo as responsabilidades que lhe são atribuídas” (Planos de atividades, 2014).

Para conseguir concretizar estas ideias, o Gabinete dispõe de recursos humanos, físicos e financeiros.

4.6.1. Recursos Humanos

A equipa de colaboradores do GES é composta por um diretor, quatro técnicos superiores, uma assistente técnica e três assistentes operacionais. Relativamente a estes, o GES tem como objetivo apostar na clara e contínua formação de todos os seus colaboradores.

4.6.2. Recursos Financeiros

Quanto aos recursos financeiros o gabinete é responsável pelo processo de candidatura e atribuição dos apoios financeiros do Governo Regional para a frequência do ensino superior, para o qual necessita de uma verba anual a rondar os três milhões de euros.

4.6.3. Recursos Físicos

No que diz respeito aos recursos físicos do GES, as instalações deste gabinete são compostas por 2 pisos de um edifício situado na Rua das Hortas, no Funchal. O rés-do-chão destina-se ao atendimento ao público. Tem cinco gabinetes, um wc e um *hall* de entrada. O 1º andar é ocupado pelos serviços administrativos, e é constituído por 1 gabinete com 3 secretárias, 1 sala de arquivo e 1 wc.

Capítulo 5 – Investigação Empírica “Motivação dos Alunos de Nível Secundário em Prosseguir os Estudos para o Ensino Superior”

5.1. Problema de Investigação

O primeiro passo a ser identificado para a realização deste estudo foi o problema central de investigação para delinear o plano de trabalho. Neste sentido, é de salientar que as formulações dos problemas numa investigação definem a pesquisa, são orientadores, colocam limites. Estes problemas devem ser de carácter exequível, claro e pertinente (Guerra, 2006; Sousa, 2005; Hill & Hill, 2002; Bell, 1997; Almeida & Pinto 1980; Lessart-Hébert, 1900). Assim, referimos Graziano e Raulin (1989) “a investigação é um processo de pesquisa, que se procura cuidadosamente colocar uma questão e proceder sistematicamente para recolher, analisar, interpretar e comunicar a informação necessária para responder à questão” (citado por Sousa, 2005, p.12).

O problema de investigação surgiu pela atual condição do país que nos faz refletir, especialmente aos mais jovens, se vale a pena ou não prosseguir os estudos para o nível superior, como podemos reparar sobretudo na pertinência do estudo da nossa investigação. Tal como Sousa (2005) refere, “a investigação parte quase sempre de uma série de premissas (preposições, pressupostos, conhecimentos já adquiridos), que analisa através de um raciocínio logicamente conduzido, utilizando diferentes métodos de procedimento (dedução, indução, argumentação, etc.), para chegar a conclusões, que são os conhecimentos” (p. 13).

O trabalho de investigação teve de ser significativo para o GES, sendo que o resultado deste será tido em conta, o que será uma mais-valia para continuar a prestar os seus serviços. Assim, delinhamos o problema de investigação como: **Perceber as atuais motivações/desmotivações dos jovens de nível secundário para ingressarem no ensino superior.** Para tal, fomos junto de quem vive esta realidade para perceber como se encontram os níveis de motivação destes, bem como de quem os circunda a nível escolar. Foram realizadas entrevistas a diretores de turma, primeiramente às de 9º ano, com o intuito de perceber o que é feito neste ciclo de estudos para a escolha da área do secundário (que terá repercussões para a escolha da área do ensino superior), bem como foram realizadas entrevistas a diretoras de turma de 12º ano, onde tivemos como objetivo perceber a motivação destes alunos e o que fazem para trabalhar essas motivações. Por fim, foram também aplicados questionários aos próprios alunos de 12º ano, onde pretendemos saber qual a importância que atribuem ao ensino superior, quais são as motivações que têm para ingressar neste nível de ensino, quais são os fatores e os agentes

responsáveis pela motivação/desmotivação para prosseguirem os estudos. Através das respostas obtidas pelos diretores de turma entrevistados, bem como pelos estudantes inquiridos, quisemos perceber o que se pode fazer para motivar os alunos a prosseguir o ensino superior.

5.2. Questões de Investigação

As questões de investigação previamente formuladas permitiram conhecer a problemática em estudo. Estas questões organizaram os tópicos do estudo que determinaram a nossa pesquisa sobre o tema (Guerra, 2006; Sousa, 2005; Hill & Hill, 2002; Bell, 1997; Almeida & Pinto 1980; Lessart-Hébert, 1900). Neste âmbito, apresentamos cada uma das questões de investigação:

- 1. Qual é a importância de prosseguir os estudos ao nível do ensino superior?**
- 2. Quais são as motivações que os alunos de nível secundário têm para ingressar no ensino superior?**
- 3. Qual o papel do diretor de turma, enquanto líder, na motivação dos alunos em prosseguir os estudos para o ensino superior?**
- 4. Que fatores desencadeiam as motivações/desmotivações para o ingresso no ensino superior?**
- 5. Quem são os agentes responsáveis pela motivação/desmotivação para o ingresso no ensino superior?**
- 6. Como motivar os alunos a ingressar no ensino superior?**

Assim, foi objetivo central responder a estas questões que nos ajudaram a encontrar o foco deste estudo através da recolha de informações objetivas, realizadas por leituras, bem como recolher testemunhos práticos, fruto da implementação dos questionários, onde foram realizadas relações de interpretação de dados para encontrarmos o máximo de respostas identificadas.

5.3. Objetivos

A investigação empírica teve como objetivo principal conhecer a motivação dos alunos de nível secundário em prosseguir os estudos para o nível superior. Com este estudo, pretendemos comparar e verificar a motivação dos alunos das três principais escolas secundárias da cidade do Funchal, investigar, conhecer, descrever e compreender este fenómeno.

Relativamente aos objetivos específicos, pretendemos identificar os diferentes tipos de motivação, os agentes responsáveis pelas motivações/desmotivações, a importância atribuída em

prosseguir o nível de ensino em causa, que fatores podem desencadear a motivação e desmotivação em prosseguir para o nível de ensino superior e, ainda, perceber como podemos motivar os alunos de nível secundário a ingressarem no ensino superior, através da análise de dados dos questionários e das entrevistas implementadas.

Estes objetivos demonstram o objetivo geral e expressam os resultados do que se pretende atingir, sendo uma sucessão de etapas a alcançar (Guerra, 2006; Sousa, 2005; Hill & Hill, 2002; Bell, 1997; Almeida & Pinto 1980; Lessart-Hébert, 1900).

Com este estudo, pretendemos conhecer as manifestações e as causas mais significativas que originam a motivação e desmotivação para ingressar no ensino superior. Fazendo adotar estratégias e métodos de motivação mais eficazes que contemplem a procura de soluções das dúvidas, interesses e possíveis problemas que pudemos detetar neste estudo, comparando o conjunto de categorias, fruto da análise temática dos conteúdos das entrevistas realizadas a diretores de turma de 9º ano (ver apêndice 5) e diretores de turmas de 12º ano (ver apêndice 6) e questionários implementados (ver apêndice 7), faremos uma análise da teoria e revisão da literatura com os testemunhos práticos das diretoras de turma entrevistadas e dos alunos inquiridos.

5.4. Metodologia da Investigação Empírica

A metodologia utilizada na realização desta investigação empírica foi a qualitativa e quantitativa. Entendemos tal como Bardin (2008) refere que a abordagem qualitativa não tem o mesmo campo de ação da quantitativa. Pois a quantitativa pretende obter dados descritivos por um método estatístico sendo uma análise mais objetiva, fiel e exata o que se torna verdadeiramente útil na validação das hipóteses, assim utilizamos para a análise do conteúdo dos questionários. Relativamente a qualitativa é um procedimento mais maleável, adaptável sendo mais uteis nas fases de lançamento das hipóteses por isso utilizamos sobretudo para as entrevistas.

Utilizamos estas técnicas por querermos expor de forma clara aquilo que realizamos, baseando-nos em conhecimentos pedagógicos adquiridos anteriormente, na pesquisa e revisão da literatura relacionada com a temática do relatório, como a análise documental que permite obter um conhecimento autêntico dos factos dentro do contexto de estudo de forma objetiva.

Para alcançar os objetivos anteriormente propostos realizamos uma participação ativa nas atividades desenvolvidas no GES. Foi necessário recorrer à metodologia de questionário – quantitativa - para a recolha de informação, uma vez que o estudo pretendeu perceber quais as

motivações e desmotivações atuais dos jovens estudantes em prosseguirem os seus estudos para o ensino superior, em resultado de números.

Para a realização do questionário, utilizamos as técnicas aprendidas durante a licenciatura, sobretudo no 1º ano curricular de mestrado. Neste sentido, seguimos as linhas de orientação de Guerra, (2006); Ghiglione & Matalon (2005); Sousa, (2005); Hill & Hill, (2002); Bell, (1997); Almeida & Pinto (1980) e Lessard-Hébert, (1900). Assim, formulamos questões claras, com recurso à linguagem simples e para que fosse possível colocar todos os inquiridos nas mesmas condições. Preocupamo-nos em agrupar as perguntas por temas de sequência lógica, evitando as repetições desnecessárias (Hill & Hill, 2002; Ghiglione & Matalon, 2005; Sousa, 2005).

Na formulação das questões, recorremos mais às de tipo aberto, limitadas por duas linhas, para conseguirmos extrair o máximo de informação relevante para o estudo realizado. Utilizamos também questões de opinião com base da escala de Likert, que continham quatro opções de resposta (Hill & Hill, 2002; Ghiglione & Matalon, 2005; Sousa, 2005).

Relativamente às questões das entrevistas às diretoras de turma de 9º ano, foram de carácter exploratório (Guerra, 2006; Sousa, 2005; Bell, 1997), sendo indispensáveis para percebermos que tipo de motivação é ou não dada aos jovens prestes a ingressar no ensino secundário e que apoio lhes é concedido para a escolha dos cursos nos quais ingressam para o secundário, que determinarão, por sua vez, a entrada para o ensino superior. Às professoras diretoras de turma de 12º ano, questionamos sobre o que é feito para preparar e motivar os alunos para o ingresso no ensino superior.

Estudamos o problema sem qualquer tipo de preconceitos e utilizamos um método científico de explicação dos fenómenos (Sousa, 2005).

5.4.1. Tipo de estudo

Este estudo de caso (Bogdan & Biklen, 1994), investigação empírica, baseou-se numa metodologia mista, uma vez que implicou a metodologia qualitativa, procurando justificações a quantitativa, pelos resultados analisados estaticamente (Guerra, 2006; Sousa, 2005) tratando estes dados no programa SPSS, para podermos obter resultados de forma completa e uma análise fiável (Martinez, 2008; Marôco 2014). Nesta ótica Bardin (2008) afirma que “abordagem quantitativa funda-se na frequência de aparição de determinados elementos da mensagem. A abordagem não quantitativa recorre a indicadores não frequenciais suscetíveis de permitir influências” (p. 140).

5.4.2. Local de estudo

O estudo foi realizado em seis escolas nas três principais escolas secundárias do Funchal da RAM, sendo duas de carácter público e uma de carácter privado e, também, nas três principais escolas de 3º ciclo do Funchal, sendo duas de carácter público e uma de carácter privado.

Para a realização deste estudo, foi pedida autorização ao Secretário Regional da Educação a 2 de Fevereiro de 2015, onde foi explicado, através de um ofício, o objetivo do estudo (ver Apêndice 8), sendo neste anexado uma declaração do Professor Orientador Doutor António Veloso Bento (ver Anexo 2), bem como o guia da entrevista de 12º ano e o de 9º ano e, ainda, o questionário (ver apêndice 7).

5.4.3. Delimitação do Campo de Estudo

Para a realização do estudo nas escolas solicitadas, após ter sido dada autorização por parte da SRE a 4 de Fevereiro de 2015 (ver anexo 3), foi previamente agendada uma reunião com cada Diretor das seis escolas, como podemos ver na tabela que se segue.

Marcação e datas das reuniões com os Diretores das Escolas		
Datas	Horas	Descrição
11-02-2015	9h30	Marcação com o Diretor da Escola 2
11-02-2015	10h10	Marcação com o Diretor da Escola 3
11-02-2015	11h	Reunião com o Diretor da Escola 2
11-02-2015	12h	Reunião com o Diretor da Escola 3
12-02-2015	9h30	Marcação com o Diretor da Escola 1
12-02-2015	10h	Reunião com o Diretor da Escola 1
12-02-2015	11h30	Tentativa de Marcação com o Diretor da Escola 6
12-02-2015	14h	Marcação com o Diretor da Escola 5
13-02-2015	15h	Tentativa de Marcação com o Diretor da Escola 6
16-02-2015	10h	Marcação com o Diretor da Escola 4
16-02-2015	11h	Reunião com o Diretor da Escola 4
16-02-2015	14h	Tentativa de Marcação com o Diretor da Escola 6
19-02-2015	16h45	Reunião com o Diretor da Escola 5
23-02-2015	11h30	Marcação com o Diretor da Escola 6
26-02-2015	15h30	Reunião com o Diretor da Escola 6

Tabela 1 - Datas das marcações e reuniões com os Diretores das seis Escolas.

Relativamente às escolas de nível secundário, foi pedido a cada um dos Diretores das escolas na reunião para escolhermos uma turma de forma aleatória. Para tal, foram escritas as

turmas de 12ºano existentes em cada uma das escolas em papéis pequenos, sendo escolhidas por método de sorteio, assim, automaticamente, a diretora de turma entrevistada foi a da turma que saiu aleatoriamente. Em relação às escolas de nível de 3ºciclo, também foi previamente marcada uma reunião com os diretores de cada escola (ver tabela 2), onde fizemos a escolha da diretora de turma entrevistada por escola de forma aleatória, escrevendo em papéis pequenos o nome de todas as diretoras de turma de 9ºano de cada escola. Acrescentamos que, por coincidência da escolha aleatória, foram todas diretoras de turma, ou seja, do sexo feminino.

Uma vez tendo as turmas e as diretoras de turma identificadas, foi falado com cada uma pessoalmente, sendo dado os contatos telefónicos destas para agendarmos um horário para a realização das entrevistas (ver tabela 3) e um horário para a implementação dos questionários (ver tabela 4), numa das suas horas de aulas, onde tivemos a oportunidade de estar presente e poder responder a dúvidas e curiosidades dos estudantes inquiridos.

Datas de marcações das entrevistas com as Diretoras de Turma das Escolas		
Datas	Horas	Descrição
11-02-2015	14h	Marcação com a Diretora de Turma para a Entrevista da Escola 2
19-02-2015	13h	Marcação com a Diretora de Turma para a Entrevista da Escola 4
20-02-2015	12h	Marcação com a Diretora de Turma para a Entrevista da Escola 3
20-02-2015	14h	Marcação com a Diretora de Turma para a Entrevista da Escola 5
23-02-2015	10h	Marcação com a Diretora de Turma para a Entrevista da Escola 1
27-02-2015	11h	Marcação com a Diretora de Turma para a Entrevista da Escola 6

Tabela 2 - Datas de marcações das entrevistas com as 6 diretoras de turma das seis Escolas.

Datas da Implementação das Entrevistas		
Datas	Horas	Descrição
13-02-2015	13h10	Realização da Entrevista da Diretora de Turma da Escola 2
25-02-2015	13h30	Realização da Entrevista da Diretora de Turma da Escola 3
27-02-2015	11h30	Realização da Entrevista da Diretora de Turma da Escola 4
02-03-2015	11h30	Realização da Entrevista da Diretora de Turma da Escola 1
03-03-2015	10h30	Realização da Entrevista da Diretora de Turma da Escola 5
05-03-2015	9h	Realização da Entrevista da Diretora de Turma da Escola 6

Tabela 3 - Datas da implementação das entrevistas com as 6 diretoras de turma das seis Escolas.

Datas da Implementação dos Questionários		
Datas	Horas	Descrição
09-02-2015	14h	Aplicação do pré-teste a alunos de 12º ano (grupo de explicação)
13-02-2015	12h30	Implementação de questionários aos alunos da Escola 2
20-02-2015	11h	Implementação de questionários aos alunos da Escola 3
23-02-2015	9h	Implementação de questionários aos alunos da Escola 1

Tabela 4 - Datas da implementação dos questionários a 3 turmas de 12º ano de três escolas secundárias do Funchal.

5.4.3.1. Critérios de Seleção do Campo de Estudo

Para a realização deste estudo, foi necessário recorrer a seis escolas da cidade do Funchal, sendo três de nível secundário e três de terceiro ciclo. Para tal, recorreremos à autorização da SRE.

Neste estudo, foi preciso comunicar presencialmente com os seis Diretores de escola, bem como com uma diretora de turma de cada escola previamente selecionada e, ainda, foi necessária a presença de três turmas de 12º ano para a implementação dos questionários, sendo anteriormente pedido e realizado um pré-teste com dez inquiridos de 12º ano de um grupo de exploração do Funchal, estando, assim, este pré-teste num grupo representativo da nossa amostra.

O pré-teste colocará em evidência os problemas na formulação das questões, na sua sequência e na maneira de registar as respostas. Dado que a elaboração e a sequência das questões de uma entrevista estruturada são as mesmas que as da técnica do questionário (Bell, p.246).

Nesta perspetiva, após a elaboração dos questionários a aplicar aos estudantes de secundário, achamos pertinente e necessário realizar um pré-teste a um grupo de 10 elementos de 12º ano com as mesmas características do grupo que íamos implementar os questionários - alunos a frequentar o 12º ano - tendo em conta que a nossa amostra seria de 58 alunos inquiridos. Assim, tornou-se possível identificar que o questionário dava-nos a informação pretendida e identificar alguma lacuna. Verificamos o tempo que necessitaríamos para aplicar o questionário, constatando que demorariam entre os 30-35 minutos. Neste sentido, após termos feito este pré-teste estudando todas as hipóteses de resposta, notou-se que havia uma questão a retificar assegurando assim que o questionário se adaptava a todos os inquiridos.

De acordo com Sousa (2005), o pré-teste (ou questionário piloto) deve ser implementado em todos os instrumentos de recolha de informação. Devem ser sempre testados para podermos saber quanto tempo demora a preencher e também porque permite eliminar algumas questões que não conduzam a dados relevantes para o estudo, sendo ideal testar o questionário com um grupo com as mesmas características ao grupo da amostra. Desta forma, é possível detetar os problemas encontrados pelo grupo do pré-teste, de maneira a que o grupo do estudo real - a amostra - não os sinta. Neste sentido, tivemos em conta o seguinte: quanto tempo levou a completar o questionário, se as instruções estavam claras, se achavam que deveria surgir mais alguma questão, o formulário do questionário estava claro atraente e se tinham algo a sugerir (Sousa, 2005).

5.5. Limitações do estudo

Uma das limitações desta investigação foi o facto de este estudo ter-se restringido apenas à cidade do Funchal, pois seria interessante e enriqueceria o estudo se fosse tido em conta os outros concelhos da RAM, onde existem, igualmente, escolas secundárias e de 3º ciclo. Assim, teríamos contato com outras realidades de alunos no mesmo nível de ensino de 12º ano e de diretores de turma de 9º ano e 12º ano.

A outra limitação sentida neste estudo foi o número de inquiridos e entrevistados, pois seria pertinente poder ter entrevistado mais do que um diretor de turma por escola e mais do que uma turma por escola inquirida.

No entanto, sabemos que a natureza destes estudos de investigação depende muito da disponibilidade das pessoas e do tempo que exige na análise e tratamento de dados, sendo crucial darmos atenção a todas as variantes da investigação para podermos conciliar os tempos.

Por último, a nossa própria postura como investigadores lutou para que este estudo demonstrasse os resultados verdadeiros da investigação realizada, bem como a amostra selecionada fosse representativa ao máximo.

5.6. Instrumentos de Recolha de dados

Para procedermos à recolha de dados utilizamos as seguintes técnicas: entrevistas e questionários, com o objetivo de recolher o máximo de dados para podermos chegar às respostas das perguntas de investigação, previamente elaboradas. Estas técnicas foram as escolhidas por se tratar de instrumentos de recolha de dados adequados aos objetivos delineados, garantindo sempre a confidencialidade dos entrevistados e inquiridos para obtermos respostas fidedignas por parte dos que colaboraram com o nosso estudo, sendo feita, paralelamente, a pesquisa bibliográfica e documental (Guerra, 2006; Sousa, 2005; Bell, 1997).

A entrevista e o questionário são os métodos de colheita de dados correntemente utilizados. Permitem colher informações juntos dos participantes, relativas aos factos, às ideias, aos comportamentos, às preferências, aos sentimentos, às expectativas e às atitudes. A entrevista e o questionário apoiam-se nos testemunhos dos sujeitos, não tendo geralmente o investigador acesso senão ao material que o participante consente em fornecer-lhe (Bell, 1997, p.245).

Relativamente à **técnica da entrevista**, esta exige do entrevistador empatia. Precisamos saber entender a pessoa entrevistada e colocarmo-nos na ótica desta. Assim, para a realização das entrevistas, primeiro selecionamos o que queríamos questionar em tópicos e, a partir daí, formulamos as questões. Em segundo, ordenamos as perguntas e, em terceiro, tivemos em conta que as perguntas não podem influenciar as respostas, nem podem ser ofensivas. Por fim, demos atenção à gestão do tempo da entrevista que não deve exceder os 35 minutos (Guerra, 2006; Sousa, 2005; Bogdan & Bicklen 1994).

Para a implementação das entrevistas, tivemos de obter autorização da Secretaria Regional da Educação e Recursos Humanos, bem como dos diretores das seis escolas e diretores de turma destas que abrange o estudo, sendo dada autorização de gravar em áudio. Foi assegurado um lugar calmo, garantindo a nossa pontualidade, cumprindo o tempo previsto e, em situação de improviso, saber solucionar (Bell, 1997).

É importante referirmos que a entrevista é uma conversa que tem um objetivo de extrair uma determinada informação. O tipo das entrevistas implementadas foram de tipo semiestruturadas, pois já tínhamos a indicação do que queríamos fazer através de um guião previamente elaborado, mas que teve uma margem que permitiu o entrevistado abordar outros subtemas, onde o entrevistador deu tempo para ouvir o entrevistado (Guerra, 2006; Sousa, 2005; Bogdan & Bicklen, 1994). Assim, podemos afirmar que a entrevista permitiu extrair informações ricas, como podemos notar a expressão facial, hesitações e tons de voz.

Neste sentido, é importante referirmos que na investigação qualitativa enfatiza-se a descrição, esta vai à procura de compreensões do tema de estudo e, para tal, precisamos de ouvir (Guerra, 2006; Sousa, 2005; Bogdan & Bicklen, 1994) e conhecer diversas perspetivas, daí fazermos as entrevistas a três diretoras de turma de 9º ano e três diretoras de turma de 12º ano de escolas diferentes e implementarmos questionários com justificações de respostas a três turmas de escolas diferentes do mesmo concelho, sendo estes da metodologia quantitativa, porque achamos pertinente trabalhar resultados em números.

Podemos afirmar que a entrevista foi uma mais-valia, pois é um instrumento de recolha de dados que permite adaptabilidade em função das pessoas que temos a nossa frente (Guerra, 2006; Sousa, 2005; Bogdan & Bicklen, 1994). Tínhamos objetivos a alcançar com as entrevistas realizadas, que estavam registados no guião. As entrevistas gravadas foram transcritas para papel na íntegra (ver apêndice 10).

Para a análise destes dados com as diversas técnicas utilizadas, fizemos a triangulação de dados e apuramos a realidade. Para tal, usamos os resultados obtidos nas entrevistas, questionários e revisão da literatura, apurando os mesmos resultados (Sousa, 2005; Bell 1997). A

nossa investigação é válida porque ao usarmos várias técnicas como a entrevista, a observação e questionários obtemos os mesmos resultados (Sousa, 2005; Bell 1997). A teoria vem confirmar-nos os dados que obtemos, portanto houve uma coincidência dos resultados obtidos com a teoria pesquisada.

O questionário pertence ao método quantitativo. Esta técnica foi escolhida uma vez que era pretendido questionar um grupo grande de indivíduos - no total foram inquiridos 58 estudantes.

A recolha de dados por questionário é um método eficaz na angariação de uma larga quantidade de informação e justifica-se devido ao número de participantes. É de referir que não existe uma forma geral para definir o questionário porque existem diferentes tipos, consoante o que escolhemos de acordo com o nosso estudo (Ghiglione & Matalon 2005; Sousa, 2005; Hill & Hill, 2002).

Para realizarmos o questionário, tivemos de começar pelo suporte teórico, onde pesquisamos estudos que já haviam sido feitos e analisamos o que queríamos realmente saber, (segundo a teoria que já tínhamos pesquisado) e estudamos para depois elaborarmos o corpo do questionário (Sousa, 2005, Hill & Hill, 2002).

Neste sentido, utilizamos as técnicas aprendidas durante a licenciatura e, sobretudo, na unidade curricular do 1º ano de mestrado Investigação em Educação. Assim, seguimos as linhas de orientação, sobretudo de Ghiglione & Matalon (2005); Sousa (2005); Hill & Hill (2002) e de Judity Bell (1997), preocupamo-nos em agrupar as perguntas por temas de sequência lógica, evitando as repetições desnecessárias e não realizar perguntas duplas, bem como questões ambíguas e hipotéticas. Não realizamos suposições nem utilizamos linguagem emotiva. Evitámos questões ambíguas, imprecisas e suposições, de memória; capciosas, hipotéticas e/ou ofensivas que abordem assuntos delicados (Sousa, 2005).

Relativamente aos tipos de perguntas, fizemos questões abertas ou verbais limitando com duas linhas, com o objetivo de poder extrair informação relevante para o estudo que não se consiga fazê-lo nas fechadas, pois estas podem revelar informações úteis, onde conseguíamos perceber os motivos pessoais de cada estudante estar ou não motivado, sendo assim questões de interpretação mais difícil. Realizamos, também, perguntas de estrutura mais complexa, mas que não levantaram grandes dificuldades de análise, como as questões de lista onde apresentamos várias alíneas onde qualquer uma delas podia ser a escolhida. Elaboramos, também, questões de categoria, onde a resposta estava dentro de um grupo de categorias, questões de quantidade, sendo a resposta um número exato ou aproximado e, por fim, questões de grelha, onde

apresentamos uma tabela para registar respostas a uma ou mais questões em simultâneo (Sousa, 2005).

De acordo com Sousa (2005), as respostas de lista, categoria/ordem, escala/quantidade ou grelha são as de melhor formato no processo de análise dos dados. No entanto, as questões fechadas só se podem escolher entre as respostas que são apresentadas dentro destas - a que se enquadra melhor (Sousa, 2005). Nesta perspetiva, as questões de resposta fechada foram colocadas para que fosse possível relacionar ao nível de análise de dados. Assim, em cada questão, existia uma lista de respostas alternativas com a respetiva instrução.

Utilizamos, também, uma questão de opinião para perceber a autoestima com base na escala de Likert que continha quatro opções de resposta, a fim de saber se os alunos discordam totalmente, discordam um pouco, concordam um pouco e concordam totalmente com frases que revelava uma relação com a autoestima e com a motivação de ingressar no ensino superior. Também nestas conseguimos validar respostas dos alunos, porque, segundo as suas afirmações, notámos se coincidiam com as respostas dadas em questões anteriores.

Foi necessário fazermos o levantamento do que queríamos saber, colocando cada questão no local certo. As questões mais difíceis ou que podiam sensibilizar mais os inquiridos, deixamos para o fim do questionário, ordenámo-las, sabendo que um questionário não tem um limite de questões (Ghiglione & Matalon, 2005; Sousa, 2005; Hill & Hill, 2002; Bell, 1997). Assim, realizamos 17 questões, sendo o que achamos necessário questionar para apurar os resultados.

Quando fizemos o pedido de autorização para implementar os questionários bem como as entrevistas, tivemos de explicar que somos alunos de mestrado de AE, que tínhamos um estudo a fazer, o porquê de querermos ir ao local, qual o nosso objetivo, acertando quando iríamos e a que horas. Na introdução do questionário, referimos que este é confidencial, apelando a resposta com sinceridade, e na apresentação das entrevistas, garantimos o anonimato.

Os questionários foram implementados por contacto direto e entregámo-los impressos em folha A4. Quando os estudantes preencheram os questionários, (em sala de aula) as diretoras de turma colaboraram para apresentar o nosso propósito de estudo, tendo sido nos dada a palavra para explicar o estudo aos alunos e deixá-los à vontade. Desta forma, os mesmos puderam tirar dúvidas assegurando um maior número de respostas aos questionários, tendo assim 100% de garantia de respostas.

Esta metodologia implicou um processo moroso mas extremamente enriquecedor, permitindo uma familiarização com o contexto, a observação do seu funcionamento, captando discursos e comportamentos. Neste sentido, referimos Sousa (2005), que afirma que “a paciência

e a perseverança são virtudes indispensáveis ao processo de investigação científica, devendo-se aceitar com naturalidade as falhas e erros que sempre aparecem, sobretudo nas primeiras fases do processo” (p.13).

Tivemos atenção à apresentação do questionário, tendo sido feita uma apresentação cuidada, clara e coerente, estando as perguntas espaçadas, e as hipóteses de respostas apresentadas sempre do lado direito, para ficarem alinhadas.

Após a recolha de todos os questionários, procedeu-se ao tratamento de dados dos mesmos através do programa de estatística SPSS.

Segundo Marôco (2014), a Estatística é “uma ferramenta fundamental para a análise e interpretação de dados, e em particular para a elaboração de conclusões fundamentadas a partir da análise desses dados” (p.ix). Para trabalharmos com este programa, tivemos de ter os conhecimentos básicos. Para tal, usamos como grande referência as obras do autor Marôco (2014) e Martinez (2008). Assim, Marôco (2014) afirma que “basta dominar alguns conceitos elementares de álgebra, da teoria estatística e de utilização de um software de análise de dados, para efetuar análise estatística, ainda que não seja um estatístico por formação”. (Marôco, 2014, p. xi). O mesmo autor refere que “o IBM SPSS Statistics é o software de manipulação, análise e apresentação de resultados de análise de dados de utilização predominantemente nas Ciências Sociais e Humanas” (Marôco, 2014, p. 1).

Durante o processo de análise estatística, deparamo-nos com as variáveis que precisamos medir e controlar durante o trabalho de investigação, para podermos obter os resultados e, a partir destes, interpretarmos (Marôco, 2014; Martinez, 2008).

A análise dos questionários foi complementada com a análise das entrevistas e, posteriormente, refletimos as interpretações dos dados com a revisão da literatura, sendo assim feita a triangulação dos dados que será apresentada no próximo capítulo.

Os questionários implementados seguem a metodologia quantitativa por somar as respostas sim/não, por isso, para a interpretação destes, realizamos gráficos no *software* do SPSS. No entanto, é também qualitativo porque em todas as questões pedimos justificações com o intuito de compreender o porquê, sendo uma metodologia mista.

5.7. População e Amostra

Em estatística, a população não se refere apenas à inteira população a um conjunto de todos os elementos, por exemplo 10 milhões de portugueses, pois na prática é impossível, na maioria das vezes, trabalhar com a população teórica, por isso refere-se também “a grupos de

objetos, eventos, observações ou outras “coisas” que podem ser agregáveis e sobre a(s) qual(is) estamos interessados em generalizar” (Marôco, 2014, p. 8).

Por isso, usamos nas investigações estatísticas, maioritariamente, grupos restritos que podem ser realmente acedidos, sendo designados por população do estudo - no nosso caso, a população de estudo foi estudantes de 12º ano de ensino regular.

Estando a população de estudo identificada, é ainda necessário definir a amostra. Para tal, precisamos pensar “como vão ser selecionados os sujeitos ou objetos que constituem a **amostra**, isto é, que tipo de amostragem vai ser feita, vão ser selecionados ao acaso, todos os indivíduos? Através da internet? Nas escolas? Etc” (Marôco, 2014, p. 8). Assim, a nossa amostra foi feita nas três principais escolas de nível secundário do Funchal, de forma aleatória, sorteando todas as turmas de 12º ano de cada escola para obtermos uma turma de cada escola.

A amostra é uma parte da população, possuidora de todas as características desta, representando-a na sua totalidade e generalização. Tem de ser representativa, ou seja, tem de ter as mesmas características e as mesmas proporções, todos os elementos têm de ter a mesma probabilidade de serem escolhidos. A dimensão tem de possuir uma amplitude proporcional à amostra. (Marôco, 2014; Martinez, 2008).

Neste sentido, a amostra foi representativa da população do estudo, estando constituída para que as conclusões obtidas da caracterização da amostra fossem generalizáveis para a população teórica (Marôco, 2014; Martinez, 2008; Sousa, 2005).

5.8. Caraterização da Amostra

Escolas	Inquiridos	Masculino	Feminino
Escola1	19	9	10
Escola 2	22	9	13
Escola 3	17	3	14
Total	58	21	37

Tabela 5 – Total de inquiridos, segundo o género, por escola.

Nas Ciências de Educação, vários autores recomendam uma amostragem com o mínimo de 30 elementos para que a análise a nível estatístico seja fiável (Ghiglione e Matalon, 2005; Sousa, 2005; Hill & Hill, 2002 e Bell, 1997).

Sabemos que o nosso estudo poderia abranger um número demasiado grande. Assim, para que fosse possível realizar o estudo de investigação e chegar a todos os elementos que pretendemos para o estudo, tivemos de seleccionar uma amostra para esta ser representativa.

Assim, escolhemos os sujeitos para que todos os elementos da população tenham a mesma probabilidade de fazer parte da amostra; a dimensão da amostra teve uma amplitude proporcional à dimensão da população. De acordo com Sousa (2005),

Quando a população alvo do estudo possui uma dimensão demasiado grande para que os procedimentos da investigação possam ser aplicados a todos os seus elementos, recorre-se à selecção de uma amostra, possuidora de todas as características da população, trabalhando-se apenas com os sujeitos da amostra (p. 65).

A nossa amostra é constituída por 58 estudantes de nível secundário, sendo este total de três turmas das 3 escolas principais secundárias do Funchal. A escola 1 é de carácter privado, onde foram inquiridos 19 alunos e as escolas 2 e 3 são escolas públicas. Na escola 2 foram inquiridos 22 alunos e na escola 3 foram inquiridos 17 alunos. É também constituída por 6 entrevistados sendo 3 diretores de turma de 9ºano e 3 diretores de turma de 12º ano.

Na escola 1 existem quatro turmas de 12º ano, na escola 2 há vinte e seis turmas de 12º ano e escola 3 vinte e sete turmas de 12º ano, sendo escolhida uma de forma aleatória em sorteio, em colaboração com o Diretor de cada escola.

Nesta perspetiva, para a nossa amostra, ponderamos quem iríamos entrevistar e implementar os questionários, tivemos em conta a sua dimensão, quantos inquiridos íamos implementar por escola, e professores entrevistados. Procuramos, sempre, conhecer a nossa amostra tanto nas questões do questionário, como das entrevistas com questões de conhecimento a nível da idade, sexo, nível escolar, entre outras. Nesta perspetiva, referimos Sousa (2005):

Na caracterização de uma população interessará definir-se: - a sua natureza (alunos, professores, pais, escolas, etc.); - a sua dimensão (número dos seus elementos); - o seu âmbito (o que pertence e não pertence à população); procurando-se, sempre que possível, incluir variáveis relativas à idade, ao sexo, à raça, à nacionalidade, ao nível escolar, nível socioeconómico-familiar, etc (p. 65).

5.9. Tipos de Amostragem

Existem dois tipos de amostragem. A Probabilística, onde exige o rigor científico (escolhemos em termos de números), e a Não Probabilística, onde não há rigor científico (escolhemos a nosso critério).

No nosso estudo, o tipo de amostragem é a probabilística, ou também designada aleatória. Neste tipo de amostragem, as amostras são adquiridas de forma aleatória, sendo que a probabilidade de cada elemento da população fazer parte da amostra é a mesma para todos os elementos, e todas as amostras selecionadas são igualmente prováveis. Neste sentido, achamos importante mencionar que os tipos mais comuns de amostragem probabilística são: amostragem aleatória simples; amostra aleatória estratificada, proporcional ou por quotas; amostragem aleatória sistemática; amostragem por conglomerados, grupos ou áreas e amostragem aleatória multi-etapa (Marôco, 2014; Sousa, 2005; Bell, 1997).

Dos tipos de amostragem probabilística, o nosso tipo é o de amostragem aleatória multi-etapa, pois esta é realmente bastante comum em ciências sociais, onde se utilizam combinações de dois ou mais métodos de amostragem probabilística. Neste sentido, utilizamos dois, o de amostragem aleatória estratificada, proporcional ou por quotas, pois a população do estudo foi dividida em subgrupos homogêneos (estudantes de 12º ano, uma turma de cada escola das três escolas principais do Funchal), “sendo a amostra final constituída por amostragem aleatória simples dos elementos pertencentes a cada um dos subgrupos homogêneos. Este tipo de amostragem garante, assim, a representatividade de todos os grupos eventualmente *sui generis* (e.g., minorias étnicas) existentes na população teórica” (Marôco, 2014 p. 10), e o tipo de amostragem aleatória por conglomerados, grupos ou áreas, pois

a população do estudo foi dividida em subgrupos exaustivos e mutuamente exclusivos que apresentam uma variabilidade semelhante à encontrada na população. A amostra final é depois obtida por extração aleatória simples dos subgrupos. Este tipo de amostragem é particularmente útil quando os elementos da população teórica se encontram distribuídos por vastas zonas geográficas. Para eliminar os muitos Km de estrada que seria preciso fazer se a amostragem fosse aleatória simples, o investigador pode selecionar subgrupos ou zonas dessa área (por exemplo freguesias) e obter dessas zonas os elementos da sua amostra (Marôco, 2014 pp. 10 e 11).

Por isso, foi escolhido o concelho do Funchal, as três principais escolas secundárias, escolhendo uma turma de cada escola de forma aleatória, colocando em sorteio todas as turmas de 12º ano de cada escola.

5.10. Cuidados Éticos

No pedido de autorização, bem como no ato da implementação das entrevistas e dos questionários, fizemos uma apresentação onde foi explicado que somos alunos de mestrado em

Administração Educacional do 2º ano, da Universidade da Madeira, sendo o orientador de estudo o Professor Doutor António Veloso Bento, tendo sempre presente

a delicadeza, a gentileza, a deferência, as boas maneiras e o máximo respeito, deverão pautar todas as situações relacionais com os alunos, com os pais, com os professores, com as direções, com as instituições e com todos os demais que possam de algum modo estar ligados aos procedimentos da investigação (Sousa, 2005, p. 22).

Assim, foi referido ao grupo que colaborou na nossa investigação que pretendíamos realizar um estudo no âmbito do projeto de relatório de estágio que tinha como objetivo identificar quais são as motivações que os jovens da RAM sentem em prosseguir os estudos para o ensino superior, sublinhando que a colaboração, tanto dos diretores de escola, diretores de turma e estudantes de 12º ano, seria fundamental. Pois, tal como Sousa, 2005 refere, “interessa que todos os participantes sintam que a sua colaboração é desejável e imprescindível, numa investigação que permitirá colher conhecimentos importantes para o progresso da educação” (p.24).

Foi assegurado o sigilo e anonimato dos dados recolhidos, referindo que apenas a investigadora e os seus colaboradores mais chegados, tal como refere Sousa (2005) terão acesso à informação recolhida, pelo que é garantida a confidencialidade dos dados, garantindo que o nosso objetivo será alcançado com base em princípios éticos e deontológicos. Fazendo um apelo que, para o estudo traduzir a realidade, é importante que respondessem com sinceridade.

5.11. Tratamento de dados

A fase de recolha de tratamento dos dados é a fase mais demorada pois é a que exige mais dedicação, cuidado e atenção por parte do investigador (Sousa, 2005).

Quando se faz uma investigação científica é preciso ter cuidados, como o de não distorcer dados. Temos de os validar, ou seja, se são ou não reais. Uma das formas de os validar é através da observação - vamos confirmar se é verdade ou não, - outra forma de validar os dados é colocando as mesmas questões do questionário (repetidas), mas com enunciação diferente.

A investigação pressupõe passar maiores envolvimento pois trata-se de um tipo de metodologia que não se baseia só nas referências bibliográficas, é um trabalho profundo. Através da investigação o conhecimento científico vai mais além porque pressupõe o raciocínio, a mais importante característica humana. Assim tal como Bardin (2008) defende que para haver rigor, na investigação os resultados são submetidos a provas estatísticas e a testes de validação, neste

sentido “o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então prepor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos” (p.127).

Os resultados de investigação não são definitivos porque o que é hoje, amanhã pode já não ser, altera-se repentinamente (os pensamentos mudam). Uma investigação científica é sempre validada quando se chega a uma conclusão real. (Guerra, 2006; Sousa, 2005; Almeida & Ringo, 1980; Bell 1997).

A investigação é um processo de pesquisa onde existe uma questão. A fase final da investigação é a divulgação dos dados e, para tal, precisamos de os analisar com rigor.

É relevante referirmos que uma investigação é válida quando a amostra é representativa, quando os dados recolhidos apresentam diversidades, quando de algum modo podemos generalizar alguma coisa e quando um outro investigador vai estudar um assunto e apura o mesmo (Guerra, 2006; Sousa, 2005; Almeida & Ringo, 1980; Bell 1997).

Para o tratamento dos dados dos questionários, utilizamos o *software* de estatística SPSS, onde primeiramente criamos uma base de dados com todas as questões dos questionários, criando assim as variáveis. Posteriormente, introduzimos os dados dos questionários um a um, estando estes enumerados. Após a base de dados criada e os dados devidamente introduzidos, fizemos uma validação dos dados para verificar se não havia valores absurdos, confirmando-os (Marôco, 2014; Martinez, 2008). E, por fim, passamos a criação de gráficos (barras, circulares e tabelas) e respetiva análise e interpretação.

Relativamente ao tratamento das entrevistas, fizemos a transcrição na íntegra para o papel através da gravação áudio (ver Apêndice 10), colocadas em apêndice, onde, no capítulo VI- Apresentação dos Resultados da Investigação, - registamos os principais testemunhos destas.

Para o tratamento das entrevistas recorremos a técnica da análise de conteúdo defendida por Bardin (2008), sendo que as categorias e subcategorias de análise emergiram da transcrição das entrevistas.

Os tratamentos dos dados foram complementados com a triangulação de dados, vendo o que apuramos dos questionários, das entrevistas e da revisão da literatura, no qual concluímos que havia relações semelhantes sempre apurando o mesmo resultado, tanto na revisão da literatura, nos questionários e entrevistas.

É pertinente referir que, tanto no momento de implementar as técnicas de investigação, bem como no tratamento dos dados, fomos neutros pois não tínhamos ideias pré-concebidas para extrair resultados. Assim, procuramos que o nosso estudo fosse útil e contribuísse para o progresso da humanidade científico e, conseqüentemente, da educação.

Capítulo 6 - Apresentação dos Resultados da Investigação

6.1. Apresentação, Análise e Interpretação dos Resultados da Investigação

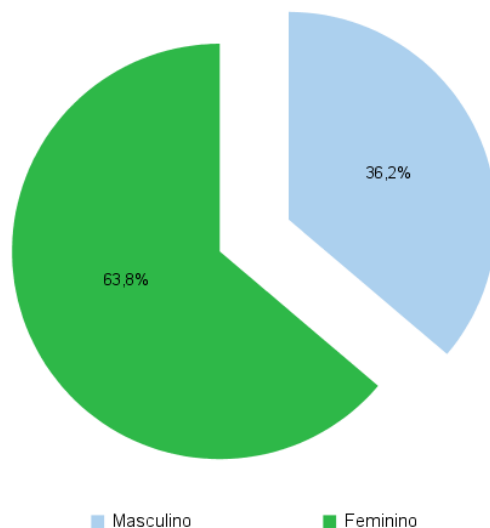


Gráfico 1 – Distribuição da amostra em função do género.

A população inquirida é composta por 58 indivíduos, observando-se uma predominância do género feminino. Neste sentido podemos verificar que 63,8% dos indivíduos são do género feminino e 36,2% do género masculino.

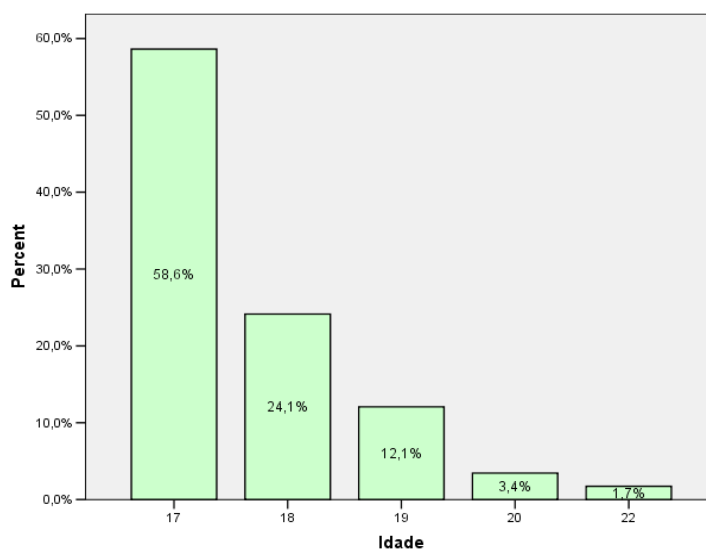


Gráfico 2 – Distribuição da amostra em função da idade.

Numa análise por idade, constata-se que a maioria dos inquiridos (58,6%) tem 17 anos, 24,1% encontram-se com 18 anos e 12,1% com 19 anos. Por outro lado, somente 5,1% tem 20 ou mais anos.

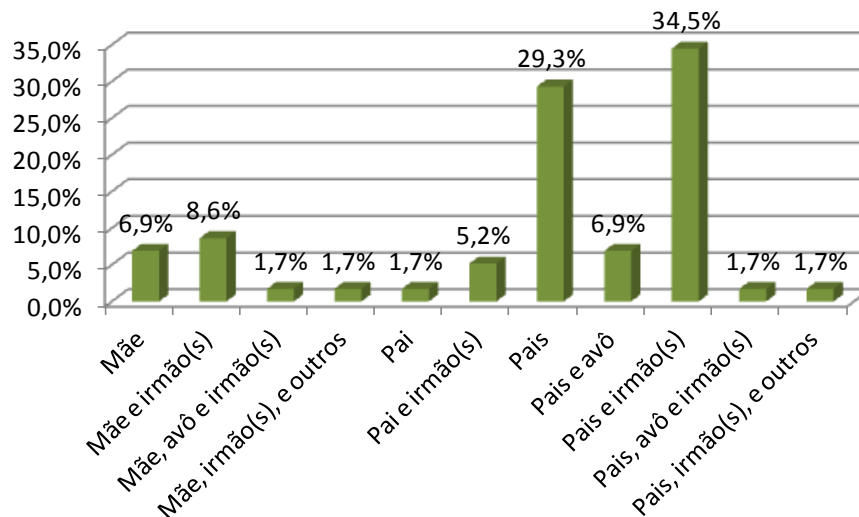


Gráfico 3 – Distribuição da amostra em função de com quem vivem.

Quando questionados com quem vivem, 34,5% dos alunos responderam com os pais e irmão(s) e 29,3% com os pais.

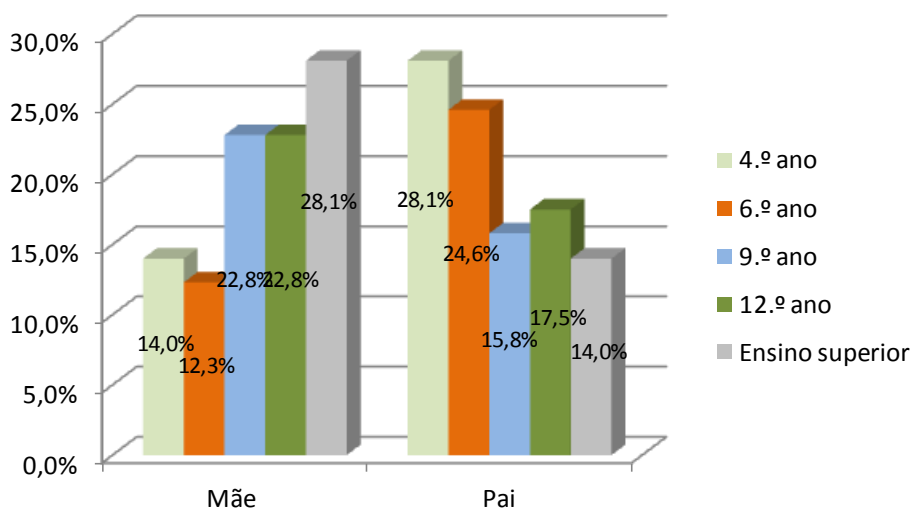


Gráfico 4 - Distribuição da amostra em função do nível de escolaridade dos pais.

Em relação ao nível de escolaridade dos progenitores, verifica-se que 28,1% das mães têm um curso superior e 22,8% o ensino secundário e o 3.º ciclo do ensino básico. Na análise da

escolaridade dos pais, observa-se que 28,1% tem o 1.º ciclo, 24,6% o 2.º ciclo e, somente, 14,0% o ensino superior.

Profissão					
	Quadros superiores das empresas e especialistas de profissões intelectuais e científicas	Pessoal administrativo e Pessoal dos serviços e vendedores	Trabalhadores da agricultura e pescas	Operários, artificies e Operários de instalações e máquinas	Trabalhadores não qualificados
Mãe	26,9%	44,2%	-	-	28,8%
Pai	24,5%	24,5%	5,7%	15,1%	30,2%
Avós	10,3%	6,9%	8,6%	-	74,1%
Irmãos	14,3%	71,4%	-	-	14,3%
Outro	100,0%	-	-	-	-

Tabela 6 - Distribuição da amostra em função da profissão dos pais.

Podemos verificar que são as mães que têm maiores níveis de habilitações, sendo estas que apoiam mais os seus filhos a prosseguirem os seus estudo em relação aos Pais (ver gráfico 9) pois, na questão de quem os apoia a estudar, a maior % é a dos pais, e quando comparado a Mãe com o Pai, a maior % é a da mãe.

Analisando as profissões dos progenitores dos alunos inquiridos, verifica-se que a maioria das mães (44,2%) pertence ao grupo profissional do pessoal administrativo e pessoal dos serviços. Em relação a profissão dos pais, verificamos que 30,2% pertencem ao grupo do pessoal não qualificado.

Para a análise das profissões dos progenitores, foi tido em conta a **Classificação Portuguesa das Profissões (CPP / 2010)**.

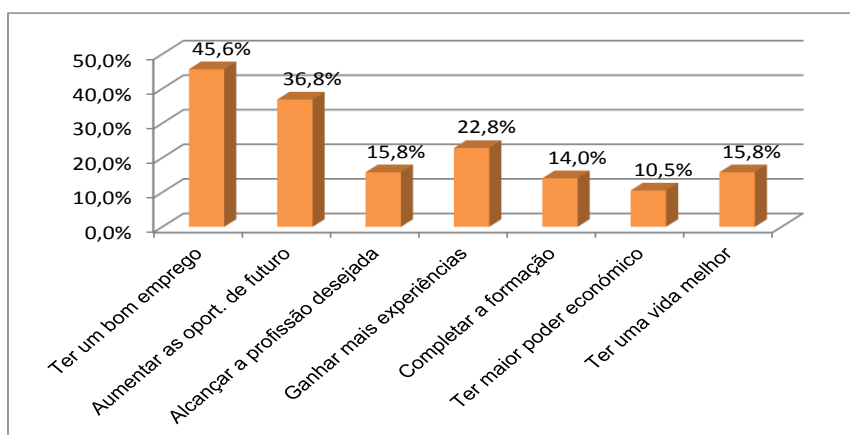


Gráfico 5 - Distribuição da amostra em função das justificações da importância de prosseguir os estudos.

Respondendo à nossa questão de investigação n° 1 - “Qual é a importância de prosseguir os estudos ao nível do ensino superior?”, - notamos que 98,3% dos alunos inquiridos acha importante prosseguir os estudos para o ensino superior. As principais justificações dadas pelos alunos foram “ter um bom emprego”, com 45,6% de resposta, seguindo-se “aumentar as oportunidades de futuro” e “ganhar mais experiências”, com 36,8% e 22,8% de respostas, respetivamente. Por outro lado 1,7% não considera importante, tendo como justificação que “o ensino superior não assegura o futuro”.

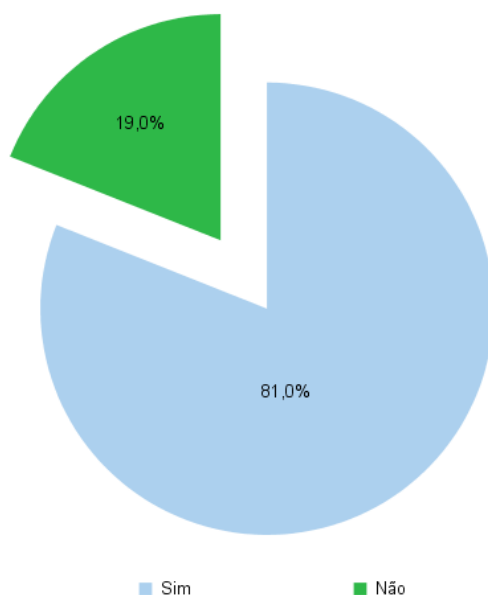


Gráfico 6 - Distribuição da amostra em função da motivação para ingressar no ensino superior.

Quando questionados se estão motivados para ingressar no ensino superior - resposta à questão de investigação n° 2 “quais são as motivações que os alunos de nível secundário têm para ingressar no ensino superior?”, verificamos que 81,0% responderam sim e 19,0% responderam que não estão motivados.

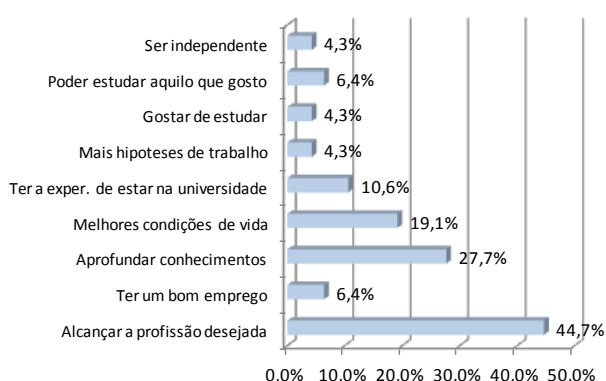


Gráfico 7 – Distribuição da amostra em função das justificações dos alunos motivados.

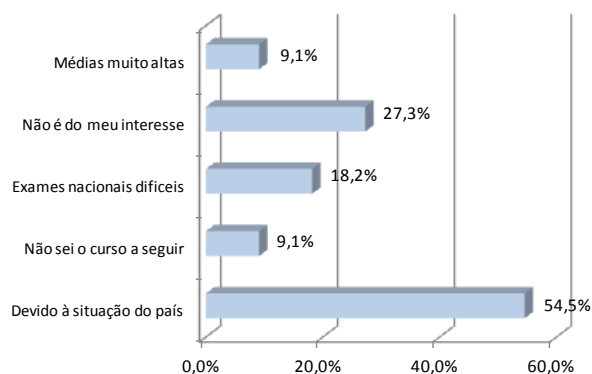


Gráfico 8 – Distribuição da amostra em função das justificações dos alunos que não estão motivados.

Da totalidade dos que responderam que estão motivados, as principais justificações foram **“Alcançar a profissão desejada”** e **“Aprofundar conhecimentos”**, referidos por 44,7% e 27,7% dos alunos. Por outro lado, da totalidade dos que referiram que não estão motivados para ingressar no ensino superior, o principal motivo foi **“devido à situação do país”**, com 54,5% dos alunos.

		Habilitações da mãe					Habilitações do pai				
		4º ano	6º ano	9º ano	12º ano	Ensino superior	4º ano	6º ano	9º ano	12º ano	Ensino superior
Estás motivado para ingressar no ensino superior?	Sim	75,0%	71,4%	84,6%	76,9%	87,5%	75,0%	57,1%	88,9%	100,0%	100,0%
	Não	25,0%	28,6%	15,4%	23,1%	12,5%	25,0%	42,9%	11,1%	0,0%	0,0%

Tabela 7 – Distribuição da amostra, segundo as habilitações da mãe e pai, se está motivado para ingressar no ensino superior.

A maior percentagem de desmotivação é a dos inquiridos que têm Mães com qualificações mais baixas. Da totalidade dos inquiridos cujas Mães têm como habilitações literárias o 4º ano, 25% estão desmotivados. Enquanto que, 18,2% dos inquiridos que afirma estar desmotivado tem a mãe com licenciatura.

Salientamos, também, que em relação às habilitações literárias dos pais, a totalidade (100%) dos alunos que os pais têm 12º ano ou uma habilitação superior estão motivados. Pelo contrário, os pais que têm habilitações baixas (4º ano), 25,0% estão desmotivados.

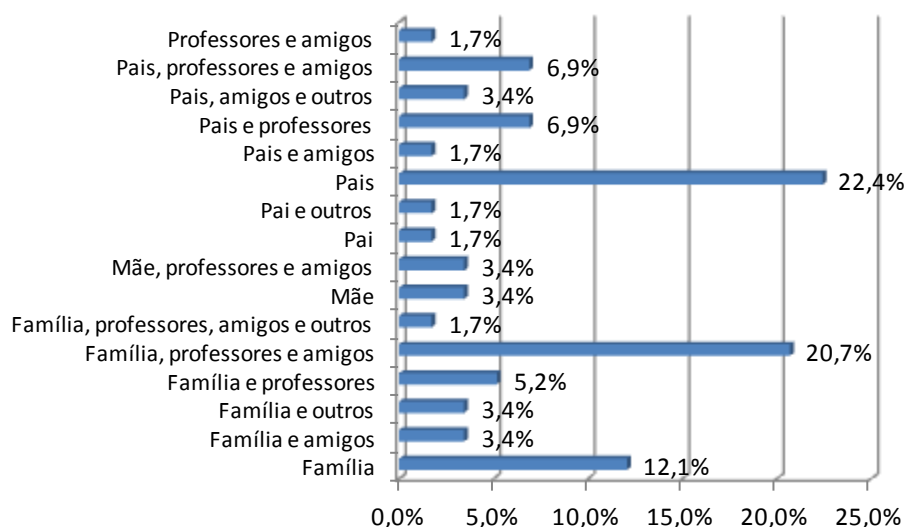


Gráfico 9 - Distribuição da amostra em função de quem os apoia para poderem estudar.

Quando questionado aos inquiridos se durante o percurso escolar sentiram-se apoiados para continuar os estudos, notamos que a totalidade (100%) dos alunos referiram que, durante o percurso escolar, sentiram-se apoiados.

Neste sentido, foi questionado “**quem te apoia para poderes estudar?**”, 22,4% referiram os pais, 20,7% família, professores e amigos e, 12,1%, a família.

		Habilitações da mãe					Habilitações do pai				
		4º ano	6º ano	9º ano	12º ano	Ensino superior	4º ano	6º ano	9º ano	12º ano	Ensino superior
Quem te apoia para poderes estudar?	Mãe	0,0%	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Pai	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Pais	7,7%	15,4%	23,1%	23,1%	30,8%	30,8%	15,4%	15,4%	15,4%	23,1%

Tabela 8 – Distribuição da amostra segundo as habilitações da mãe e pai, por quem os apoia para poderem estudar.

Verificamos que os inquiridos que referiram que só a Mãe os apoia para poderem estudar, estas têm habilitações médias/altas - 50% com 12º ano e 50% com o ensino superior. Podemos notar, ainda, que as habilitações literárias do Pai destes inquiridos têm habilitações muito baixas - 4ª classe com 50% e 6º ano com 50%.

Relativamente aos alunos que referiram que os Pais são os únicos que os apoiam, notamos que mais da metade, 53,8%, das Mães têm habilitações de níveis mais altos com 12º ano ou com Bacharelato, 7,7%, e licenciatura 23,1%.

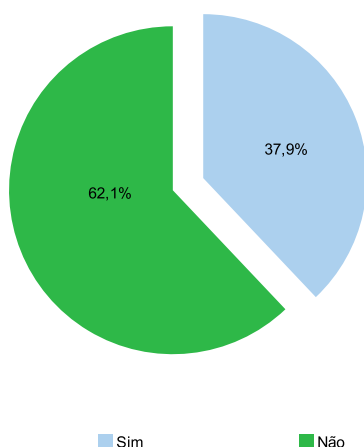


Gráfico 10 - Distribuição da amostra em função se usufruem de escalão escolar.

Para conhecer a amostra e perceber possíveis relações dos fatores que os motivam a ingressar no ensino superior, quisemos conhecer se os alunos usufruem de algum escalão escolar, respondendo, assim, à questão de investigação nº 4 - **“Que fatores desencadeiam as motivações/desmotivações para ingressar no ensino superior?”**. Neste sentido, analisamos que 37,9% dos alunos inquiridos usufruem de um escalão escolar.

		Ao concluir o ensino secundário pensas que estarás preparado para ingressar no ensino superior?	
Usufruis de algum escalão escolar		Sim	Não
Sim		90,9%	9,1%
Não		75,0%	25,0%

Tabela 9 – Distribuição da amostra segundo se os alunos pensam que estarão preparados para ingressar no ensino superior, porque usufruem de escalão escolar.

Dos alunos inquiridos que usufruem de um escalão escolar, 90,9% pensam que estarão preparados para ingressar no ensino superior. Dos que não usufruem de escalão, 25,0% pensam que não estarão preparados para o ingresso no ensino superior.

Assim, podemos notar o fator económico, pois, os que não recebem escalão escolar, são os que não estão preparados, sendo que os que estão preparados podem-no não ser abrangidos por receber escalão escolar.

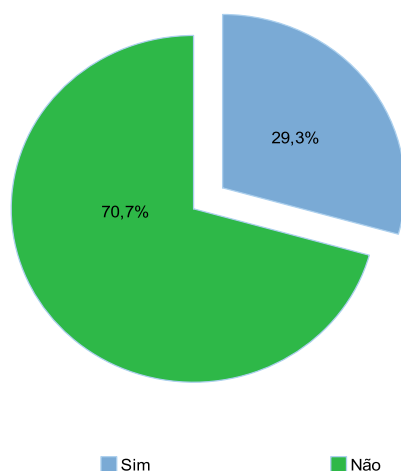


Gráfico 11 - Distribuição da amostra em função do rendimento escolar.

Quisemos, também, conhecer o rendimento escolar dos alunos inquiridos. Neste sentido, notamos que 70,7% não apresentam qualquer reprovação no seu percurso escolar.

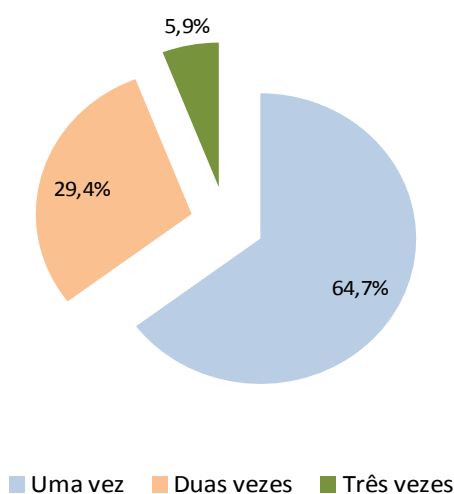


Gráfico 12 - Distribuição da amostra em função de quantas vezes reprovou de ano.

Dos que reprovaram, 64,7% fizeram-no por uma vez, 29,4% duas vezes e 5,9% por três vezes.

Alguma vez reprovaste de ano?	Estás motivado para ingressar no ensino superior?		Ao concluir o ensino secundário pensas que estarás preparado para ingressar no ensino superior?	
	Sim	Não	Sim	Não
Sim	58,8%	41,2%	70,6%	29,4%
Não	90,2%	9,8%	85,4%	14,6%

Tabela 10 – Distribuição da amostra segundo se estão motivados e se pensam que estarão preparados para ingressar no ensino superior, e se por alguma vez reprovou de ano.

Observa-se que 90,2% dos inquiridos que não apresentam qualquer reprovação estão motivados para ingressar no ensino superior. Por outro lado, dos que já reprovaram durante o seu percurso escolar, 58,8% estão motivados e 41,2% não estão motivados a ingressar no ensino superior.

Quando relacionamos o percurso escolar com o fator estar preparado para o ingresso no ensino superior, verifica-se que, dos que nunca reprovaram (85,4%), pensam estar preparados para ingressar.

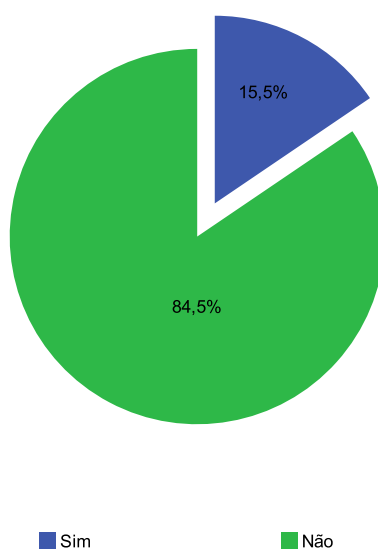


Gráfico 13 - Distribuição da amostra em função de negativas no ano letivo anterior.

Reparamos, com a análise realizada, que somente 15,5% dos alunos transitaram com negativas no ano letivo anterior, sendo que a totalidade destes chumbou numa disciplina.

		Estás motivado para ingressar no ensino superior?	
		Sim	Não
Alguma vez reprovaste de ano?	Sim	58,8%	41,2%
	Não	90,2%	9,8%

Tabela 11 – Distribuição da amostra segundo se estão motivados para ingressar no ensino superior, por que alguma vez reprovaram de ano.

Dos inquiridos que reprovaram alguma vez de ano, 58,8% está motivado para ingressar. Por outro lado, dos alunos que nunca reprovaram de ano, somente 9,8% não está motivado para ingressar no ensino superior.

Nota-se que, os alunos que nunca reprovaram de ano letivo durante o seu percurso académico estão fortemente motivados e preparados para ingressar no ensino superior, enquanto que os alunos que passaram por reprovações ao longo do seu percurso escolar são os que apresentam maior percentagem de desmotivação e não se sentem tão preparados quanto os primeiros.

		Estás motivado para ingressar no ensino superior?	
		Sim	Não
No ano letivo anterior transitaste com negativas?	Sim	77,8%	22,2%
	Não	81,6%	18,4%

Tabela 12 – Distribuição da amostra segundo se estão motivados para ingressar no ensino superior, por que no ano letivo anterior transitaram com negativas.

Verificamos que a maior parte dos alunos motivados são aqueles que transitaram o ano letivo anterior sem negativas.

	Discordo totalmente	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo totalmente
1. De forma geral estou satisfeito com o meu percurso académico.	1,7%	13,8%	48,3%	36,2%
2. Às vezes penso que não vou conseguir ingressar na universidade.	10,3%	25,9%	53,4%	10,3%
3. Penso que tenho algumas boas qualidades.	1,7%	5,2%	37,9%	55,2%
4. Sou capaz de fazer as coisas tão bem como a maioria das pessoas.	0,0%	8,6%	41,4%	50,0%
5. Gosto de estudar.	15,5%	39,7%	29,3%	15,5%
6. Pretendo ingressar no ensino superior.	1,7%	8,6%	17,2%	72,4%
7. Acho que ingressar na universidade é só para quem tem possibilidades económicas.	35,1%	26,3%	31,6%	7,0%
8. Só os jovens é que podem ingressar na universidade.	79,3%	15,5%	5,2%	0,0%
9. Há um perfil único do estudante universitário.	74,1%	15,5%	8,6%	1,7%
10. Tenho uma atitude positiva para com a minha pessoa.	0,0%	10,3%	44,8%	44,8%
11. Por não gostar de matemática ou de redigir textos muito longos é um impedimento para ingressar na universidade.	58,6%	17,2%	17,2%	6,9%
12. Só ingressa na universidade aquele que tem um familiar que já frequentou a universidade.	94,8%	3,4%	1,7%	0,0%

Tabela 13 – Distribuição da amostra por níveis de motivação e autoestima dos alunos.

De acordo com a escala de Likert, elaboramos uma questão no questionário implementado onde quisemos perceber os níveis de motivação dos alunos atualmente inscritos no ensino secundário para ingressar no ensino superior, onde utilizamos esta questão para verificarmos e assegurar a veracidade de respostas.

Assim, podemos verificar que, pela análise da tabela seguinte, os alunos inquiridos estão mais de acordo com o ponto **“6. Pretendo ingressar na universidade”**, o que realmente coincide pois mais de metade dos alunos inquiridos acham importante e querem ingressar na universidade. Concordam mais, também, com o ponto **“3. Penso que tenho algumas boas qualidades”**, em que 72,4% e 55,2% dos alunos responderam “concordo totalmente”, notando aqui também uma relação na motivação de ingressar no ensino superior com a autoestima dos alunos, sendo que os que acreditam ter boas qualidades são os que estão mais motivados.

Por outro lado, os pontos em que os inquiridos menos concordam são o **“12. Só ingressa na universidade aquele que tem um familiar que já frequentou a universidade”**, onde 94,8% referem “discordo totalmente”, seguindo-se o **“9. Há um perfil único do estudante universitário”** (79,3% responderam discordo totalmente).

Nota: Os valores apresentados na tabela 14 são valores médios que variam entre 1- discordo totalmente e 4- concordo totalmente.

	Estás motivado para ingressar no ensino superior?	
	Sim	Não
1. De forma geral estou satisfeito com o meu percurso académico	3,21	3,09
2. Às vezes penso que não vou conseguir ingressar na universidade	2,55	3,00
3. Penso que tenho algumas boas qualidades	3,51	3,27
4. Sou capaz de fazer as coisas tão bem como a maioria das pessoas	3,49	3,09
5. Gosto de estudar	2,57	1,91
6. Pretendo ingressar no ensino superior	3,85	2,55
7. Acho que ingressar na universidade é só para quem tem possibilidades económicas	1,96	2,73
8. Só os jovens é que podem ingressar na universidade	1,26	1,27
9. Há um perfil único do estudante universitário	1,38	1,36
10. Tenho uma atitude positiva para com a minha pessoa	3,30	3,55
11. Por não gostar de matemática ou de redigir textos muito longos é um impedimento para ingressar na universidade	1,60	2,27
12. Só ingressa na universidade aquele que tem um familiar que já frequentou a universidade	1,06	1,09

Tabela 14 – Distribuição da amostra segundo se está motivado para ingressar no ensino superior por níveis de motivação e autoestima dos alunos.

Analisamos, também, que em relação ao ponto **“6. Pretendo ingressar no ensino superior”**, observa-se que os alunos que estão motivados concordam mais com este ponto dos que não estão motivados, sendo que os que estão motivados apresentam um valor médio de 3,85. **Sendo que 1 – discordo totalmente e 4 – concordo totalmente.**

Nota-se que a média de estarem motivados relaciona-se com a autoestima, pois quanto maior é a autoestima, mais alta é a motivação de ingressar no ensino superior. Assim, notamos a média de 3,49 de alunos motivados que responderam **“4. Sou capaz de fazer as coisas tão bem como a maioria das pessoas”** e 3,21 **“1. De forma geral estou satisfeito com o meu percurso escolar”**.

Por outro lado, os inquiridos que não estão motivados concordam mais com o ponto **“7. Acho que ingressar na universidade é só para quem tem possibilidades económicas”**, com a média de 2,73, e com o ponto **“11. Por não gostar de matemática ou de redigir textos muito longos é um impedimento para ingressar na universidade”**, com a média de 2,27.

Podemos, também, verificar que os alunos que estão motivados em ingressar no ensino superior são os que estão mais de acordo com o ponto “**5. Gosto de estudar**”, sendo que estes apresentam uma média de 2,57, e os que não estão motivados apresentam uma média de 1,91.

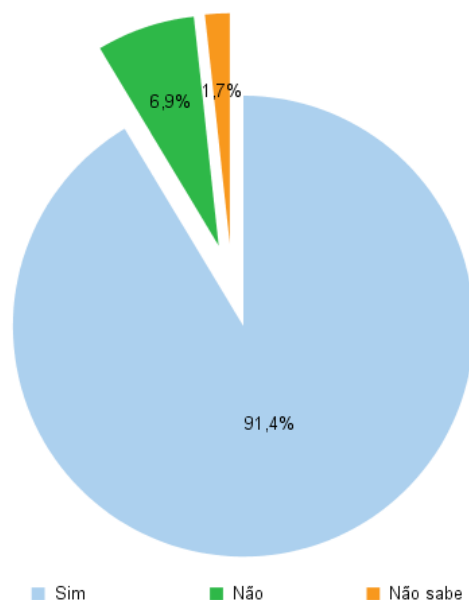


Gráfico 14 - Distribuição da amostra em função de querer ingressar no ensino superior.

Quando questionado aos alunos de 12º ano se querem ingressar no ensino superior, verificamos que 91,4% dos inquiridos querem ingressar no ensino superior, sendo que 6,9% não querem ingressar no ensino superior.

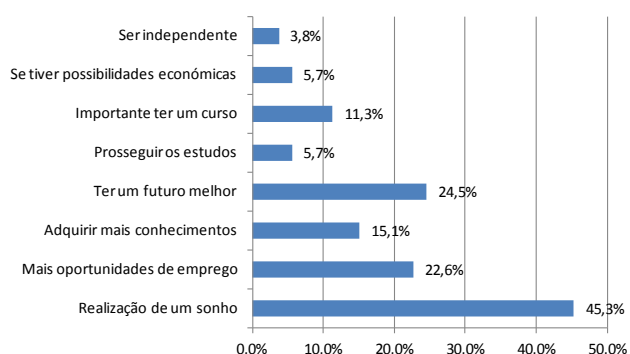


Gráfico 15 - Distribuição da amostra em função das justificações para querer ingressar no ensino superior.

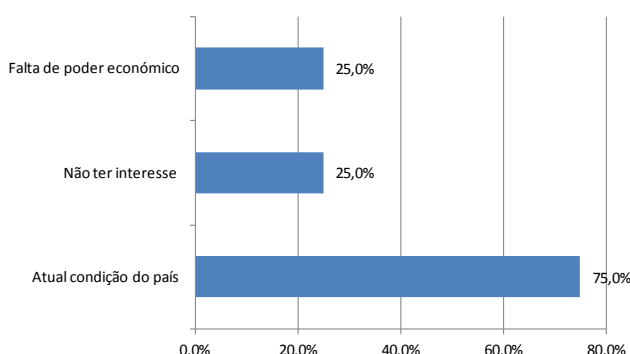


Gráfico 16 - Distribuição da amostra em função das justificações para não querer ingressar no ensino superior.

O principal motivo para querer ingressar no ensino superior é a “**realização de um sonho**”, referido por 45,3% dos alunos, seguindo-se “**para ter mais oportunidades de emprego**” e “**para ter um futuro melhor**”, respondido por 22,6% e 24,5%, respetivamente. Por

outro lado, os que não querem ingressar no ensino superior, justificaram-no com “**atual condição do país**” (75,0%).

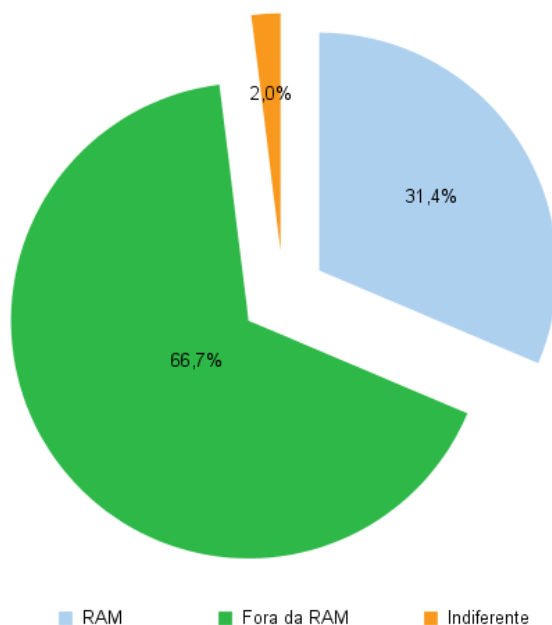


Gráfico 17 - Distribuição da amostra em função de onde pretendem ingressar.

Para os alunos que pretendem prosseguir os estudos no ensino superior, foi-lhes questionado onde pretendem ingressar. 66,7% indicaram fora da RAM e 31,4% afirmou que querem estudar na RAM e uma percentagem mínima de 2,0% afirmou que lhes é indiferente ingressar na RAM ou fora da RAM.

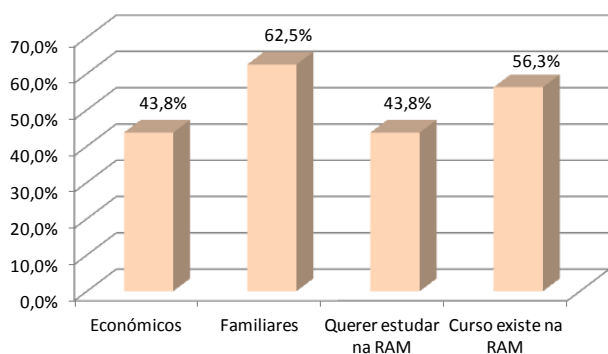


Gráfico 18 - Distribuição da amostra em função dos motivos porque pretendem ingressar na RAM.

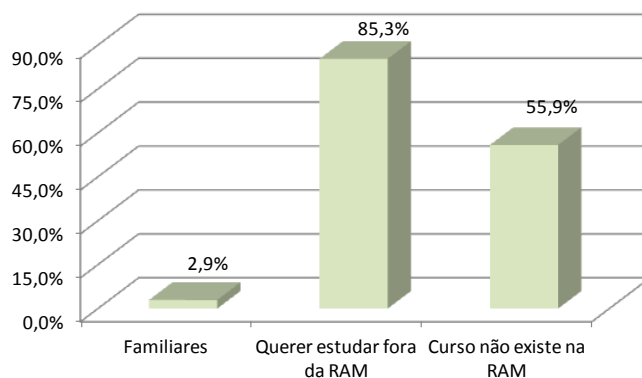


Gráfico 19 - Distribuição da amostra em função dos motivos porque pretendem ingressar fora da RAM.

Para os alunos que pretendem ingressar na RAM, 62,5% mencionaram por “**fatores familiares**”, 43,9% “**económicos**”, 56,3% “**porque o curso existe na RAM**” e 43,8% “**por querer estudar na RAM**”.

Dos que ambicionam ingressar fora da RAM, 85,3% mencionaram por “**querer estudar fora da RAM**”, 55,9% porque “**o curso não existe na RAM**” e, somente 2,9%, por questões “**familiares**”.

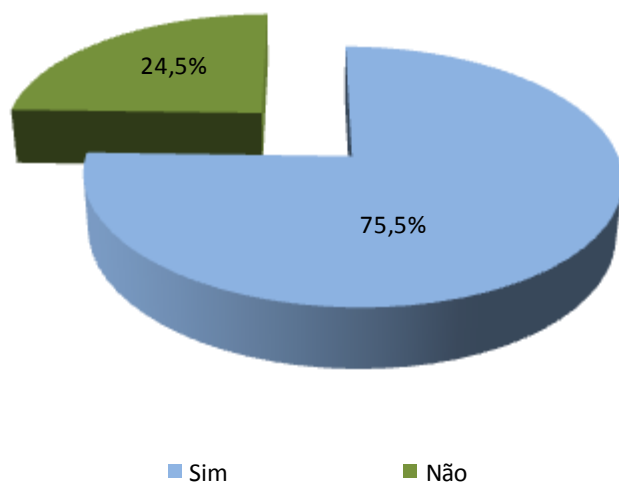


Gráfico 20 – Distribuição da amostra em função de se já sabem o curso que querem ingressar para os alunos que querem ingressar no ensino superior.

De todos os que querem ingressar no ensino superior, verificamos que 75,0% dos alunos já sabem em que curso superior querem ingressar. Sendo que 24,5% responderam que não sabem qual o curso em que querem ingressar.

Já sabes em que curso superior queres ingressar?	Se tiveres dúvidas no processo de ingresso na universidade sabes onde recorrer?		Conheces o gabinete do ensino superior da RAM?	
	Sim	Não	Sim	Não
Sim	75,0%	25,0%	65,0%	35,0%
Não	46,2%	53,8%	69,2%	30,8%

Tabela 15 – Distribuição da amostra segundo se tiverem dúvidas sabem onde recorrer e se conhecem o gabinete do ensino superior da RAM, em função de saber em que curso superior querem ingressar.

Verifica-se que 75,0% dos alunos que já sabem o curso que querem ingressar, no caso de terem dúvidas sabem onde recorrer. Em contrapartida, somente 46,2% dos que não sabem o curso a ingressar é que sabem onde recorrer no caso de dúvidas.

Quando questionados se conhecem o gabinete do ensino superior da RAM, 65,0% dos que conhecem sabem em que curso querem ingressar e 69,2% dos que não sabem em que curso ingressar conhecem o gabinete.

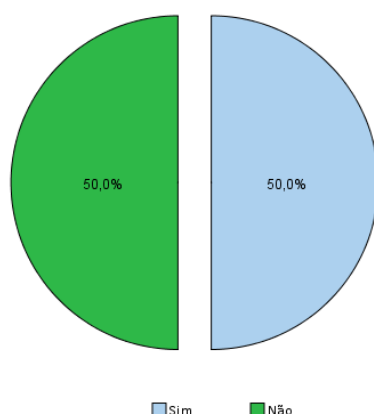


Gráfico 21 – Distribuição da amostra em função de se conhecem os meios para adquirir bolsas de estudo.

Notamos que metade dos inquiridos conhece os meios para adquirir bolsas de estudo.

Conheces os meios para adquirir bolsas de estudo?	Estás motivado para ingressar no ensino superior?		Ao concluir o ensino secundário pensas que estarás preparado para ingressar no ensino superior?	
	Sim	Não	Sim	Não
Sim	89,7%	10,3%	89,7%	10,3%
Não	72,4%	27,6%	72,4%	27,6%

Tabela 16 – Distribuição da amostra segundo se estão motivados e se pensam que estarão preparados para ingressar no ensino superior, em função de conhecer os meios para adquirir bolsas de estudo.

Assim, observa-se que dos alunos que conhecem os meios para adquirir bolsas de estudo, somente 10,3% não estão motivados a ingressar no ensino superior e 89,7% pensa que estará preparado para ingressar neste nível de ensino.

Quanto aos alunos que não conhecem os meios para adquirir bolsa, 72,4% estão motivados e pensam estar preparados para ingressar no ensino superior.

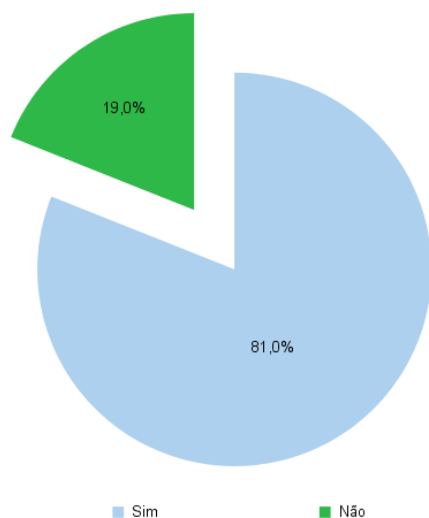


Gráfico 22 - Distribuição da amostra em função se estão preparados para ingressar no ensino superior.

Quando questionados – “**ao concluir o ensino secundário pensas que estarás preparado para ingressar no ensino superior?**”, 81,0% responderam afirmativamente.

		Queres ingressar no ensino superior?		
		Sim	Não	Não sabe
Ao concluir o ensino secundário pensas que estarás preparado para ingressar no ensino superior?	Sim	95,7%	2,1%	2,1%
	Não	72,7%	27,3%	0,0%

Tabela 17 – Distribuição da amostra segundo se querem ingressar no ensino superior, por que pensam que estarão preparados para ingressar no ensino superior.

Da totalidade dos alunos que pensam estar preparados, 95,7% quer ingressar, por outro lado, dos inquiridos que pensam que não estão preparados, 72,7% quer ingressar e 27,3% não quer ingressar no ensino superior.

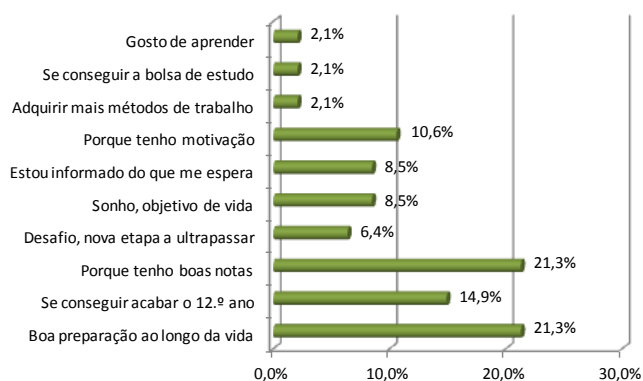


Gráfico 23 - Distribuição da amostra em função das justificações se pensam que estarão preparados para ingressar no ensino superior.

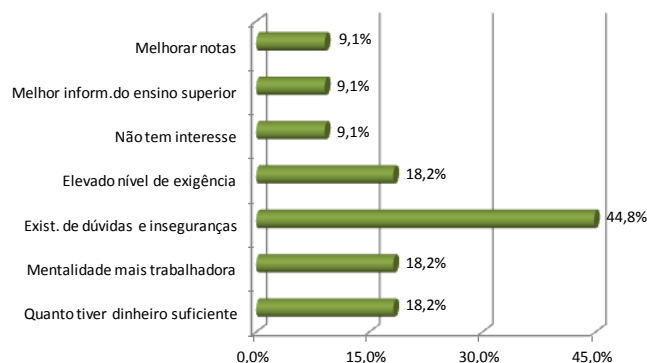


Gráfico 24 - Distribuição da amostra em função das justificações se pensam que não estarão preparados para ingressar no ensino superior.

Dos que responderam que pensam estar preparados para ingressar no ensino superior, as principais justificações foram **“boa preparação ao longo da vida académica”** e **“porque tenho boas notas”**, com 21,3% de respostas.

Do total dos alunos que não se sentem preparados para ingressar no ensino superior, o principal motivo enumerado foi **“existência de dúvidas e inseguranças”** (44,8%).

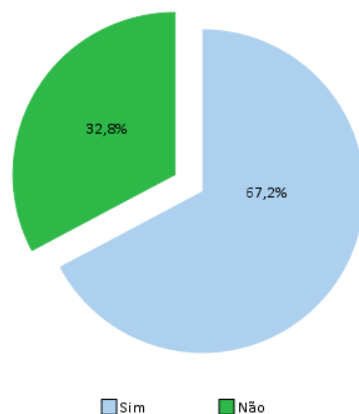


Gráfico 25 – Distribuição da amostra em função de se sabem onde recorrer se tiverem dúvidas no processo de ingresso na universidade.

Numa das questões do questionário, pretendemos saber se os alunos inquiridos sabem onde recorrer para tirarem dúvidas sobre o processo de ingresso na universidade. Assim, apuramos que 67,2% dos alunos inquiridos sabem onde recorrer se tiverem dúvidas no processo de ingresso na universidade.

Se tiveres dúvidas no processo de ingresso, sabes onde recorrer?	Queres ingressar no ensino superior?			Conheces o gabinete do ensino superior da RAM?	
	Sim	Não	Não sabe	Sim	Não
Sim	92,3%	7,7%	0,0%	84,6%	15,4%
Não	89,5%	5,3%	5,3%	26,3%	73,7%

Tabela 18 – Distribuição da amostra segundo se querem ingressar no ensino superior e se conhecem o gabinete do ensino superior da RAM, em função se sabem onde recorrer em caso de dúvidas no processo de ingressar no ensino superior.

Verificamos que os alunos que sabem onde recorrer se tiverem dúvidas, 92,3% querem ingressar no ensino superior.

Ao relacionar se sabem onde recorrer e se conhecem o gabinete do ensino superior, 84,6% dos alunos que sabem onde recorrer, conhecem o gabinete. Por outro lado, somente 26,3% dos inquiridos que não sabem onde recorrer, conhecem o gabinete do ensino superior.

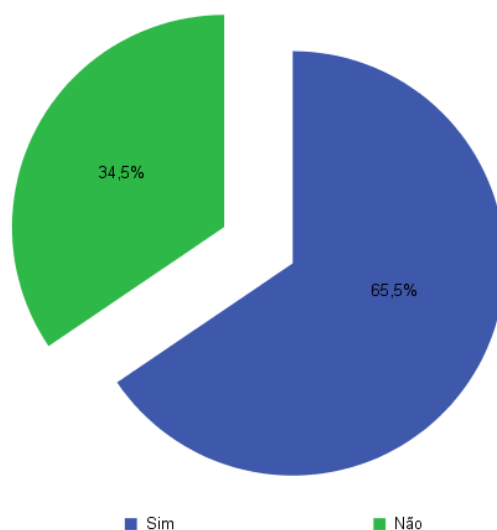


Gráfico 26 - Distribuição da amostra em função do conhecimento do gabinete do ensino superior.

Quando questionados se conhecem o gabinete do ensino superior da RAM, 65,5% responderam afirmativamente.

Conheces o gabinete do ensino superior da RAM?	Estás motivado para ingressar no ensino superior?		Ao concluir o ensino secundário pensas que estarás preparado para ingressar no ensino superior?	
	Sim	Não	Sim	Não
Sim	84,2%	15,8%	78,9%	21,1%
Não	75,0%	25,0%	85,0%	15,0%

Tabela 19 – Distribuição da amostra segundo se estão motivados e se pensam que estarão preparados para ingressar no ensino superior, por conhecer o gabinete do ensino superior da RAM.

Analisando o quadro anterior, observamos que da totalidade dos alunos que conhece o gabinete do ensino superior, 84,2% estão motivados e 78,9% pensam que estarão preparados para ingressar no ensino superior.

Quanto aos alunos que não conhecem o gabinete do ensino superior, 75,0% dizem-se motivados e 85,0% pensam que estarão preparados para ingressar no ensino superior.

Relativamente aos dados das entrevistas, estas foram realizadas face a face a seis diretoras de turma, três de 9º ano, onde procuramos perceber o que faziam para motivar e preparar os seus alunos para a escolha da área do ensino secundário que, conseqüentemente, determina a área do ensino superior. Falamos também com três diretoras de turma de 12ºano onde pretendemos conhecer as suas práticas para motivar os alunos a ingressar no ensino superior e o que era feito nesse sentido.

Assim, as questões foram de carácter exploratório, com um guião previamente elaborado, que estava dividido em três categorias: I – Dados Biográficos; II – Motivação/Desmotivação para ingressar no ensino superior; III- Perceção da Motivação para ingressar no ensino superior.

As entrevistas realizadas foram de tipo semiestruturado, sendo que foram apresentadas da mesma forma a todas as entrevistadas, mas onde o tempo de resposta do entrevistado era de tempo livre, este poderia acrescentar mais a conversa e o entrevistador podia colocar mais questões do que as que já estavam previstas no guião.

Relativamente aos testemunhos das entrevistas apresentamos a categoria I – Dados Biográficos. No próximo capítulo estão analisadas as respostas das 6 professoras diretoras de turma entrevistadas sobre as categorias II - Motivação/Desmotivação para ingressar no ensino superior e III- Perceção da Motivação para ingressar no ensino superior.

Nota: Os apêndices referidos, de seguida, têm as entrevistas transcritas na íntegra, feitas pela gravação áudio.

Entrevistada 1: É professora de Matemática formada na Universidade da Madeira, a sua idade está entre o grupo 31-40. Escolheu ser professora por ter esse gosto desde criança. Leciona há 14 anos. Há cerca de 10 anos exerce o cargo de diretora de turma por convocação da direção da escola que atribuiu essa função no horário da professora entrevistada, pois afirma: “É por convocação da direção atribuído ao nosso horário, portanto não há escolha” (ver Apêndice 10.1).

Entrevistada 2: A professora é licenciada em História pela Universidade de Lisboa e fez Mestrado em História pela Universidade da Madeira, a sua idade está no grupo de 51-60. Escolheu ser professora porque gostava muito de História e o curso que ingressou levou-a a exercer a profissão como a própria afirma: “a profissão de professora veio por acréscimo ao curso, não estava diretamente vocacionado para ser professor, mas depois havia uma complementaridade dessa formação que me conduzia a ser professora, mas foi claramente uma opção de vocação, de gosto não só de ensinar mas também de ligar o ensino, à pesquisa, à investigação, estamos sempre a aprender (...)”. Leciona há cerca de 35 anos e exerce o cargo de diretora de turma praticamente de 2 em 2 anos, sendo da responsabilidade da Direção da escola definir o quem é o Diretor de turma (ver Apêndice 10.2).

Entrevistada 3: A entrevistada é licenciada em Ensino de História, escolheu ser professora por um sonho de criança, a sua idade está no grupo de 31-40. Leciona há cerca de 15 anos e só foi diretora de turma em três anos, é diretora de turma por uma questão de preencher horário pois agora tem de ter as 22 horas de serviço, afirmando: “Só fui diretora de turma em 2 anos, há quatro anos atrás e agora, mas eu penso que cheguei por uma questão de preencher horário porque era necessário fazer 22 horas de serviço e isso pode ser feito com componente letiva a dar aulas ou com cargos...” (ver Apêndice 10.3).

Entrevistada 4: A professora é licenciada em Línguas e Literaturas modernas pela Universidade da Madeira, a sua idade está no grupo de 41-50. Escolheu ser professora por seguir um sonho de criança. Leciona há 26 anos, é diretora de turma porque a direção da escola o decidiu, durante a sua carreira só em 3 ou 4 anos é que não exerceu o cargo de diretora de turma (ver Apêndice 10.4).

Entrevistada 5: A entrevistada é licenciada em Matemática pela Universidade da Madeira, é aluna de Mestrado em Informática Educacional pela Universidade Católica Portuguesa, a sua idade está no grupo de 31-40. Escolheu ser professora porque despertou essa vontade em criança. Leciona há 13 anos, é diretora de turma por nomeação da direção da escola, pois afirma “Por nomeação, qualquer um dos cargos que tenho tido, vem sempre por nomeação através da direção

da escola”, exerce este cargo consecutivamente há 6 anos, mas no total já são 8 anos (ver Apêndice 10.5).

Entrevistada 6: É licenciada em Design pelo Instituto Superior da Madeira, a sua idade está no grupo de 41-50. Não escolheu ser professora foi uma experiência que a fez ficar por Professora pois como a própria afirma: “eu quando comecei (...) ainda estava a estudar, estava a tirar o curso, já tinha habilitação própria para dar aulas e tinha vários colegas que estavam a ter as primeiras experiências de trabalho, eu achei que seria a altura ideal, antes de acabar o curso para experimentar uma saída, era uma saída possível para o curso, era ser professora, era dar aulas e concorri, fiquei colocada e gostei (...)”. Leciona há 22 anos, foi diretora de turma porque a direção da escola o decidiu, exerce este cargo pelo menos há 7 anos (ver Apêndice 10.6).

6.2. Reflexão dos Resultados da Investigação.

Respondendo de forma reflexiva e completa às questões de investigação fizemos uma análise dos dados recolhidos em 58 questionários a alunos de 12º ano inquiridos por escola e paralelamente, uma análise das seis entrevistas realizadas a 6 diretoras de turma de 9º e 12º ano, cruzando com a revisão da literatura, realizando assim a triangulação de dados. Neste sentido, começamos pela questão 1 do conjunto das questões de investigação previamente elaboradas no projeto.

Para análise dos dados apresentados de seguida, temos de ter em conta a seguinte **nota:** Referimos que a escola 1 é privada, a escola 2 e 3 são escolas públicas, correspondendo o número de entrevistados com o número das escolas. Neste sentido, referimos também que o entrevistado 4 e 6 são professoras diretoras de turma de escolas públicas de 3º ciclo, sendo a entrevistada 5 de uma escola privada.

Questão 1: Qual é a importância de prosseguir os estudos ao nível do ensino superior?

Achas importante prosseguir os estudos para o ensino superior?		
	Sim	Não
Escola1	100,0%	0,0%
Escola 2	100,0%	0,0%
Escola 3	94,1%	5,9%

Tabela 20 - Distribuição da amostra segundo a importância em prosseguir os estudos por escola.

Para os alunos, tendo em conta as três turmas das três principais escolas do Funchal inquiridas, a importância de prosseguir os estudos é significativamente positiva, verificando-se que somente 5,9% dos alunos da escola 3 não acha importante prosseguir os estudos para o ensino superior.

	Ter um bom emprego	Aumentar as oportunidades de futuro	Alcançar a profissão desejada	Ganhar mais experiências	Completar a formação	Ter maior poder económico	Ter uma vida melhor	O ensino superior não assegura o futuro
Escola 1	42,1%	42,1%	10,5%	15,8%	15,8%	10,5%	26,3%	-
Escola 2	40,9%	27,3%	13,6%	31,8%	18,2%	4,5%	4,5%	-
Escola 3	52,9%	41,2%	23,5%	17,6%	5,9%	17,6%	17,6%	5,9%

Tabela 21 – Distribuição da amostra segundo as justificações para prosseguir os estudos, por escola.

Em relação às justificações dadas pelos alunos, verifica-se que, para todas as escolas, a principal justificação para prosseguir os estudos é para **“ter um bom emprego”**, seguindo-se de **“aumentar as oportunidades de futuro”**.

Para as **professoras de nível secundário entrevistadas** é unânime que a importância de prosseguir os estudos para o ensino superior é importante, sendo que afirmaram o seguinte:

Entrevistada 1 – “Mais opções no mercado de trabalho” (...) “prepara-nos para novos desafios, ensina-nos a gerir a nossa vida”.

Entrevistada 2 – “Sim, com certeza! Acho que hoje em dia o ensino secundário é uma etapa de transição e de passagem para o ensino superior”.

Entrevistada 3 – “Estar a investir numa formação em termos de licenciatura, pós-graduações e doutoramentos, nós estamos a investir na formação do nosso país, estamos a procurar e a promover o desenvolvimento económico do nosso país”.

Para as **professoras de nível básico, 3º ciclo, entrevistadas** é unânime que a importância de prosseguir os estudos para o ensino superior é elevada pois referem o seguinte:

Entrevistada 4 – “Sem dúvidas”.

Entrevistada 5 – “Quanto mais formação uma pessoa tiver maior vai ser o leque de opções profissionais”.

Entrevistada 6 – “Acho que devemos sempre prosseguir os estudos sempre que possível, aprender mais, abrir mais a mente” (...) “nem uma licenciatura garante emprego, mas de qualquer forma é o que lhe pode dar uma melhor preparação”.

Aqui podemos reparar que as justificações das professoras coincidem com a dos alunos, sendo que o entrevistado 3 acrescenta que investir numa educação de nível superior promove o desenvolvimento económico do país pois, como vimos, diversos autores na nossa revisão da literatura afirmam também que o ensino superior é verdadeiramente importante pois traz diversas vantagens às sociedades, quer sociais, quer políticas. Este melhora as vidas individuais e enriquece toda a sociedade. Assim, salientamos que o ensino superior aumenta as remunerações e a produtividade, o que faz com que os indivíduos e os países, simultaneamente, fiquem mais ricos. Pode, ainda, encorajar a iniciativa e a independência (Ramphele, et al., 2000; Copeland, 2014; Rego, C. et al., 2013; Vieira; Vieira & Raposo, 2013; *Education at a glance*, 2012, OCDE; Kezar, A. et al. 2008).

Relativamente à entrevistada 6, sublinha também a realidade que atravessamos, afirmando que, apesar de não garantir emprego, é ainda uma mais-valia, o que vai ao encontro da nossa revisão de literatura, no ponto da importância do ensino superior, pois tal como Rego. C. et al. (2013) afirma, na generalidade dos casos, os estudantes e famílias entendem que formar-se no ensino superior é um investimento numa vida melhor no futuro, para enfrentar com mais vigor o mercado de trabalho e obter melhores remunerações, obtendo, assim, uma melhor qualidade de vida (Rego, C. et al., 2013).

Notamos que todas as entrevistadas estão de acordo que estudar no ensino superior compensa, tal como os diversos autores apontados na nossa revisão de literatura que defendem que historicamente, a educação valeu e continua a valer a pena. A educação continua a ter vantagens, os benefícios educacionais são realmente mais notáveis nos níveis de educação mais altos (Copeland, 2014; Bento, 2014; Rego, C. et al., 2013; Vieira & Vieira, 2013; Vieira; Vieira & Raposo, 2013; *Education at a glance*, 2012, OCDE; Kezar, A. et al. 2008; Ramphele, et al., 2000).

Questão 2: Quais as motivações que os alunos de nível secundário têm para ingressarem no ensino superior?

Estás motivado para ingressar no ensino superior?		
	Sim	Não
Escola 1	94,7%	5,3%
Escola 2	81,8%	18,2%
Escola 3	64,7%	35,3%

Tabela 22 – Distribuição da amostra segundo a motivação dos alunos para ingressar no ensino superior, por escola.

Observando as motivações pelas três escolas em análise, verifica-se que 94,7% dos alunos da escola 1 estão motivados para ingressar no ensino superior e 81,8% da escola 2, sendo que somente 64,7% da escola 3 o estão.

	Alcançar a profissão desejada	Para ter um bom emprego	Para aprofundar conhecimentos	Ter melhores condições de vida	Ter a experiência de estar na universidade	Ter mais hipóteses de trabalho	Gostar de estudar	Ser alguém na vida	Para poder estudar aquilo que gosto	Ser independente
Escola 1	44,4%	5,6%	22,2%	5,6%	5,6%	5,6%	-	5,6%	16,7%	11,1%
Escola 2	44,4%	-	38,9%	16,7%	16,7%	-	-	16,7%	-	-
Escola 3	45,5%	18,2%	18,2%	9,1%	9,1%	9,1%	18,2%	-	-	-

Tabela 23 – Distribuição da amostra segundo os motivos da motivação em ingressar no ensino superior, por escola.

Quanto às justificações dos alunos, por estarem motivados a ingressar no ensino superior nas três escolas, notamos que a maioria refere **“alcançar a profissão desejada”** seguindo-se **“para aprofundar conhecimentos”**.

Queres ingressar no ensino superior?			
	Sim	Não	Não sabe
Escola 1	100,0%	0,0%	0,0%
Escola 2	95,5%	4,5%	0,0%
Escola 3	76,5%	17,6%	5,9%

Tabela 24- Distribuição da amostra segundo se os alunos querem ingressar no ensino superior, por escola.

Quando questionado aos alunos que frequentam atualmente o 12º ano se querem ingressar no ensino superior, analisamos que, pela tabela apresentada (tabela 24), verifica-se que a totalidade dos alunos da escola 1 quer ingressar no ensino superior, e 95,5% da escola 2 quer ingressar no ensino superior. Por outro lado, 17,6% da escola 3 não o pretendem.

	Realização de um sonho	Para ter mais oportunidades de emprego	Adquirir mais conhecimentos	Para ter um futuro melhor	Prosseguir os estudos	Importante ter um curso	Se tiver possibilidades económicas	Ser independente
Escola 1	36,8%	21,1%	21,1%	31,6%	10,5%	15,8%	-	10,5%
Escola 2	52,4%	19,0%	9,5%	28,6%	4,8%	9,5%	4,8%	-
Escola 3	46,2%	30,8%	15,4%	-	-	7,7%	15,4%	-

Tabela 25 – Distribuição da amostra segundo os motivos dos alunos quererem ingressar no ensino superior, por escola.

Dos alunos que responderam que querem ingressar no ensino superior, verificamos que a principal justificação dada pelos alunos foi a **“realização de um sonho”**, seguindo-se de **“para ter mais oportunidades de emprego”**.

Para as **professoras de nível secundário**, as motivações de prosseguir os estudos para o ensino superior são as seguintes:

Entrevistada 1 - “Realização pessoal” (...) “aquisição de conhecimentos” (...) “melhorar as habilitações” e “ter um posto de trabalho com mais qualidade e melhor remuneração”.

Entrevistada 2 - “Novas perspetivas de melhoria da sua condição”.

Entrevistada 3 - “Ter uma profissão bem remunerada” (...) “ganhar estatuto social” e “ter um trabalho para trabalhar poucas horas”.

Todos as entrevistadas veem várias vantagens, tal como a maioria dos alunos. Os professores diretores de turma mencionam, também, as mesmas justificações que os alunos, no entanto sublinham mais o fator económico, e também referem o benefício pessoal e social, tal como podemos analisar na nossa revisão de literatura. Neste sentido, referimos os dados da *Education at a glance, OCDE (2012)*, onde podemos afirmar que, em Portugal, as diferenças de salário entre licenciados e não licenciados refletem-se na entrada do mercado de trabalho, como também durante toda a vida profissional.

No entanto, tal como Kezar, A. et al. (2008); Copeland, (2014) e os estudos do *Education at a glance OCDE, (2012; 2013)* notam que existem mais benefícios além do económico ao frequentar a universidade, como o benefício pessoal, pois o ensino superior pode levar a uma

maior felicidade, dado que os diplomados do ensino superior normalmente têm maiores salários o que lhes permite ter mais opções no futuro e maior possibilidade de escolha de um trabalho que se adapte ao seu estilo de vida. Referem, também, o benefício da saúde, pois afirmam que as pessoas com uma educação superior têm expectativas de vida mais longas, tendem a se exercitar mais e praticar mais desporto.

O ensino superior traz também muitos benefícios sociais pois, associados à universidade, existem atividades extracurriculares e clubes para os estudantes que ajudam a promover interações sociais entre pessoas de diversas culturas e contextos sociais distintos, sublinham que a formação no ensino superior estimula os estudantes a serem cidadãos participantes ativos nas suas comunidades e economias e que os prepara para o futuro.

Para as professoras diretoras de turma entrevistadas vemos que as motivações para os alunos prosseguirem os estudos coincidem, sendo referido ter melhor remuneração e melhorar a sua condição de vida. Tal pode também ser confirmado com a nossa revisão de literatura, pois Ramphel, et al. (2000) refere que o impacto macroeconómico da educação é forte, porque, tal como os indivíduos com educação superior alcançam maior sucesso no mercado de trabalho, também se relaciona com o desenvolvimento económico e social. Quanto mais cidadãos formados no ensino superior tiver um país, melhor será a geração de investigação e de conhecimento, o que é verdadeiramente significativo para a economia.

É de referir, também, que segundo os estudos *Education at a glance*, OCDE (2012), os estudantes universitários são os mais empregados, pois as pessoas que têm um diploma de nível médio têm três vezes mais probabilidade de estarem desempregados do que alguém com um diploma de nível superior.

Neste sentido, percebemos com os inquiridos e entrevistados estão de acordo com os vários autores da nossa revisão de literatura pois referem muitas motivações para a continuação de estudos para o nível de ensino superior. São estudos como *Education at a glance*, OCDE (2012), EUROSTAT e autores como Copeland (2014), Rego, C. et al. (2013), Vieira & Vieira (2013), Vieira; Vieira & Raposo (2013), Kezar, A. et al. (2008), Ramphel, et al., (2000) e Bento (2014) que apontam várias vantagens em prosseguir os estudos pós secundário.

As **professoras de nível secundário entrevistadas** referem quando questionadas pela **questão 3 das perguntas de investigação: “Qual o papel do diretor de turma, enquanto líder, na motivação dos alunos em prosseguir os estudos para o ensino superior?”**, que :

Entrevistada 1 – “Muitas vezes uso o meu exemplo pessoal”... “esclareço as dúvidas em relação ao acesso ao ensino superior”... “tento incentivar os alunos a alcançar os seus objetivos e a melhorar os resultados do estudo também”.

Entrevistada 2 – “Digo sempre que o saber não ocupa lugar e que as habilitações não sendo, portanto, um passaporte direto para o futuro, para uma boa profissão é, na verdade, um meio que abre caminhos”.

Entrevistada 3- “Estimular o estudo”... “pedir ajuda à psicóloga da escola, ao gabinete do acesso ao ensino superior para prestar esclarecimentos e chamar aqui técnicos de algumas instituições universitárias para puderem esclarecer os alunos”.

Podemos notar que os diretores de turma de 12º ano são líderes por terem um cargo de responsabilidade de um grupo. Como podemos ver na revisão da literatura, segundo os autores Trigo & Costa, 2008; Alves, C. & Moura, K. s.d., que referem que a liderança é o ato de influenciar as pessoas, motivando-as a empenhar-se de forma livre em objetivos de grupos comuns, orientando um grupo em direção para os mesmos objetivos. É um comportamento que envolve uma panóplia de funções, tais como planificar, avaliar, motivar, controlar, punir, informar, entre outras. É um processo de conduzir um grupo de pessoas, transformando-o numa equipa que gera resultados. Sendo uma habilidade de motivar e influenciar os liderados, de forma ética e positiva que contribuam voluntariamente e com entusiasmo para alcançarem os objetivos da equipa e da organização.

Pelas afirmações das entrevistadas 1, 2 e 3, estes líderes enquadram-se nos estilos referidos na nossa revisão de literatura como líderes democráticos dos três estilos conhecidos como os estilos clássicos de liderança, porque demonstram-se próximos dos seus alunos, dialogam. Tal como Bento & Ribeiro (2013), o líder democrático toma as suas decisões em grupo, assiste e estimula a sua equipa ao invés de impor. Cabe ao grupo definir as técnicas para atingir os objetivos, é entendido como um apoio, procura ser igual aos outros membros da equipa não se encarregando muito de tarefas. As consequências no grupo são o desenvolvimento da amizade e do bom relacionamento entre os elementos havendo um ritmo de trabalho progressivo e seguro mesmo na ausência do líder, os elementos do grupo desenvolvem comunicações espontâneas e cordiais com o líder, há um clima geral de satisfação. Há ênfase no líder e no subordinado.

Podemos, também, referir que estes diretores de turma enquadram-se na liderança transformacional que segundo Bento & Ribeiro (2013) e Bihilm (1996), passa por elevar os valores do grupo e a sua transformação como um todo, clarificando papéis e exigências nos

grupos. Caracteriza-se por uma forte componente pessoal, pois o líder motiva os seus colaboradores para a realização de objetivos, estes colaboram por estarem motivados tendo o sentido de presença.

Estas características foram, também, verificadas durante a implementação das entrevistas, mas sobretudo em aula na implementação dos inquéritos.

Para **os professores do nível básico de 3º ciclo**, as motivações de prosseguir os estudos para o ensino superior são:

Entrevistada 4 – “Depende dos meios de onde eles vêm, normalmente os alunos dos meios menos favorecidos não têm grande motivação para prosseguir estudos”.

Entrevistada 5 – “Depende do apoio familiar e o desejo de ser melhor, de seguir uma melhor escolaridade, de ter uma melhor formação que se irão realizar profissionalmente”.

Entrevistada 6 – “Tem muito a ver com a educação de casa, nós muitas vezes temos alunos com grandes capacidades intelectuais e que acabam por ter lares desfeitos”... “alcançar notas altas para conseguirem ser bolseiros”.

As **professoras entrevistadas de 3º ciclo** referem sobretudo o fator social e sublinham que depende muito da motivação dada de casa, como podemos também verificar na revisão da literatura pois, segundo o estudo de *Education at a glance*, OCDE (2012), os licenciados têm maiores oportunidades de trabalho e tendem a ter competências que podem ser facilmente aplicadas em diferentes ambientes de trabalho e em diferentes localizações geográficas.

Os dados *da OCDE (2012)* apontam também que os filhos de pessoas com formação superior têm maior probabilidade de concluir o ensino médio e ingressar na universidade tendo habilidades cognitivas superiores. Como podemos verificar na tabela 7, quanto mais alto o nível de habilitação da mãe e do pai, mais motivados os filhos estavam, sendo possível concluir que a motivação de ingressar no ensino superior vem muito do meio familiar.

As professoras diretoras de turma de nível básico de 3º ciclo, quando questionados pela **questão 3 das perguntas de investigação “Qual o papel do diretor de turma, enquanto líder, na motivação dos alunos em prosseguirem para o ensino superior?”**, afirmam o seguinte:

Entrevistada 4 – “Normalmente o diretor de turma fala de uma forma informal, de uma forma formal cabe mais ao papel do psicólogo da escola, normalmente cabe ao diretor de turma, no fundo, a motivação, falar do que eles podem fazer de uma forma bastante informal, não há assim um programa, digamos, um livreto que nós consigamos seguir para lhes dar essas informações”.

Entrevistada 5 – “É sobretudo através do diálogo, portanto a motivação segue sempre numa conversa com os alunos quer em grupo, quer individualmente e nós tentamos que eles desenvolvam as suas capacidades intelectuais”.

Entrevistada 6 – “Nós apenas começamos a moldar os alunos para ver em que áreas é que nós pudemos direcioná-los, se tem mais aptidão para as áreas das letras, se é a área das expressões e depois eles têm o acompanhamento feito pelas psicólogas”.

Pelas afirmações apuradas, percebemos que só a entrevistada 5 tem características de líder democrático e transformacional a 4 e 6 líder são de liderança transacional e autoritário pois sabemos que, segundo Bento & Ribeiro, 2013, o líder do **estilo autoritário** toma decisões sem qualquer participação do grupo e determina a tarefa que cada elemento tem de executar. Não há uma relação de amizade, havendo apenas trabalho e execução de tarefas, há muita ênfase no líder. O líder transacional não realça o cariz pessoal, procura harmonizar os objetivos dos liderados para coordenação de interesses e negociações de conflitos.

Questão 4 – Que fatores desencadeiam as motivações/desmotivações para o ingresso no ensino superior?

Usufruis de algum escalão escolar?		
	Sim	Não
Escola 1	26,3%	73,7%
Escola 2	50,0%	50,0%
Escola 3	35,3%	64,7%

Tabela 26 – Distribuição da amostra segundo se os alunos inqueridos usufruem de algum escalão escolar, por escola.

Para os alunos inqueridos das três principais escolas do Funchal, questionamos se usufruem de escalão escolar (fator económico) e se reprovaram ou não de ano (fator social), para percebermos os fatores que desencadeiam a motivação. Neste sentido, apuramos que 73,7% e 64,7% dos alunos da escola 1 e escola 3 não usufrui de algum escalão escolar, sendo que a escola 2 metade dos alunos recebe escalão. Aqui, podemos verificar que a escola com mais alto nível de motivação é a escola 1 com 94,7% (tabela 22) por ser a escola onde tem os alunos que menos usufruem de escalão. Podemos aqui considerar que é pelo facto de esta escola ser de cariz privado onde os alunos pagam uma mensalidade, notando aqui o **fator económico**, sendo que as

escolas que têm alunos que mais recebem escalão são as que têm maior número de alunos desmotivados. Contudo, dos alunos inquiridos das escolas públicas, notamos que os que recebem escalão são os que estão mais motivados (ver tabela 26).

Alguma vez reprovaste de ano?		
	Sim	Não
Escola 1	5,3%	94,7%
Escola 2	22,7%	77,3%
Escola 3	64,7%	35,3%

Tabela 27 – Distribuição da amostra segundo se os alunos inquiridos reprovaram alguma vez de ano por escola.

Quando questionados se reprovaram alguma vez de ano, verificamos que relativamente ao rendimento escolar por escola, somente 5,3% e 22,7%, respetivamente, dos alunos da escola 1 e da escola 2 reprovaram de ano no seu percurso escolar. Por outro lado, 64,7% da escola 3 já reprovaram pelo menos um ano, durante o seu percurso.

Sendo que os alunos mais motivados são os da escola 1 e 2 notamos, aqui, uma relação com este fator de reprovação de ano letivo na desmotivação destes alunos em prosseguir os estudos.

No ano letivo anterior transitaste com negativas?		
	Sim	Não
Escola 1	26,3%	73,7%
Escola 2	4,5%	95,5%
Escola 3	17,6%	82,4%

Tabela 28 – Distribuição da amostra segundo se no ano letivo anterior os alunos inquiridos transitaram com negativas por escola.

Quando questionados se no ano letivo anterior tinham transitado com negativas, 4,5%, 17,6% e 26,3% dos alunos da escola 2, escola 3 e escola 1, respetivamente, responderam afirmativamente.

Verifica-se que, ao reprovar de ano, os alunos ficam cada vez mais desmotivados em prosseguir os estudos para o nível superior, pois os que reprovam são os que estão mais desmotivados, enquanto que os alunos que transitam com negativas não desmotivam de

prosseguir os estudos para o nível superior, pois a escola 1 é a que tem mais alunos a transitar com negativas, no entanto é a escola com maior percentagem de alunos motivados a ingressar no ensino superior e com menor percentagem de alunos que reprovam de ano letivo.

Para **as professoras de nível secundário**, é unânime os fatores que desencadeiam a motivação, pois afirmam o seguinte:

Entrevistada 1 – “Deve-se, atualmente, muito à falta de emprego, à emigração, à crise económica, mas também aos exames nacionais. Acho que cada vez têm mais conteúdos” (...) “os cursos que pretendem, muitos deles não têm condições de ir para o continente e quando os cursos que eles gostavam de ingressar não há cá, já começam a desmotivar”.

Entrevistada 2 – “Fatores de desmotivação estão muitas vezes ligados até às próprias notícias, o ambiente social, o contexto da informação que muitas vezes falam, que há muito desemprego”.

Entrevistada 3 – “Para a motivação, fator, essencialmente, socioeconómico, um fator económico e de estatuto social de ser posicionado a um nível superior em termos de sociedade, em termos de ser alguém na vida” (...) “A desmotivação muitas vezes prende-se com o facto de para eles perceberem que a entrada numa universidade não é a garantia de arranjar um trabalho, não é a garantia de emprego”.

As professoras de nível secundário referem que quando o aluno está numa situação de desmotivação escolar, as principais desmotivações que estes apresentam são:

Entrevistada 1 – “Tristeza, apatia, diminuir consideravelmente a participação nas aulas, falha na realização das tarefas, manifesta falta de concentração”.

Entrevistada 2 – “Faltar, a assiduidade”... “alguma resistência em trabalhar”.

Entrevistada 3 – “Desinteresse e deixar de trazer para a aula o caderno diário e os manuais”... “deixar de fazer os trabalhos de casa”.

Os fatores apontados que desencadeiam a motivação ou a desmotivação de ingressar no ensino superior passa pela nossa situação atual do país, sendo influenciada por vários fatores como referimos. Na revisão da literatura, vimos que, segundo Vieira & Vieira (2013), a procura do ensino superior em Portugal tem sido influenciada maioritariamente por fatores demográficos e socioeconómicos. A decisão de ingressar na universidade é influenciada por vários fatores: culturais, psicológicos, sociológicos, políticos e económicos.

Depende, também, do sucesso da vida académica dos alunos. Tal como vimos na tabela 27, e de acordo com Gayle et al. (2003), a procura pelo ensino superior depende, primeiramente, do sucesso do sistema na manutenção dos alunos na escola até ao final do ensino secundário.

De acordo Vieira & Vieira (2013), depende, também como referido, de fatores sociais e culturais, pois, em Portugal, as taxas de participação feminina no ensino primário e secundário são relativamente estáveis, mas até em meados dos anos noventa aumentaram substancialmente no ensino superior. A probabilidade de frequentar o ensino superior depende também e significativamente da escolaridade dos pais, tanto por razões financeiras, como também pela influência do conhecimento relativo aos benefícios consequentes da educação superior.

Para **as professoras de nível de nível de 3º ciclo** os fatores que desencadeiam a motivação são:

Entrevistada 4 – “Principalmente a falta das saídas profissionais e também um dos fatores é o económico”.

Entrevistada 5 – “Ansiedade em relação ao desempenho escolar” (...) “também algumas situações familiares, por morte de algum familiar, ou a separação dos pais, isso reflete-se no desempenho escolar”.

Entrevistada 6 – “Os aspetos sociais que nós vimos hoje” (...) “o fator do desemprego” (...) “fator económico e social que acaba por ter um peso bastante grande na situação de motivar”.

Notamos que é unanime em todos os entrevistados que os fatores de motivação para os alunos prosseguirem o ensino superior prende-se aos **fatores económicos e sociais** que a nossa sociedade atual atravessa, reparando, aqui, uma forte relação com a revisão da literatura.

As professoras de nível de 3º ciclo referem que, quando o aluno está numa situação de desmotivação escolar, as principais desmotivações que estes apresentam são:

Entrevistada 4 – “Normalmente começa por faltar a testes, não fazer algumas atividades, acabam por não estarem atentos, nem deixam os outros estarem atentos”.

Entrevistada 5 – “Notam alguma mudança de atitude no aluno ou que era participativo e está menos participativo ou que tem um figurante mais tristonho e depois são, como consequência, as notas baixas”.

Entrevistada 6 – “Primeiro lugar é não manifestar interesse por não ter notas boas, ou, por exemplo, não se interessa passar o ano com negativas, ter dificuldade em indicar áreas de interesse”.

Questão 5 – Quem são os agentes responsáveis pela motivação/desmotivação para o ingresso no ensino superior?

Quem te apoia para poderes estudar?				
	Família	Professores	Amigos	Outros
Escola 1	94,7%	57,9%	52,6%	5,3%
Escola 2	100,0%	45,5%	45,5%	9,1%
Escola 3	100,0%	47,1%	35,3%	29,4%

Tabela 29 – Distribuição da amostra, segundo quem apoia os inqueridos para poderem estudar por escola.

A totalidade dos alunos das três escolas referiu que se sentem apoiados para continuar os estudos. Apuramos que quem apoia os inquiridos a estudar são os pais, seguidos dos professores.

As professoras de nível secundário entrevistadas referem que os agentes responsáveis pela motivação/desmotivação de os alunos prosseguirem os estudos para o ensino superior são os seguintes:

Entrevistada 1 – “A meu ver tem de ser o próprio aluno, os encarregados de educação que muitas vezes até querem e não podem, os professores, as universidades, as instituições do ensino superior na divulgação dos cursos e na oferta educativa que têm e o governo”.

Entrevistada 2 – “Os pais influenciam, mas acho que é sobretudo o ambiente social, é a comunicação social, são os poderes políticos”.

Entrevistada 3 – “Os agentes em primeiro lugar têm de ser os pais, em segundo lugar a escola e em terceiro outro tipo de agentes que sejam importantes para o aluno”.

Para **as professoras de nível básico de 3º ciclo**, os agentes responsáveis pela motivação/desmotivação são:

Entrevistada 4 – “Os principais agentes centram-se, sem dúvida alguma, nos pais”.

Entrevistada 5 – “São os pais, essencialmente. Penso que também os professores do nível do ensino secundário, os diretores de turma no ensino secundário”.

Entrevistada 6 – “São todos, essencialmente os pais, os professores”.

Verificamos que, para todas as entrevistadas, os principais responsáveis pela motivação são os pais, seguido dos professores. De facto, para os alunos, quando questionado sobre quem os apoia para estudar, referem os mesmos (pais e professores) e os amigos e, na revisão da literatura, notamos também que os pais têm um peso importante na motivação.

Nesta linha de pensamento, verificamos que os dados recolhidos estão de acordo com Vieira & Vieira (2013) bem como Rego, C. et al. (2013), quando afirmam que a decisão de frequentar o ensino superior é procurada por quem a considera útil e, simultaneamente, para quem pode pagar as despesas que lhe são próprias. As opções e preferências são estabelecidas por um vasto conjunto de considerações, tanto subjetivas como objetivas, podendo ir do simples gosto, motivação pelo estudo, como pela influência que é exercida por campanhas de opinião pública, e/ou por familiares e amigos, na decisão de escolher continuar a estudar após a conclusão do ensino secundário ou procurar um emprego e ingressar no mercado de trabalho. Também de acordo com os dados do Education at a Glance, OCDE (2013), vimos que Portugal é um dos países europeus que mais depende da família para um estudante poder frequentar o ensino superior.

Questão 6 - Como motivar os alunos a ingressar no ensino superior?

Ao concluir o ensino secundário pensas que estarás preparado para ingressar no ensino superior?		
	Sim	Não
Escola 1	78,9%	21,1%
Escola 2	86,4%	13,6%
Escola 3	76,5%	23,5%

Tabela 30 – Distribuição da amostra, segundo se os inquiridos ao concluir o ensino secundário pensam estar preparados para ingressar no ensino superior por escola.

Para a análise desta questão, achamos pertinente termos em atenção a questão respondida no questionário pelos alunos **“Se estão ou não preparados para o nível superior?”**.

A percentagem que está preparada para ingressar no ensino superior é superior à percentagem dos que não estão preparados.

Assim, verificamos que os alunos da escola 2 são os que pensam estar mais preparados para ingressar no ensino superior (86,4%). E a percentagem mais elevada de alunos que não se sentem preparados para ingressar no ensino superior são os da escola 3, com 23,5%, coincidindo realmente com a escola que apresenta mais desmotivação em prosseguir os estudos para o nível superior (tabela 22).

Nesta perspetiva, tendo em conta as respostas do porquê dos alunos não estarem preparados (ver gráfico 22), achamos importante perguntar em entrevista aos professores diretores de turma o que é necessário para motivar os alunos a ingressar no ensino superior.

Para as **professoras de nível secundário**, para motivar os alunos é necessário:

Entrevistada 1 – “Muito diálogo, mostrar as opções, incentivar, ou pesquisa, vendo os programas dos cursos”.

Entrevistada 2 – “Talvez o gabinete de acesso ao Ensino Superior não vir só uma vez por ano que é o que eles fazem, mas talvez virem 3 vezes por ano, fazer com mais calma, quer dizer (...) acaba por ser uma iniciativa massificada”.

Entrevistada 3 – “Podemos motivar apresentando exemplos de sucesso, exemplos de pessoas que entraram para a universidade e que fizeram o seu caminho”.

Para podermos analisar mais aprofundadamente esta questão, questionamos qual é o número de alunos que ingressa no ensino superior de cada escola, verificando o seguinte:

Entrevistada 1 – “É assim, 85% dos nossos alunos que terminam o secundário ingressam no ensino superior e, felizmente, 92% entram na 1ª opção”.

Entrevistada 2 – “Eu não tenho dados concretos, acho que a escola coloca uma percentagem bastante significativa de alunos em vários cursos do ensino superior desde a famosa Medicina até ao Direito, Economias”.

Entrevistada 3 – “Nós, no ano passado, tivemos 92% dos alunos a entrar no ensino universitário, só 8% é que não quiseram se candidatar”.

Neste sentido, tendo em conta a questão feita às diretores de turma de 12º ano, “**Como motivar os alunos a ingressar no ensino superior?**”, achamos fulcral saber quais são as medidas que a escola utiliza para motivar os seus alunos a ingressar no ensino superior. Referem o seguinte:

Entrevistada 1 – “A escola proporciona turmas reduzidas, apoios e salas de estudo às disciplinas de exame, conferências, sessões de esclarecimento e desenvolve projetos”.

Entrevistada 2 – “No 2º Período, é feita uma sessão de esclarecimento para os alunos do 12º ano, em que os responsáveis pelo acesso ao ensino superior vêm à escola e fazem uma conferência, onde apresentam as várias perspetivas, dão dicas para eles contactarem com as instituições. Além de mais, temos na escola também um serviço de Psicologia”.

Entrevistada 3 – “Através do Gabinete do Ensino Superior, instituições universitárias e a psicóloga da nossa escola que faz a orientação e o encaminhamento profissional”.

Sendo, também, referido pelas **professoras de ensino secundário** que o acompanhamento dado aos alunos para a transição do ensino secundário ao ensino superior é sobretudo o seguinte:

Entrevistada 1 – “Aos mais indecisos, recomendo que vão ao Gabinete de Acesso ao Ensino Superior tentar esclarecer as muitas dúvidas”, “como já referi existem as conferências, as sessões de esclarecimento e, se necessário, existe a Psicóloga da escola que pode ajudar também nesse aspeto”.

Entrevistada 2 – “Psicologia e Gabinete do Ensino Superior”.

Entrevistada 3 – “Gabinete de Psicologia para fazer a escolha em termos vocacionais, outras são trabalhadas pelo diretor de turma”.

Notamos que as entrevistadas referem que é importante dialogar, mostrar opções, perceber os percursos e personalidade dos alunos. Tal como Leitão, Paixão & Silva (2007) referem que “é importante compreender os principais fatores explicativos das aspirações educativas dos jovens ao longo do seu percurso educativo, sobretudo ao longo do ensino secundário / transição para o ensino superior” (pp.16 -17).

Tal como as entrevistadas referiram, e indo ao encontro da revisão da literatura, quando pretendemos motivar, devemos trabalhar os fatores responsáveis por essa motivação para o ensino superior. Nesta perspetiva, para motivar é importante preparar através de orientações, informações escolares e profissionais eficazes e que respondem às necessidades do país, por isso é relevante conhecer as motivações dos que procuraram e que têm sucesso nas formações de ensino superior, para que haja exemplos concretos de carreiras de sucesso (Leitão, Paixão & Silva, 2007, p.17).

Nesta ótica, quisemos saber a opinião das **professoras diretoras de turma de nível secundário em relação** às consequências dos alunos não prosseguirem para o ensino superior, sendo afirmado o seguinte:

Entrevistada 1 – “Muitos ficam a fazer melhoria de nota, e tentam entrar no ano seguinte, outros entram logo no mercado de trabalho, outros ficam desempregados durante algum tempo e tentam fazer cursos profissionais, melhorar as habilitações de outras formas e tentar seguir a sua vida sem ser pelo ensino superior”.

Entrevistada 2 – “Alguns alunos ficam à deriva, alguns não vão para o ensino superior, muitas vezes alguns alunos durante o 12ºano têm *part-times*, trabalham em lojas ou em pequenos restaurantes e, às vezes, acabam por ficar por aí, a tendência é essa”.

Entrevistada 3 – “O aluno não faz um caminho no sentido do seu crescimento, aumentar a sua abordagem da sua literacia, capacidade de interpretação, da capacidade de entendimento do mundo, já entra preparado para o mundo e envolvimento profissional, depois ao entrar nessas condições está sempre sujeito a trabalhos de menor qualificação”.

Quando questionados sobre o nível de motivação dos alunos, as **professoras de nível secundário** referem que os níveis de motivação numa escala de zero a dez estão entre os seguintes:

Entrevistada 1 – “Temos alunos muito motivados, temos um grupo muito motivado com objetivos muito altos, mas também temos alguns que ainda não atingiram essa motivação ou ainda não têm motivação para tal, se calhar sete, por aí”.

Entrevistada 2 – “Neste momento, eu penso que estará a sete”.

Entrevistada 3 – “Nível nove.”

Aqui, podemos verificar que a entrevistada 1 refere o número sete numa escala de zero a dez, o que neste ano do estudo encontra-se acima das expectativas da professora entrevistada em relação ao que foi apurado nos questionários, sendo uma percentagem de 94,7% (tabela 22), o que equivaleria a um nove.

Em relação à entrevistada 2, também está acima das expectativas da mesma em relação ao que foi apurado no questionário, pois a escola 2 apresenta uma percentagem de 81,8%, o que equivaleria a um oito.

Contrariamente, na escola 3, a entrevistada refere uma escala de nove, o que está abaixo das suas expectativas pois esta escola apresenta uma percentagem de 64,7%, o que equivaleria a um seis.

Para podermos motivar os alunos a ingressarem no ensino superior, achamos crucial perceber o que fazer para prevenir a desistência dos mesmos. Assim, foi questionado às

professoras de nível secundário e estas referem que, para prevenir a desistência dos alunos no ingresso ao ensino superior, é necessário:

Entrevistada 1 – “Criar mais opções na universidade, na nossa universidade, pesquisar quais os cursos mais procurados e abri-los na nossa região, se não houver cá criar meios de apoio aos jovens que demonstram resultados e que não conseguem a bolsa”.

Entrevistada 2 – “É realmente motivar, e criar políticas de decisões nesse sentido, com perspectivas de futuro mais positivas”.

Entrevistada 3 – “Para mim, íamos à base, ações de sensibilização com os pais”.

Relativamente às **professoras de nível básico de 3º ciclo**, dizem que para motivar os alunos é necessário:

Entrevistada 4 – “Parte desse trabalho não deve ser feito só pela escola, deve ser feito pelos pais, pelos encarregados de educação”.

Entrevistada 5 – “Explicar-lhes talvez alternativas, explicar que existem bolsas de estudo, que existem outras formas de prosseguirem o seu sonho”.

Entrevistada 6 – “Acho que é falar da realidade, da realidade do ensino superior, quanto a mim não é dizer que as coisas vão ser fáceis que requer muito trabalho, que requer dedicação”.

Para podermos analisar mais aprofundadamente esta questão, questionamos também os **professoras diretoras de turma de 9º ano** sobre qual é o número de alunos que ingressa no ensino superior em cada escola, verificando o seguinte:

Entrevistada 4 – “As turmas da manhã, muitos mais ingressam no ensino regular ou no ensino secundário, talvez nas turmas da tarde muitos não ingressam em coisa nenhuma, ou ingressam no ensino profissional”.

Entrevistada 5 – “A perceção que eu tenho, mais de 90% prossegue o ensino secundário regular”.

Entrevistada 6 – “A maior parte dos alunos ingressa no ensino secundário para ingressar no ensino superior a intenção é essa, agora é natural que alguns desses alunos acabem por achar que o ensino secundário é um bocado pesado e preferem ingressar num curso técnico”.

Neste sentido, tendo em conta à questão feita às **professoras diretoras de turma de 9º ano** “**Como motivar os alunos a ingressar no ensino superior?**”, achamos importante

questionar quais as medidas que a escola utiliza para motivar os seus alunos a ingressar no ensino superior:

Entrevistada 4 – “Orientação vocacional, eu acho que é essencial, depois normalmente, nós, diretoras de turma, encaminhámos os alunos para a Psicóloga, e a maioria dos alunos de 9º ano à partida aderem a este programa”.

Entrevistada 5 – “Temos uma equipa técnico pedagógica composta pela Psicóloga, terapeutas e eles têm orientado quem tem problemas de orientação vocacional”.

Entrevistada 6 – “Em parte, tem a ver com os professores, não só enquanto professores da disciplina, mas como diretores de turma, também nós temos como todas as escolas têm a orientação vocacional”.

Sendo, também, referido pelos professores **de nível básico de 3º ciclo** que o acompanhamento dado aos alunos para a transição do ensino básico para o ensino secundário é o seguinte:

Entrevistada 4 – “Normalmente, quem faz isso é a Psicóloga, nós abordamos bastante esse assunto, mas de uma forma bastante informal”.

Entrevistada 5 – “Programa de orientação vocacional e, além de os alunos fazerem os testes psicotécnicos que já lhes dão alguma ajuda para tentarem perceber as suas áreas mais fortes ou menos fortes, nós tentamos promover uma reflexão individual”.

Entrevistada 6 – “Basicamente é feita a orientação vocacional com a Psicóloga da escola, depois têm as visitas de estudo às escolas, vão com os diretores das escolas é-lhes mostrado o leque de opções de cursos que as escolas têm”.

Assim, quisemos também saber a opinião das **professoras diretoras de turma de 9º ano** em relação às consequências dos alunos não prosseguirem para o ensino superior, sendo referido o seguinte:

Entrevistada 4 – “São as consequências do saber não estar preparado, no ensino superior bem ou mal, acaba por dar uma certa liberdade de escolha ou pelo menos, de cultura o que nos permite fazer uma data de coisas”.

Entrevistada 5 – “A consequência será ingressar na vida ativa e às vezes não têm maturidade suficiente para arcar com as responsabilidades” (...) “limitação a nível profissional porque podem ambicionar por algo mais, pois na realidade vão conseguir só com a escolaridade obrigatória”.

Entrevistada 6 – “Muitas vezes desistem do ensino secundário porque algumas disciplinas, acabam por ter certa dificuldade e são aquelas disciplinas que implicam completar o 11ºano, o 12º ano e os alunos ficam ali a arrastar aquela disciplina para acabar os anos, isso desmotiva, porque sem aquela disciplina, não consegue terminar e ingressar no ensino superior. Alguns alunos acabam por desistir”.

Quando questionados sobre o nível de motivação dos alunos de cada escola, as **professoras de nível básico de 3º ciclo** referem que os níveis de motivação para ingressar no ensino superior numa escola de zero a dez, estão entre os seguintes:

Entrevistada 4 – “Na minha direção de turma nove, provavelmente, no caso da outra talvez um sete”.

Entrevistada 5 – “Eu posso dizer, dez”.

Entrevistada 6 – “Os meus alunos estão sempre motivados, até arriscaria logo um nove”.

Para podermos motivar os alunos a ingressarem no ensino superior, consideramos essencial, tal como questionado nas entrevistas de 12º ano, questionar as professoras de 9º ano o que fazem para prevenir a desistência dos alunos a ingressar no ensino superior que afirmam o seguinte:

Entrevistada 4 – “Alunos muitas vezes que vão para a escola hoteleira, muitas vezes acabam por prosseguir estudos, mas para fazê-lo têm que ir para o Continente, talvez se houvesse, por exemplo, uma universidade na Madeira com cursos nessa área eu acho que sim, que haveria mais alunos mais motivados para participar”.

Entrevistada 5 – “Se há uma desistência é que já há uma intenção a seguir, portanto é tentar perceber por que é que houve essa desistência e tentar aconselhar a contornar essa situação. Falei à bocadinha no suporte financeiro, se for essa a situação, por exemplo, falar sobre essa alternativa desde as bolsas de estudo”.

Entrevistada 6 – “Um dos fatores é estarmos constantemente a falar de desemprego” (...) “uma forma de prevenir a desistência era conseguir mais postos de trabalho, emprego, é assim, se conseguir postos de trabalho é fundamental”.

Todas as entrevistadas afirmaram que estudar no ensino superior compensa, tal como referido na nossa revisão de literatura, Ramphele, et al. (2000) afirma que a educação superior

também promove uma ampla abertura de espírito, pensamento crítico, e aptidões de comunicação.

No entanto, as entrevistadas referem os problemas atuais da nossa sociedade e, por isso, tal como Rego, C. et al. (2013) refere que em época de crise e de desemprego elevado, apesar do custo de oportunidade da continuação de estudos ser relativamente menor, se é difícil encontrar trabalho, compensa continuar a estudar.

Neste sentido, com maiores ou menores diferenças relativas, conclui-se que em todos os países da UE a taxa de desemprego é menor quanto maior for o nível de educação do trabalhador; por isso, em geral, um diploma universitário continua a ser importante (Rego, C. et al., 2013; Ramphela, et al., 2000, p.49; Copeland, 2014; Vieira & Vieira, 2013; Vieira; Vieira & Raposo, 2013; Kezar, A. et al. 2008; *Education at a glance*, 2012, OCDE).

Conclusões da Investigação

Houve todo um processo para conseguir, agora, apresentar as principais conclusões, desde a formulação do projeto de investigação, a revisão da literatura a recolha de dados de forma presencial. A análise de dados foi a que exigiu mais tempo e empenho, sendo que o tratamento e análise dos dados foram feitos através do *software* SPSS. Apresentar as conclusões é apresentar uma proposta de interpretação do problema inicialmente identificado, é a fase final do trabalho (Sousa, 2005) assim, acreditamos, estar em condições de retirar conclusões deste estudo.

Desta investigação empírica com a triangulação dos dados, podemos ver que as conclusões coincidem com a teoria pesquisada, pois as professoras diretoras de turma entrevistadas do nível básico (9º ano) e professoras diretoras de turma do nível secundário (12º ano) referem que estudar no ensino superior compensa e é importante, pois apesar da crise que afetou o mercado de trabalho para os jovens que acabam o ensino superior, vemos que quem não o tem encontra-se numa situação ainda mais difícil.

Notamos, também, que estas mesmas professoras trabalham, sobretudo as diretoras de turma de 12º ano entrevistadas, para motivar os seus alunos através de exemplos pessoais, bem como exemplos exteriores à escola, por exemplo, convidando diversos profissionais, o GES, bem como algumas universidades que convidam para alertar a importância deste nível de ensino.

Podemos verificar que, realmente, a maior parte dos estudantes inquiridos estão motivados para ingressar no ensino superior pelas seguintes razões: “Alcançar a profissão desejada” e “Aprofundar conhecimentos”, seguido de “Melhores condições de vida”.

Na mesma linha de pensamento, verificamos que os alunos estão esperançados, mas os entrevistados sublinharam que o ensino superior não garante emprego. No entanto, há uma maior probabilidade de ficar empregado para quem tem o ensino superior, pois, tal como vimos na nossa revisão da literatura e também referido pelos professores entrevistados, uma geração formada, mais qualificada tem maiores capacidades de resposta às dificuldades sociais.

Salientamos que os professores entrevistados de 9º ano não trabalham tanto a motivação para ingressar na universidade, deixando a cargo exclusivo dos psicólogos da escola e dos pais. Reparámos que este assunto não é muito abordado e que deveria ser, realmente, mais trabalhado para que os alunos já começassem a ter ideias mais objetivas, sendo mais apoiados em relação à continuação dos seus estudos.

Os alunos estão, realmente, maioritariamente motivados e os que não estão justificam-se sobretudo com “devido à situação do país”. De facto, é o fator económico que mais influencia. A

crise pela qual atravessamos está a fazer desistir alguns estudantes de prosseguirem o ensino superior, por isso questionamos as professoras entrevistadas sobre o que se pode fazer para evitar a desistência dos alunos ingressarem no ensino superior que responderam que deve-se fazer sobretudo o seguinte: “Criar mais opções na universidade, na nossa universidade”; “Perspetivas de futuro mais positivas” e “Conseguir mais postos de trabalho, emprego (...) é fundamental”.

As conclusões do estudo revelam a realidade que atravessamos e reforça que devemos continuar os estudos até o nível do ensino superior, porque é verdade que as dificuldades de inserção dos jovens licenciados no mercado de trabalho estão associadas à crise económica, mas é o que ainda faz a diferença. Neste sentido, os professores entrevistados de 12º ano mostram vontade em acreditar que passada a crise os jovens licenciados serão compensados, referindo que se os próprios professores e os pais estiverem motivados, apesar de ser difícil de terem motivação, devem transmitir esse sentimento.

Vimos que de entre os estudantes motivados, a maioria conhece os meios para adquirir bolsas de estudo e que quem os apoia para estudar é sobretudo a família com quem vivem. Tal facto coincide com a nossa revisão da literatura, pois vimos que é a família quem mais apoia para os jovens poderem frequentar o ensino superior, sendo que Portugal é um dos países europeus que a frequência do ensino superior mais depende do financiamento das famílias, segundo os dados do *Education at a Glance*, OCDE (2013).

Assim, concluímos que o ensino superior é um investimento economicamente rentável e que existem outros benefícios que estão associados ao valor global da educação, como vimos na revisão da literatura, e também mencionado pelos inquiridos e entrevistados, como por exemplo, benefícios pessoais e sociais.

Relativamente aos estilos de liderança dos professores entrevistados, referimos que nas entrevistas realizadas observamos que os professores diretores de turma de 12º ano têm mais características de líderes democráticos, pois demonstram-se mais preocupados em ouvir os seus alunos e apoiar, estando mais dispostos a ouvir o seu grupo e dialogar. Em contrapartida, os professores diretores de turma de 9º ano entrevistados, com a exceção da professora entrevistada 5, revelam características de líderes autoritário. Não comunicam tanto com o grupo e delegam essa função para uma pessoa responsável. Afirmam, sobretudo, que motivar e esclarecer para o ensino superior é uma tarefa para os pais, porém revelam-se preocupados para resolver problemas da turma como conflitos, justificações de faltas (etc.) e lecionar a matéria.

Por isso, acreditamos que este tema devia ser mais trabalhado neste nível de ensino (9º ano) para que os alunos se sintam mais confiantes com a área que vão ingressar para o ensino secundário, que determinará a área do ensino superior.

Considerações Finais e Recomendações para estudos futuros

Com a realização do estágio, podemos refletir a nossa prática enquanto profissionais de educação. Assim, precisamos de identificar os pontos fortes e potencializá-los, bem como identificar os pontos fracos e aboli-los, o que proporcionou a mudança da nossa prática, sentimos a necessidade de criar novas opções e nos comprometermos com novos desafios.

Podemos vivenciar uma prática de liderança num contexto de cariz educativo onde conhecemos a análise SWOT do GES que têm identificados os pontos fortes e os pontos fracos dentro da organização, minimizando os pontos fracos e potencializando os fortes, bem como identificar as ameaças e oportunidades externas à organização realçando as oportunidades e esbatendo as ameaças.

A prática do Líder do GES observada e vivenciada foi extremamente significativa, pois consolidamos a teoria aprendida com a prática vivida. Concluímos que o líder do GES tem como estilo de liderança o estilo democrático pois trabalha sempre em colaboração com a equipa. Este estilo de liderança foi identificado pela nossa observação direta no GES, sendo também afirmado por todos os colegas da equipa de trabalho que o líder tem as características de estilo democrático. Assim, percebemos que a liderança não se fecha no líder, é um ato de partilha de conhecimento e aprendizagem mútua envolvente, com toda a equipa de trabalho interna, mas também precisamos de ligarmo-nos ao contexto exterior envolvente. O líder não descarta a gestão que o seu cargo implica, mas é um líder porque dá atenção as questões sociais, culturais e humanas.

Podemos concluir que o GES é um gabinete ativo e dinamizador pois procura conectar-se à comunidade (escolas, encarregados de educação), trabalha de acordo com as necessidades do seu público-alvo, e toda a equipa segue a mesma linha orientadora de ação.

Enquanto estagiamos no GES, procuramos sempre ser autónomos, onde tivemos um papel ativo com liberdade para criticar de forma construtiva, de pesquisar de forma intrínseca, de criar e inovar, sobretudo na atividade da criação dos manuais, consideramos que esta atividade foi muito importante pois deixamos esse contributo para o GES, sendo uma atividade de partilha com o líder do gabinete.

Entendemo-nos como agentes de inovação e mudança no nosso contexto educativo, onde ambicionamos um melhor desempenho da nossa prática, e foi sobretudo através dos diálogos que encontramos as experiências.

Durante o estágio tivemos presente e utilizamos a investigação - ação, pois procuramos a resposta e sentimos a necessidade de conectarmo-nos e ter um contexto de prática, pois

queríamos conhecer em profundidade a realidade deste tema em específico e resolvemos possíveis problemas.

Ao longo do capítulo 2, achamos pertinente refletir sobre o estágio onde referimos a organização do mesmo, as atividades desenvolvidas que permitiram aplicar conhecimentos e adquirir competências que são transversais a qualquer atividade profissional, quer do saber conhecer, saber conviver, saber ser e saber fazer, onde os objetivos do relatório foram cumpridos. A nossa atitude, enquanto estagiamos, foi de tomar iniciativas, assumir responsabilidades, mostramo-nos sempre disponíveis e com vontade de aprender mais, fomos sempre pontuais e assíduos.

Por fim, as aprendizagens conseguidas contribuíram para o nosso crescimento profissional e pessoal. Desenvolvemos capacidades relacionais de comunicação e de trabalho em equipa, pois interagimos com pessoas com quem praticamos e melhoramos as nossas competências sociais e a capacidade de diálogo.

Tivemos um contacto real onde podemos intervir na área através do conhecimento de uma organização educacional em vários domínios, e também o desenvolvimento de competências profissionais mais técnicas como a planificação, análise, avaliação, observação e reflexão sobre a organização, funcionamento e atividades de uma organização educacional, obtendo assim uma perspetiva da realidade, alargando os nossos conhecimentos na área de administração educacional.

Decidimos realizar um estudo de investigação empírica de pertinência para o GES que extravasou o gabinete, dividindo os tempos num cronograma previamente elaborado, no qual terminadas as horas de estágios, dedicamo-nos às idas às diversas escolas onde implementamos as técnicas de investigação escolhidas, de acordo com o nosso estudo, o que nos permitiu ter um contacto direto, fomentando o espírito científico.

A investigação empírica foi um processo moroso, mas consideramos que foi muito gratificante pois o facto de termos tido contacto face a face com os diretores de escolas, diretores de turma e alunos deu-nos um forte suporte para intervir neste estudo de forma real e fidedigna, conhecendo as práticas e as experiências destes. Tal exigiu de nós, investigadora, uma entrega profunda, aproximando-nos das situações concretas com vista à melhoria da qualidade da educação. As várias etapas deste processo foram importantes e permitiram que várias aprendizagens fossem conseguidas.

Toda a revisão da literatura realizada possibilitou obter informações que deram conta dos conceitos implícitos ao estudo e que fundamentaram cada apreciação e conclusão resultante da

análise de todas as informações recolhidas. Sublinhamos a extrema importância da metodologia utilizada, pois possibilitou recolher e tratar os dados de forma fidedigna.

Consideramos que o estágio foi de extrema relevância, pois permitiu uma aproximação ao mercado de trabalho, onde pudemos complementar a nossa formação com os profissionais em exercício dentro de uma organização educacional.

Esta aprendizagem irá influenciar o nosso desempenho e, conseqüentemente, a imagem que o GES tem de nós enquanto profissionais. Permitirá desenvolver um bom sentido de boas práticas e novas aprendizagens que só em contexto real foi possível adquirir, pois cada dia passado, em contexto de estágio, possibilitou aumentar as nossas capacidades de planeamento e de visão da organização educativa.

Tanto o estágio, como a investigação colocaram-nos a participar em diversas situações educativas, tivemos vivência em situações de trabalho, tendo assim uma componente prática e real, onde vimos sentido e pertinência no trabalho realizado. No entanto, sabemos que o estágio foi um início de uma caminhada, estamos conscientes que o crescimento pessoal e profissional deve ser feito ao longo da vida. Acrescentamos que realizar um estudo não é uma tarefa fácil, pois implica esforço e envolvimento pessoal, bem como ser capaz de enfrentar e ultrapassar a complexidade de situações que vão surgindo. Mas consideramos que uma investigação constitui um desafio estimulante.

Chegados ao final deste trabalho, estamos convictos de que existem outras questões que poderiam ser estudadas, mas que necessitariam de mais tempo e mais disponibilidade, por isso deixamos algumas recomendações para estudos futuros. Sugere-se que sejam estudadas as motivações dos alunos nos diferentes concelhos da RAM. Estudar as motivações precoces dos alunos de 9º ano a nível do ensino superior. Também podemos sugerir continuar este estudo, mas já a um nível em que os alunos estejam matriculados no ensino superior, percebendo assim como se encontram os níveis de motivação para concluir a licenciatura (1º ciclo) e continuar os seus estudos para o mestrado (2º ciclo).

Pensa-se, também, que seria útil conhecer, ao longo do percurso dos alunos universitários, a sua satisfação e expectativas da universidade, se coincide com as suas decisões tomadas na transição do ensino secundário para o ensino superior. Podemos, assim, concluir que sentimos uma grande satisfação pelo trabalho, conseguido pelas experiências vivenciadas, possibilitou consolidar um desejo e um esforço há muito pensado. O percurso não foi fácil, mas conseguido com sucesso, o que nos permite afirmar que o trabalho desenvolvido constituiu-se uma experiência que complementou a teoria com a prática, através do envolvimento de toda a comunidade educativa.

Referências Bibliográficas

- Academia de Ciências de Lisboa (2002) – Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. Verbo, Lisboa. ISBN 972-22-2046-2, 2002.
- Almeida, J. & Pinto, J. (1980). *A investigação nas ciências sociais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bento, A. & Ribeiro, M (2013). *A liderança escolar a três dimensões: diretores, professores e alunos*. 1ª ed. Guarda: Oficinas de São Miguel.
- Bento, A. (2014, julho). *Crise e oportunidade no ensino superior público – o diploma ainda conta...* Comunicação apresentada no 1º Encontro de Educação “Juntos pela Escola Pública”, Município de Santa Cruz, Madeira.
- Bilhim, J. (1996). *Teoria organizacional: Estruturas e pessoas*. (4ª ed.). Lisboa: ISCP.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Caires, S. (2001). *Vivências e percepções do estágio no ensino superior*. Braga: Universidade do Minho.
- Costa, J. & Costa, F. (s.d) “O quotidiano de um diretor escolar: Entre a gestão e a liderança”.
- Costa, J. (2000). “Liderança nas organizações: revistando teorias organizacionais num olhar cruzado sobre as escolas”. In Jorge Adelino Costa, A. Neto Mendes & Alexandre Ventura (org.). *Liderança e Estratégia nas Organizações Escolares*. Aveiro: Universidade de Aveiro, pp.15-33.
- Costa, R. (2003). *Persona. Manual prático da gestão das pessoas*. Lisboa: Bertrand Editora.

- Eiró, A. (2007). “Ensino Superior, motivações e perspetivas de carreira”. In L. Leitão; M. Paixão & J. Silva (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. pp. 205-209.
- Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-ação*. Porto Editora. Coleção Infância.
- Freire, P. (2009). *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gomes, J. (2007). In L. Leitão; M. Paixão & J. Silva (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. pp. 123-133.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (2005). *O inquérito: Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Estoril: Principia Editora.
- Hill, M & Hill, M. (2002). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Kezar, A; Frank, V; Lester, J & Yang, H (Orgs.). (2008). “Why is education importante for your future and how can education IDAs help you reach your educational goals”. University of Southern California: Center for higher education policy analysis.
- Leitão, L. (2007). In L. Leitão; M. Paixão & J. Silva (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. pp. 97-104.
- Leitão, L; Paixão, M. & Silva, J. (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Lessard-Hébert, M. (1900). *Pesquisa em educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lourtie, P. (2013). “Rede de ensino superior em Portugal”. In C. Rego; A. Caleiro; C. Vieira; I. Vieira & M. Baltazar. (Orgs.). *Redes do ensino superior: Contributos perante os desafios do desenvolvimento*. Évora: Universidade de Évora. pp. 11-29.

- Marôco, J. (2014). *Análise Estatística: Com o SPSS statistics*. (6ª ed.). Lisboa: ReportNumber.
- Martinez, L. & Ferreira, A. (2008). *Análise de dados com o SPSS*. Lisboa: Escolar Editora.
- Ramphela, M.; Rosovsky, H.; Prewitt, K.; Ali, B; Ashrawi, H; Brunner, J; Dybkaer, L; Goldemberg, J; Haddad, G; Kaji, M; Koswara, J; Matos, N; Singh, M & Tham, C. (Orgs-grupo de trabalho criado pelo UNESCO). (2000). *O ensino superior nos países em desenvolvimento: Perigos e Esperanças*. Lisboa: Associação das Universidades da Língua Portuguesa (AULP).
- Rego, C. & Caleiro, A. (Ed.). (Orgs.) (2013). *Redes do ensino superior: Contributos perante os desafios do desenvolvimento*. Évora: Universidade de Évora.
- Rego, C., Vieira, C., Vieira, I., Baltazar, S. & Caleiro, A. (2013). “Ensino superior em Portugal e acesso ao mercado de trabalho: que relação?”. In C. Rego; A. Caleiro; C. Vieira; I. Vieira & M. Baltazar. (Orgs.). *Redes do ensino superior: Contributos perante os desafios do desenvolvimento*. Évora: Universidade de Évora. pp. 239-261.
- Santos, R. (2007). In L. Leitão; M. Paixão & J. Silva (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. pp. 211-213.
- Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Trigo, R. & Costa, A. (2008). “Liderança nas organizações educativas: a direção por valores”. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.16, n. 61, pp. 561-582.
- Vieira, C. & Vieira, I. (2013). “Procura de ensino superior em Portugal: determinantes e perspetivas”. In C. Rego; A. Caleiro; C. Vieira; I. Vieira & M. Baltazar. (Orgs.). *Redes do ensino superior: Contributos perante os desafios do desenvolvimento*. Évora: Universidade de Évora. pp. 203-219.
- Vieira, C. (2012). “A escolha vocacional na transição para o ensino superior”: Estudo exploratório no acesso à universidade da madeira (Dissertação de Mestrado). Universidade da Madeira, Funchal.

Vieira; Vieira & Raposo (2013). “*Sucesso académico e processo de seleção de candidatos ao ensino superior em portugal*”. In C. Rego; A. Caleiro; C. Vieira; I. Vieira & M. Baltazar. (Orgs.). *Redes do ensino superior: Contributos perante os desafios do desenvolvimento*. Évora: Universidade de Évora. pp. 221-235.

Referências Webgráficas

Alves, C. & Moura, K. (s.d.). *A liderança como instrumento de administração na gestão educacional*. Retirado de

http://www.fclar.unesp.br/Home/Departamentos/CienciasdaEducacao/RevistaEletronica/a_lideranca_como_instrumento_de_administracao_na_gestao_educacional.pdf

Cabral, L. (2015, 6 de abril). Perante estes factos, como é que o senhor doutor se atreve a dizer que o ensino superior tem um grande valor? *Jornal o Expresso*. Retirado de

<http://expresso.sapo.pt/perante-estes-factos-como-e-que-o-senhor-doutor-se-atreve-a-dizer-que-o-ensino-superior-tem-um-grande-valor=f918608#ixzz3WdReg1iW>

Caldas, H. (2002). *O que é, para que serve e como se guiar na elaboração de um relatório experimental*. Departamento de Ciências Naturais – DCNAT Universidade Federal de São João del Rei – UFSJ. Retirado de

<http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/dcnat/relatorio.pdf>

Instituto Nacional de estatística. *Classificação Portuguesa das Profissões (CPP)*. (2010).

Retirado de

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=107961853&PUBLICACOESmodo=2

Copeland, C. (2014). *A importância do ensino superior para o desenvolvimento de um indivíduo*.

Retirado de

http://www.ehow.com.br/importancia-ensino-superior-desenvolvimento-individuo-info_131956/

Conselho Nacional de educação. (2015, 18 de março). *Com curso superior ganha-se mais 1,7 milhões de euros do que com o 9.º ano*. Diário de notícias Madeira.

Retirado de

<http://www.dnoticias.pt/actualidade/pais/505144-com-curso-superior-ganha-se-mais-17-milhoes-de-euros-do-que-com-o-9%C2%BA-ano>

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. (2013). Definição de “**Estágio**”. Retirado de

<http://www.priberam.pt/dlpo/est%C3%A1gio>

DGES. (2008). Gabinetes de acesso ao Ensino Superior. Retirado de

<http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Estudantes/Acesso/Contactos/GAES/gaes-contactos.htm>

GES. (2015). Gabinete do ensino superior da RAM. Retirado de

http://www02.madeira-edu.pt/drjd/ensino_superior

Lima, L. (1992). *Organizações educativas e administração educacional em editorial*. Sísifo: Revista Portuguesa de Educação, 5, 1-8. Retirado de

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/515/1/1992%2c5%283%29%2c1-8%28LicinioCLima%29.pdf>

Morgado, J. (2014, 7 de agosto). Estudar é caro mas a qualificação é um bem de primeira necessidade. *Jornal o Público Lisboa*. Retirado de

<http://www.publico.pt/sociedade/noticia/estudar-e-carro-mas-a-qualificacao-e-um-bem-de-primeira-necessidade-1665699>

OECD. (2012), *Education at a Glance 2012: OECD Indicators*, OECD Publishing. Retirado de

<http://www.uis.unesco.org/Education/Documents/oecd-eag-2012-en.pdf>

OECD. (2013), *Education at a Glance 2013: OECD Indicators*, OECD Publishing. Retirado de

<http://www.oecd.org/edu/eag2013%20%28eng%29--FINAL%2020%20June%202013.pdf>

Rios, T. (s.d.). *Significado e pressupostos do projeto pedagógico*. Retirado de <http://www.planejconsultoria.com.br/skin/frontend/pdf/concursos/4/1247930000/1247930000.pdf>

Silva, S. (2014, 9 de setembro). Portugal é um dos países da OCDE onde a percentagem de jovens que não estudam nem trabalham mais tem crescido. *Jornal o Público Lisboa*. Retirado de <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/portugal-e-um-dos-paises-da-ocde-onde-a-percentagem-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham-mais-tem-crescido-1669055>

Vieira, D.; Caires, S. & Coimbra, J. (2011). “Do ensino superior para o trabalho: contributo dos estágios para inserção profissional”. In *Rev. bras. orientac. prof* vol.12 no.1 São Paulo jun. 2011. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-33902011000100005&script=sci_arttext

Referências Legislativas

Decreto-lei n.º 249, de 29 de Dezembro de 2011, Artigo 13.º (Ministério da Educação e Ciência). Retirado de <http://dre.pt/pdf1sdip/2011/12/24900/0549805508.pdf>

Portaria n.º 95, de 16 de Maio de 2012 (Ministérios das Finanças e da Educação e Ciência). Retirado de <http://dre.pt/pdf1sdip/2012/05/09500/0253702538.pdf>

Bibliografia Consultada

Costa, F. (2010). *Município de Alenquer: Práticas e políticas*. (Relatório de estágio de Mestrado). Universidade de Lisboa, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Hébert, M. (1900). *Pesquisa em Educação*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS*. Braga: Psiquilíbrio Edições.

Marôco, J. (2003). *Análise Estatística: Com utilização do SPSS*. (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

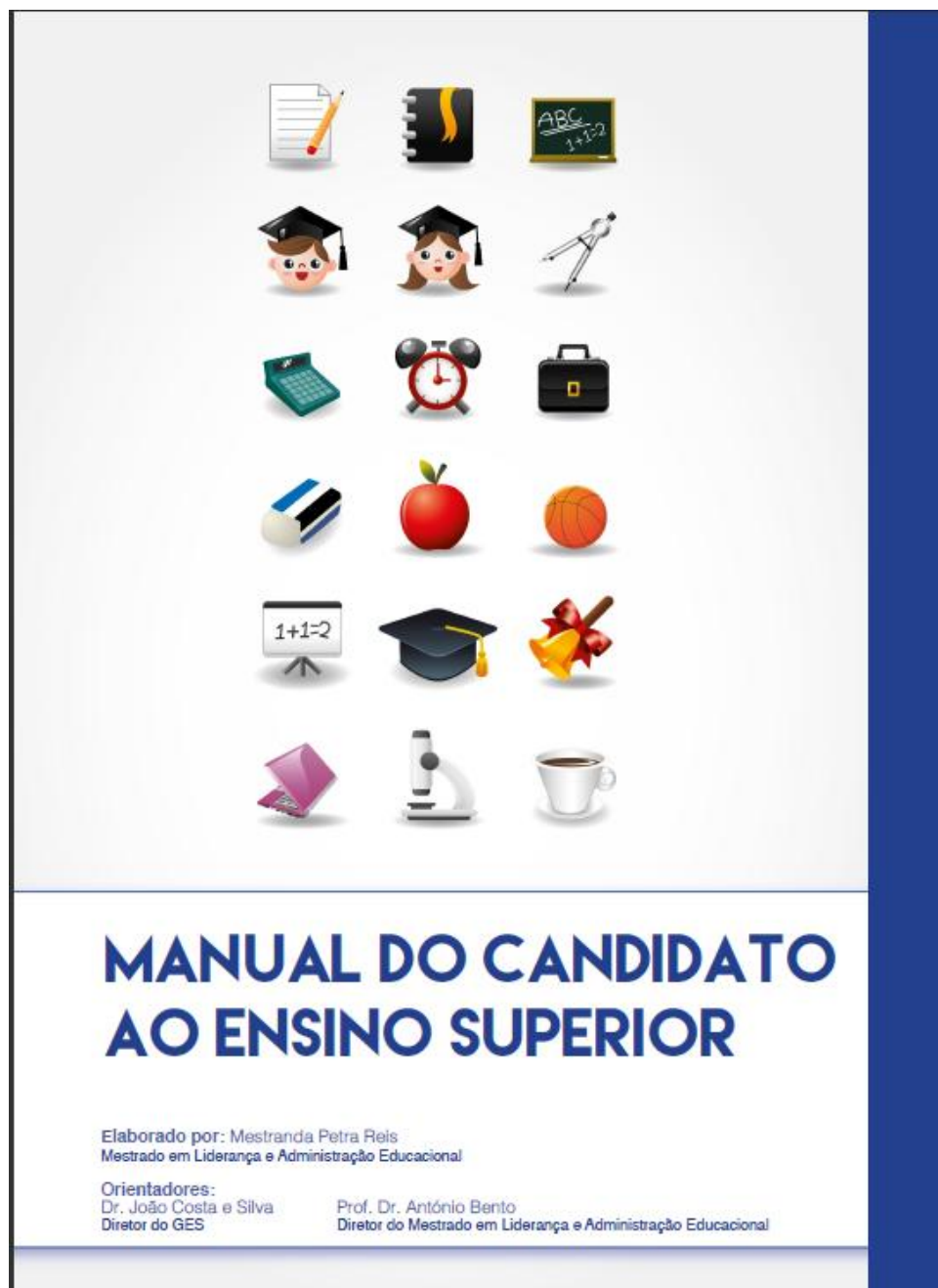
- Marôco, J. & Bispo, R. Estatística aplicada às ciências sociais e humanas. (1ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Martinho, P. (2012). *Mestrado em docência e gestão da educação: Área de especialização em administração escolar e administração educacional*. (Relatório de estágio de Mestrado). Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Saboga, A. (2005). “Jovens, escola e empresa. A formação em alternância como uma das modalidades de transição para o mundo do trabalho” (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.
- Saúde, S., Borralho, C., Féria, I. & Lopes, S. (2014). *Os impactos socioeconómicos do ensino superior: Um retrato a partir de estudos de caso de Portugal e Espanha*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Simão, V., Reinhardt, E., Ribeiro, C., Durst, F., Bernecker, W., Prokosch, H., Lerch, R., Alarcão, D., Ribeiro, J., Santos, S., Costa, A. & Carvalhal, J. (2005). *Ensino superior opções estratégicas: Reorganização do ensino superior modelo orgânico da universidade de viseu*. Lisboa: PCE, Pedro Coelho Edições.

Apêndices

Apêndice 1 – Horário de estágio realizado no GES.

Universidade da Madeira - Gabinete do Ensino Superior							
Estágio Curricular de Mestrado de Liderança Administração Educacional							
Ano	2014				2015		
Outubro (dias)	Horas	Novembro (dias)	Horas	Dezembro (dias)	Horas	Janeiro (dias)	Horas
1 (4ªfeira)	9h às 16h30	3 (2ªfeira)	9h às 17h00	1 (2ªfeira)	9h às 17h00	5 (2ªfeira)	9h às 17h00
6 (2ªfeira)	9h às 17h30	4 (3ªfeira)	9h às 12h30	2 (3ªfeira)	9h às 12h30	6 (3ªfeira)	9h às 12h30
7 (3ªfeira)	9h às 12h30	10 (2ªfeira)	9h às 17h00	9 (3ªfeira)	9h às 12h30	12 (2ªfeira)	9h às 17h00
13 (2ªfeira)	9h às 17h00	11 (3ªfeira)	9h às 12h30	10 (4ªfeira)	9h às 17h00	13 (3ªfeira)	9h às 12h30
14 (3ªfeira)	9h às 12h30	17 (2ªfeira)	9h às 17h00	15 (2ªfeira)	9h às 12h30	19 (2ªfeira)	9h às 17h00
20 (2ªfeira)	9h às 17h00	18 (3ªfeira)	9h às 12h30	16 (3ªfeira)	9h às 12h30	20 (3ªfeira)	9h às 12h30
21 (3ªfeira)	9h às 12h30	24 (2ªfeira)	9h às 17h00			23 (6ªfeira)	9h às 17h00
27 (2ªfeira)	9h às 17h00	25 (3ªfeira)	9h às 12h30			26 (2ªfeira)	9h às 17h00
28 (3ªfeira)	9h às 12h30					27 (3ªfeira)	9h às 12h30
Total de horas: 160 horas.							
Mestranda Petra Reis.							

Apêndice 2 – Manual do Candidato ao Ensino Superior





ÍNDICE

1. Nota Introdutória.....	4
2. Motivação para ingressar no ensino superior.....	6
3. Mitos sobre o acesso à Universidade.....	15
4. Como escolher um curso de ensino superior?.....	17
5. Como ingressar no ensino superior?.....	21
6. Que cursos superiores existem?.....	22
7. Qual a universidade indicada para o curso no qual quero ingressar?..	23
8. Referências Bibliográficas.....	29
9. Referências Webgráficas.....	30



PARA O CANDIDATO AO ENSINO SUPERIOR

1. Nota Introdutória

És candidato ao ensino superior?

Então este é um manual adequado para ti!

Esta é uma fase única da tua vida e por isso as dúvidas são uma constante, é nestas que te queremos ajudar.

Neste manual vamos sublinhar questões importantes para a realização da tua candidatura ao ensino superior. No entanto, cada caso é um caso e todos os estudantes são diferentes; por isso podes sempre passar no GES e colocar todas as dúvidas e até podes utilizar o correio eletrónico específico (superior@madeira-edu.pt); a fim de colocares todas as tuas questões para a realização da tua candidatura ao ensino superior sem qualquer tipo de tabu!

4



Aqui podes encontrar respostas às seguintes questões:

- ? - Queres dar continuidade aos teus estudos e ingressar na Universidade?
- Já escolheste o curso superior no qual queres ingressar?
- Queres estudar na Região? Ou fora da Região?
- Que universidade escolher?

Lembra-te que estudar é a base para o futuro, por isso não podes desistir dos teus objetivos de estudo às primeiras dificuldades porque estas vão existir e fazem parte desta fase. Durante a tua candidatura e o teu percurso de estudante podes encontrar dificuldades e é natural que elas apareçam mas sem dúvida que o ingresso na universidade será a tua oportunidade!

"Entre as dificuldades se escondem as oportunidades"

Albert Einstein

5



PARA O CANDIDATO AO ENSINO SUPERIOR

2. Motivação para entrar no ensino superior

Porquê estudar no Ensino Superior?

Todos nós fazemos esta pergunta mesmo os que já sabem que querem prosseguir os seus estudos, o que é natural devido à conjuntura económica e social que hoje atravessamos. Mas a verdade é que estudar no ensino superior traz benefícios, os formados no ensino superior são os que mais ficam colocados no mercado de trabalho e os que levam menos tempo para ingressar nele (Education at a glance, 2012, OCDE).

Quanto mais formação, menos desemprego consequentemente quanto menos formação, mais desemprego!

Com a formação de ensino superior, podes exercer uma profissão que te proporcionará maior flexibilidade de horário; melhores condições de trabalho; menor risco de desemprego e ainda melhor salário; em Portugal, o titular de um curso superior ganha, em média, mais 80% do que um indivi-

6



duo sem formação universitária (Education at a glance, 2012, OCDE).

Com o ingresso na Universidade podes alcançar:

- + - Mais saber e conhecimentos;
- Maior acesso à cultura;
- Mais competências;
- Mais "ferramentas";
- Melhores perspetivas de futuro.



Deves prosseguir com os teus estudos e ingressar no ensino superior, assim investes no teu futuro!

Na segunda metade do século XX, no seguimento de uma crescente democratização do acesso ao ensino superior, o número de diplomados do

7



ensino superior aumentou mundialmente. Em muitos países, nos primeiros anos do século XXI, ouvimos falar até em excessos de oferta de diplomados e em fenómenos de 'sobrequalificação'.

Nesta perspetiva "há quem se interrogue se a obtenção de um diploma vale o esforço e o custo para o orçamento familiar, como há quem questione se faz sentido, em situação de dificuldade financeira, o país investir na formação de jovens que vão contribuir para outras economias" (Lourtie, 2013, p. 11). Neste âmbito, Gomes (2007) e Santos, (2007) refere que as gerações de hoje, os jovens, a sociedade atual, estão mais preocupados com o que vai acontecer após o percurso universitário do que gerações de há 30/40 anos atrás. Aquele autor afirma que é natural esta preocupação.

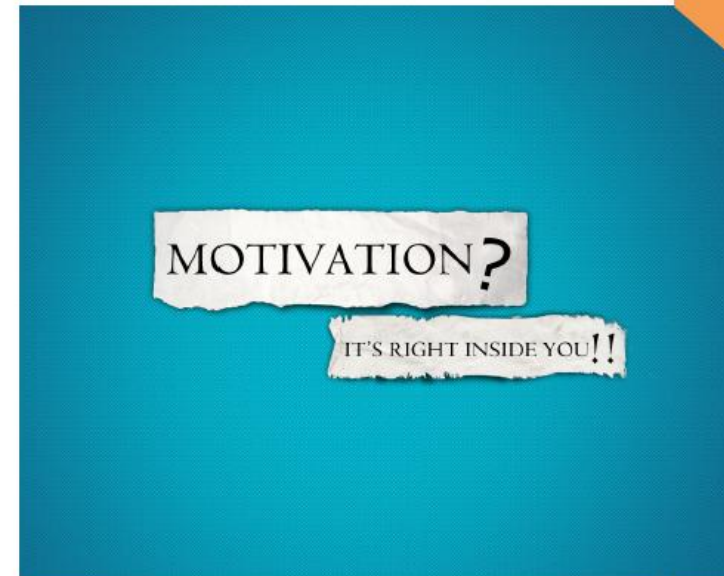
Contudo **um diploma de ensino superior é ainda um meio de acesso a uma vida profissional mais satisfatória, estável e bem remunerada** (Rego, C. et al., 2013; Education at a glance, 2013, OCDE).

Em todos os países da União Europeia, tendo em conta toda a população ativa, "a percentagem de desempregados com ensino superior é sempre a menor" (Rego, C. et al., 2013, pp. 242-243; Leitão, 2007).

Assim **a opção dos estudantes do ensino secundário em prosseguir os seus estudos para o nível do ensino superior hoje é a melhor escolha**, pois continuar a estudar compensa, tanto pela remuneração bem como pelas hipóteses de empregabilidade (Bento, 2014; Rego, C. et al., 2013; Ramphele, et al., 2000, p.49; Copeland, 2014; Vieira & Vieira, 2013; Vieira & Raposo, 2013; Kezar, A. et al. 2008; Education at a glance, 2012, OCDE).

Apesar do custo de oportunidade da continuação de estudos seja re-

8



lativamente menor, se é difícil encontrar trabalho, compensa continuar a estudar (Rego, C. et al., 2013).

O ensino superior é fulcral, por isso os países precisam de educar mais os seus jovens até ao ensino superior porque **um grau interior a este, hoje, é considerado uma qualificação baixa para muitos empregos qualificados** (Ramphele, et al., 2000, p.13).

Simultaneamente os benefícios do ensino superior continuam a aumentar, os custos de quem não se forma neste tipo de ensino também tende a aumentar.

É importante salientar que **"O Ensino Superior não é mais um luxo: ele é essencial ao desenvolvimento económico e social nacional"**

(Ramphele, et al., 2000, p.17).

Hoje, mais do que nunca na história humana, a riqueza – ou a pobreza – das nações depende da qualidade do ensino superior. Aqueles

9



que têm um maior repertório de perícias e uma maior capacidade de aprendizagem podem olhar em frente para vidas de significado económico sem precedentes. Mas nas décadas que hão-de vir os pobremente educados encontrar-se-ão de frente com vidas com perspetivas flagrantes de franco desespero (Malcolm Gillis, Presidente da Universidade de Rice, 12 Fevereiro 1999) (citado por Ramphel, et al., 2000, p.21).

Conclusões do estudo, *Education at a glance*, 2012, OCDE, constata que Portugal é um dos países no qual se têm mais vantagens em tirar um curso superior. Segundo este estudo, as vantagens não são apenas económicas, uma vez que se refletem também a nível social, pessoal, a nível da saúde e entre outros.

A importância do ensino superior é reconhecida a nível europeu, vários estudos como *Education at a glance*, 2012, OCDE, entre outros provam que quanto mais alto é o nível de ensino maiores são os benefícios. Inclusive estes estudos referem que a **educação é muitas vezes a melhor ferramenta para a criação de riqueza e felicidade** (Copeland, 2014; Rego, C. et al., 2013; Vieira & Vieira, 2013; Vieira; Vieira & Raposo, 2013; Education at a glance, 2012, OCDE; Kezar, A. et al. 2008; Ramphel, et al., 2000).

Formar-se no ensino superior na generalidade dos casos, os estudantes e famílias entendem que é um investimento numa vida melhor no futuro, para enfrentar de forma mais vigorosa o mercado de trabalho e obter melhores remunerações e, consequentemente, uma melhor qualidade de vida (Rego, C. et al., 2013, p. 239). Neste sentido **um diploma é muitas vezes considerado um passaporte para uma vida pessoal mais satisfatória e uma vida profissional melhor remunerada.** (citado por Vieira & Vieira, 2013, p. 206; Rego, C. et al., 2013).

10



O ensino superior é realmente importante pois este traz diversas vantagens às sociedades quer sociais quer políticas. Este melhora as vidas individuais e enriquece toda a sociedade. O ensino superior aumenta as remunerações e a produtividade, o que faz com que os indivíduos e os pais simultaneamente fiquem mais ricos, pode ainda encorajar a iniciativa e a independência (Ramphel, et al., 2000, p.49; Copeland, 2014; Rego, C. et al., 2013; Vieira & Vieira, 2013; Vieira; Vieira & Raposo, 2013; Education at a glance, 2012, OCDE; Kezar, A. et al. 2008).

Quanto mais cidadãos formados no ensino superior tiver um país melhor será a geração de investigação e de conhecimento o que é verdadeiramente significativo para a economia que permite envolver-se no comércio escolar e científico com as outras nações além de gerar conhecimento (Ramphel, et al., 2000).

Assim, a educação superior também promove uma ampla abertura de

11



espírito, pensamento crítico, e aptidões de comunicação, sendo essencial numa democracia efetivamente participativa (Ramphele, et al., 2000).

A **formação de ensino superior** é significativa no desenvolvimento dos indivíduos porque os prepara para uma carreira e **proporciona** uma ampla experiência de vida, faz com que o indivíduo se sinta confiante na sua área de trabalho pela sua formação académica. Tais habilidades podem trazer realização pessoal e satisfação, bem como **uma carreira de sucesso** (Copeland, 2014).

Os detentores de diplomas de ensino superior tendem a economizar mais dinheiro e fazem mais investimentos (Education at a glance, 2012, OCDE). Os diplomados pelo ensino superior tendem a trabalhar em empregos com estabilidade, em escritórios ou outras instalações com boas condições que melhoram a qualidade de vida.

As pessoas que frequentam a universidade tendem a tomar decisões mais informadas enquanto consumidores. Os licenciados têm maiores oportunidades de trabalho e tendem a ter competências que podem ser facilmente aplicadas em diferentes ambientes de trabalho e em diferentes localizações geográficas (Education at a glance, 2012, OCDE).

Contudo existem mais benefícios além do económico ao frequentar a universidade, como o benefício pessoal pois o ingresso no ensino superior pode realmente mudar a vida e levar a uma maior felicidade e saúde porque os diplomados do ensino superior normalmente têm maiores salários o que lhes permite ter mais opções no futuro, e maior possibilidade de escolha de um trabalho que se adapte ao seu estilo de vida. Neste sentido, referimos

12



que as pessoas com uma educação superior têm expectativas de vida mais longas, tendem a se exercitar mais e praticar mais desporto dando assim benefícios à sua saúde (Education at a glance, 2012, OCDE).

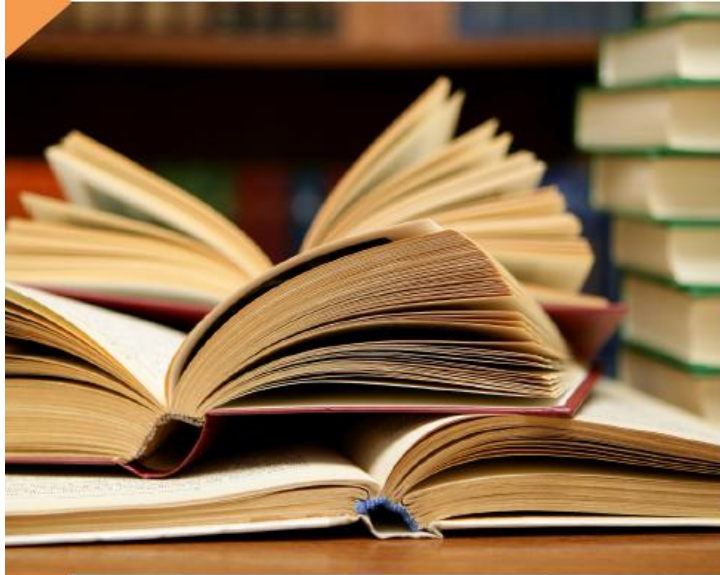
Os diplomados no ensino superior são os melhores em resolver problemas e lidar com as decisões do dia-a-dia (Kezar, A. et al. 2008; Copeland, 2014; Education at a glance, 2012, OCDE).

A formação do ensino superior estimula os estudantes a serem cidadãos participantes ativos nas suas comunidades e economias que os prepara para o futuro (Kezar, A. et al. 2008; Copeland, 2014; Education at a glance, 2012, OCDE).

Em Portugal estudar compensa e é importante fazê-lo para o bom desenvolvimento do nosso país (Education at a glance, 2012, OCDE).

O estudo em análise refere ainda quanto maior forem as taxas de di-

13



plomados num país contribui indiretamente para a diminuição da taxa de mortalidade infantil e da taxa de pobreza e crime, contribuindo para o aumento da esperança de vida e uma maior estabilidade política (Education at a glance, 2012, OCDE).

Historicamente, a educação valeu e continua a valer a pena. Ao longo dos últimos 25 anos, as diferenças de rendimentos têm crescido entre os trabalhadores com diferentes níveis de escolaridade. **Hoje, nós somos mais escolarizados do que nunca.** (Copeland, 2014; Bento, 2014; Rego, C. et al., 2013; Vieira & Vieira, 2013; Vieira; Vieira & Raposo, 2013; Education at a glance, 2012, OCDE; Kezar, A. et al. 2008; Ramphel, et al., 2000).

É através da aposta nos teus estudos que vais poder enriquecer os teus conhecimentos, obter uma profissão que te identifiques e sobretudo alcançar o sucesso!

14



PARA O CANDIDATO AO ENSINO SUPERIOR

3. Mitos sobre o acesso à Universidade

Achamos relevante referir os mitos que existem em torno do acesso às universidades e que muitas vezes fazem desistir os alunos; por isso devem ser ultrapassados pela importância que o ensino superior suporta. Neste sentido há **sete mitos comuns sobre a universidade** que devemos considerar antes de decidir que a educação superior não é o caminho certo a seguir. Sendo eles:

1- A universidade é muito cara - é importante saber que existe uma quantidade significativa de dinheiro em bolsa disponível a partir do governo que irá abranger a maioria da taxa de matrícula e propinas para o ensino superior.

2- Não há vagas para conseguir ajuda financeira, por isso o estudante já tem de ter poupanças - para os alunos carenciados existem realmente apoios financeiros.

15



3- A universidade é para jovens e não para adultos - a maioria dos alunos que frequentam muitas universidades são adultos e não apenas jovens, nunca é tarde demais para ir para a universidade.

4- Só vai para a universidade quem tem membros da família que frequentaram a universidade - em cada família, alguém tem que ser o primeiro enquanto alguns membros da família podem não entender, terá de ser discutida a lista de benefícios para ajudar a compreender as escolhas de ir para o ensino superior; no entanto é natural que os filhos de um formado no ensino superior estará mais propenso a ir para a universidade.

5- Não ingressa na universidade o aluno que não gosta de matemática, não gosta de redigir textos longos - é importante estar informado que há vários tipos de programas curriculares nas universidades, alguns cursos não exigem matemática. Além disso, as universidades públicas oferecem muitos programas de formação profissional.

6- Não ter o perfil de um universitário - as universidades têm pessoas de mais variados estilos económicos, sociais, géneros e religiões, não há um perfil único.

7- Não consegue ingressar em nenhuma universidade - as faculdades públicas possuem um acesso aberto e selecionam os candidatos de forma criteriosa e segura. Existem muitas universidades e em cada uma delas há cursos distintos é de sublinhar que as universidades públicas oferecem mais do que a formação profissional e técnica, pois também oferecem um currículo de educação geral (Kezar, A. et al. 2008).

A educação superior é realmente significativa pois uma geração mais qualificada pode ambicionar uma sociedade com mais qualidade de vida e responder eficazmente aos problemas sociais (Education at a glance, 2012, OCDE; Ramphele, et al., 2000). “O diploma superior faz a diferença – para melhor” (Bento, 2014, p 6).

16



PARA O CANDIDATO AO ENSINO SUPERIOR

4. Como escolher um curso de ensino superior?

Quando pensas em escolher um curso superior deves:

- Analisar as tuas experiências pessoais;
- Identificar as atividades de que mais gostas de fazer dentro e fora da escola;
- Saber o que mais gostas de aprender.

“Um curso superior deve ser entendido como um instrumento, uma ferramenta, um conjunto de competências que te permitem enfrentar as dificuldades do acesso ao mundo do trabalho de uma maneira mais segura, mais capaz e com mais possibilidade de sucesso” (GES, 2014).

O curso superior que escolheres deve estar sempre de acordo com os teus interesses, gostos, motivações e as tuas aptidões. Assim, o teu caminho para o sucesso será mais fácil (GES, 2014).

17



SEGUE O TEU SONHO!

O **curso que devemos escolher** nem sempre é fácil decidir, desde muito cedo que pensamos ou nos fazem pensar sobre esta escolha no entanto quando estamos à beira da universidade surge uma chuva de dúvidas e é por isso que decidimos ajudar-te com as seguintes dicas:

- ! - A escolha do curso superior deve sempre ter em conta as tuas características, preferências e experiências pessoais;
- ! - Deves realizar uma autorreflexão sobre quais as disciplinas que te despertam maior interesse; através desta seleção, será possível eliminar algumas áreas, facilitando dessa forma a tua escolha;
- A partir das disciplinas que mais gostas, podes começar por procurar cursos que estejam relacionados com essas áreas,

18

- ! organizando-os numa folha por ordem de preferência;
- Procura saber que cursos e universidades é que existem e onde;
- Conhecer as opções a que podes concorrer em função dos exames que realizares;
- Ponderar sempre as várias hipóteses em aberto. Não esqueças que as classificações podem não ser suficientes para entrar no curso mais desejado (GES, 2014).

Após teres efetuado uma lista de cursos, relacionada com as tuas áreas de interesse, deves procurar saber:

- Em que universidades existem esses cursos;
- Ter em conta as localizações das universidades, ordenando-as por ordem de preferência;
- Procurar saber quais são as médias e provas de ingresso

19



necessárias;

- Conhecer o programa curricular do curso;
- Saber se tem ou não mestrado integrado;
- Falar com pessoas que estejam a frequentar ou tenham frequentado esses cursos;
- Informa-te sobre a universidade, alojamentos, cantinas e transportes;
- De que tipo de apoios financeiros podes usufruir para te ajudar no pagamento das propinas relativas ao teu curso;
- Procura informação sobre as profissões. O que podes fazer e onde podes fazer no âmbito de cada profissão e avaliar a situação de emprego, após a conclusão do curso.

Depois de conseguires aceder a toda esta informação, deves eliminar hipóteses, tentando chegar a uma conclusão mais precisa e acertada, tendo sempre em conta os teus objetivos e interesses pessoais.

Todas estas informações são importantes, na medida em que, a partir destas, poderás adquirir uma ideia mais exata e precisa daquilo que realmente pretendes para o teu futuro.

Levisky (1998) escolher uma profissão não é só escolher um curso mas também o começo de um compromisso com o mundo adulto (citado por Vieira, 2012).

"Decidir não é nada mais do que escolher e conduzir um determinado plano de ações entre vários cenários possíveis, que se realizam mediante a escolha de um determinado evento numa determinada situação"

(Vieira, 2012, p.9).

20



PARA O CANDIDATO AO ENSINO SUPERIOR

5. Como ingressar no ensino superior?

Tens de informar-te sobre as condições de acesso, as provas de ingresso exigidas, as classificações de entrada nos anos anteriores, quer pelo contingente geral, quer pelo contingente da Madeira. Procura saber se o curso que queres seguir existe na Madeira.

Para ingressar num curso superior há diversos concursos de acesso, depende do teu percurso escolar; podes ingressar no ensino superior pelo curso nacional; pelos concursos locais; pelos regimes especiais e concursos institucionais.

Para te candidatares ao ensino superior deves preparar-te e depositares as tuas energias para esta etapa.

Deves sempre recorrer ao **GES** nesta etapa porque encontrarás várias informações que podes conhecer para a preparação da tua candidatura e enriquecer estas ao lado de profissionais experientes.

21



PARA O CANDIDATO AO ENSINO SUPERIOR

6. Que cursos superiores existem?

Em Portugal, existem 1152 cursos superiores (Diário de Notícias, 2011). Como vês são muitos os cursos que podes encontrar e deves de escolher o teu com bastante moderação, reflexão e sobretudo com vocação. Estudar é fenomenal quando estudas com o que te identificas e quem segue os seus interesses alcança o sucesso. É importante que sejas assertivo na escolha do curso para teres êxito.

Um bom instrumento que podes utilizar são os questionários de interesses profissionais que podes realizar online na página oficial do GES: Gabinete do Ensino Superior (GES, 2014) – (<http://www.madeira-edu.pt/ges/>).

Neste vais encontrar diversas áreas onde as seleccionas de acordo com os teus interesses. No fim encontrarás uma ideia daquilo que podes escolher. No entanto este é um dos questionários que o GES divulga mas existem outros no gabinete que deves fazer, porque lá encontras um atendimento especializado por parte dos técnicos superiores com experiência nesta área.

22

PARA O CANDIDATO AO ENSINO SUPERIOR

7. Qual a universidade indicada para o curso no qual eu quero ingressar?

Na escolha da universidade temos de ponderar alguns pontos tais como:

• Quero escolher a universidade na minha Região ou fora desta?

É importante refletir que o facto de escolhermos estudar fora da Região, requer um investimento monetário elevado, e por isso devemos considerar uma primeira hipótese, pesquisar quais os cursos que existem ou estão disponíveis na tua Região neste sentido se o curso que te identificas existir nesta tens de trabalhar para alcançar as metas que são exigidas para ingressares neste.



• Vantagens de ficar a estudar na REGIÃO:

- Vais estar próximo dos teus amigos e familiares, vais poder estar próximo daqueles que mais gostas e assim adquirir todo o apoio necessário para que esta nova etapa da tua vida decorra da melhor forma;

23



- Vais poupar dinheiro, uma vez que vais ficar na Região pois não vais ter que gastar dinheiro em passagens, estadia e outras despesas.

Se queres ingressar no ensino superior na Região Autónoma da Madeira (RAM) deves:

- Consultar a própria universidade, com a finalidade de saber quais os cursos existentes na mesma;
- Informar-te sobre as médias, provas de ingresso e últimos colocados do curso no qual estás interessado em ingressar;
- Recolher o máximo de informação possível sobre o curso que pretendes escolher procurando saber:



- Quais são as saídas profissionais do curso que pretendes;
- Quais são as vertentes possíveis a seguir;
- Qual a duração do curso e se tem ou não mestrado integrado (sendo esta característica fundamental, caso estejas interessado em dar continuidade ao teu percurso universitário, na medida em que estás limitado a sair da região).
- Quais são as médias dos últimos colocados;
- Quais são as provas de ingresso e respetivas notas mínimas de acesso;
- Que tipo de apoios financeiros podes usufruir para te ajudar no pagamento das propinas relativas ao teu curso.

Caso necessites de ajuda para procurar este tipo de informação, não hesites em deslocar-te até o GES, que está SEMPRE disponível para ti!

24

• Quando implica Estudar fora da Região deves ponderar:

Ao saíres da tua Região para ingressares no ensino superior serão diversas mudanças que vais encontrar tais como:

- Percorrer distâncias maiores;
- Saudades da família;
- Alguma solidão;
- Custos monetários mais elevados.

Contudo esta é uma experiência que te fará crescer, amadurecer, tornar-te mais independente, tudo muito mais depressa do que se estudares na tua Região, mas precisas de te preparar para sair, fazendo uma reflexão de como vai ser o teu quotidiano fora da RAM.

Deves conhecer a cidade pessoalmente ou pela internet. Informa-te sobre transportes, alojamentos, cantinas, bibliotecas e também, museus, cinemas, parques desportivos, clima, etc. Pois, tudo isto vai fazer parte do teu dia-a-dia (GES, 2014).

Tens de procurar aproximar-te o mais possível da tua realidade académica. Quanto mais próximo estiveres, maiores possibilidades de adaptação e de sucesso alcançarás.

Há vários motivos para os estudantes quererem sair da RAM; dos

25



que vamos apresentar escolhem aqueles com os quais te identificas e segue as dicas para que tomes a decisão mais acertada:

1- O curso que pretendo frequentar não existe na Região:

- Se o curso que tu queres seguir não existe na Região então deves prosseguir a tua vontade e informar-te sobre:

Que tipos de apoios financeiros existem na Região para os estudantes que vão estudar fora;

Procurar alojamento (residências universitárias e/ou quartos arrendados a estudantes);

Procurar conhecer a cidade e a universidade.

2- Devido a situações económicas não consigo estudar fora da RAM:

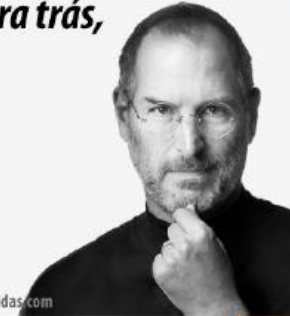
• Se o curso que queres seguir não existe na RAM não deves deixar de prosseguir os teus estudos só por este motivo pois com certeza que encontrarás outra área de interesse ou até dentro da mesma área de interesse outro curso que pode levar-te ao sucesso futuro. Para tal deves:

Usufruir dos serviços de orientação psicológica, existentes no GES, onde, através de um acompanhamento personalizado e aplicação de testes de orientação vocacional, podes descobrir outras áreas do teu interesse, explorando-as e encontrando novos rumos para a tua futura vida académica e profissional.

26

**"Cada sonho que deixas para trás,
é um pedaço do teu futuro
que deixa de existir."**

Steve Jobs



www.frasesdevidas.com

Toda esta informação é fornecida no GES, através de um atendimento cuidado e personalizado com os Técnicos Superiores, profissionais que detêm grande experiência nesta área.

"O objetivo da educação é transformar ao invés de transmitir; oferecer a oportunidade de acender a chama ao invés de encher o balde, inspirar, provocar e motivar"

(Taylor, 2009).

27



8. Referências Bibliográficas

- Bento, A. (2014, julho). Crise e oportunidade no ensino superior público – o diploma ainda conta... Comunicação apresentada no 1º Encontro de Educação "Juntos pela Escola Pública", Município de Santa Cruz, Madeira.
- Eiró, A. (2007). "Ensino Superior, motivações e perspetivas de carreira". In L. Leitão; M. Paixão & J. Silva (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. pp. 205-209.
- Escrigas, C. & Lobera, J. (2009). "Novas dinâmicas para a responsabilidade social". In J. Braga & J. Costa. (Orgs). *Educação superior em um tempo de transformação: Novas dinâmicas para a responsabilidade social*. Porto Alegre: EDIPUCRS. pp.3-17.
- Gomes, J. (2007). In L. Leitão; M. Paixão & J. Silva (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. pp. 123-133.
- Kezar, A; Frank, V; Lester, J & Yang, H (Orgs.). (2008). *Why is education important for your future and how can education IDAs help you reach your educational goals*. University of Southern California: Center for higher education policy analysis.
- Leitão, L; Paixão, M. & Silva, J. (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Leitão, L. (2007). In L. Leitão; M. Paixão & J. Silva (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. pp. 97-104.
- Ramphela, M.; Rosovsky, H.; Prewitt, K.; Ali, B; Ashrawi, H; Brunner, J; Dybkaer, L; Goldemberg, J; Haddad, G; Kaji, M; Koswara, J; Matos, N; Singh, M & Tham, C. (Orgs- grupo de trabalho criado pelo UNESCO). (2000). *O ensino superior nos países em desenvolvimento: Perigos e Esperanças*. Lisboa: Associação das Universidades da Língua Portuguesa (AULP).
- Rego, C. & Caleiro, A. (Ed.). (Orgs.) (2013). *Redes do ensino superior: Contributos perante os desafios do desenvolvimento*. Évora: Universidade de Évora.
- Rego, C., Vieira, C., Vieira, I., Baltazar, S. & Caleiro, A. (2013). "Ensino superior em Portugal e acesso ao mercado de trabalho: que relação?". In C. Rego; A. Caleiro; C. Vieira; I. Vieira & M. Baltazar. (Orgs.). *Redes do ensino superior: Contributos perante os desafios do desenvolvimento*. Évora: Universidade de Évora. pp. 239- 261.

Santos, R. (2007). In L. Leitão; M. Paixão & J. Silva (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. pp. 211-213.

Taylor, P. (2009). "Currículos da educação superior para o desenvolvimento humano e social". In J. Braga & J. Costa. (Orgs). *Educação superior em um tempo de transformação: Novas dinâmicas para a responsabilidade social*. Porto Alegre: EDIPUCRS. pp.52-56.

Vieira, C. (2012). *A escolha vocacional na transição para o ensino superior: Estudo exploratório no acesso à universidade da madeira* (Dissertação de Mestrado) Universidade da Madeira, Funchal.

Vieira, C. & Vieira, I. (2013). "Procura de ensino superior em Portugal: determinantes e perspetivas". In C. Rego; A. Caleiro; C. Vieira; I. Vieira & M. Baltazar. (Orgs.). *Redes do ensino superior: Contributos perante os desafios do desenvolvimento*. Évora: Universidade de Évora. pp. 203-219.

9. Referências Webgráficas

Copeland, C. (2014). *A importância do ensino superior para o desenvolvimento de um individuo*. Retirado de http://www.ehow.com.br/importancia-ensino-superior-desenvolvimento-individuo-info_131956/

Diário de Notícias (2011). *Reforma do ensino superior precisa-se*. Retirado de http://www.dn.pt/inicio/opiniao/editorial.aspx?content_id=2023405

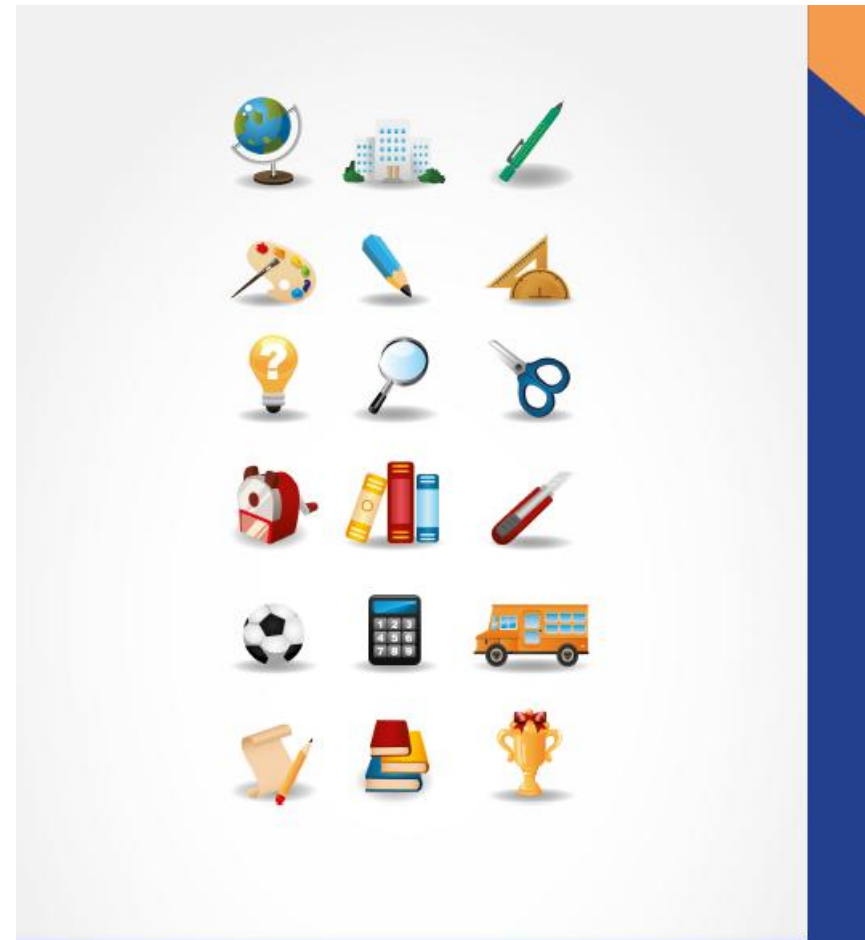
Ferreira, J; Almeida, L & Soares, A. (2001). *Adaptação académica em estudante do 1º ano: diferenças de género, situação de estudante e curso*. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/pust/v6n1/v6n1a02.pdf>

Gabinete do Ensino Superior (GES, 2014). Retirado de: <http://www.madeira-edu.pt/ges/>

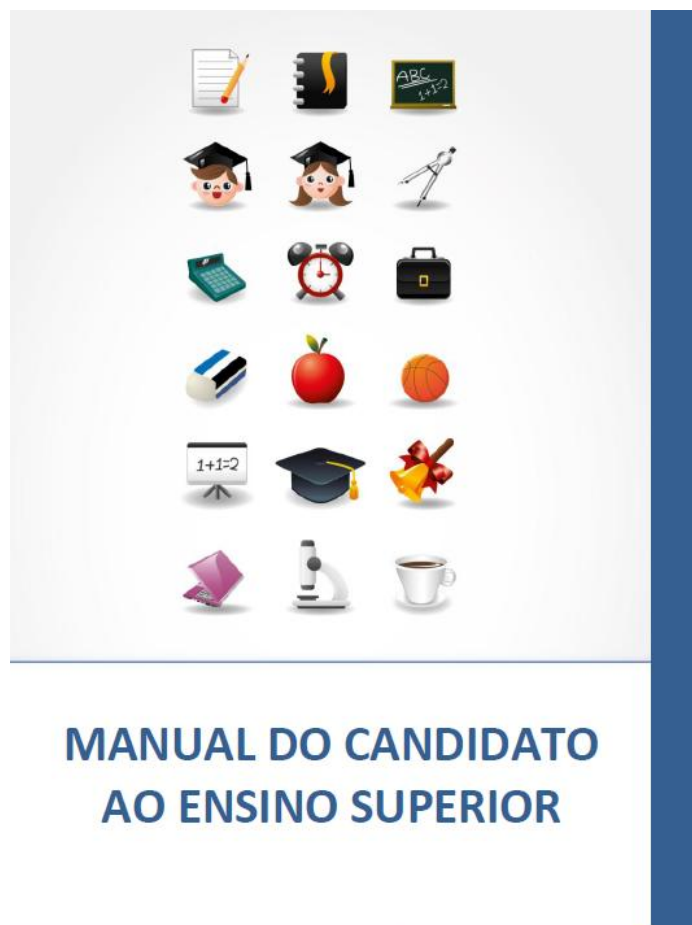
OECD. (2012), *Education at a Glance 2012: OECD Indicators*, OECD Publishing. Retirado de <http://www.uis.unesco.org/Education/Documents/oeed-eag-2012- en.pdf>

Seco, G; Casimiro, M; Pereira, M; Dias, M & Custódia, S (2005). *Para uma abordagem psicológica da transição do ensino secundário para o ensino superior: pontes e alçapões*. Retirado de <https://online.ipleiria.pt/handle/10400.8/19>

Tavares, J; Bessa, J; Almeida, L; Medeiros, M; Peixoto, E & Ferreira, J. (2003). *Atitudes e estratégias de aprendizagem em estudantes do Ensino Superior: estudo na Universidade dos Açores*. Retirado de http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0870-82312003000400006&script=sci_arttext



Apêndice 2.1 – Manual do Candidato ao Ensino Superior (final adaptado)





ÍNDICE

1. Nota Introdutória	4
2. Será que ainda vale a pena estudar?	6
3. Mitos sobre o acesso à Universidade.....	10
4. Já sabes que curso vais tirar?	12
5. Para que Universidade devo ir?	16
6. Como concorrer ao Ensino Superior?	18
7. Calendário de Acesso ao Ensino Superior	20

1. Nota Introdutória

ESTÁS NO 12º ANO?

QUERES IR PARA A UNIVERSIDADE?

JÁ ESCOLHESTE O CURSO SUPERIOR?

JÁ SABES PARA QUE UNIVERSIDADE VAIS?

QUERES ESTUDAR NA REGIÃO OU IR PARA FORA?

Tenhas dúvidas ou não, este manual é um instrumento que te pode ajudar a tomar decisões, as quais podem marcar muito do que será o teu futuro a partir de agora.

Lê-o com atenção e sem pressas. Se ficares com dúvidas, passa pelo Gabinete do Ensino Superior da Madeira, que tem um conjunto de pessoas capazes de te ajudar na escolha de um caminho.

Também nos podes encontrar na internet:

www.madeira-edu.pt/ges

www.facebook.com/405573232874336



4



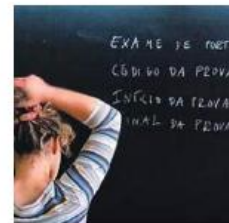
«A vida nem sempre é fácil». Verdade. Às vezes apetece-nos desistir, mudar de rumo.

Os obstáculos parecem-nos intransponíveis:

Concluir o 12º ano;
Escolher um curso superior;
Entrar e sair da universidade;
Começar a trabalhar.

Não desistas perante as primeiras dificuldades que te surgirem nesta altura da tua vida. Enfrenta-as com coragem, persistência, espírito de sacrifício e com trabalho e estudo.

São dificuldades naturais e normais as quais, com este manual e com a nossa ajuda, irás conseguir enfrentar e ultrapassar.



“O trabalho perseverante
vence todos os obstáculos.”

“Entre as dificuldades se escondem as oportunidades”
Albert Einstein

5

2. Será que ainda vale a pena estudar?

Vivemos tempos difíceis tendo em conta a conjuntura económica e social que hoje atravessamos.



Os licenciados têm cada vez mais dificuldades em entrar no mundo do trabalho e, quando o conseguem, acabam, muitas vezes, por exercer atividades que pouco ou nada têm a ver com a sua formação.

Na segunda metade do século XX, no seguimento de uma crescente democratização do acesso ao ensino superior, o número de diplomados aumentou mundialmente. Em muitos países, nos primeiros anos do século XXI, ouvimos falar até em excessos de oferta de diplomados e em fenómenos de 'sobrequalificação'. Tal como se ouve falar hoje em dia em Portugal.

Nesta perspetiva, é legítimo perguntarmos se a obtenção de um diploma universitário justifica o esforço financeiro das famílias ou mesmo o investimento que o país faz no ensino superior.

*"O segredo do sucesso não é prever o futuro.
É preparar-se para um futuro que não pode ser previsto"
Michael-Hammer*

6

Contudo, segundo o estudo da OCDE, um diploma de ensino superior é ainda um meio de acesso a uma vida profissional mais satisfatória, estável e bem remunerada. Estudar no ensino superior só traz benefícios. Os diplomados do ensino superior são as pessoas que mais depressa entram e têm sucesso no mercado de trabalho, quer em diferentes ambientes de trabalho, quer em diferentes localizações geográficas.

Em todos os países da União Europeia, tendo em conta a população ativa, a percentagem de desempregados com ensino superior é sempre a menor.



Em Portugal, cerca de 15% dos desempregados têm formação de nível superior. Os outros 85% não têm essa formação.

QUANTO MAIS FORMAÇÃO, MENOS DESEMPREGO.

QUANTO MENOS FORMAÇÃO MAIS DESEMPREGO!

7

Um diploma do ensino superior é um ponto de partida para o exercício de uma profissão com melhores condições de trabalho, maior flexibilidade de horários, menor risco de desemprego, e, ainda, melhor salário.



Em Portugal, os titulares de um curso superior ganham, em média, mais 80% do que os indivíduos sem formação académica.

Com a Universidade podes adquirir:

- ✦ Mais saber e conhecimentos;
- ✦ Mais cultura;
- ✦ Mais competências;
- ✦ Mais “ferramentas”;
- ✦ Melhores perspetivas de futuro.

PROSEGUIR COM OS TEUS ESTUDOS E INGRESSAR NO ENSINO SUPERIOR É O MELHOR INVESTIMENTO QUE PODES FAZER NO PRESENTE PARA O TEU FUTURO!

8

Claro que vale sempre a pena tirar um curso superior. Muitas são as vantagens: económicas, sociais, pessoais e até ao nível da saúde. **As pessoas com formação universitária têm expectativas de vida mais longas.**

Dada a sua influência no exercício de uma carreira profissional, a **formação de nível superior** é essencial para o desenvolvimento dos indivíduos, fazendo com que estes se sintam mais confiantes nas suas áreas de trabalho. A aquisição de habilidades e competências proporciona maiores níveis de satisfação pessoal e realização profissional, contribuindo, assim, para uma **carreira e vida de sucesso.**



Os diplomados no ensino superior são os **melhores a resolver problemas e lidar com as decisões do dia-a-dia**, tornando-se cidadãos participantes ativos nas suas comunidades e economias.

Segundo a OCDE, o aumento da taxa de diplomados num país contribui indiretamente para a diminuição da taxa de mortalidade infantil e da taxa de pobreza e crime, aumentando a esperança média de vida e a estabilidade social, económica e política.

9

3. Mitos sobre o acesso à Universidade



Vários são os mitos que existem sobre o acesso ao ensino superior, que muitas vezes fazem com que os estudantes desistam da ideia de entrar na universidade. Neste sentido, destacamos oito mitos que devem ser considerados antes de se decidir que a educação de nível superior não é o caminho certo a seguir:

A Universidade é cara. – FALSO.

Para os estudantes com carências económicas existem várias entidades que concedem bolsas de estudo, muitas vezes suficientes para colmatar os gastos com alojamento e propinas do ensino superior.

O dinheiro das bolsas não chega a todos. – FALSO.

Os alunos realmente carenciados, podem contar com os apoios financeiros os quais, muitas vezes, chegam a ultrapassar o valor das despesas relacionadas com a universidade.

A universidade é para jovens e não para adultos. – FALSO.

“Nunca é tarde demais para aprender”. Há cada vez mais estudantes de idade adulta a frequentar o ensino superior.

10

Só vai para a Universidade quem tem membros da família que por lá já passaram. - FALSO.

Alguém tem de ser o primeiro, mesmo quando se trata de ir para a universidade.

A universidade é para quem sabe matemática, ou ... - FALSO.

Há cursos para todos os gostos. Não tens que prosseguir os teus estudos numa área de que não gostas. A oferta de cursos é muito variada e diversificada em qualquer universidade.

Não tenho o perfil de estudante universitário. - FALSO.

As universidades têm estudantes oriundos de todos os extratos sociais e económicos, géneros, culturas e religiões. O perfil de um estudante universitário apenas tem a ver com vontade de estudar e trabalhar.

Não tenho notas para entrar na universidade. - FALSO.

As tuas classificações podem não chegar para o curso e Universidade que mais queres. Mas há sempre outras opções para as quais serão suficientes. E não te esqueças que as notas de entrada variam de ano para ano. Tanto sobem como descem.

Já não vale a pena ir para a Universidade. Não há emprego. - FALSO.

Este é um dos mitos mais recentes. Basta leres tudo o que escrevemos no início deste manual para concluíres que se trata mesmo de um mito.



Se ainda achares que alguns destes mitos são verdade, vem conversar connosco. Juntos, vamos esclarecer devidamente todas as dúvidas que ainda possas ter.

11

4. Já sabes que curso vais tirar?

Em Portugal, existem 1152 cursos superiores. São, de facto, muitos cursos que te exigem muita ponderação e moderação na escolha daquele que vais seguir. Estudar é fenomenal quando estudas assuntos e matérias que se identificam com os teus gostos, os teus interesses e a tua vocação.



Como
escolher
o curso?

Com saída profissional garantida?

Medicina porque se tem 18?

Criminologia porque está na moda?

Fisioterapia para mudar para Medicina?

Segue o teu
sonho!

12

“QUE CURSO VAIS TIRAR?”

Desde muito cedo, esta é uma das perguntas que muitos nos fazem. Familiares, professores, amigos...

E a resposta?! É fácil? Quase nunca!

A escolha do curso superior pode ser complicada. Muitas dúvidas surgem quando estamos à beira da Universidade. Aqui estão algumas dicas que te podem ajudar.

1. Ver que opções existem no âmbito do ensino superior:

- ✦ Que cursos e universidades existem e onde;
- ✦ A que opções se pode concorrer em função dos exames realizados;
- ✦ Identificar opções que existam na área de interesses de cada um;
- ✦ Descobrir novos cursos;
- ✦ Ter sempre várias hipóteses em aberto. Não esqueças que as classificações podem não ser suficientes para entrares no curso que preferires;
- ✦ Fazer uma lista de cursos e universidades e ordenar as opções por preferência.

13

2. Conhecer os cursos, as universidades, as cidades:

- ✦ Procurar informação sobre o plano de estudos (as disciplinas do curso), os ramos e especializações; nem sempre o nome do curso diz tudo.
- ✦ Falar com pessoas que estejam a frequentar ou tenham frequentado esses cursos;
- ✦ Obter informação sobre a universidade, alojamentos, cantinas, transportes.

3. Conhecer as saídas profissionais e avaliar a situação de emprego, após a conclusão do curso:

- ✦ Falar com pessoas que estejam nessa área e que possam explicar as possibilidades de trabalho para esses cursos, sejam os pais, outros familiares, amigos ou pessoas conhecidas;
- ✦ Procurar na respectiva região entidades que podem ajudar: instituições de emprego, centros de emprego, entidades empregadoras, ordens profissionais, associações empresariais, associações industriais, entre outras.

Tem em atenção o que mais gostas de aprender.

Olha para as tuas experiências pessoais e para as atividades de que mais gostas de fazer dentro e fora da escola;

14

Um curso superior deve ser entendido como um instrumento, uma ferramenta, um conjunto de competências que te permitem enfrentar as dificuldades do acesso ao mundo do trabalho de uma maneira mais segura, mais capaz e com mais possibilidades de sucesso.

O curso já não define necessariamente uma carreira profissional.



O curso superior que escolheres deve estar sempre de acordo com os teus gostos, interesses, motivações e aptidões. Se assim for, o teu caminho para o sucesso será mais fácil.

*"Cada sonho que deixas para trás,
é um pedaço do teu futuro
que deixa de existir."*

Steve Jobs



www.frasesdevidas.com

15

5. Para que Universidade devo ir?

Devo escolher um estabelecimento de ensino superior na minha Região ou fora desta? Há diferenças?

Claro que há diferenças quando se estuda perto de casa ou longe de casa.

Se optares por estudar perto de casa...



- ✦ Vais estar próximo da tua família, daqueles que mais gostas, e, assim, ter todo o apoio familiar que não terás se fores estudar para fora, longe do teu ambiente familiar.
- ✦ Vais poupar dinheiro, uma vez que ficando na Região, não terás despesas com duas, três ou mais passagens aéreas por ano, estada, entre outras.
- ✦ A saudade dos que mais gostamos, sentimento tão típico dos Portugueses deixa de se fazer sentir no teu coração.

16

Mas se optares por estudar fora da região não te esqueças...



- ✦ Que terás de percorrer distâncias maiores, com custos mais elevados, que a saudade fará parte do teu dia-a-dia e, por vezes, alguma solidão.
- ✦ Contudo, também será uma experiência que te fará crescer e amadurecer mais depressa, tornando-te mais independente, mais capaz e preparado para enfrentar algumas das dificuldades naturais da vida.
- ✦ Estudar fora da Região implica tentar aproximar as tuas expectativas da realidade. Se não conheceres ainda a cidade, procura obter informações através da internet ou de alguém que por lá tenha passado.
- ✦ Informa-te sobre transportes, alojamentos, cantinas, bibliotecas e também, sobre museus, cinemas, parques desportivos sobre o clima no verão e no inverno, etc. Pois, tudo isto vai fazer parte do teu dia-a-dia.

17

6. Como concorrer ao ensino superior?

A candidatura ao ensino superior realiza-se através da internet. No entanto, na RAM podes contar com o apoio dos técnicos do Gabinete do Ensino Superior, devidamente habilitados para te dar as informações adequadas e completas e os melhores conselhos. Na RAM, mais de 90% dos candidatos fazem a sua candidatura nas instalações do GES. Assim, ficam com a certeza de que a sua candidatura ficou bem-feita e com grandes hipóteses de sucesso.

Podes contar, ainda, com o nosso Serviço de Avaliação de interesses profissionais disponível quer no Gabinete quer no nosso site www.madeira-edu.pt/ges.

As candidaturas começam no mês de julho. Nós começamos a trabalhar nelas muito mais cedo. Por isso vem ter connosco o quanto antes. Temos muito que conversar.



LOCALIZAÇÃO DO GES:
Rua das Hortas, nº18
Funchal.

Contacto: 291207400
Email: superior@madeira-edu.pt

18

Para concorrer ao ensino superior informa-te sobre os cursos e as universidades que existem, as provas de ingresso necessárias, as classificações de entrada nos anos anteriores, quer pelo contingente geral, quer pelo contingente da Madeira.

Informa-te, também, sobre a duração dos cursos, os objetivos e as várias saídas profissionais de cada um, sobre os seus ramos e especializações.

Para ingressar no ensino superior existem diversos concursos de acesso, os quais dependem do teu percurso escolar. Podes ingressar no ensino superior através do concurso nacional, ou dos concursos locais, através dos regimes especiais ou dos concursos institucionais e ainda, através dos concursos especiais, como é o caso do acesso para maiores de 23 anos.

Sabendo que vais precisar da nossa ajuda, não hesites em te deslocares ao Gabinete do Ensino Superior, tantas vezes quantas achares necessário.



19

7. Calendário de Acesso ao Ensino Superior

Para melhor organizares o teu dia-a-dia nesta fase da tua vida, tens de ter atenção aos momentos em que costumam decorrer as ações relacionadas com os exames e as candidaturas ao ensino superior.

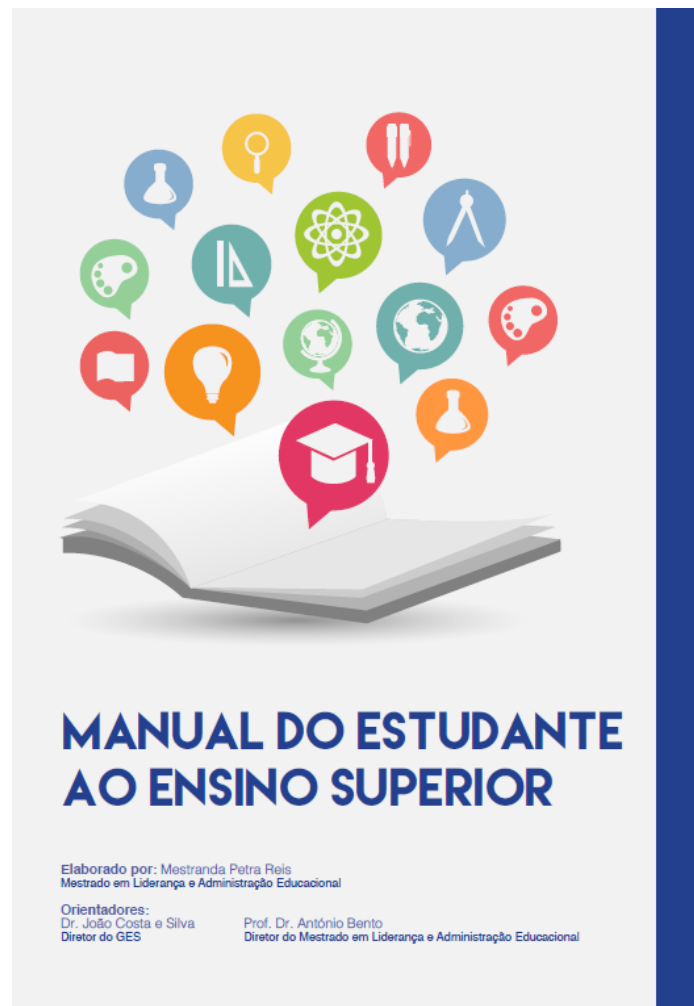
As datas exatas de cada ação serão divulgadas no gabinete e através das nossas páginas da internet.

Exames Nacionais – Inscrição	Fevereiro
Pré-requisitos – Inscrição	Março
Pré-requisitos - Realização	Abril
Exames Nacionais - Realização	Junho
Candidaturas- 1ª Fase	Julho
Candidaturas- 1ª Fase - Resultados	Setembro
Candidaturas- 2ª Fase	Setembro
Candidaturas- 2ª Fase - Resultados	Setembro
Candidaturas- 3ª Fase	Setembro
Candidaturas- 3ª Fase - Resultados	Outubro

20



Apêndice 3 - Manual do Estudante ao Ensino Superior estudante





ÍNDICE

1. Nota Introdutória.....	5
2. Vencer a ansiedade do primeiro ano.....	6
3. Ficaste colocado na RAM.....	8
4. Ficaste colocado fora da RAM	9
5. Bolsas de estudo	9
6. Durante o Curso	13
6.1. Porquê estudar?	14
6.2. Quando estudar?.....	16
6.3. Onde estudar?.....	17
6.4. Como estudar?	18
6.5. Dicas para um estudo eficaz	21
6.6. Técnicas de relaxamento	22
6.7. Os exames	23
7. Referências Bibliográficas	25
8. Referências Webgráficas	26



PARA O ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR

1. Nota Introdutória

És estudante do ensino superior ou familiar e amigo de um recém-estudante de ensino superior, então **este manual é para ti!**

Este manual visa auxiliar-te no momento “pos-Candidatura”, como também durante toda a tua permanência na universidade. Aqui podes encontrar dicas para que o teu acesso a universidade seja de sucesso.

Pretendemos deixar algumas dicas sobre como funciona o ensino superior e como deves proceder perante os estudos; desejamos-te toda a sorte para esta nova etapa da tua vida.

“Escolhe um trabalho que ames e não terás que trabalhar um único dia da tua vida”

Freud

“A educação é a arma mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo”

Nelson Mandela



6 PARA O ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR

2. Vence a ansiedade do primeiro ano

O primeiro ano no ensino superior é por norma e por experiências reveladas o mais difícil de enfrentar; é um ano no qual os estudantes vêm exaustos dos exames nacionais e da expectativa de entrar para a universidade e depois vem a ansiedade do primeiro dia de aulas. Tudo isto é normal, desde que não afete negativamente a tua vida.

A ansiedade não deve ser encarada como uma emoção negativa, mas sim como uma emoção básica do ser humano, que aumenta antes de importantes acontecimentos de vida, em sinal de antecipação de perigo, e desencadeia mecanismos de adaptação e defesa.

Esta ansiedade é natural porque são muitas mudanças de uma só vez como: mudar de casa; separar-se dos pais; separar-se dos amigos e pressão para conseguir boas notas num ambiente desconhecido.

No entanto a ansiedade não dura para sempre e a maioria dos estu-

dantes passa por esta fase. Por isso é importante saber gerir a ansiedade e manter o controlo; para tal é importante procurar o apoio da família e amigos, praticar exercício físico e outras atividades que te sintas bem em executar, procura relaxar e tem uma alimentação saudável.

É importante estabeleceres objetivos realistas, depositar a tua energia em aspetos relevantes e positivos da tua vida.

É importante que tenhas estratégias de gestão de tempo tais como:

- Organiza os teus objetivos para o ano que decorre;
- Define os resultados que pretendes e as atividades que tens de realizar;
- Certifica-te que os teus projetos têm prioridades, prazos e estimativas de duração;
- Revê diariamente quais são os teus objetivos a longo prazo;
- Ao longo do tempo vai questionando o que é que estás a fazer para atingires os teus objetivos;
- Analisa e observa como é que gastas o teu tempo;
- Aproveita os "tempos livres". Lê pequenos textos ou anota alguma ideia importante que precisas de consolidar;
- Pensa que és tu quem determina a forma de estudar, és tu que defines o que queres e o tempo que deves utilizar. Procura sempre formas de melhorar a qualidade do teu tempo;
- Diariamente faz uma autoavaliação dos objetivos que concretizaste e revê os teus objetivos se necessário.

É relevante ter em conta que as noites em vela de exames não resultam, pois dormir é fulcral porque conseguimos uma recuperação fisiológica do organismo, mas também para manter o equilíbrio do cérebro, a falta de sono é mais prejudicial para o cérebro do que para o corpo. Um dos benefícios do sono é ajudar a consolidar o que se aprendeu ao longo do dia, ordenando e guardando toda a informação.

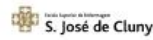
Não dormir as oito horas indicadas provoca os lapsos que muitos universitários sentem nos momentos cruciais. Apesar de terem estudado a matéria e estarem convencidos que já a sabem, se não tiverem dormido o suficiente nas noites anteriores ao exame, é muito provável que "não a encontrem" quando mais precisam dela, porque o cérebro não teve tempo de a catalogar convenientemente.

É provável que a universidade seja a melhor aventura da tua vida.

"O papel da educação superior no mundo é essencial, assim como foi no passado e continuará sendo nas sociedades futuras"

(Escrigas & Lobera, 2009, p. 16).

GES
Gabinete do Ensino Superior



8

PARA O ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR

3. Ficaste colocado na RAM

Prepara-te para agires de forma rápida e eficaz!

Uma vez colocado na região, deves começar logo a tratar de todos os procedimentos essenciais a tua inscrição no respetivo estabelecimento de ensino superior.


- Deves visitar a universidade e tratar de todas as burocracias necessárias para a tua matrícula;
- Informar-te sobre os transportes de estudantes;
- Deves ter atenção que as regras relativas ao modo de funcionamento de um estabelecimento superior é diferente do ensino secundário, não só em relação aos conteúdos e métodos de avaliação, como também em relação ao tempo limite para os desempenhar.

9

PARA O ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR

4. Ficaste colocado fora da RAM

A tua colocação já saiu, por isso deves ser rápido e eficaz a realizar todos os procedimentos necessários a tua matrícula no respetivo estabelecimento de ensino superior. Nós daremos dicas do que tens a fazer para que a tua matrícula seja garantida tais como:

-  - Comprar passagem, podes fazê-lo através da marcação direta na respetiva agência;
- Informar-te dos transportes para a cidade que vais, e onde os apanhar;
- Contactar o estabelecimento de ensino superior onde ficaste colocado, para informares-te sobre as datas da inscrição/matricula, bem como dos documentos necessários para a mesma;
- Pesquisar possíveis residências universitárias, casas, apartamentos e quartos disponíveis para alugar através de contactos da universidade pois estas têm residências de estudantes que



10

normalmente estão bem localizadas e são mais económicas por isso deves informar-te sobre as vagas nestas para que garantas antecipadamente a tua estadia, por seres da RAM tens maior probabilidade de ter uma vaga.

O GES pode ajudar-te nesta fase.

- Como ficaste colocado fora da RAM tens de estar preparado para as mudanças que vais encontrar tais como:

- As tuas responsabilidades vão aumentar;
- O teu orçamento será mais limitado, o que vai implicar uma melhor gestão do dinheiro, para o aluguer da casa, para a tua alimentação e gastos universitários;
- Vais deparar-te com novas regras relativas ao modo de funcionamento de um estabelecimento superior, não só em relação aos conteúdos e métodos de avaliação, como também em relação ao tempo limite para os desempenhar.

Para te adaptares a estas mudanças deves preparar-te a vários níveis. Neste sentido é importante que te envolvas em atividades extracurriculares como, o teatro, a música e o desporto, pois nestas podes desenvolver as tuas competências interpessoais. Deves sempre manter uma relação presente com os teus familiares e amigos de forma a conseguires o apoio e suporte necessários a tua continuidade no ensino superior. As tuas rotinas,

11

papeis, estilos de vida e relações vão mudar a vários níveis como:

A nível social:

- O facto de partilhares a casa com novas pessoas vai contribuir para que constituas uma nova rede de amigos, fundamentais a esta fase inicial da tua adaptação;
- O teu grupo de colegas será muito diversificado com pessoas de diferentes idades, contextos, culturas e origens geográficas.

A nível pessoal:

- Uma das grandes mudanças é o facto de teres que separar-te da tua família e amigos, coincidindo com a tua saída da casa dos teus pais o que implica passares a ser mais autónomo e independente;
- Implica uma maior e melhor gestão do dinheiro, para pagar as despesas académicas.

A nível académico:

- O ensino superior exige de ti uma maior autonomia e autorregulação no estudo, onde tens de ser mais autónomo nos teus estudos e nos teus trabalhos de pesquisas bibliográficas;
- Esta exigência e rigor de trabalhos do ensino superior trazem benefícios como amadurecer e desenvolver estratégias de resolução de problemas, que são úteis, não só a nível pessoal, como também a nível profissional.



GES
Gabinete do Ensino Superior

12 PARA O ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR

5. Bolsas de estudo

Os estudantes oriundos da RAM que pretendem ingressar no ensino superior têm direito a concorrer ao apoio do governo regional de 170 euros aos que vão estudar para fora da RAM e aos que ingressam no ensino superior na RAM podem concorrer ao apoio excepcional de 42,50 euros, estes apoios são geridos pelo **GES**. No entanto, os estudantes do ensino superior podem também candidatar-se a bolsa de estudos da DGES (Direção Geral do Ensino Superior) que são geridas pela instituição do ensino superior que ingressares.

Deves de tratar da burocracia das bolsas de estudo assim que tiveres a certeza que ficaste colocado no ensino superior.

13 PARA O ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR

6. Durante o Curso

A maioria dos cursos com o processo de Bolonha tem a durabilidade de 3 anos, mais 2 de mestrado quando o curso tem mestrado integrado ou quando os estudantes optam por dar continuidade aos seus estudos académicos. No entanto, estes 5 anos são uma média esperada para completar o ensino superior, porém existem possibilidades destes se prolongarem, pois podem ter unidades curriculares em atraso ou por haver necessidade de mudar de curso ou universidade.

Neste sentido, temos vindo a detetar que muitas vezes a realidade não coincide com as expectativas criadas, e muitos estudantes acabam por desmotivar-se face ao curso em que ingressaram, ou até podem sentir a necessidade de seguir novos rumos na procura do caminho mais adequado aos interesses e objetivos individuais.

Contudo estas mudanças devem ser encaradas como um aspeto positivo, porque permitem corrigir e aproximam-te daquilo que pretendes e ambicionas fazer no futuro.

Durante todo o percurso académico é natural que surja uma variedade de dúvidas, que podem ser esclarecidas junto da tua universidade, e sobretudo através do GES, pois este encontra-se sempre disponível para prestar qualquer tipo de informação e apoio necessário aos estudantes universitários.

É objetivo do GES acompanhar os estudantes desde a sua candidatura no ensino superior até a conclusão dos seus estudos e apoiar na entrada ao mercado de trabalho.



GES
Gabinete do Ensino Superior

14

PARA O ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR

6.1. Porquê estudar?

Só tem sentido estudar quando estamos motivados em aprender. Para isso acontecer é preciso esforço, motivação e concentração e estudar uma área de interesse, é mais importante do que muitas extraordinárias aptidões intelectuais, que por si só não garantem o sucesso académico.

Estudar é uma forma de desenvolver capacidades intelectuais, aptidões sociais, de potenciar a reflexão e a crítica construtiva ao avanço tecnológico e científico por isso é preciso ter estratégias e organização para que as tarefas sejam concluídas com sucesso.

A motivação intrínseca, os objetivos pessoais, são os fatores decisivos para que estudes de uma forma eficaz e gratificante, além de que tens a vontade de ter um bom futuro, ganhar o teu próprio salário, garantindo desta forma uma vida melhor.

Deves conduzir o processo de aprendizagem da melhor maneira e



15

com muitos ganhos para ti, neste sentido deves preocupar-te em arranjar os meios necessários para realizares o teu estudo (local, materiais, etc). Precisas de interpretar e analisar os erros como uma forma de melhorar a aprendizagem, procura a informação necessária para resolver os problemas, recorrendo a todos os meios ao teu alcance, deves recorrer com frequência aos professores como fonte de ajuda e realizar a tarefa com esforço e dedicação.

Para aprender é preciso que processes ativamente a informação recebida, faças reflexões e críticas ao que estás a assimilar para mais tarde aplicares profissionalmente. É necessário consolidar a informação que mais tarde irá ter aplicações práticas no teu quotidiano.

Conscientes de que a tua realidade pode não estar refletida nesta informação, ou que podes ter dúvidas quanto a aplicação prática das estratégias, lembramos-te que o **GES** pode ajudar-te a ultrapassar as tuas dificuldades.



GES
Gabinete do Ensino Superior



16

PARA O ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR

6.2. Quando estudar?

A planificação de um horário de estudo previamente elaborado com o cumprimento dos horários antecipadamente definidos e o segredo para o sucesso académico.

No início de cada semestre deves elaborar um horário onde constem todas as atividades letivas e o estudo individual e é importante que cumpras este horário. Assim evitas que a época de exames seja vivida com muita ansiedade. Para que obtenhas bons resultados académicos, convém que comeces a estudar seriamente na 2ª semana do início de cada semestre.

17

PARA O ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR

6.3. Onde estudar?

Depois de organizado o teu horário de estudo, deves definir locais possíveis de estudo, além do teu quarto, da biblioteca da escola ou alguma das salas de estudo disponíveis. Deves refletir quais são os locais disponíveis que te permite aumentar a concentração, diminuir os estímulos distratores e rentabilizar o estudo. Por exemplo a sala de aula também é um local de estudo, a concentração na sala de aula permite que escrevas bons apontamentos, defines quais as matérias que o professor considera mais importantes e simultaneamente a imagem do professor torna-se familiar, facilitando o teu contacto pessoal e a procura de ajuda durante o horário de atendimento.

Se estiveres concentrado durante a aula e conseguires acompanhar a exposição do professor, tens a primeira parte do estudo efetuada. Deves colocar questões, para estares em constante interação com o professor.



GES
Gabinete do Ensino Superior



18

PARA O ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR

6.4. Como estudar?

Para que o teu local de estudo esteja completo com tudo o que precisas deves ter em conta: selecionar apenas o material necessário para a unidade curricular em estudo; arquivar os documentos necessários; agrupa os materiais por disciplinas ou temas; evita colocar material desnecessário na secretária, arquivando o material que não está a ser utilizado em gavetas, estantes e prateleiras; organiza no teu computador em pastas todos os documentos de estudo.

As estratégias de estudo que adquiriste no ensino secundário devem ser adaptadas ao ensino superior. Existem unidades curriculares com grande carga horária prática onde a resolução de problemas é a estratégia mais eficaz de estudo, mas que adicionalmente requer mais tempo disponível. Nas unidades curriculares teóricas, a leitura e a assimilação são as estratégias por excelência.

Para os diversos métodos de estudo apresentamos sugestões que te facilitaram o teu estudo:

19

Leitura

Deves sempre realizar uma pre-leitura (rápida), para teres contacto com o texto sem aprofundar os conteúdos. Da atenção a tudo o que está escrito a negrito, os gráficos, mapas, quadros, ilustrações, etc. Depois numa segunda leitura compilas e aprofundas a informação que leste.

Se tiveres um livro para ler deves sempre começar pelo índice, a introdução e a conclusão. Assim ficas com uma boa ideia do que vais encontrar ao longo do livro e podes saltar os capítulos menos pertinentes se não tiveres muito tempo disponível.

Depois da pre-leitura estás preparado para ler o texto integral, onde deves ter em conta os seguintes passos:

- **Seleciona** o material que tens de ler e divide-o por partes. Tenta perceber cada uma das partes e depois estabelece as relações com o todo;
- **Rememora** antes de iniciares a leitura, recorda tudo o que já sabes sobre essa matéria, pois isso facilita a compreensão da informação que vais ler;
- **Investiga e interessa-te** pelos conceitos novos e procura materiais para consulta;
- **Interroga-te** depois de terminares a leitura acerca do conteúdo do texto. Este exercício assegura-te uma compreensão tanto global como pormenorizada;



20

- **Resume** depois de leres e de te questionares, deves extrair as conclusões;
- **Inter-relaciona** os dados da leitura com outros da mesma matéria;
- **Fixa** utilizando gráficos, resumos, esquemas ou quadros para assimilares melhor e fixares o conteúdo do que acabaste de ler.

Estratégias de Assimilação

Após a realização de resumos ou esquemas torna-se útil a assimilação de alguns conteúdos daí ser muito importante fazer o estudo prévio ao longo do semestre e deixar para os últimos dias apenas a revisão da matéria e a absorção de dados, vamos apresentar algumas estratégias que deves seguir nos dias que antecedem os exames:

- Lê os apontamentos e o resto dos materiais de estudo as vezes que foram necessárias;
- Receita em voz alta ou baixa a matéria que estás a aprender e expõe o tema como se estivesses a dar uma aula;
- Realiza pequenas notas esclarecedoras para garantir que estás a assimilar a matéria;
- Ajusta os processos de assimilação ao tipo de matéria e ao nível de dificuldade;
- Divide em unidades mais pequenas matérias densas ou complicadas;
- Utiliza esquemas, rimas e inflexões para facilitar a aprendizagem;
- Utiliza a imaginação, faz desenhos, representa, etc;
- Potencia o processo de memorização crítica e reflexiva;
- Seleciona os conteúdos evitando a interiorização arbitrária das ideias propostas.

Assim estas a utilizar a tua memória auditiva, visual e mental!



GES
Gabinete do Ensino Superior

21

PARA O ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR

6.5. Dicas para um estudo eficaz

Para além das competências e estratégias que utilizas para estudar adquiridas no teu percurso escolar até aqui, deves ter em conta as condições ambientais onde realizas o teu estudo neste sentido deves realizar o teu estudo num ambiente reservado e sem potenciais distratores.

É importante reveres as aulas todos os dias para ires assimilando a matéria e poderes estar a vontade com a fase de exames.

Deves considerar que um estilo de vida saudável favorece o rendimento académico.



22

PARA O ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR

6.6. Técnicas de relaxamento

A concentração no estudo reflete o cansaço físico e mental do estudante.

Com o acumular das atividades letivas, com o estudo individual e outras tarefas importantes, impede a produtividade. Por isso, antes de iniciar sessões de estudo, e em véspera de exames, os estudantes devam praticar alguns exercícios de relaxamento para recuperar as energias perdidas e aumentar a concentração como fazer algo que o aluno goste como por exemplo praticar desporto, ouvir música, entre outros.

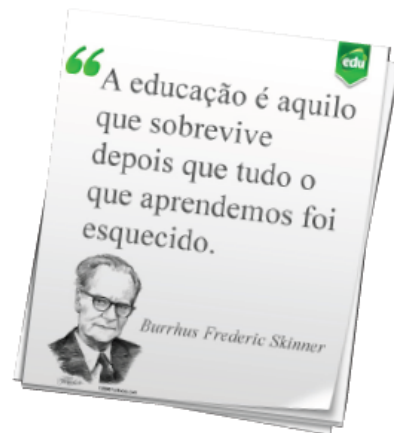
23

PARA O ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR

6.7. Os exames

A preparação dos exames começa pelo estudo prévio agendado em horário, este por si é um fator de equilíbrio para lidares com algumas preocupações que surgem normalmente em vésperas de exames, tais como:

- **Desmotivação académica**, nesta altura voltas a questionar as tuas motivações pessoais para o estudo (porque estudar);
- **Ansiedade**, o estado contínuo de tensão que surge em vésperas de exames;
- **Insegurança** surge face ao desconhecido e será menor a medida que realizares vários exames ao longo do tempo. Quanto melhor for a planificação, o estudo e o conhecimento prévio menor será o efeito deste estado sobre o resultado final;
- **Falta de descanso**, nesta fase o cansaço acumulado ao longo do semestre começa também a produzir os seus efeitos negativos. O estudo prévio permite-te continuar a dormir o tempo necessário;
- **Descontração**, se estudaste o suficiente e estás seguro dos teus conhecimentos podes descontrair, pois o êxito está assegurado.



“O insucesso é apenas uma oportunidade para começar de novo com mais inteligência.”
Henry Ford

7. Referências Bibliográficas

- Bento, A. (2014, julho). Crise e oportunidade no ensino superior público – o diploma ainda conta... Comunicação apresentada no 1º Encontro de Educação “Juntos pela Escola Pública”, Município de Santa Cruz, Madeira.
- Eiró, A. (2007). “Ensino Superior, motivações e perspetivas de carreira”. In L. Leitão; M. Paixão & J. Silva (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. pp. 205-209.
- Escrigas, C. & Lobera, J. (2009). “Novas dinâmicas para a responsabilidade social”. In J. Braga & J. Costa. (Orgs). *Educação superior em um tempo de transformação: Novas dinâmicas para a responsabilidade social*. Porto Alegre: EDIPUCRS. pp.3-17.
- Gomes, J. (2007). In L. Leitão; M. Paixão & J. Silva (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. pp. 123-133.
- Kezar, A; Frank, V; Lester, J & Yang, H (Orgs.). (2008). *Why is education important for your future and how can education IDAs help you reach your educational goals*. University of Southern California: Center for higher education policy analysis.
- Leitão, L; Paixão, M. & Silva, J. (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Leitão, L. (2007). In L. Leitão; M. Paixão & J. Silva (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. pp. 97-104.
- Ramphele, M.; Rosovsky, H.; Prewitt, K.; Ali, B; Ashrawi, H; Brunner, J; Dybkaer, L; Goldemberg, J; Haddad, G; Kaji, M; Koswara, J; Matos, N; Singh, M & Tham, C. (Orgs- grupo de trabalho criado pelo UNESCO). (2000). *O ensino superior nos países em desenvolvimento: Perigos e Esperanças*. Lisboa: Associação das Universidades da Língua Portuguesa (AULP).
- Rego, C. & Caleiro, A. (Ed.). (Orgs.) (2013). *Redes do ensino superior: Contributos perante os desafios do desenvolvimento*. Évora: Universidade de Évora.
- Rego, C., Vieira, C., Vieira, I., Baltazar, S. & Caleiro, A. (2013). “Ensino superior em Portugal e acesso ao mercado de trabalho: que relação?”. In C. Rego; A. Caleiro; C. Vieira; I. Vieira & M. Baltazar. (Orgs.). *Redes do ensino superior: Contributos perante os desafios do desenvolvimento*. Évora: Universidade de Évora. pp. 239- 261.

Santos, R. (2007). In L. Leitão; M. Paixão & J. Silva (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. pp. 211-213.

Taylor, P. (2009). "Currículos da educação superior para o desenvolvimento humano e social". In J. Braga & J. Costa. (Orgs). *Educação superior em um tempo de transformação: Novas dinâmicas para a responsabilidade social*. Porto Alegre: EDIPUCRS. pp.52-56.

Vieira, C. (2012). *A escolha vocacional na transição para o ensino superior: Estudo exploratório no acesso à universidade da madeira* (Dissertação de Mestrado) Universidade da Madeira, Funchal.

Vieira, C. & Vieira, I. (2013). "Procura de ensino superior em Portugal: determinantes e perspetivas". In C. Rego; A. Caleiro; C. Vieira; I. Vieira & M. Baltazar. (Orgs.). *Redes do ensino superior: Contributos perante os desafios do desenvolvimento*. Évora: Universidade de Évora. pp. 203-219.

8. Referências Webgráficas

Copeland, C. (2014). *A importância do ensino superior para o desenvolvimento de um indivíduo*. Retirado de http://www.ehow.com.br/importancia-ensino-superior-desenvolvimento-individuo-info_131956/

Diário de Notícias (2011). *Reforma do ensino superior precisa-se*. Retirado de http://www.dn.pt/inicio/opiniao/editorial.aspx?content_id=2023405

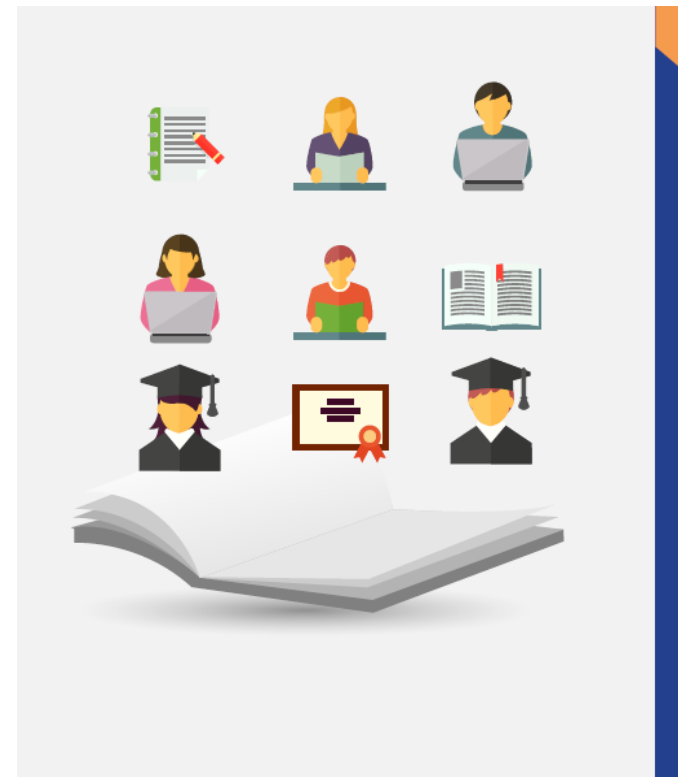
Ferreira, J; Almeida, L & Soares, A. (2001). *Adaptação académica em estudante do 1º ano: diferenças de género, situação de estudante e curso*. Retirado de <http://www.scielo.br/pdt/pust/v6n1/v6n1a02.pdf>

Gabinete do Ensino Superior (GES, 2014). Retirado de: <http://www.madeira-edu.pt/ges/>

OECD. (2012), *Education at a Glance 2012: OECD Indicators*, OECD Publishing. Retirado de <http://www.uis.unesco.org/Education/Documents/oeed-eag-2012-en.pdf>

Seco, G; Casimiro, M; Pereira, M; Dias, M & Custódia, S (2005). *Para uma abordagem psicológica da transição do ensino secundário para o ensino superior: pontes e alçapões*. Retirado de <https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/19>

Tavares, J; Bessa, J; Almeida, L; Medeiros, M; Peixoto, E & Ferreira, J. (2003). *Atitudes e estratégias de aprendizagem em estudantes do Ensino Superior: estudo na Universidade dos Açores*. Retirado de http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0870-82312003000400006&script=sci_arttext



Apêndice 4 -Manual do Diplomado no Ensino Superior



MANUAL DO DIPLOMADO NO ENSINO SUPERIOR

Elaborado por: Mestranda Petra Reis
Mestrado em Liderança e Administração Educacional

Orientadores:
Dr. João Costa e Silva
Diretor do GES

Prof. Dr. António Bento
Diretor do Mestrado em Liderança e Administração Educacional



ÍNDICE

1. Nota introdutória.....	4
2. Prestes a concluir o curso?.....	5
3. Terminei o curso o que devo fazer?	6
4. Ingressei no mestrado.....	7
5. Conclusão do mestrado.....	8
6. Procura de emprego.....	9
7. Referências Webgráficas	14
8. Bibliografia Consultada.....	14

MANUAL DO DIPLOMADO NO ENSINO SUPERIOR

1. NOTA INTRODUTÓRIA

Se estas prestes a terminar o teu curso ou já terminaste e precisas de orientações e informações para ingressar no mercado de trabalho este é o manual adequado para ti.

Aqui pretendemos dar dicas, orientações e informações para quem esta prestes a entrar no mercado de trabalho. Pretendemos auxiliar-te na conclusão do teu curso e na tua inserção no mercado de trabalho.

"Uma vida sem desafios não vale a pena ser vivida"
Sócrates

2. PRESTES A CONCLUIR O CURSO?

Estás a terminar o teu curso e já começas a pensar com mais vigor na entrada ao mercado de trabalho.

Nesta fase deixa tudo organizado, para tal deves:

- Informar-te sobre os prazos e preços do teu diploma;
- Criar uma lista com todos os locais possíveis onde podes exercer a tua profissão;
- Informa-te se existe mais locais dos que identificas-te para exercer o teu trabalho;
- Organiza o teu currículo separando os diplomas mais relevantes.

Fala com pessoas que estejam na tua area de formação e que te possam explicar as possibilidades de trabalho.

Faz um levantamento das instituições que podes procurar para te candidatares ao mercado de trabalho como por exemplo:

- Instituições de emprego;
- Centros de emprego;
- Entidades empregadoras;
- Ordens profissionais;
- Associações empresariais;
- Associações industriais entre outras.

Assim já tens um rumo a percorrer pós a conclusão do teu curso.



MANUAL DO DIPLOMADO NO ENSINO SUPERIOR

3. TERMINEI O CURSO O QUE DEVO FAZER?

Ao terminares o teu curso podes ficar com o grau de licenciado ou podes sempre dar continuidade aos teus estudos através de pós-graduações, mestrados e doutoramentos.

Se a tua opção é ficar com o grau de licenciado terminas o teu curso dentro de 3 anos ou 4/5 anos, no entanto atualmente vários cursos exigem mestrado o que te obriga a tira-lo para poderes exercer a profissão.

No caso que a tua licenciatura não tenha mestrado integrado e queres concorrer a mestrado tens de concorrer mediante as médias da tua licenciatura e efetuar o pagamento do mesmo. Esta é uma possibilidade que deve ser realmente ponderada pois uma vez que o mercado de trabalho atualmente está cada vez mais exigente e competitivo.

MANUAL DO DIPLOMADO NO ENSINO SUPERIOR

4. INGRESSEI NO MESTRADO

O mestrado tem a duração de 2 anos e é durante esta formação que podes conciliar toda a teoria aprendida, ao longo da licenciatura, com a prática, ou seja, é nesta fase que vais estar em contacto direto, não só com um profissional da área como também com o próprio campo de intervenção, isto se escolheres relatório de estágio no ano de elaboração da dissertação.

Se escolheres apenas a dissertação, podes e deves escolher um tema que seja realmente do teu interesse, pois passarás muitas horas a trabalhar neste projeto.

Neste sentido o teu tema de dissertação será como “especialização” onde deves estar super a vontade com a tua temática, pois no final irás defendê-lo publicamente perante um júri.



GES

Gabinete do Ensino Superior

8

MANUAL DO DIPLOMADO NO ENSINO SUPERIOR

5. CONCLUSÃO DO MESTRADO

Após a conclusão do mestrado há um caminho por percorrer, na fase inicial deves procurar realizar um estágio profissional, onde a diferença deste para o estágio curricular consiste em ser remunerados mensalmente e pelo facto de estares a desempenhar funções sem a orientação de um responsável e profissional da área, ou seja, deixas de ter o acompanhamento do orientador da universidade e passas a desempenhar funções de forma mais autónoma e independente.

Depois de terminares o estágio profissional deves procurar ingressar no mercado de trabalho. No entanto a nossa conjuntura económica atual faz-nos enfrentar um ingresso no mercado de trabalho com muitas dificuldades. Por isso no próximo tópico damos conselhos para procurares o teu emprego.

MANUAL DO DIPLOMADO NO ENSINO SUPERIOR

6. PROCURA DE EMPREGO



O primeiro passo para a procura de emprego e elaborares o teu **currículo vitae**, que passa por ser um resumo do teu percurso escolar e profissional onde deves sublinhar todas as tuas experiências profissionais e pessoais que podem ser significativas aos olhos dos empregadores a que te vais candidatar. Para a elaboração do currículo vitae deves utilizar o modelo europeu que está disponível em <http://europass.cedefop.europa.eu/>.

É importante inscreveres-te no Instituto de Emprego da Madeira (IEM), pois podes aceder as ofertas e programas de emprego tais como programas ocupacionais; programas de incentivos a contratação, programa de criação do próprio emprego entre outros, que este organismo disponibiliza, bem como ter acesso as ofertas de emprego noutra país europeu. Assim no IEM poderás informar-te sobre possíveis programas quer a nível regional, nacional e internacional <http://www.iem.gov-madeira.pt/>.



10 Na procura de emprego debes ter em conta o seguinte:

- Auxiliar-te com uma lista das tuas possíveis áreas empregadoras;
- Nunca perder a esperança, entregar sempre currículos e esperar por um telefonema para a realização de uma entrevista.

Enquanto estás no processo da procura de trabalho debes exercer atividades, que possam estar relacionadas com a tua área, como realizar:

- **Voluntariado** apesar de não serem remunerados, podem ser benéficos porque ganhas experiência, e também a possibilidade de mais tarde vires a ser requisitado novamente pela instituição;
- **Estágios** pois um estágio é muitas vezes a porta de entrada no mundo profissional e para adquirires competências úteis para o teu futuro, na RAM podes encontrar os seguintes PEJENE- Programa de Estágios de Jovens Estudantes do Ensino Superior - <http://www.fjuventude.pt/atividades-e-projectos-19-pejene-2013> e Programa de Estágios Profissionais – Governo Regional da Madeira - <http://www.jem.gov-madeira.pt>.
- **Empreendedorismo**, hoje ser empreendedor é uma forma de integrar no mercado de trabalho, se queres criar a tua própria empresa existem programas a que podes candidatar-te debes informar-te no Instituto de emprego da RAM.

Deves também deslocar-te a Direção de Serviços de Juventude (DRJ) **11** www.madeira-edu.pt/drjd pois, lá podes, encontrar informação sobre oferta de programas nacionais, regionais e internacionais a que te podes candidatar tais como o programa *Eurodisseia* (programa internacional); Juventude Ativa (programa regional) entre outros, não hesites em informa-te juntos dos profissionais da DRJ.

+ **Informação:**
Direção Regional de Juventude e Desporto
Rua dos Netos, n.º 46
9000-084 Funchal
Telf: 291 20 38 30
euromissiamadeira@live.madeira-edu.pt



É muito importante manteres-te ativo em áreas do teu Interesse.



GES

Gabinete do Ensino Superior

12 Podes consultar as seguintes hiperligações para mais informações sobre ofertas de emprego:

NA RAM:

EMPREGAR MAIS

<http://www.empregarmais.blogspot.pt/>

IEM, IP-RAM- Instituto de Emprego da Madeira

<http://www.iem.gov-madeira.pt/>

Net Empregos Madeira

<http://www.net-empregos.com/emprego-madeira.asp>



EM PORTUGAL CONTINENTAL:

Bolsa de Emprego Público

<https://www.bep.gov.pt/default.aspx>

Expresso emprego

<http://expressoemprego.pt/>

NetEmprego- Portal de Emprego do Governo Português

<http://www.netemprego.gov.pt/IEFP/index.jsp>



INTERNACIONAL:

AnyworkKanywhere

<http://www.anyworkkanywhere.com/>

Emprego pelo mundo

<http://www.empregopelomundo.com/>

Guia para candidatos a emprego na Europa

<http://ec.europa.eu/youreurope>

Monster

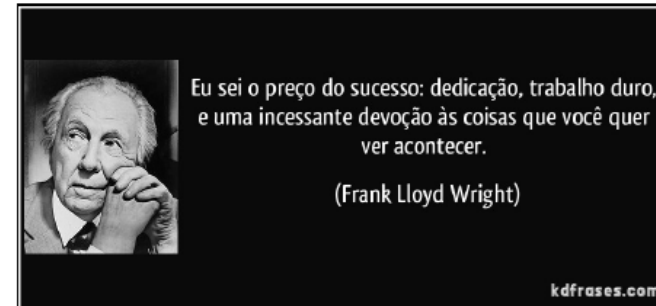
<http://www.monster.com>

Rede Eures – Portal Europeu da Mobilidade Profissional

<https://ec.europa.eu/eures/home.jsp?lang=pt>

Stepstone

<http://www.stepstone.com/>



O sucesso tem tudo a ver com atitude.

Jimmy Dunne

7. REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

Direção regional juventude e desporto (DRJD, 2014).

Retirado de: www.madeira-edu.pt/drjd

Gabinete do Ensino Superior (GES, 2014).

Retirado de: <http://www.madeira-edu.pt/ges/>

Instituto de Emprego da Madeira (IEM, 2014)

Retirado de: <http://www.iem.gov-madeira.pt>.

14

8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Bento, A. (2014, julho). *Crise e oportunidade no ensino superior público – o diploma ainda conta...* Comunicação apresentada no 1º Encontro de Educação "Juntos pela Escola Pública", Município de Santa Cruz, Madeira.
- Eiró, A. (2007). "Ensino Superior, motivações e perspectivas de carreira". In L. Leitão; M. Paixão & J. Silva (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. pp. 205-209.
- Escrigas, C. & Lobera, J. (2009). "Novas dinâmicas para a responsabilidade social". In J. Braga & J. Costa. (Orgs.). *Educação superior em um tempo de transformação: Novas dinâmicas para a responsabilidade social*. Porto Alegre: EDIPUCRS, pp.3- 17.
- Gomes, J. (2007). In L. Leitão; M. Paixão & J. Silva (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. pp. 123-133.
- Kezar, A.; Frank, V.; Lester, J & Yang, H (Orgs.). (2008). *Why is education important for your future and how can education IDAS help you reach your educational goals*. University of Southern California: Center for higher education policy analysis.
- Leitão, L.; Paixão, M. & Silva, J. (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Leitão, L. (2007). In L. Leitão; M. Paixão & J. Silva (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. pp. 97-104.
- Ramphele, M.; Rosovsky, H.; Prewitt, K.; Ali, B.; Ashrawi, H.; Brunner, J.; Dybkaer, L.; Goldemberg, J.; Haddad, G.; Kaji, M.; Koswara, J.; Matos, N.; Singh, M & Tham, C. (Orgs.- grupo de trabalho criado pelo UNESCO). (2000). *O ensino superior nos países em desenvolvimento: Perigos e Esperanças*. Lisboa: Associação das Universidades da Língua Portuguesa (AULP).
- Rego, C. & Caleiro, A. (Ed.). (Orgs.) (2013). *Redes do ensino superior: Contributos perante os desafios do desenvolvimento*. Évora: Universidade de Évora.
- Rego, C., Vieira, C., Vieira, I., Baltazar, S. & Caleiro, A. (2013). "Ensino superior em Portugal e acesso ao mercado de trabalho: que relação?". In C. Rego; A. Caleiro; C. Vieira; I. Vieira & M. Baltazar. (Orgs.). *Redes do ensino superior: Contributos perante os desafios do desenvolvimento*. Évora: Universidade de Évora. pp. 239-261.
- Santos, R. (2007). In L. Leitão; M. Paixão & J. Silva (Orgs.). (2007). *Motivação dos jovens portugueses para a formação em ciências e tecnologia*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. pp. 211-213.
- Taylor, P. (2009). "Currículos da educação superior para o desenvolvimento humano e social". In J. Braga & J. Costa. (Orgs.). *Educação superior em um tempo de transformação: Novas dinâmicas para a responsabilidade social*. Porto Alegre: EDIPUCRS, pp.52-56.
- Vieira, C. (2012). *A escolha vocacional na transição para o ensino superior: Estudo exploratório no acesso à universidade da madeira (Dissertação de Mestrado)*. Universidade da Madeira, Funchal.
- Vieira, C. & Vieira, I. (2013). "Procura de ensino superior em Portugal: determinantes e perspectivas". In C. Rego; A. Caleiro; C. Vieira; I. Vieira & M. Baltazar. (Orgs.). *Redes do ensino superior: Contributos perante os desafios do desenvolvimento*. Évora: Universidade de Évora. pp. 203-219.



Apêndice 5 – Entrevista a Diretores de Turma de 9º ano



Mestrado em Liderança e Administração Educacional

Estágio Curricular

2º Ano

Professor Doutor António Bento

Mestranda: Petra Diana Freitas Reis nº 2034010

Guião da Entrevista a Diretoras de Turma de 9ºano:

I – Dados Biográficos

- 1- Onde e em que área se formou?
- 2- Porque é que escolheu ser professor?
- 3- Há quanto tempo está a lecionar?
- 4- Como chegou ao cargo de Diretor de turma?
- 5- Há quantos anos exerce o cargo de Diretor de turma?
- 6- Qual é a sua idade? (refira no grupo de (20-30; 31-40; 41-50; 51-60).

II – Motivação/Desmotivação para ingressar no ensino superior

- 7- Acha importante prosseguir os estudos no ensino superior?
- 8- No seu entender quais são as motivações que os alunos de ensino básico têm para ingressar no ensino superior?
- 9- Fale-me do seu papel (enquanto diretor(a) de turma) na motivação dos alunos em prosseguirem os estudos no ensino superior.
- 10- Quais as manifestações que o aluno apresenta quando está numa situação de desmotivação escolar?
- 11- Na sua perspetiva quais são os fatores que desencadeiam as motivações/desmotivações para o ingresso no ensino superior?
- 12- Quem são os agentes responsáveis pela motivação/desmotivação para o ingresso no ensino superior?

III – Perceção da Motivação para ingressar no ensino superior

- 13- A maioria dos alunos desta escola que acaba o ensino básico e ingressa no ensino secundário regular ou ensino profissional?
 - 14- Que medidas a escola utiliza para motivar os alunos a ingressarem no ensino superior?
 - 15- Quais as consequências dos alunos não prosseguirem os estudos para o ensino superior?
 - 16- Como motivar os alunos para ingressarem no ensino superior?
 - 17- Que acompanhamento é dado aos alunos para a escolha do curso na transição do ensino básico (3º ciclo) para o ensino secundário?
 - 18- Segundo a sua experiência, como se encontram os níveis de motivação dos seus alunos, para o ingresso no ensino superior? Classifique numa escala de 0 a 10.
 - 19- Como acha que se deve prevenir a desistência de prosseguir os estudos para o ensino superior?
- Gostaria de acrescentar mais alguma coisa ao que foi dito?

Obrigado pela sua colaboração.

Apêndice 6 – Entrevista a Diretores de Turma de 12º ano



Mestrado em Liderança e Administração Educacional

Estágio Curricular

2º Ano

Professor Doutor António Bento

Mestranda: Petra Diana Freitas Reis nº 2034010

Guião da Entrevista a Diretores de Turma de 12ºano:

I – Dados Biográficos

- 1- Onde e em que área se formou?
- 2- Porque é que escolheu ser professor?
- 3- Há quanto tempo está a lecionar?
- 4- Como chegou ao cargo de Diretor de turma?
- 5- Há quantos anos exerce o cargo de Diretor de turma?
- 6- Qual é a sua idade? (refira no grupo 20-30; 31-40; 41-50; 51-60).

II – Motivação/Desmotivação para ingressar no ensino superior

- 7- Acha importante prosseguir os estudos no ensino superior?
- 8- No seu entender quais são as motivações que os alunos de ensino secundário têm para ingressar no ensino superior?
- 9- Fale-me do seu papel (enquanto diretora de turma) na motivação dos alunos em prosseguirem os estudos no ensino superior.
- 10- Quais as manifestações que o aluno apresenta quando está numa situação de desmotivação escolar?
- 11- Na sua perspetiva quais são os fatores que desencadeiam as motivações/desmotivações para o ingresso no ensino superior?
- 12- Quem são os agentes responsáveis pela motivação/desmotivação para o ingresso no ensino superior?

III – Perceção da Motivação para ingressar no ensino superior

- 13- A maioria dos alunos desta escola que acaba o secundário ingressa no ensino superior?
 - 14- Que medidas a escola utiliza para motivar os alunos a ingressarem no ensino superior?
 - 15- Quais são as consequências dos alunos não prosseguirem os estudos para o ensino superior?
 - 16- Como motivar os alunos para ingressarem no ensino superior?
 - 17- Que acompanhamento é dado aos alunos para a escolha do curso na transição do ensino secundário para o ensino superior?
 - 18- Segundo a sua experiência, como se encontram os níveis de motivação dos seus alunos para o ingresso no ensino superior? Classifique numa escala de 0 a 10.
 - 19- Como acha que se deve prevenir a desistência de prosseguir os estudos para o ensino superior?
- Gostaria de acrescentar mais alguma coisa ao que foi dito?

Obrigado pela sua colaboração.

Apêndice 7 – Inquéritos a Implementar aos Alunos de 12º ano

Caro Estudante,

Sou uma aluna de mestrado em Liderança e Administração Educacional do 2º ano, da Universidade da Madeira.

Pretendo realizar um estudo no âmbito do projeto de relatório de estágio que tem como objetivo identificar quais são as motivações que os jovens da RAM sentem em prosseguir os estudos para o ensino superior, pelo que a tua colaboração é fundamental.

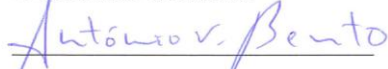
Neste questionário vais encontrar perguntas sobre a tua vida escolar.

No preenchimento do questionário não deves pôr o teu nome de forma a garantir o anonimato. Apenas o investigador lerá este questionário, pelo que é garantida a confidencialidade dos dados.

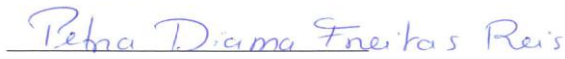
Para que o estudo traduza a realidade é importante que respondas com sinceridade.

Agradeço a tua colaboração.

O orientador do estudo:


Professor Doutor António Bento.

A mestranda:


Petra Diana Freitas Reis.

Para a maior parte das perguntas, responderás fazendo uma cruz no quadrado correspondente à tua resposta, sendo que existem perguntas que apresentam mais do que uma opção de escolha.

1. Idade _____ (anos).

Género: Masculino Feminino

2. Com quem vives? (A resposta pode ter mais do que uma opção).

Pai Mãe Avó Avô Irmão(s)

Outro(s) (Quem?) _____

3. Indica o grau de escolaridade/profissão:

	Habilitações Literárias			Profissão		
Mãe						
Pai						
Avó Materna						
Avô Materno						
Avó Paterna						
Avô Paterno						
Irmão(s) (Quantos?) _____						
Outro(s) (Quem?) _____						

4. Achas importante prosseguir os estudos para o ensino superior?

Sim Não Justifica a tua resposta.

5. Estás motivado para ingressar no ensino superior?

Sim Não Justifica a tua resposta.

6. Durante o teu percurso escolar sentiste-te apoiado para continuar os teus estudos?

Sim Não Justifica a tua resposta.

7. Quem te apoia para poderes estudar?

Família (Quem?) _____

Professor(es)

Amigos

Outro(s) (Quem?) _____

8. Usufruiu de algum escalão escolar? Sim Não

9. Alguma vez reprovaste de ano?

Sim Não Se Sim, quantas vezes? _____

10. No ano letivo anterior transitaste com negativas?

Sim Não Se Sim, com quantas? _____

11. Coloca uma cruz (X) no quadrado correspondente ao número que pensas que se aplica mais a ti, tendo em conta a legenda seguinte:

1-Discordo totalmente 2-Discordo um pouco 3-Concordo um pouco 4-Concordo totalmente

	1	2	3	4
1. De forma geral, estou satisfeito(a) com o meu percurso académico.				
2. Às vezes, penso que não vou conseguir ingressar na universidade.				
3. Penso que tenho algumas boas qualidades.				
4. Sou capaz de fazer as coisas tão bem como a maioria das pessoas.				
5. Gosto de estudar.				
6. Pretendo ingressar no ensino superior.				
7. Acho que ingressar na universidade é só para quem tem possibilidades económicas.				
8. Só os jovens é que podem ingressar na universidade.				
9. Há um perfil único do estudante universitário.				
10. Tenho uma atitude positiva para com a minha pessoa.				
11. Por não gostar de matemática ou de redigir textos muito longos é um impedimento para ingressar na universidade.				
12. Só ingressa na universidade, aquele que tem um familiar que já frequentou a universidade.				

12. Queres ingressar no ensino superior?

Sim Não Justifica a tua resposta.

(Se respondes-te “**não**” à questão anterior passa para a questão 14).

13. Se respondes-te “**sim**” a questão anterior, onde pretendes ingressar?

RAM

Porque motivos?

Económicos Familiares O curso existe na RAM

Por querer estudar na RAM Outro(s) (Quais?) _____

FORA DA RAM

Porque motivos?

Económicos Familiares O curso não existe na RAM

Por querer estudar fora da RAM Outro(s) (Quais?) _____

13.1. Já sabes em que curso superior queres ingressar? Sim Não

14. Conheces os meios para adquirir bolsas de estudo? Sim Não

15. Ao concluir o ensino secundário pensas que estarás preparado para ingressar no ensino superior?

Sim Não Justifica a tua resposta.

16. Se tiveres dúvidas no processo de ingresso na Universidade sabes onde recorrer?

Sim Não

17. Conheces o Gabinete do Ensino Superior da RAM? Sim Não

O Gabinete do Ensino Superior (GES) da RAM pode ajudar-te em todo o processo de ingresso ao ensino superior, desde esclarecer as tuas dúvidas, escolha de curso, avaliar a tua aptidão profissional, análise de processos de bolsas de estudos, através do atendimento de técnicos superiores especializados e experientes nesta área.

Localização do GES: Rua das Hortas, nº18 Funchal. Contacto: 291207400 Email: superior@madeira-edu.pt

Obrigado pela tua colaboração.

Apêndice 8 - Pedido de autorização para a realização do estudo.



Universidade da Madeira
Centro de Competências das Ciências Sociais
Departamento de Ciências da Educação

Exmo. Senhor
Diretor Regional de Educação Dr. João Manuel Almeida Estanqueiro
Direção Regional de Educação
Edifício D. João
Rua Cidade do Cabo, n° 38
9050-047 Funchal

Assunto: Pedido de Autorização para entrevistar dois diretores(as) de turma de 12° e de 9° ano e implementar inquéritos a duas turmas de 12° ano.

Eu, Petra Diana Freitas Reis, aluna do Mestrado em Liderança e Administração Educacional (2° ano), venho por este meio solicitar a autorização do Diretor Regional de Educação, para recorrer às duas principais escolas secundárias públicas do Funchal (Escola Secundária Jaime Moniz e Escola Secundária Francisco Franco), com o intuito de implementar uma entrevista a um(a) diretor(a) de turma de 12° ano e implementar inquéritos a uma turma de 12° ano de cada escola referida e ainda recorrer a duas escolas de 3° ciclo públicas do Funchal (Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia e EB123/PE Bartolomeu Perestrelo) para entrevistar um(a) diretor(a) de turma de 9° ano de cada escola com o objetivo de perceber o seu papel enquanto líderes educacionais para motivar e preparar os seus alunos a ingressar no ensino superior com o fim de realizar a investigação empírica do meu projeto de mestrado que visa perceber qual a atual motivação dos jovens em prosseguir os seus estudos para o ensino superior. Orientado pelo Professor Doutor António Bento (Diretor do Mestrado em Liderança e Administração Educacional da Universidade da Madeira).

Acrescento ainda que o nome das escolas não será divulgado no trabalho final bem como será salvaguardado o sigilo dos professores diretores de turma bem como dos alunos que colaborarem com este estudo.

Antecipadamente grata pela atenção, aproveito a oportunidade para apresentar os nossos cumprimentos.

Anexos: 1 - Declaração do orientador do mestrado com carimbo da universidade;
2 - Guião da Entrevista a implementar a diretor(a) de turma de 9° ano;
3 - Guião da Entrevista a implementar a diretor(a) de turma de 12° ano;
4 - Questionário a implementar a estudantes de 12° ano.

Funchal, 02 de fevereiro de 2015

Orientador: Prof. Doutor António Bento

Mestranda: Petra Reis 967175226

Apêndice 9 - Atividades diárias realizadas no GES (Apontamentos)

SETEMBRO

19-09-14: Reunião com o diretor do GES Dr. João Costa e Silva e o Professor Orientador Doutor António Bento.

23-09-14: Entrega da convenção assinada pelo Dr. João Costa e Silva.

OUTUBRO

01-10-14: Conhecimento da estrutura física, humana, orgânica e funcional do GES. Apresentação à equipa; conhecemos a nossa secretária com o computador de trabalho e o modo de funcionamento da equipa e rotinas, observação do trabalho realizado, Recebemos linhas orientadoras para a realização dos manuais.

6-10-14: Observar o trabalho realizado, estavam a decorrer as candidaturas de 3ª fase de acesso ao ensino superior. Conhecer o percurso do aluno/candidato. Os alunos que procuram o GES são maioritariamente de nível secundário e alguns de 9º ano, pretendem esclarecer dúvidas sobre o ingresso ao ensino superior como: quais as provas de ingresso necessárias; médias para ingressar; saídas profissionais; escolha de cursos; bolsas de estudo disponíveis; (simulações para os apoios excecionais do governo regional) e testes vocacionais. Normalmente estão acompanhados pelos encarregados de educação, alguns já têm preferência pelo técnico que querem esclarecer as dúvidas. Início da elaboração dos manuais iniciando com o manual do candidato. Período que decorre os processos de apoios do governo regional aos alunos que estudam fora da RAM. Integração nas rotinas a desenvolver.

7-10-14: Observação e colaboração do trabalho realizado sobretudo do líder. Observamos tarefas como: apoio a candidaturas; orientação da equipa observação da organização - divulgando regras e gerindo conflitos; apoio a simulações de bolsas de estudo; autorização dos apoios excecionais do Governo regional; divulgação do GES através das redes sociais; Ações de formação nas escolas secundárias da RAM e algumas escolas de 3ºciclos. Todas as declarações emitidas são assinadas, autenticadas pelo líder e em algumas declarações têm de levar selo branco da SRE.

Observação do modo de funcionamento da equipa, (notamos o trabalho em cooperação; o respeito). São realizadas tarefas como: estatísticas; consulta de arquivos; atendimento ao público, enquadrando-me como membro e ajudando nas atividades a decorrer como a época de apoio

excepcionais do governo regional aos alunos que estudam fora da RAM. Conhecimento do local do material utilizado pelo GES incluindo a documentação: declarações com custo de 2 euros e 60 cêntimos; pré-requisitos na altura de candidaturas. Observamos que o gabinete encontrasse com os equipamentos e organização necessária para satisfazer os pedidos do seu público. Continuidade da elaboração do manual do candidato. Ajuda no arquivo de candidaturas de 2ª e 3ª fase.

13-10-14: Observação e colaboração do trabalho realizado sobretudo do líder. Participação no atendimento ao candidato no GES, atendimento de chamadas e devido encaminhamento; passar aos técnicos as “necessidades dos clientes” em geral; consulta de documentação arquivada; observação da reação e satisfação dos estudantes. São registados diariamente os números de “clientes” no GES bem como todas as chamadas efetuadas no GES. Contribuição para a satisfação dos estudantes: criação do manual para o candidato guiar-se na nova fase do seu percurso académico; apaziguar as dúvidas e incertezas atuais dos alunos; deixar a vontade, criar empatia com o aluno; esclarecer e motivar a sua entrada no ensino superior. Continuidade da elaboração do manual do candidato. Continuidade da Época dos apoios excepcionais do governo regional aos alunos que estudam fora da RAM, preenchimento e verificação dos boletins dos apoios excepcionais. Ajuda no arquivo das candidaturas de 2ª e 3ª fase. Consulta de documentos internos como: plano de atividades, conhecimento da análise SWOT do GES.

14-10-14: Observação e colaboração do trabalho realizado sobretudo do líder. Colaboração com a equipa de trabalho na preparação de tarefas, levantar ao arquivo processos bem como arquivá-los, impressão de documentos. Desenvolvimento de competências relacionais com os alunos (adequação a personalidade do aluno; escuta atenta para pode intervir; observar; perceber a situação individual de cada caso (aceitar, respeitar, agindo de acordo com a situação agir de acordo com os 4 pilares da educação); manteve em conta o sigilo profissional; comunicação eficaz. Continuidade da elaboração do manual do candidato. Época de bolsas de estudo aos alunos que estudam fora da RAM. Atendimento de telefonemas e devidos registos.

20-10-14: Observação e colaboração do trabalho realizado sobretudo do líder. Identificação de possíveis problemas, antecipação previsão de problemas; análise do diálogo do estudante/candidato e familiares; confirmar documentos necessários para a candidatura ao apoio regional do governo regional; reagir de acordo a imprevistos. Favorecer a integração do aluno e respetiva família, acolher os “clientes” com empatia, respeito fazê-los sentirem-se bem no GES;

mostrar disponibilidade de ajuda; incentivar a família na ajuda /integração do percurso à vida académica dos alunos. Avisar, dar a conhecer aos “clientes” serviços do GES que podem precisar (ajuda no preenchimento de documentos solicitados, esclarecimentos de dúvidas). Continuidade da elaboração do manual do candidato. Época de candidaturas ao apoio regional para os alunos que estudam fora da RAM. Relação de ajuda colaborar com a equipa de trabalho na realiação das tarefas. A realização dos manuais era sempre uma tarefa partilhada com o Diretor do GES. Continuação da criação do manual do candidato ao ensino superior.

21-10-14: Observação e colaboração do trabalho realizado sobretudo do líder. Colaboração na administração do GES, organização de documentos; informar sobre reposição de material. Troca de informações sobre o trabalho a decorrer dos manuais a construir, feedback. Época candidaturas ao apoio regional para os alunos que estudam fora da RAM. Desenvolver competências com os “clientes” favorecer a sua integração. Entrega do esboço do manual do candidato ao diretor do GES.

27-10-14: Observação e colaboração no trabalho da equipa do GES, sobretudo do líder (na administração do GES). Início da construção do manual do estudante ao ensino superior. Continuação dos acertos do manual do candidato. Atendimento e efetramento de chamadas e devidos registos. Mostramos disponibilidade, ajuda e colaboração com toda a equipa.

28-10-14: Observação e colaboração do trabalho realizado no GES. Construção do manual do estudante ao ensino superior e continuação dos acertos do manual do candidato. Atendimento e efetramento de chamadas e devidos registos. Mostramos disponibilidade, ajuda e colaboração com toda a equipa.

NOVEMBRO

3-11-14: Observação e colaboração do trabalho realizado no GES. Atendimento e efetramento de chamadas e devidos registos. Mostramos disponibilidade, ajuda e colaboração com toda a equipa. A decorrer as candidaturas ao apoio excecional para os alunos da RAM divisão por ordem alfabética entre os técnicos superiores. Arquivo dos processos de bolsa de estudos dos alunos que estudam fora da RAM. Construção do manual do estudante ao ensino superior e continuação dos acertos do manual do candidato.

4-11-14: Observação e colaboração do trabalho realizado no GES. Atendimento e efetramento de chamadas e devidos registos. Mostramos disponibilidade, ajuda e colaboração com toda a

equipa. A decorrer as candidaturas ao apoio excecional para os alunos da RAM divisão por ordem alfabética entre os técnicos superiores. Arquivo dos processos de bolsa de estudos dos alunos que estudam fora da RAM. Construção do manual do estudante ao ensino superior e continuação dos acertos do manual do candidato.

10-11-14: Colaboração no arquivo. A decorrer as candidaturas ao apoio excecional para os alunos da RAM. A decorrer inquéritos aos profissionais para avaliar o serviço interno. Observação e colaboração do trabalho realizado no GES. Construção do manual do estudante ao ensino superior e continuação dos acertos do manual do candidato, partilhando com o diretor do GES. Atendimento e efetramento de chamadas e devidos registos.

11-11-14: Colaboração no arquivo. Continuação da parte teoria do manual do estudante. A decorrer o apoio excecional para os alunos da RAM. Continuação dos acertos do manual do candidato, construção do manual adaptado do manual base do candidato para fins de publicação nas páginas sociais do GES e para enviar aos contatos de alunos. Atendimento e efetramento de chamadas e devidos registos.

17-11-14: Colaboração no arquivo. A decorrer o apoio excecional para os alunos da RAM. Arquivo dos processos de bolsa de estudos dos alunos que estudam fora da RAM. Atendimento e efetramento de chamadas e devidos registos. Iniciação do diplomado no ensino superior. Feedback do diretor sobre o manual do estudante ao ensino superior.

18- 11-14: Acertos do manual do estudante ao ensino superior. Colaboração no arquivo. A decorrer o apoio excecional para os alunos da RAM. Arquivo dos processos de bolsa de estudos dos alunos que estudam fora da RAM. Atendimento e efetramento de chamadas e devidos registos. Iniciação do diplomado no ensino superior.

24-11-14: Observação e colaboração do trabalho realizado sobretudo do líder Consulta de documentos internos do GES, para conhecer normas e protocolos deste gabinete. Identificação de Áreas de trabalho e conhecimentos dos projetos e atividades do GES. Consulta do plano de atividades. Consulta e parcerias existentes. A decorrer o apoio excecional para os alunos da RAM divisão por ordem alfabética entre os técnicos superiores. Arquivo dos processos de bolsa de estudos dos alunos que estudam fora da RAM. Análise do projeto de EFQM.

25-11-14: Consulta de documentos internos. Observação e colaboração do trabalho realizado sobretudo do líder Consulta de documentos internos do GES, para conhecer normas e protocolos deste gabinete. Identificação de Áreas de trabalho e conhecimentos dos projetos e atividades do

GES. A decorrer o apoio excecional para os alunos da RAM. Arquivo dos processos de bolsa de estudos dos alunos que estudam fora da RAM.

DEZEMBRO

1-12-14: Construção do manual do formado. Acerto do manual do estudante e do candidato.

Observação e colaboração do trabalho realizado sobretudo do líder Consulta de documentos internos do GES, para conhecer normas e protocolos deste gabinete. Identificação de Áreas de trabalho e conhecimentos dos projetos e atividades do GES. Consulta do plano de atividades. Consulta e parcerias existentes. Arquivo dos processos de bolsa de estudos dos alunos que estudam fora da RAM. Análise do projeto de EFQM.

2-12-14: Construção do manual do formado, acerto nos manuais. Observação e colaboração do trabalho realizado sobretudo do líder Consulta de documentos internos do GES. Arquivo dos processos de bolsa de estudos dos alunos que estudam fora da RAM.

09-12-14: Atendimento ao público, a decorrer realização de testes vocacionais. Construção do manual do formado. Acerto do manual do estudante e do candidato. Observação e colaboração do trabalho realizado sobretudo do líder Consulta de documentos internos do GES. Arquivo dos processos de bolsa de estudos dos alunos que estudam fora da RAM.

10-12-14: Observação e colaboração com a equipa do GES. Construção do manual do formado. Acerto do manual do estudante e do candidato. Observação e colaboração do trabalho realizado sobretudo do líder Consulta de documentos internos do GES. Arquivo dos processos de bolsa de estudos dos alunos que estudam fora da RAM.

15-12-14: Colaboração com a equipa do GES. Organizações de arquivos. Continuação da construção dos manuais.

16-12-14: Colaboração com a equipa do GES. Organizações de arquivos. Continuação da construção dos manuais. Consulta de documentos internos.

JANEIRO

05-01-15: Atendimento ao público; a decorrer testes vocacionais. Colaboração com a equipa do GES. Organizações de arquivos. Consulta de documentos internos. Apresentação de propostas finais dos manuais, reunião com o diretor, revisão dos manuais do candidato, estudante e

formado no ensino superior. Continuação da construção do manual do formado no ensino superior.

06-01-15: Acerto dos manuais. Continuação da construção do manual do formado no ensino superior. Atendimento e efetramento de chamadas e devidos registos. Colaboração com a equipa do GES.

12-01-15: Fim da circulação dos inquéritos da avaliação interna da equipa do GES. Acerto dos manuais. Continuação da construção do manual do formado no ensino superior. Atendimento e efetramento de chamadas e devidos registos. Colaboração com a equipa do GES.

13-01-15: Acertos do manual do formado no ensino superior. Atendimento e efetramento de chamadas e devidos registos. Colaboração com a equipa do GES.

19-01-15: Acertos do manual do formado no ensino superior. Atendimento e efetramento de chamadas e devidos registos. Colaboração com a equipa do GES. Reunião com o diretor.

20-01-15: Acertos do manual do formado no ensino superior. Atendimento e efetramento de chamadas e devidos registos. Colaboração com a equipa do GES. Feedback com o diretor.

23-01-15: Reunião com o diretor do GES para conclusão dos manuais. Realização dos devidos acertos para versão final dos manuais.

26-01-15: A decorrer realização por parte de alunos de ensino secundário, testes de avaliação e aptidão vocacional, estes testes decorrem ao longo do ano. Conclusão dos três manuais realizados com a aprovação do diretor do GES.

27-01-15: Entrega dos manuais impressos ao Diretor do GES. Exerci as atividades pedidas; demonstrei sempre disponibilidade para colaborar e ajudar os alunos para resolver seus pedidos, bem como a equipa de trabalho, relação de interajuda. Procurei sempre informar-me sobre os serviços e dei resposta aos alunos de acordo ao que me foi divulgado e de acordo com as regras do GES.

Finalizado o horário de estágio no GES apresentado no cronograma do projeto de mestrado passamos para a realização da investigação empírica dando também continuidade a redação do relatório de estágio.

Apêndice 10 -Entrevistas transcritas às Diretoras de Turma

Apêndice 10.1 -Entrevista transcrita da professora diretora de turma Entrevistada 1.

I – Dados Biográficos

1- Onde e em que área se formou?

Formei-me na Universidade da Madeira, na área da Matemática. Essencialmente Matemática via ensino, ainda não havia o processo de Bolonha.

2- Porque é que escolheu ser professora?

Desde pequenina que gostava muito de ser professora, de brincar às professoras, ir à escola, sempre dentro dessa área. Na altura, identifica-me com a professora da primária, com a educadora de infância. Com o decorrer do tempo, comecei a gostar bastante da matemática, no ensino secundário era a minha disciplina preferida e depois na altura de escolher o curso pensei então juntar o ensino e optei. As minhas primeiras opções foram a matemática via ensino e matemática científico, mesmo, depois então todos os outros cursos foram para dentro da área do ensino.

3- Há quanto tempo está a lecionar?

Há 14 anos.

4- Como chegou ao cargo de Diretora de turma?

É por convocação da direção atribuído ao nosso horário, portanto não há escolha.

5- Há quantos anos exerce o cargo de Diretora de turma?

Mais ou menos 10. Porque entre o começar a lecionar, comecei a lecionar há uns 14 anos, 2 anos mais ou menos depois comecei com o cargo de diretora de turma. Mas depois engravidei 2 vezes e com a redução de horário e interrupção, a licença de maternidade, a direção evita atribuir esse cargo ao docente. Portanto eu penso que deve ser mais ou menos há uns 10 anos.

6- Qual é a sua idade (refira no grupo 20-30;31-40;41-50;51-60)?

Entre 31-40.

II – Motivação/Desmotivação para ingressar no ensino superior

7- Acha importante prosseguir os estudos no ensino superior?

Sim. Tento falar sempre coisas, acho importante principalmente para ter mais opções no mercado de trabalho, porque às vezes costumo dizer que se com estudos está difícil então sem estudos está muito pior.

Acho que além de ser só para o mercado de trabalho também prepara-nos para novos desafios, ensina-nos a gerir a nossa vida, o nosso dia-a-dia, às vezes por muito que acham que não é necessário ou que não vão precisar. Isso é num instante para dizer como nos desenrascar os desafios nas mais diversas áreas seja ao nível das nossas contas de gestão em várias áreas. Portanto a nível das habilitações também acho muito importante.

8- No seu entender quais são as motivações que os alunos de ensino secundário têm para ingressar no ensino superior?

Principalmente a realização pessoal, eles devem querer sempre atingir mais, depois a aquisição de conhecimentos, melhorar as habilitações. Ter esperança de um posto de trabalho com mais qualidade, com melhor remuneração, melhorar ou manter o seu nível de vida. Dependendo das habilitações que vão ter, podem conseguir manter o nível de vida que estão habituados ou até melhorar, ou não, portanto, nem que seja por aí.

9- Fale-me do seu papel (enquanto diretora de turma) na motivação dos alunos em prosseguirem os estudos no ensino superior?

Bem eu tento orientá-los, muitas vezes uso o meu exemplo pessoal. Esclareço as dúvidas em relação ao acesso ao ensino superior, tento incentivar os alunos a alcançar os seus objetivos e a melhorar os resultados do estudo, também do meu interesse da minha disciplina.

10-Quais as manifestações que o aluno apresenta quando está numa situação de desmotivação escolar?

Tristeza, apatia, diminuir consideravelmente a participação nas aulas, falha na realização das tarefas, manifesta falta de concentração e depois nota-se na saída dos resultados. Nos momentos de avaliação, até a nível de relação, um aluno motivado tem uma melhor relação com o professor, do que um aluno que está completamente desmotivado. E é muito difícil tirá-los dessa desmotivação, é muito difícil puxá-los para mostrar novos horizontes, mostrar os benefícios de estar motivado de ter um objetivo na vida, é muito difícil de dar-lhes a volta.

11-Na sua perspetiva quais são os fatores que desencadeiam as motivações/desmotivações para o ingresso no ensino superior?

Eu acho que deve-se, atualmente, muito à falta de emprego, há emigração, há crise económica, mas também não só, acho que também por exemplo os exames nacionais. Acho que cada vez com têm mais conteúdos, agora exames nacionais com 3 anos, os miúdos já se sentem perdidos à partida porque até eles se esforçam. Esforçam, mas têm tanto para se lembrar, tanto para rever, tantas disciplinas, e os exames são tão próximos uns dos outros que eu compreendo a angústia deles. Eu compreendo que seja necessário ter os conteúdos para poder avançar e tudo, mas compreendo a angústia dos alunos, até porque sou mãe, e como mãe sei ver a angústia dos meus filhos e acho que os exames nacionais da maneira como estão a decorrer desmotiva bastante, mas eles lutam contra isso, os que estão motivados. Depois os cursos que pretendem, muitos deles não têm condições de ir para o continente e quando os cursos que eles gostavam de ingressar não há cá, já começam a desmotivar e então para quê que eu vou estudar? Para quê que eu vou tentar ir para o ensino superior? Se os meus pais não têm possibilidades eu não vou poder ir, portanto se o curso que eles querem não há na única universidade que temos na região eles desmotivam muito. Muitas vezes também os resultados que não permitem o acesso a subsídios, portanto os pais não podem, eles não têm as notas para ter as bolsas, tão perdidos à partida. Por muito que nós tentemos que conversemos e ver será que isto não pode acontecer e dar, mostrar sempre uma alternativa e eles é que sabem bem a realidade de cada um.

12-Quem são os agentes responsáveis pela motivação/desmotivação para o ingresso no ensino superior?

A meu ver tem de ser o próprio aluno, ele é que tem de querer, acho que os encarregados de educação têm um papel fundamental e as possibilidades financeiras dos encarregados de educação que muitas vezes até querem e não podem. Os professores, as universidades, as instituições do ensino superior na divulgação dos cursos e na oferta educativa que têm, o governo, na falta de apoio aos alunos que vão para o ensino superior e é muito caro em alguns cursos de estudar no ensino superior.

III – Perceção da Motivação para ingressar no ensino superior

13-A maioria dos alunos desta escola que acaba o secundário ingressa no ensino superior?

É assim 85% dos nossos alunos que terminam o secundário ingressam no ensino superior e felizmente 92% entram na 1ª opção.

14-Que medidas a escola utiliza para motivar os alunos a ingressarem no ensino superior?

A seguir falando melhor com o diretor pedagógico podes ter um leque maior de opções mas das que eu estou a par, as que funcionam mais a meu ver é a escola proporcionar turmas reduzidas, apoios e salas de estudo às disciplinas de exame, conferências, sessões de esclarecimento e desenvolve projetos para ter perceção da realidade por exemplo o projeto Infante Dom Henrique que é um projeto da escola, para mais detalhes, tem a professora coordenadora se quiser saber melhor em que parâmetro é que funciona estes aspetos têm funcionando muito bem.

15-Quais são as consequências dos alunos não prosseguirem os estudos para o ensino superior?

Portanto muitos ficam a fazer melhoria de nota, e tentam entrar no ano seguinte, outros entram logo no mercado de trabalho, outros ficam desempregados durante algum tempo e tentam fazer cursos profissionais, melhorar as habilitações de outras formas e tentar seguir a sua vida sem ser pelo ensino superior. Portanto, muitas vezes o não entrar também já faz com desistam de tentar outras vezes, mas sei que temos um grande grupo persistente que fica aí a tentar melhorar a fazer melhoria de nota ou noutros cursos e tentar no ano seguinte.

Eu acho que é negativo, não ingressar no ensino superior tem consequências negativas, mas se bem nem todos os alunos que conseguem ingressar no ensino superior e tirar o curso conseguem alcançar os seus objetivos. Portanto muitos tiram o curso e ficam desempregados e acabam por não conseguir um emprego dentro daquela área e acabam por desempenhar uma função que um aluno sem aquele curso conseguiria fazer. Não é, portanto, isto não é tão delinear como tens um curso vais ter melhor qualidade de vida, vais ter um trabalho, não é tão linear assim. Eu acho que tem a ver com a saída dos cursos. Esse trabalho até deveria ser das universidades, fazer uma estimativa e ver o que seria mais necessário, daqui a 5 anos ver o que seria mais necessário, quais os cursos. Agora já não.

Eu lembro-me que na minha altura quando entrei havia muito excesso de educadoras de infância e faltas de professores de matemática e entrei para matemática, portanto 5 anos quando eu saí havia falta de educadoras de infância e excesso de professores de matemática, por isso é que estou a dizer que comparar só com aquele ano não é o suficiente, a própria universidade ou o governo, ou alguém devia de fazer uma estimativa e ver o que seria necessário daqui a alguns anos e não naquela altura.

16- Como motivar os alunos para ingressarem no ensino superior?

Muito diálogo, mostrar as opções, incentivar, ou pesquisa vendo os programas dos cursos. Tentar incentivar, outra vez, que saída é que tem, qual é a parte prática e o que pode surgir e o curso mas não tem um período, não tem uma saída para poder trabalhar nessa área. Dar esperança, se não realçar a importância dos estudos e dos resultados, depois há a parte da realidade também só dar esperança às vezes também tem a parte negativa, eles vêm as notícias são pessoas inteligentes e sabem o que lhes espera, tentamos dar esperança dentro da realidade.

17-Que acompanhamento é dado aos alunos para a escolha do curso na transição do ensino secundário para o ensino superior?

Os mais indecisos recomendo que vão ao Gabinete de Acesso ao Ensino Superior tentar esclarecer as mais dúvidas tentar ter a noção de um maior leque de opções mas como já referi existem as conferências, as sessões de esclarecimento e se necessário existe a Psicóloga da escola que pode ajudar também nesse aspeto. Também geralmente eles pesquisam muito na internet, o diálogo entre eles e os professores, eles acabam por tomar as suas decisões, professores e encarregados de educação, eles acabam por conseguir tomar a sua decisão. Depois quando chega ao momento da verdade e têm aquele prazo eles decidem.

18-Segundo a sua experiência, como se encontram os níveis de motivação dos seus alunos para ingressar no ensino superior? Classifique numa escala de 0 a 10.

Depende dos alunos, nós nesta escola temos alunos muito motivados, temos um grupo muito motivados com objetivos muito altos, mas também temos alguns que ainda não atingiram essa motivação ou ainda não têm motivação para tal. Portanto se calhar 7, por aí.

19- Como acha que se deve prevenir a desistência de prosseguir os estudos para o ensino superior?

Criar mais opções na universidade, na nossa universidade, soldar quais os cursos mais procurados, abri-los na nossa região e se não houver cá criar meios de apoio aos jovens que demonstram resultados e que não conseguem a bolsa. Mostrar opções, dar alternativas e ir às escolas divulgar novos cursos e não só, também incentivar o emprego jovem porque isto é uma cadeia se eu penso que vou ingressar no ensino superior e depois sei que a maior parte dos jovens ficam desempregados até aos 30 e tal anos, mas acho que cabe ao governo incentivar o emprego jovem.

Nós estamos a formar bons licenciados com bons resultados e estão a emigrar estão a mandá-los para outros países tanto da área da investigação e várias áreas e temos pessoas muito bem formadas e estão a incentivar que vão embora porque não temos nem bons ordenados nem boas condições de vida. Tratamos mal os nossos licenciados cada vez mais forte, é um país que infelizmente ainda está mal gerido e tudo isso reflete no acesso ao ensino superior, muitos deles estão a pensar em fazer os cursos fora e estágios fora porque sabem que a sua vida será melhor se não for no nosso país e infelizmente até têm razão.

Gostaria de acrescentar mais alguma coisa ao que foi dito?

Penso que não. Acho que o essencial já está.

Damos por terminada a entrevista.

Obrigada pela sua colaboração.

Apêndice 10.2 -Entrevista transcrita da professora diretora de turma Entrevistada 2.

I – Dados Biográficos

1- Onde e em que área se formou?

Formei-me pela Universidade de Lisboa. Licenciatura em História e depois de ter feito a licenciatura, fiz a profissionalização em exercício durante 2 anos, nessa altura era esse o regime, não era integrado, depois mais tarde portanto fiz o Mestrado em História pela Universidade da Madeira, portanto é essa a minha formação científica e académica.

2- Porque é que escolheu ser professora?

Quando escolhi penso que foi uma escolha na minha altura, na minha época, penso que se podia escolher muito aquilo que se queria. Porque eu poderia ser portanto dentro das áreas do ensino superior e de uma formação de nível superior podia ter sido, podia ter ido para Direito, podia ter escolhido ser Enfermeira, que até cheguei a fazer uma experiência nessa área, também fiz o exame de admissão no ministério Primário, no antigo magistério primário. Mas depois como aquilo que eu gostava mesmo era da área de História e portanto escolhi fazer o curso e nessa altura na verdade o curso não era profissionalizante, não era via educação, era mesmo de natureza científica, depois como ingressei no ensino e fiz a profissionalização em exercício, quer dizer a profissão professor veio por acréscimo ao curso. Não estava diretamente vocacionado para ser professor mas depois havia uma complementaridade dessa formação que me conduzia a ser professora, mas foi claramente uma opção de vocação, de gosto não só de ensinar mas também de ligar o ensino, à pesquisa, à investigação, estamos sempre a aprender, sempre a procurar e isso acho que é sempre uma mais-valia.

3- Há quanto tempo está a lecionar?

Já lá vão 30 a 35 anos, portanto terminei o curso com 21 depois entrei logo no ensino, ou seja, portanto tenho 35 anos. Porquê? Porque nessa altura nós entrávamos portanto no ensino por concurso de habilitação própria, chamavam-se habilitação própria, mas não tínhamos ainda o estágio, a formação propriamente profissional, isso depois, era feito através também de uma espécie de concurso em que os estágios e a formação mais específica da área da profissão e do aspeto pedagógico e didático era inserido dentro do ensino ou seja através dos chamados orientadores de estágio e portanto de trabalho que no meu caso foi durante 2 anos em que eu estagiei ao longo de vários anos 7º; 8º; 9º, eram 2 anos de intenso trabalho de formação na área, na prática e também com seminários, com pesquisa, era fora das Universidades portanto eu

pertenço a uma geração ainda que fiz a profissionalização e a integração no ensino fora das Universidades dentro das escolas.

4- Como chegou ao cargo de Diretora de Turma?

A direção de turma tem sido um cargo que tenho desempenhado, não digo todos os anos, mas esporadicamente de 2 em 2 anos, mas quase todos os anos desempenho essa função. Essa função é atribuída pela Direção da escola, portanto não é propriamente por escolha própria, é porque geralmente, portanto dentro dos professores de cada turma é o concelho diretivo, o diretor que nomeia a pessoa que vai exercer essa função.

5- Há quantos anos exerce o cargo de Diretor de Turma?

Esse cargo é anual e portanto tem sido ao longo de vários anos, quer dizer, não posso precisar, houve anos em que foi menos vezes porque tinha por exemplo outros cargos ou portanto era Delegada ou por causa do horário. Às vezes, há certos ajustamentos, que não é um cargo de continuidade é uma nomeação anual, não se pode esclarecer, certamente que 50% dos 30 anos devo ter passado pelo cargo de Diretora de turma, penso que sim.

6- Qual é a sua idade? (Refira no grupo 20-30; 31-40; 41-50; 51-60)

Eu sou do 51-60.

II- Motivação/Desmotivação para ingressar no ensino superior

7- Acha importante prosseguir os estudos no ensino superior?

Sim com certeza! Acho que hoje em dia o ensino secundário é uma etapa de transição e de passagem para o ensino superior ou para outros, ou para o ensino profissionalizante, também tem essa área mas pronto, na lógica a sequência será realmente o ensino superior. Penso que sim.

8- No seu entender quais são as motivações que os alunos de ensino secundário têm para ingressar no ensino superior?

Por aquilo que eu ouço, muitos querem, acham que realmente que o ensino superior é mais uma etapa na formação, é mais uma etapa que poderá abrir caminho para umas novas perspetivas de melhoria da sua condição, uma perspetiva de futuro, penso que sim, penso que a família também, muitas famílias apoiam, apesar das dificuldades gostariam, penso que vejo muito que os pais gostam talvez de ver os filhos. Portanto a realização de prosseguimento de estudos que eles não conseguiram ter vê-se muito neste nível de ensino. A maioria dos pais não têm o ensino

superior e o que se vê que para eles o facto de os filhos terminarem o ensino secundário serem finalistas como se costuma dizer é um orgulho.

Portanto, por isso é que eles empenham imenso nas cerimónias que é tradicional aqui na Madeira, mas que significa realmente um impacto social e depois também o facto de a Universidade estar aqui presente já alguns anos, também a mentalidade mudou e portanto há muito maior recetividade, digo apesar das dificuldades de prosseguir os estudos por motivos financeiros. Como há universidade aqui na Madeira, a mentalidade mudou e as pessoas, veem o ensino superior como uma coisa natural, antes fazia-se um “bicho de 7 cabeças” que se pode dizer, ir para o ensino superior, ir para a Universidade era qualquer coisa de muito complicado, não só por motivos financeiros mas também por motivos de estudar para longe, ou estudar mais e hoje em dia acho que as famílias encaram com maior naturalidade e motivação essa perspetiva e os próprios alunos já estão motivados. Embora, há outro lado da questão, há alguns alunos que não têm essas perspetivas, mas pronto eu diria que 60% de dentro de cada turma tem essa ideia, penso eu, às vezes não conseguem concretizar por dificuldades económicas ou então porque significa sair da ilha, vejo, mas geralmente eu encontrei alguns alunos que tinham essa dificuldade mas que os pais fizeram tudo para que eles fossem e portanto certamente conseguiram ter alguns apoios conseguiram dar a volta e portanto fazer a formação.

9- Fale-me do seu papel (enquanto diretora de turma) na motivação dos alunos em prosseguirem os estudos no ensino superior.

Eu digo sempre que o saber não ocupa lugar e que as habilitações, a formação académica, o diploma, o canudo não sendo portanto um passaporte direto para o futuro, para uma boa profissão é na verdade um meio que abre caminhos e digo-lhes sempre, pior é não ter nada, é não ter habilitações, aí é que é muito mais difícil, encontrar trabalho e vocês próprios compreenderem e saberem procurar caminhos. Porque o conhecimento abre perspetivas, uma pessoa quanto mais habilitações tem, quanto mais estudos tem, mais caminhos vê a frente e depois pode criar novas oportunidades para si próprio, portanto tendo o curso superior, tem uma formação especial, vai aperfeiçoar-se vai tendo uma visão do mundo mais alargada e vai podendo descortinar novas oportunidades que se não tivesse essa formação provavelmente não tinha acesso. É nesse sentido e eu tento motivar no sentido de incentivar a que pensem que estão no 12ºano e que para o ano já estarão na Universidade e que será um facto muito grande, uma mudança muito grande na vida deles. Penso que é isto que lhes digo.

10- Quais as manifestações que o aluno apresenta quando está numa situação de desmotivação escolar?

As principais desmotivações passam por exemplo por faltar, a assiduidade, a falta de assiduidade é muitas vezes um sinal de desmotivação, portanto não vêm às aulas “porque olha não lhes apetece”, porque não lhes diz nada, ou provavelmente arranjam todos os protestos para não vir, depois, a desmotivação manifesta-se também pronto nalguma resistência, trabalhar é muito difícil neste nível etário que é o 12ºano, como o ano anterior ou o ensino superior. Para ter um nível de exigência que lhes permita dar aquilo que nos queríamos que fossem mais e melhores instrumentos para eles estarem mais preparados para entrarem no ensino superior. Portanto muitas vezes estou a pensar em termos de metodologias há coisas que eles não acham importante ter determinadas capacidades. Só depois é que vão descobrir isso, ainda agora estávamos a falar portanto por exemplo tirar apontamentos eles desmotivam-se muitas vezes porque acham que não conseguem dominar tanta informação e tanta diversidade de informação e portanto pensam que as coisas devem ser todas direitinhas, no sentido tudo “papinha feita” e muitas vezes ficam... quer dizer, é muito difícil, portanto motivá-los para eles próprios irem à procura da informação e saberem gerir e eles estão à espera que se dê tudo e portanto é essa parte que muitas vezes há assim uma certa resistência. Depois as coisas vão ao longo do ano melhorando mas muitas vezes é assim e depois pensam que vão para o ensino superior e fazem “tábua rasa” e vão aprender tudo e é verdade mas se tiverem algumas capacidades anteriores a coisa vai ser mais fácil, pronto, é isso.

11- Na sua perspetiva quais são os fatores que desencadeiam as motivações/desmotivações para o ingresso no ensino superior?

Os fatores de desmotivação estão muitas vezes ligados até às próprias notícias, o ambiente social, o contexto da informação que muitas vezes falam, que há muito desemprego, ou seja, que mesmo com o ensino superior, ou seja, com habilitações superiores há muitos desempregados e que não é fácil, mesmo com uma licenciatura, ou com mestrado, ou qualquer nível académico superior não é direto, não é linear obter um trabalho mas também não há portanto a informação contrária. Ou seja o lado bom da questão ou muitas vezes a informação passa é que não vale a pena tirar porque é tantos anos, estar a estudar durante 4 anos, durante 6 anos e depois não ter emprego certo, garantido e depois não se coloca a questão noutra perspetiva que talvez seja uma passagem para outra fase, não sei, é muito difícil, não digo que não, mas de qualquer maneira, as motivações, penso que passam muito pela informação, pelo ambiente social, fator económico e financeiro, sem dúvida e depois também, eu digo, acho que as autoridades com poderes políticos,

vamos lá dizer assim, também não dão uma visão muita boa e uma boa perspetiva do futuro são os primeiros a passar a mensagem de que Portugal é um país que tem excesso de formação no ensino superior quando não é verdade. Não é verdade, quando o país não cria condições nem situações para aproveitar e para valorizar essa formação e portanto quer diminuir, aliás dizem que querem diminuir o número de estudantes no ensino superior isso é uma regressão e portanto isso não é uma boa perspetiva para estas novas gerações, sabem perfeitamente e está mais que provado que no mundo global como se costuma dizer a formação académica, as habilitações ainda contam em qualquer sítio do mundo, pode não ter equivalência.

Há uma nova geração, há uma geração, portanto da minha geração eram poucos aqueles que iam, já numa outra geração houve uma maior “explosão” da casa dos 40 há muitas mais pessoas que teve o ensino superior, portanto se deu o ensino superior várias razões e agora parece que se quer voltar atrás, quer dizer isso é aniquilar as perspetivas da nova geração porque não há dúvida que através da formação seja ela de média ou seja superior ou “não sei quê”, não pode ser apenas do ensino secundário tem de ir mais além porque se não ficamos para trás, outra vez, aliás a escolaridade obrigatória é até 12 anos, portanto tem toda a lógica que o ensino superior seja uma aposta no futuro.

12- Quem são os agentes responsáveis pela motivação/desmotivação para o ingresso no ensino superior?

Pois, certamente, e de certa maneira, na questão anterior, já respondi um pouco, portanto eu acho que os pais influenciam, mas acho que é sobretudo o ambiente social, é a comunicação social, são os poderes políticos, neste caso, mais do que as famílias porque se houver condições se houver uma aposta uma valorização da formação e de melhores condições para o acesso ao ensino superior e apoio verdadeiro para os alunos que têm mérito que têm notas, devia de ser. Acho que não devia ser o apoio financeiro, não devia ser feito apenas com base na riqueza, ou seja, sim as pessoas com menos riqueza, com menos rendimentos, têm direito a apoio, ou muito bem, pronto, isso é um dado completamente adquirido, os que tenham muito boas notas, que tenham capacidades que revelaram ao longo do secundário, que ganham diplomas de mérito deviam ter bolsas também não baseado apenas no rendimento mas também no mérito. Portanto isso iria motivar ainda mais as pessoas lutarem, para as pessoas terem boas notas, bons resultados no exame já que têm 30%, se eles tivessem muito boas notas no exame que os dá acesso ao ensino superior, devia contar como uma pontuação positiva terem uma bolsa de estudo, não deveria de ser um fator, um coeficiente, digamos assim, que devia entrar no cálculo da bolsa, devia ter um coeficiente para valorizar a nota ou a média não só global do secundário

mas sobretudo dos exames nacionais. Os exames nacionais servem para completar os estudos, servem para seriar as pessoas para depois concorrerem e então porque se não valoriza esse esforço através de uma compensação, de um incentivo de caráter, portanto numa bolsa, acho que sim, era uma maneira também de não puxar mais pelo saber, pelo empenho e também valorizar aqueles que se empenham, porque tanto se fala no mérito hoje em dia. Portanto então que se valorize esse mérito dando um pontinho mais no coeficiente de cálculo da bolsa de ser tudo com base nas médias, nas notas, então porque não? Só traria coisas boas, pois eles teriam motivação, às vezes o que é que se nota? Nos exames, eles fazem o cálculo mais ou menos os exames nacionais têm os resultados que têm que são baixos, muito baixos, porque muitas vezes eles fazem os cálculos em relação à população média interna e depois ou calculam mais ou menos quanto têm de ter no exame e isso baixa o nível de exigência, a não ser aqueles mesmo que têm aquele empenho e que sabem que para entrar em Direito, em Medicina, têm que ter pelo menos 14; 15; 16 no exame pronto eles aí se empenham por outro lado não podem ter menos de 9,5; 10 para entrar na Universidade, outra coisa boa nenhum aluno devia de ser admitido na Universidade por uma nota inferior a 10 e por outro lado, se houvesse um maior incentivo, portanto no apoio, os alunos que têm claramente boas notas e que o ministro gosta tanto de valorizar por exemplo a falar concretamente no ministro atual da educação, gosta muito de falar do mérito da excelência e “nem sei quê” portanto então nesse caso isso seria uma medida e podia dar um incentivo enorme portanto à entrada no ensino superior.

III – Perceção da Motivação para ingressar no ensino superior.

13-A maioria dos alunos desta escola que acaba o secundário ingressa no ensino superior?

Eu não tenho dados concretos mas a nível da direção eles costumam fazer um balanço, um levantamento portanto desses dados e pelo aquilo que posso dizer assim e muito genericamente acho que a escola coloca uma percentagem bastante significativa de alunos em vários cursos do ensino superior desde a famosa Medicina até ao Direito, Economias e outras. Portanto há uma percentagem significativa, não sei, não me lembro, não tenho de côr, mas sei que é geralmente falado, muitos vão para o ensino superior.

14- Que medidas a escola utiliza para motivar os alunos a ingressarem no ensino superior?

Medidas concretas geralmente é feito, algures não sei se é no 2º Período, é feito uma sessão de esclarecimento para os alunos do 12º ano em que portanto responsáveis pelo acesso ao ensino

superior vêm à escola e fazem uma conferência onde apresentam as várias perspetivas e portanto dão dados relativos abrem as portas digamos assim dão dicas digamos assim para eles contactarem com as instituições que podem dar algum apoio no momento de escolher e de perspetivas. Além do mais temos na escola também um serviço de Psicologia que tanto pelo que sei por vezes têm algum trabalho junto dos alunos quando encaminhados pelo diretor de turma para fazer uma espécie de testes vocacionais, eu própria já levei direções de turma minhas portanto a fazer testes, por acaso consegui gratuitamente, fosse um teste mais breve não uma bateria de testes mais completas, mas consegui que eles fossem, fizessem uma, não sei bem então qual era o tipo de teste, não me recordo, testes de vocação, embora fosse uma coisa mais... como era de graça, pronto, e isso também penso que se podia fazer mais alguma coisa nessa área.

Acho que não há, quer dizer, acho que a escola poderia mobilizar um pouco mais, acho que apesar de haver uma coordenação do ano, do 12ºano, mas eu acho que agora que estamos a falar, acho que na verdade não há muita prática de ligação das escolas a essas iniciativas não tenho visto, ultimamente não.

15- Quais são as consequências dos alunos não prosseguirem os estudos para o ensino superior?

Alguns alunos, portanto ficam um bocado, às vezes, já à deriva talvez procuram... Alguns não vão para o ensino superior porque muitas vezes alguns alunos durante o 12ºano têm *part-times* portanto trabalham em *part-times* em lojas, restaurantes ou fazem aqueles trabalhos e as vezes acabam, a tendência é, porquê que é que eles trabalham? Porque precisam para si próprios, depois para a família e às vezes entram e ficam um pouco dependentes dessa situação e acabam por... não arriscar avançar mais e portanto ficam pelo caminho. Outros depois voltam depois acabam por... Tenho, sei de casos em que depois, acabaram por ingressar, sim, portanto mas a maior parte alguns portanto não prosseguem o ensino superior provavelmente vão para emigração.

Sei de alguns que foram para emigração e alguns ingressam há sempre soluções, alguns ingressam em cursos sobretudo as raparigas, há aí algumas sim, já tinham essa ideia e que ingressam naqueles cursos técnicos, portanto fazem uma escolha nessa área e ficam por aí, pronto agora, mas é a tal coisa, daquilo que eu sei e das turmas que tenho como são turmas ligadas às atuais humanidades, muitos vão, quer dizer apesar de tudo, tenho uma boa percentagem dentro das turmas que sei que foram para o ensino superior que ingressaram no ensino superior.

16- Como motivar os alunos para ingressarem no ensino superior?

Também acho que já falei um pouco, eu acho que sobretudo nos últimos anos, fora essa iniciativa de ligação com o Gabinete de acesso ao Ensino Superior que vai uma parceria e eles vêm aqui e divulgam numa formação, portanto para os alunos ou duas sessões para os alunos, penso que talvez podia fazer mais alguma coisa e portanto tentar divulgar, talvez não vir só uma vez por ano que é o que eles fazem, mas talvez virem 3 vezes por ano, fazer com mais calma. Quer dizer acaba por ser aquilo acaba por ser uma iniciativa massificada quer dizer, nós temos uma escola que tem muitos alunos que vão fazer os exames nacionais, não sei se, todos entram no ensino superior, que à partida todos aqueles que vão fazer exame são convocados para ir a essas sessões, mas aquilo é massificado, quer dizer trata-se tudo da mesma maneira e portanto não há um trabalho individual e portanto deveria talvez não sei eu penso que talvez a própria escola e a própria secretaria da educação não sei se tem serviços não faço ideia mas penso que tem serviços de Psicologia portanto Psicólogos. Pronto eles podem passar pelo Gabinete do Ensino Superior que tem Psicólogos, mas devia haver nem que fosse na altura do 3º Período ou para os alunos do 12ºano ou para os alunos de 9ºano, isso aí já tem de ser também para trás. Esse processo mesmo que seja muito cedo quer dizer já vai para trás. Quer dizer o processo de preparação para o prosseguimento de estudos já deve começar um pouco mais atrás no 9ºano em que eles já escolhem a área e portanto não sei o que se fazem nas escolas, mas nessa perspetiva claro que um miúdo de 9ºano não sabe bem o que é uma licenciatura, não sabe ainda que vai para a universidade ou alguns sabem ou agora não sei, penso que, a nível institucional portanto mesmo do ensino público devia haver um bocadinho o que fosse possível fazer um acompanhamento mais orientado usar recursos que a secretaria das entidades oficiais têm para fazer na orientação vocacional, falou-se nisso, falasse nisso, mas não tenho ouvido falar.

17- Que acompanhamento é dado aos alunos para a escolha do curso na transição do ensino secundário para o ensino superior?

Psicologia e Gabinete do Ensino Superior, é isso mas é como eu digo a nível da sessão de esclarecimento abrange todos, ficam informados mas têm uma informação massificada diria eu, mas claro que hoje em dia há a internet, eles depois são informados que podem ir aos *sites* das universidades pesquisar os cursos, etc. Ver o que lhes espera, pronto receber a informação, não sei, é mais ou menos isso.

18- Segundo a sua experiência, como se encontram os níveis de motivação dos seus alunos para ingressar no ensino superior? Classifique numa escala de 0 a 10.

Neste momento eu penso que estará a 7.

19- Como acha que se deve prevenir a desistência de prosseguir os estudos para o ensino superior?

É realmente motivar, e criar políticas de decisões nesse sentido, com perspetivas de futuro mais positivas, exatamente e portanto quando a perspetiva é dizer a não vale a pena ir para aquele curso porque não tem saída, quer dizer, claro que não se vai enganar os alunos não é?

Criar situações concretas de apoios de incentivos, de perspetivas, não sei, acho que não, já houve tempos em que se fez mais divulgação até no género de publicidade, de esclarecimentos na televisão por exemplo. Podiam usar os meios de comunicação com mais clareza para informar e depois é aquilo que eu já disse atrás políticas concretas de incentivo ao sucesso portanto terem boas notas, saber conhecer para depois poder prosseguir os estudos.

Gostaria de acrescentar alguma coisa ao que já foi dito?

Não, já falamos muita coisa.

Damos por encerrada a entrevista.

Obrigado pela sua colaboração.

Apêndice 10.3 -Entrevista transcrita da professora diretora de turma Entrevistada 3

I – Dados Biográficos

1- Em que área se formou?

Eu entrei na universidade em 1996, entrei para o curso de História de Investigação, no ano seguinte, quando entrei achei que a História de Investigação que para mim não seria, não era nada que podia realizar só de pensar que ia ficar enfiada dentro de um arquivo ou no meio dos livros achei que aquilo era pouco gratificante, então no ano seguinte pedi transferência para História de ensino e terminei em 2000 Investigação Licenciatura em Ensino de História.

2- Porque é que escolheu ser professora?

Não sei bem como escolhi, mas desde pequenina que tinha um fascínio pela profissão de ensinar, gostava da minha professora da primária, achei que queria ser professora da primária. Depois no secundário achei que queria ser advogada e pensando em várias projeções em termos profissionais, mas desde novinha que já dava explicações, já no 12º ano dava explicações e comecei a ensinar tinha 14 ou 15 anos, comecei a dar catequese com 13 e acho que esse bichinho do ensino comecei muito cedo.

3- Há quanto tempo está a lecionar?

Desde 2000.

4- Como chegou ao cargo de diretora de turma?

Só fui diretora de turma em 2 anos, há quatro anos atrás e agora mas eu penso que cheguei por uma questão de preencher horário porque era necessário fazer 22 horas de serviço e isso pode ser feito com componente letiva a dar aulas ou com cargos e quando não é possível ter um bloco, uma aula, ter 3 blocos de aula e é só necessário preencher com um bloco de 90, eles metem-nos a fazer o cargo de Direção de Turma.

5 – Há quantos anos exerce o cargo de Diretora de turma?

(Respondeu na questão 4).

6- Qual é a sua idade? (refira no grupo 20-30; 31-40; 41-50; 51-60).

31-40

II – Motivação/Desmotivação para ingressar no ensino superior

7- Acha importante prosseguir os estudos no ensino superior?

Sim, acho fundamental. Nós sabemos que neste momento o mercado de trabalho não vai absorver todos os meninos licenciados e também num próximo futuro não o irá fazer, mas estar a investir numa formação em termos de licenciatura, pós-graduações e doutoramentos nós estamos a investir na formação do nosso país estamos a procurar e a promover o desenvolvimento económico do nosso país, só assim é que faz sentido.

O país só cresce com pessoas formadas, com pessoas esclarecidas e instruídas se não estamos condenados a uma escravatura.

8- No seu entender quais são as motivações que os alunos de ensino secundário têm para ingressar no ensino superior?

Nós aqui já fizemos um estudo sociológico sobre isso. As primeiras motivações que os meninos têm para fazer um curso universitário são os seguintes: ou ter um curso muito bom, ou ter uma profissão bem renumerada, só são bem renumeradas as licenciaturas, ganhar estatuto social, ter licenciaturas é um estatuto, exercer profissões com destaque ou com importância na sociedade. Fugir às profissões que exigem muito esforço físico e fogem formando-se em determinadas áreas e só temos um leito muito pequenino para hoje que acha que a formação é feita em prol do crescimento e da satisfação pessoal e dum promoção de um país próspero mas a explicação é pouquinha, a primeira razão que leva a escolher um curso universitário é arranjar uma profissão muito bem paga, ter um trabalho para trabalhar poucas horas e com destaque social.

9- Fale-me do seu papel (enquanto diretora de turma) na motivação dos alunos em prosseguirem os estudos no ensino superior.

Vamos encontrar alunos com várias taxas etárias, se os encontrarmos no 10º ano, às vezes eles não têm muito bem a noção do que podem fazer daqui a 3 anos, então no 10º ano nós temos que incentivar a ganharem gosto pela parte do estudo, eles ganham gosto e vêm que conseguem adquirir bons resultados, e quando têm bons resultados têm gosto por isto estamos a estimular o estudo e estamos a estimular o crescimento em termos profissionais. No 11º e no 12º ano já se pode trabalhar o aluno no sentido de desenhar que expectativas é que podem criar para o futuro e aí sim nós já temos meninos que fazem um investimento na escola já vão pensando o que vão fazer no pós 12º ano e pudemos fazer várias coisas, pudemos desde chamar a Psicóloga da escola para fazer a orientação e a definição do caminho profissional. Pedir ajuda ao gabinete do acesso

ao ensino superior para prestar esclarecimentos e dar todo o tipo de ajuda, chamar aqui técnicos de algumas instituições universitárias para puderem esclarecer os alunos sobre os cursos que podem tirar e as possíveis saídas que a universidade pode promover para esses alunos para esses determinados cursos. Eles às vezes têm uma ideia que vão para um curso e têm a noção de umas coisas mas muitas vezes não sabem do ponto de vista da saída profissional o que isso nos pode permitir e onde é que eles podem encaixar no mercado de trabalho.

A escola recebeu no ano passado a Escola Universidade Católica e já recebemos outras, Porto e várias instituições e claro que as Universidades que mais interessam para os seus serviços são as privadas por essas serem pagas, essas querem ter mais clientes, regra geral as públicas já têm candidatos que vão para lá e não lhes interessa fazer esse tipo de promoção por conta deles, a não ser que as próprias escolas peçam esse tipo de serviço e de esclarecimento e quando pedem eles vêm.

10-Quais as manifestações que o aluno apresenta quando está numa situação de desmotivação escolar?

O primeiro sinal, é o desinteresse é deixar de trazer para a aula o caderno diário e os manuais, não trazem os manuais que são necessários para trabalhar depois deixam de fazer os trabalhos de casa e deixando de estudar. A partir desse momento os resultados começam a descer e eles chegando a um ponto que vêm para recuperar têm que trabalhar muito e como não querem desmotivam completamente e nós temos um grupo de alunos já nesse estado que são os alunos que são obrigados a fazer a escola obrigatória. Porque até agora só vinha para a escola quem tinha vontade de trilhar um determinado caminho ou vertente profissional ou fazer um curso profissional ou ir para a Universidade. A escola tem de absorver todos os meninos e nem todos têm vontade de fazer uma formação escolar.

11-Na sua perspetiva quais são os fatores que desencadeiam as motivações/desmotivações para o ingresso no ensino superior?

Para a motivação para ingressar no meu entender tem a haver para definir uma carreira, de fazer uma carreira e de arranjar um emprego muito bem remunerado e com emprego com destaque e um emprego onde eles acham que vão fazer pouco esforço físico e trabalhar poucas horas. Por um fator, essencialmente, socioeconómico, um fator económico e de estatuto social de ser posicionado a um nível superior em termos de sociedade, em termos de ser alguém na vida, por questão de querer um determinado estatuto.

A desmotivação muitas vezes prende-se com o fato para eles perceberem que a entrada numa universidade não é a garantia de arranjar um trabalho, não garantia de emprego e muitos deles desistem dizendo que a universidade não lhes serve para nada, porque os amigos, os familiares, os conhecidos estão formados e não estão a exercer aquilo pelo qual se formaram. Mas não estão a exercer num primeiro momento e também ninguém garante que ao sair da universidade já tem um lugarzinho para ele, é uma questão de conquista, já no passado os jovens tinham de fazer esta conquista e agora continua a ser e no futuro vai continuar a ser assim, é uma questão de marcar presença e trilhar o seu caminho, que nada está a nossa espera, é tudo uma questão de conquista.

12- Quem são os agentes responsáveis pela motivação/desmotivação para o ingresso no ensino superior?

Os agentes, em primeiro lugar, têm de ser os pais, esses é que têm de ser os grandes promotores do crescimento dos seus filhos, os pais são muito importantes e são eles que do ponto de vista afetivo têm mais importância na vida dos estudantes, em segundo lugar a escola e em terceiro outro tipo de agentes que sejam importantes para o aluno. há alunos que para eles o pai é que é importante, há outros para que a referência do professor é importante e para outros para quem um vizinho, um amigo, um familiar ou um primo que fez uma carreira de sucesso é importante. Depende dos agentes que são importantes para eles, mas sem dúvida que no meu entender o pai e a mãe são pilares essenciais. Os pais até pela coisa mais pequenina, comprar uns cadernos diários, encapar os livros, perguntar como correu a tua escola, o que é que conseguiste fazer? Estas coisas que parecem insignificantes têm um peso tão importante na promoção da escola que os pais nem sequer têm a noção a promover o sucesso dos seus filhos. Os pais têm de fazer em casa da forma como sabem, muitos deles nem sequer fizeram a escolarização nem cursos mas ao perguntarem isso ao filho, como correu o teu dia? O que conseguiste fazer? Que conquistas já fizeste? Que nota tiras-te? Olha na próxima será melhor. Estas coisas pequeninas terão um profundo impacto na formação de um jovem. Muitos deles, que são os pais que pensam que não é preciso dizer nada, eles já sabem que têm de estudar, se tirarem boas notas eu já fico feliz, o jovem não sabe nada, o pai é que tem de dizer, o pai existe para isso, e isso tem um impacto tão grande na vida dele porque nós podemos dizer, nós podemos incentivar, mas quem tem um peso fulcral na vida da criança, do jovem é o pai e a mãe e podem fazer coisas grandes com pequenos gestos.

III – Perceção da Motivação para ingressar no ensino superior

13-A maioria dos alunos desta escola que acaba o secundário ingressa no ensino superior?

Sim. Nós no ano passado tivemos 92% dos alunos a entrar no ensino universitário, só 8% é que não quiseram se candidatar.

14-Que medidas a escola utiliza para motivar os alunos a ingressarem no ensino superior?

Através do GES, instituições universitárias e a psicóloga da nossa escola que faz a orientação e o encaminhamento profissional.

15-Quais são as consequências dos alunos não prosseguirem os estudos para o ensino superior?

As consequências começam logo por serem consequências da vida do estudante, ele se não faz um caminho no sentido do seu crescimento, aumentar a sua abordagem da sua literacia, capacidade de interpretação, da capacidade de entendimento do mundo, já entra preparado para o mundo e envolvimento profissional, depois ao entrar nessas condições está sempre sujeito a trabalhos de menor qualificação não é que o trabalho de menor qualificação que não pode ser feito, pode ser feito mas que o jovem tenha a consciência de que tem direitos e tem deveres se não for esclarecido vai ser sempre explorado. Porque também o trabalho pesado tem de ser feito, não pudemos ter só jovens licenciados a fazerem só coisas boas, coisas com menor esforço, esse tem de ser feito.

Todo o profissional que está na área de ensino também faz coisas com grandes exigências ou com poucas exigências, mas trabalhar as capacidades intelectuais e trabalhar ser capaz de decidir o melhor caminho para si é fundamental. Na escola eu tenho esse papel de formar esta juventude para saber o caminho que pode trilhar para não se tornarem escravos nem submissos de um caminho que depois eles não sabem muito bem como vão se desenrascar e nós ao estarmos a promover a educação e a formação estamos a quebrar com o ciclo da pobreza e a quebrar com aqueles elos em que a mãe não ia para a escola o pai não ia para escola estavam condenados a viver num ciclo de pobreza. Se os filhos desta geração não mudar vão continuar a produzir este ciclo de pobreza e aos estarmos a promover uma boa educação estamos a promover esta vivência de subsídio de independência, a não depender dos rendimentos mínimos, e estamos a promover esta melhoria em termos pessoais. Em segundo lugar estamos a trabalhar no meu entender para uma sociedade e um país que procura crescer em termos económicos. Não há promoção, não há

crescimento, sem uma população esclarecida e instruída. Mas isso provavelmente, devemos nós profissionais e temos um bocadinho de formação devemos, já estamos a projetar as coisas para daqui a dez anos, daqui a 20 anos, daqui a 30 anos, eles não pensam assim. Eles pensam no agora no imediato. Eles não têm esta visão como nós mas nós temos este discurso no sentido que eles saiam deste ciclo de pobreza e que não se tornem escravos nem que estejam a encaminhar o seu caminho profissional, porque se não fizerem agora o 12º ano nem sequer para entrar num trabalho mais básico de varredor de rua nem sequer consegue entrar. Porque hoje um nível mínimo para aceder uma profissão básica é o 12ºano.

16- Como motivar os alunos para ingressarem no ensino superior?

Podemos motivar apresentando exemplos de sucesso, exemplos de pessoas que entraram para a universidade e que fizeram o seu caminho, o seu percurso marcado por todas estas dificuldades também não estar a esconder as realidades e estar a apresentar as dificuldades que eles vão ter que passar e promovendo. No meu entender o que eu acho que é fundamental em primeiro lugar que a universidade provavelmente não é o caminho para todos e há muitos meninos que não vão querer fazer cursos nas universidades mas podem seguir outras vias. Podem seguir a via profissionalizante, podem seguir cursos de formação pós-laboral e em que primeiro lugar o que é importante é que o ser humano continue sempre a se formar sempre a esclarecer e sempre a acompanhar a evolução das coisas porque estamos numa sociedade, na sociedade em formação. Quem não dominar as ferramentas, quem não dominar as notícias que tem diariamente, quem não fizer a filtragem dessa informação é automaticamente posto de parte e ultrapassado e nem consegue trabalhar porque hoje os contextos de trabalho já obrigam a que o jovem, o adulto e até algumas pessoas com a idade aprendam a dominar as TIC, saibam ler determinada legislação, quem não trabalhar essas competências automaticamente o mercado de trabalho vai negar e vai excluir, se nós não trabalharmos isto com os alunos eles nem sequer têm hipótese de entrar e muito menos de lá ficar.

17-Que acompanhamento é dado aos alunos para a escolha do curso na transição do ensino secundário para o ensino superior?

O acompanhamento que nós aqui fazemos é com o gabinete de Psicologia para fazer a escolha em termos vocacionais, outras são trabalhadas pelo diretor de turma só nós é que o fazemos, o resto dos professores regra geral centra-se no ensino do seu conteúdo e também não foca essas coisas. Nós trabalhamos em parceria com o gabinete e quando surgem dúvidas que neste caso também vou fazer na minha direção de turma vamos solicitar os serviços do ensino

superior e vamos também recorrer às instituições universitárias para prestar esses esclarecimentos e retirar essas dúvidas aos alunos e por nossa conta também fazemos investigação e vemos que cursos, que universidades é que nos podem ser mais úteis, em função dos rendimentos familiares, em função das escolhas, de interesses, que cursos é que lá estão. De que forma eles podem escolher a melhor opção em função de todas estas condicionantes, a questão financeira, a questão da vocação, a questão das médias, e a questão das competências, porque nem todos eles têm aqui as competências para sair de casa e para ir para o continente. Alguns deles têm média, mas não têm o estofamento emocional para abandonar a ilha e nós já vamos tentando balizar esses quatro aspetos para orientar nesse sentido ou fica cá, ou vai para fora e depois se vai para fora vai com ajuda das bolsas. Também já procuramos esses esclarecimentos e já demos essas informações todas e tudo o que não seja do nosso alcance, ou do nosso conhecimento recorreremos ao Gabinete do Ensino Superior ou então ao aconselhamento das próprias universidades.

18-Segundo a sua experiência, como se encontram os níveis de motivação dos seus alunos para ingressar no ensino superior? Classifique numa escala de 0 a 10.

Eu estou a trabalhar com o 12º ano numa direção de turma, de 0 a 10, neste momento são 20 alunos, só um aluno é que não quer ir, os 19 querem ingressar no ensino superior, está a trabalhar para isso, são alguns alunos de economia e estão com médias satisfatórias à partida quase todos têm média para entrar, ou entram lá, ou entram cá. Porque a média mínima neste momento está entre 15 e 16. Isso à partida já lhes garante a entrada quanto mais não seja aqui, estão em economia e gestão, nível 9.

19- Como acha que se deve prevenir a desistência de prosseguir os estudos para o ensino superior?

Para mim íamos à base, aos pais e ações de sensibilização com os pais, ações de sensibilização já no momento da primária e estar a falar com os pais sobre estes assuntos que eu estou a dizer a si.

A importância da formação, da educação, de adquirir competências, porque, no meu entender se os meninos não quiserem ir para a universidade é legítimo, há muitas meninas e muitos meninos que sentem-se felizes com o projeto de criar uma família de ter uma vida simples, uma vida doméstica, e é legítimo.

O projeto universitário não é um projeto de felicidade para toda a gente e isto se for um menino ou uma menina for feliz em constituir família e como se houve falar tantas vezes de ter

uma “rebanhada” de filhos e chegar a casa e fazer a sopa para aqueles meninos todos é legítimo, mas que seja uma população instruída, alfabetizada, que se saiba desenrascar, que saiba produzir e que saiba trabalhar, não estejamos aqui com uma massa de gente dependente de rendimentos mínimos, agora todos os projetos são válidos com uma população esclarecida, instruída e informada e que saiba fazer as melhores escolhas com este leque de visão amplo, porque se o meu leque for pequenino eu tenho poucas oportunidades de o meu alcance de trabalho e de oportunidades para eu poder mobilizar e agora no meu entender todos os trabalhos são dignos. Todos os trabalhos são necessários, todos os trabalhos são legítimos, todas as opções são importantes, mas que sejam opções conscientes e só se pode fazer uma opção consciente quando nós temos o máximo de informação para chegar a escola.

Gostaria de acrescentar mais alguma coisa ao que foi dito?

Penso que já disse o essencial, não sei se respondi a tudo. Sim, estamos aqui a falar da importância do ensino superior, é importante.

No passado fazer o 5º e o 6º ano era dar uma formação excelente, há 30 anos atrás, depois no tempo das nossas mães fazer o 7º, 8º e 9º ano já era formar enfermeiras, hoje ter o 12º ano, não é nada, obrigam-nos a ter uma carteira profissional ou fazer um curso profissional ou um curso pós-laboral ou fazer uma licenciatura, até a própria licenciatura já pouco vale, obrigam-nos a fazer mestrados, doutoramentos, pós-graduações. Não é, à medida que a pessoa vai tendo uma coisa, o patamar vai sendo exigente, ou mais avançado para a frente, mas no meu entender o acesso ao ensino superior, o acesso à informação, tem que ser visto não pela questão financeira, mas pela questão de um crescimento de instrução de um povo. O povo não faz nada se não for instruído e a instrução tem de ser feita ou pela escola ou pelos institutos politécnicos ou pelas escolas profissionais ou pelas universidades mas o povo tem que se instruir. Se não está condenado à escravatura.

Damos por terminada a entrevista.

Obrigado pela sua colaboração.

Apêndice 10.4 -Entrevista transcrita da professora diretora de turma Entrevistada 4

I – Dados Biográficos

1- Onde e em que área se formou?

Sou licenciada em Línguas e Literaturas modernas, fiz a licenciatura aqui no Funchal na Universidade da Madeira.

2- Porque é que escolheu ser professora?

Eu acho que é seguir um sonho de criança que nas minhas brincadeiras de infância era sempre de professora, não sei bem porquê, mas é uma profissão que eu escolhi mesmo.

3- Há quanto tempo está a lecionar?

Há 26 anos.

4- Como é que chegou ao cargo de Diretora de turma?

Porque a direção assim impõe, digamos, há sempre alguns afortunados entre aspas, que acabam por ter tudo, estes cargos e eu sou uma delas.

5- Há quantos anos exerce o cargo de Diretora de turma?

É mais fácil dizer que nestes 26 anos quantos anos é não fui diretora de turma, penso que uns 3 ou 4. Portanto há muitos anos que sou sempre diretora de turma.

6- Qual a sua idade? (refira no grupo de 20-30; 31-40; 41-50; 51-60).

41-50.

II – Motivação/Desmotivação para ingressar no ensino superior

7- Acha importante prosseguir os estudos no ensino superior?

Sem dúvidas.

8- No seu entender quais são as motivações que os alunos de ensino básico têm para ingressar no ensino superior?

Depende das turmas, depende dos meios de onde eles vêm, normalmente os alunos dos meios menos favorecidos não têm grande motivação para prosseguir estudos. Aqueles que vêm da classe média, classe média a alta, normalmente estão motivados e têm como objetivo prosseguir estudos superiores.

9- Fale-me do seu papel (enquanto diretora de turma) na motivação dos alunos em prosseguirem os estudos no ensino superior.

Normalmente o diretor de turma fala de uma forma informal, até ao 9º ano não se faz esse encaminhamento no sentido de uma forma muito formal.

Isso para já cabe mais ao papel do psicólogo da escola, que tem um programa próprio para isso, em que se prestam, fazem-se aqueles testes psicotécnicos, prestam-se as informações em relação aos agrupamentos, às saídas que esses agrupamentos têm. Normalmente cabe ao diretor de turma, no fundo, a motivação, a falar do que eles podem fazer de uma forma bastante informal. Não há assim um programa, digamos, um livreto que nós consigamos seguir para lhes dar essas informações.

Quantos psicólogos têm cá na escola?

De momento temos uma psicóloga e uma psicóloga estagiária e são ambas as que fazem essa orientação, dependendo das turmas, as turmas foram divididas por elas. Há um programa que não é obrigatório, os alunos inscrevem-se, cabe ao diretor de turma para no fundo motivar para a frequência desse programa e eles depois inscrevem-se e normalmente nós vamos perguntando, nós vamos pedindo algum *feedback*, está a gostar, os testes achas, que surtiram efeito, vem ao encontro daquilo que tu pensavas, que eras capaz de fazer, mas propriamente a orientação não fazemos assim muita é de uma maneira muito sistematizada.

10- Quais as manifestações que o aluno apresenta quando está numa situação de desmotivação escolar?

Normalmente começa por faltar a testes, não fazer algumas atividades, dependendo dos alunos há alguns que fazem relatos dentro da sala, acabam por não estarem atentos, nem deixam os outros estarem atentos. Acham que não vale a pena: professora isto há muito desemprego, para quê que serve eu seguir, prosseguir estudos. Muitas vezes as coisas começam por aqui, os sinais começam por aqui.

11- Na sua perspetiva quais são os fatores que desencadeiam as motivações/desmotivações para o ingresso no ensino superior?

Principalmente a falta das saídas profissionais, eles muitas vezes sabem que têm amigos, pais que têm formação a nível superior e que não estão a trabalhar nas áreas que escolheram, nas áreas que estão formados e isso em determinada medida fere com um dissuasor de prosseguir os estudos. Se eles já não estão motivados, não têm vontade e não têm aquela ideia de que o saber não ocupa lugar, não interessa mas mesmo que não se trabalhe na nossa

área é sempre o saber que ali está e eles acabam por não seguir estudos mesmo e acabam por ficar no ensino básico.

Também um dos fatores é o económico como referi e na primeira questão é imenso, se não há estatísticas feitas era interessante, mas se fossemos saber de quantos dos alunos prosseguiram os estudos e concluíram por aí a fora de certeza que haveria muitos mais alunos nas turmas da manhã que à partida algumas delas pelo menos são de meios mais favorecidos e têm mais perspetivas digamos.

12- Quem são os agentes responsáveis pela motivação/desmotivação para o ingresso no ensino superior?

Os principais agentes centram-se, em sem dúvida alguma, nos pais, eu acho que isso parte de casa e muitas vezes não propriamente da conversa mas do exemplo, alguns deles não têm grande motivação de seguir estudos porque no fundo ou os pais não têm uma empresa que eles já sabem que têm emprego garantido, para eles qual é a motivação de ter uma formação se eles já têm tudo de mão beijada?

No caso de outros ou têm pais que se formaram e não têm e não estão a trabalhar na área que escolheram ou porque até têm sucesso sem terem formação profissional. Muitas vezes eles até dizem isto sobretudo nas últimas turmas da manhã, nas primeiras e últimas da tarde, professora eu conheço fulano tal que tem quarta classe, tem quarto ano e tem um carro melhor que o seu.

III – Perceção da Motivação para ingressar no ensino superior

13- A maioria dos alunos desta escola que acaba o ensino básico ingressa no ensino secundário regular ou ensino profissional?

Penso um bocadinho por esta divisão que eu acabei de referir, se calhar as turmas da manhã, muitos mais ingressam no ensino regular. No ensino secundário, talvez nas turmas da tarde muitos não ingressam em coisa nenhuma, ou ingressam no ensino profissional. Cada vez mais quando temos alunos com algumas dificuldades ou económicas ou mesmo dificuldades de prosseguir estudos e não sabemos se tem alguma... temos casos de alunos com necessidades educativas especiais ou os que até que são interessados mas que mostram que têm dificuldades, nos tentámos encaminhar é para o ensino formal dizendo-lhes que mesmo assim quando eles chegarem ao final no secundário num curso profissional acharem

que conseguem e querem prosseguir estudos têm essa oportunidade, então se calhar numa escala de 100% fica 50% a 50%, provavelmente.

14-Que medidas a escola utiliza para motivar os alunos a ingressarem no ensino superior?

É a tal orientação vocacional, eu acho que é essencial, depois normalmente, nós diretoras de turma encaminhamos os alunos para a Psicóloga, e a maioria dos alunos de 9º ano à partida aderem a este programa, para lhe dar o exemplo da minha direção de turma, eu acho que são cinco que não estão a frequentar, três porque têm conservatório ou academia não é propriamente porque não queriam ir e então um ou dois que não quiseram mesmo.

Numa turma de 29, se quatro ou cinco não frequentam, eles aderem. A maioria das turmas adere em geral e depois as próprias psicólogas organizam uma espécie de feira em que se dão o cuidado das escolas, do ensino secundário, das escolas profissionais, a Colombo, a Atlântico, a Escola Hoteleira que vêm cá falar com os alunos e que no fundo, explicam o que eles podem fazer e falam também claro do acesso ao ensino superior.

15-Quais as consequências dos alunos não prosseguirem os estudos para o ensino superior?

São as consequências do saber não estar preparado, eu acho que isso é essencial, mesmo que não se vá trabalhar na nossa área.

O ensino superior bem ou mal acaba por dar uma certa liberdade de escolha ou pelo menos de cultura que nos permite pois, fazer uma data de coisas, e é por isso, e cada vez mais as pessoas têm que pensarem que a sua formação inicial nem sempre é a formação que vai ser útil ao longo de toda a sua vida, vai haver sempre aquele esforço constante em querer aprender e isso é importante, mas acho que a formação superior ajuda nisso, sem dúvida.

16-Como motivar os alunos para ingressarem no ensino superior?

De momento eu acho que isto está a ser eficaz, além disso eu acho que parte desse trabalho não deve ser feito só pela escola, deve ser feita pelos pais, pelos encarregados de educação, isso acho que é essencial, o papel do encarregado de educação é uma motivação para prossecução de estudos. Mesmo que um encarregado de educação não tenha formação nessa área pode fazê-lo, acho que não é preciso muito para se dar a entender ao aluno que tenha uma bagagem.

17-Que acompanhamento é dado aos alunos para a escolha do curso na transição do ensino básico (3ºciclo) para o ensino secundário?

Normalmente quem faz isso é a Psicóloga até porque nós até ao ano passado tínhamos 90 minutos de formação pessoal, social que foram este ano reduzidos para 45, dado que desses 45 passou para o apoio de Inglês ou seja já numa aula extra de Inglês que eles também têm exame este ano dessa disciplina e por isso sobra-nos muito pouco tempo para gerir tanta coisa desde a justificação de faltas, problemas disciplinares, informações várias, 45 minutos assim é bastante pouco, é o que eu digo nós abordamos bastante esse assunto mas de uma forma bastante informal. Se calhar também depende do grupo que temos à nossa frente.

E quando era os 90 minutos abordavam mais esse tema?

Sim. Eu por acaso da última vez que eu supostamente daria o 9ºano nesse ano, por acaso tive de baixa, ainda era os 90 minutos, mas a colega que me veio substituir, fê-lo de uma forma informal, é a tal coisa, falar, às vezes se calhar há professores como têm dificuldade e outros que têm filhos no secundário até estão muito mais dentro do assunto e acabam por passar as informações que são informações também pessoais.

18-Segundo a sua experiência, como se encontram os níveis de motivação dos seus alunos para ingressar no ensino superior? Classifique numa escala de 0 a 10.

Depende da turma, eu penso que numa, na minha direção de turma 9, provavelmente, no caso da outra talvez um 7.

19-Como acha que se deve prevenir a desistência de prosseguir os estudos para o ensino superior?

Por exemplo esses alunos da parte da tarde são alunos desmotivados à partida o que acha que deveria ser feito para colmatar esta desmotivação?

Pelos profissionais que tivessem, realização também no superior, ou seja, os alunos que vão para a escola hoteleira muitas vezes acabam por prosseguir estudos mas para fazê-lo têm que ir para o Continente. Talvez se houvesse, por exemplo uma universidade na Madeira com cursos nessa área eu acho que sim que haveria mais alunos mais motivados para participar, penso que cada vez mais o ensino, tem que haver mais prático para o real e alguns alunos. Acho que sim que é uma forma de prepará-los, as saídas técnicas, profissionais, o leque de cursos da Universidade da Madeira deveria ser maior, sem dúvida. Acho que de certeza obteriam maior número de alunos.

Gostaria de acrescentar mais alguma coisa ao que foi dito?

Não. Nada.

Damos por terminada a entrevista.

Obrigada pela sua colaboração.

Apêndice 10.5 -Entrevista transcrita da professora diretora de turma Entrevistada 5

I – Dados Biográficos

1- Onde e em que área se formou?

Formei-me em ensino de matemática, na Universidade da Madeira e neste momento estou a fazer um mestrado em Informática educacional na Universidade Católica Portuguesa.

2- Porque escolheu ser professora?

É assim, tenho uma familiar que é professora e quando era pequenina acompanhava todo o processo de preparação das aulas e fiquei fascinada por o que se possa pensar, foi por aí que me fascinou o trabalho de professor. Depois quanto ao meu percurso académico e que depois assemelhei melhor esta ideia de seguir o ensino.

3- Há quanto tempo está a lecionar?

Há 13 anos.

4- Como chegou ao cargo de Diretora de turma?

Por nomeação, qualquer um dos cargos que tenho tido, vem sempre por nomeação através da direção da escola.

5- Há quantos anos exerce o cargo de Diretora de turma?

Consecutivamente há 6, entretanto já tive outras duas experiências, portanto no total tenho 8 anos de direção de turma.

6- Qual é a sua idade? (refira no grupo 20-31; 31-40; 41-50; 51-60).

31-40.

II – Motivação/Desmotivação para ingressar no ensino superior

7- Acha importante prosseguir os estudos no ensino superior?

Claro que sim. Porque quanto mais formação uma pessoa tiver maior vai ser o leque de opções profissionais.

8- No seu entender quais são as motivações que os alunos de ensino básico têm para ingressar no ensino superior?

Eu acho que depende do apoio familiar, aqui não estou só a me basear na experiência de cá da escola, mas depende sobretudo do apoio familiar, quando os pais desejam que os filhos sigam o ensino superior mesmo que não tenham as condições financeiras estão reunidas portanto mais facilmente o aluno que queira seguir vai.

Na minha opinião, eu acho que é a principal motivação, depois temos também por parte as motivações intrínsecas a cada pessoa, o desejo de melhor de seguir uma melhor escolaridade, de ter uma melhor formação, que se irão realizar profissionalmente, mas acho que sobretudo a base é o apoio familiar que é importante logo na transição do 12º ano para a universidade, porque se não as pessoas têm que ir trabalhar primeiro para depois irem estudar, penso eu.

9- Fale-me do seu papel (enquanto diretora de turma) na motivação dos alunos em prosseguirem os estudos no ensino superior.

É sobretudo através do diálogo, portanto a motivação segue sempre numa conversa com os alunos quer em grupo, quer individualmente e nós tentamos que eles desenvolvam as suas capacidades intelectuais, tentamos quando são alunos com, que nós percebemos que têm capacidade, vamos perceber, se já existe essa motivação ou não. Se não existe nós tentamos que eles percebam que é uma mais-valia que tem capacidades.

Acho que é um desperdício, fiquem pelo 12ºano e sobretudo para que eles tenham no futuro uma participação ativa na sociedade, porque nesta idade são muito reivindicativos, gostam, querem mudar o mundo e depois para que eles percebam que para mudar o mundo eles também têm que ter uma boa formação.

10-Quais as manifestações que o aluno apresenta quando está numa situação de desmotivação escolar?

Primeiro as notas começam a baixar, portanto aqui não há uma sequência lógica, normalmente os professores falam com o diretor de turma dizem que notam alguma mudança de atitude no aluno ou que era participativo e está menos participativo ou que tem um figurante mais tristonho e depois são, como consequência, as notas baixas. Portanto eu acho que podemos dizer que o aluno está desmotivado quando tem todo este conjunto de sinais e depois uma conversa com eles também nós tentamos perceber se realmente está desmotivado ou não, qual a razão dessa desmotivação.

11-Na sua perspetiva quais são os fatores que desencadeiam as motivações/desmotivações para o ingresso no ensino superior?

No 9º ano pela experiência da turma que eu tenho este ano sobretudo a ansiedade em relação ao desempenho escolar por vezes quando as notas não começam a corresponder ao que eles esperavam ou que os pais esperavam, alguns começam a desmotivar, também quando algumas situações familiares, por morte de algum familiar, ou a separação dos pais, isso reflete-se necessariamente na escolaridade. Portanto no desempenho escolar, eu penso que a nível da desmotivação, também a relação com os pares há em determinadas situações da relação com os colegas ou com o grupo onde estão inseridos que também vão influenciar pois a relação com a escola.

Eu acho que de certa forma quando as condições da família se alteram, se os pais não têm o cuidado de explicar aos filhos o que é que pode acontecer na vida deles é claro que vai ser um fator de ansiedade, eles a primeira coisa que podem, que lhes passa pela cabeça, é que vão sair da escola tudo junto, mas isso também depende da relação de diálogo que os pais têm com os filhos mas é um fator que pode contribuir para a desmotivação.

12- Quem são os agentes responsáveis pela motivação/desmotivação para o ingresso no ensino superior?

Já percebemos que são os pais essencialmente. Os pares de turma, além dos pais eu penso que também os professores do nível do ensino secundário, os diretores de turma no ensino secundário são quem está na fase final da escolaridade obrigatória e que pode também inferir as condições que os alunos têm, as capacidades. Tentar perceber se é ou não o melhor para ele seguir o ensino superior, os alunos que têm um desempenho académico mais baixo que possivelmente terão mais dificuldades no ensino superior é claro que os professores se calhar até vão recomendar uma área mais profissionalizante, mas acho que os professores e os diretores de turma do ensino secundário têm um grande peso nessa decisão, os pais penso que nem tanto pelo fato de os colegas seguirem o ensino superior eles podem ter o desejo e não puder ou não conseguirem, mas sobretudo os pais e os diretores de turma do ensino secundário.

III – Perceção da Motivação para ingressar no ensino superior

13- A maioria dos alunos desta escola que acaba o ensino básico ingressa no ensino secundário regular ou ensino profissional?

Oficialmente, não posso dizer com certeza, não temos dados estatísticos, mas pela perceção que eu tenho mais de 90% prossegue o ensino secundário regular, porque já há 6 anos para cá que tenho trabalhado com o 9ºano e portanto acabo por acompanhar até no processo das matrículas e em cada ano só dois ou três que seguem uma via diferente do ensino secundário.

14-Que medidas a escola utiliza para motivar os alunos a ingressarem no ensino superior?

Nós temos uma equipa técnico pedagógica composta pela psicóloga, terapeutas e eles têm-se orientado quem tem problemas de orientação vocacional e têm trazido por exemplo das suas funções são trazer pessoas válidas, que na sociedade tenham um desempenho um percurso universitário e que venham dar testemunho do seu exemplo portanto tivemos médicos, uma das principais profissões adicionadas pelos nossos colegas então são as que estão aqui presentes. O médico falou não só da sua profissão atual em que consiste, como é que desempenha, mas também como foi todo o seu percurso académico para os alunos terem uma noção do que os espera.

Acho que tem sido uma experiência positiva e depois podem fazer perguntas sempre, já tivemos várias pessoas de várias áreas da sociedade, médicos, enfermeiros, professores, economistas e depois cada um dá o seu testemunho. Também sobretudo no 9ºano eles gostam de saber como é ser professor, que curso é que seguiu? Parte muito por aí.

15-Quais as consequências dos alunos não prosseguirem os estudos para o ensino superior?

Quem não prossegue estudos tem duas hipóteses vive à custa dos pais ou tem que arranjar forma de se manter e então portanto a consequência será ingressar na vida ativa e às vezes não têm maturidade suficiente para arcar com as responsabilidades. Na minha opinião a principal consequência é depois a limitação a nível profissional porque podem ambicionar por algo mais, pois na realidade vão conseguir só com a escolaridade obrigatória, a limitação na vida profissional penso que é o principal fator.

16-Como motivar os alunos para ingressarem no ensino superior?

Explicar-lhes talvez alternativas, tentar perceber as razões para não seguir o ensino superior será por exemplo o fator económico, explicar que existem bolsas de estudo que existem outras formas dos alunos prosseguirem o seu sonho, sobretudo através do diálogo com os alunos, estarem motivados, tentar explicar muito bem as consequências, tentar que eles percebam o que querem do seu futuro.

17-Que acompanhamento é dado aos alunos para a escolha do curso na transição do ensino básico (3ºciclo) para o ensino secundário?

Eu já falei no programa de orientação vocacional e além de os alunos fazerem os testes psicotécnicos que já lhes dão alguma ajuda para tentarem perceber as suas áreas mais fortes ou

menos fortes, nós tentamos promover uma reflexão individual. São pedidos alguns trabalhos, algumas reflexões que eles tentem perceber todo o seu percurso, quais são as suas qualidades, em que áreas eles poderão vir a ter mais sucesso porque já têm uma predisposição na sua personalidade para desempenhar determinadas tarefas. Portanto é tudo, é sobretudo depende do projeto vocacional depois nós tentamos envolver outras disciplinas nas TIC nós tentamos fazer com que eles façam algumas pesquisas sobre o tipo de profissão que ambicionam, quais são as tarefas, depois no Português tentamos que façam essa tal reflexão escrita há aqui portanto uma equipa que tenta promover uma reflexão por parte dos alunos.

Mas na escolha das áreas a seguir é a psicóloga, os pais ou também o diretor de turma faz isso nas reuniões?

Vamos já tentando perceber quais os alunos que já têm essa decisão tomada e quais são aqueles que ainda estão indecisos. Depois tentamos conversar com eles, mas sobretudo e tentamos conversar com a Psicóloga encarregue do programa para ver para que tipo de decisão é que eles têm, para ver para que áreas, é que nós podemos ajudar, para conversarmos com eles, com os pais.

O conhecimento que eu tenho, por exemplo, os testes psicotécnicos é explicado aos alunos são-lhes explicados diretamente aos alunos ficam com eles depois transmitem aos pais, tem sido assim neste ano. Temos uma Psicóloga no 2º e 3º ciclo e uma mais direcionada para o 1º ciclo.

18-Segundo a sua experiência, como se encontram os níveis de motivação dos seus alunos para ingressar no ensino superior? Classifique numa escala de 0 a 10.

Eu posso dizer 10, isto porque no início do ano letivo nós temos de fazer o plano anual de turma e passamos sempre um questionário aos alunos da turma e uma das questões é que profissão e até onde é que pretendes estudar? Que profissão é que pretende desempenhar? E pelo menos na minha turma eu penso que também se passa nas outras duas atualmente no 9º ano.

Há dois a três alunos em cada turma que não pretende seguirem o ensino superior, portanto pois a maior parte, os restantes têm como objetivo seguir o ensino superior, também é ao colocar, os pais ao colocar os alunos numa escola particular também já têm um pouco essa intenção.

19- Como acha que se deve prevenir a desistência de prosseguir os estudos para o ensino superior?

Tava aqui a pensar nessa resposta e então é assim se há uma desistência é que já há uma intenção a seguir portanto, é tentar perceber, porquê é que houve essa desistência e tentar aconselhar a contornar essa situação.

Falei a bocadinho no suporte financeiro se for essa a situação por exemplo falar sobre essa alternativa desde as bolsas de estudo, etc. Depois pode haver depende da situação porque o aluno desistiu, ou tentar perceber porquê e tentar motivá-lo no sentido de prosseguir a intenção que inicialmente tinha.

Gostaria de acrescentar mais alguma coisa ao que foi dito?

Eu penso que não, porque focamos todos os aspetos sobretudo a experiência do 3ºciclo em relação ao ensino superior, há a ideia, há a vontade deles, mas depois eles têm 3 anos pela frente que muitas vezes vai modificar ou consolidar essa ideia e pronto se os alunos não têm boas notas e ainda assim vão para o ensino secundário regular e se têm um percurso complicado eu penso que depois acabam por não seguir o ensino superior. Acaba por confirmar um bocadinho, ou então aqueles alunos que sempre tiveram um bom percurso académico e depois confirmam no secundário mas já vão trabalhar para as médias mesmo com a intenção de seguir a universidade.

Penso que é sobretudo o nosso papel na transição para o ensino secundário é sobretudo procurar que eles tentem descobrir as suas capacidades.

Damos por terminada a entrevista.

Obrigada pela sua colaboração.

Apêndice 10.6 - Entrevista transcrita da professora diretora de turma Entrevistada 6

I – Dados Biográficos

1- Onde e em que área se formou?

Formei-me cá no Instituto superior da Madeira. Eu sou da área de Design portanto estou a dar educação visual.

2- Porque escolheu ser professora?

É engraçado porque ainda esta semana lembrei-me dessa questão e às vezes em conversa com colegas e mais atualmente questionamos cada vez mais o nosso papel enquanto professores.

Eu quando comecei a trabalhar foi mais no sentido que eu estava a estudar portanto comecei a trabalhar mas ainda estava a estudar, estava a tirar o curso, já tinha habilitação própria para dar aulas e tinha vários colegas que estavam a terem as primeiras experiências de trabalho. Eu achei que seria a altura ideal, antes de acabar o curso para experimentar uma saída, era uma saída possível para o curso, era ser professora, era dar aulas e concorri, fiquei colocada e gostei.

É assim a experiência de ser professora, gosto de trabalhar com os alunos, gosto de um trabalho em que não esteja sentada o dia todo, que possa ter ideias diferentes dentro de uma sala, não me vejo sinceramente com um trabalho administrativo, não tenho nada contra a profissão, mas não me vejo estar ali sentada e acabei, concorri, dei aulas ao 1º ano e depois acabou por ser uma bola de neve e senti-me bem a dar aulas. Não tinha, nunca tive o que muitas pessoas tiveram de infância o desejo de ser professora mais tarde, não tinha essa aspiração de ser professora mais tarde, acho que foi natural, com o desenrolar das coisas, até onde me lembro, mas depois acabei por ficar. Achava interessante realmente era uma área, eu achava que a minha área se explorava muita coisa, pudemos fazer muita coisa numa escola pudemos fazer de tanta forma e cá estou há já muitos aninhos.

3- Há quanto tempo está a lecionar?

É assim, este é o meu 22º ano de serviço, o primeiro ano foi custoso, dei aulas no Estreito, houve uma altura que o Estreito tinha aquela fama nem sei se ainda hoje acompanha, mas eram lugares perigosos. Era um local que ninguém queria dar aulas, mas eu sobrevivo e correu bem nada de grandes sustos.

4- Como chegou ao cargo de diretora de turma?

O cargo de diretora de turma nós não escolhemos, é atribuir, mas foi a direção que atribuiu, neste caso e tem sido em todos os casos, no caso foi a direção que atribuiu com a exceção do 2º ano de estágio e do 1º ano de estágio, o meu curso não era revertente a ensino que tive direção de turma era obrigatório fazer porque fazia parte dos parâmetros de avaliação, enquanto estagiária, caso contrário foi atribuído.

5- Há quantos anos exerce o cargo de Diretora de turma?

Foi um cargo que exerci com interrupções, portanto eu penso que exerci o cargo pelo menos durante 7 anos. Porque entretanto houve outros cargos que desempenhei e que me foi retirado o cargo de diretora de turma, por não haver a possibilidade. Havia a possibilidade e há a possibilidade de desempenhar os três cargos, mas sempre que possível é de evitar e então como tinha outros cargos foi-me retirado o de diretora de turma.

6- Qual é a sua idade? (refira no grupo de (20-30; 31-40; 41-50; 51-60).

Já estou a chegar ao grupo 41-50.

II – Motivação/Desmotivação para ingressar no ensino superior

7- Acha importante prosseguir os estudos no ensino superior?

Acho. Eu e o ensino superior estamos a falar de licenciatura, eu acho importante continuar os estudos, não é que acho perigoso que é importante prosseguir os estudos no ensino superior mas acho que há alunos hoje em dia que deviam e há pais, e o ensino hoje devia colocar a grande hipótese dos cursos técnicos porque temos alunos e pais que ambicionam uma licenciatura.

Eu acho que devemos sempre estudar mais, eu acho que devemos sempre prosseguir os estudos sempre que possível, aprender mais, abrir mais a mente, se passa por uma licenciatura tenho as minhas dúvidas em algumas situações agora continuar estudar definitivamente seja em que área for seja um curso de médio um dia continuar a estudar sim. Agora se for tirar a licenciatura obrigatoriamente não acho que isso seja atualmente pela situação que nós vemos que seja algo prescindível. Acho é que os alunos podiam continuar a sua formação de modo a ter uma maior... se a licenciatura é uma mais-valia em determinados aspetos, continuar os estudos e a formação devemos sempre.

A licenciatura mas como eu costumo dizer aos alunos, é assim o saber não ocupa espaço e é assim mesmo que não lhes garante, também nada garante, nem um curso técnico, nem um curso

como uma licenciatura garante emprego. Não garante o emprego de sonho, emprego que eles ambicionam já algum tempo, mas de qualquer forma é que tem uma melhor preparação.

8- No seu entender quais são as motivações que os alunos de ensino básico têm para ingressar no ensino superior?

Isso é muito relativo, nós temos, tem muito a ver com a educação de casa. Nós muitas vezes temos alunos com grande capacidades intelectuais e que acabam por ter lares desfeitos, em que o pai ou a mãe estão desempregados e que face ao querer ou a motivação que nós queremos desenvolver com eles na escola é complicado porque nós como professores somos confrontados pela situação... o meu pai e a minha mãe estão desempregados e eles também estudaram e não sei para quê que isso lhes serviu e nós que não estamos a viver uma situação destas é-nos difícil dar a volta a uma situação que é vivida todos os dias pelo aluno. É complicado, nós fazemos, o que eu faço, a motivação também vem de casa, há sempre... pedimos sempre na escola é quando eles têm falta de... não é que os pais não se importam com os estudos, ou vivem numa situação precária da parte dos pais de um dos pais. É natural que a esperança de tirar um curso e que esse curso lhes leve a uma vida melhor a esperança é menor e eu o que faço é que sempre a situação que sempre referi muitas vezes que a oportunidade de arranjar emprego às vezes aparece de uma situação que até não tem a ver com a área de formação e ter estudos ajuda a chegar lá mais depressa. Agora que os alunos não esperem lá por um curso que acabem por ter o emprego ideal, eu tenho um curso, eu formei-me em determinada área e daqui da universidade tive logo emprego não é o que se vê atualmente, muitas pessoas atualmente, e isto é muito frequente que as pessoas continuam a estudar se conseguirem ser bolseiros por exemplo, é uma das saídas, é alcançar notas altas para conseguirem ser bolseiras.

9- Fale-me do seu papel educacional, uma vez que é diretora de turma na motivação dos alunos em prosseguirem os estudos no ensino superior.

É assim, atualmente o 9ºano, os alunos que chegam ao 9ºano, eu tenho uma turma, eu vou falar da experiência da minha turma, apesar de eu ter outros alunos de 9ºano, eu posso considerar-me quase privilegiada. A minha direção de turma, todos os alunos que eu tenho, todos eles querem continuar os estudos, de uma forma ou de outra, mesmo os alunos que não se acham motivados e com capacidades com a paciência de estar a estudar para uma licenciatura, querem continuar a estudar para tirarem uma formação, o que é bom, porque torna-se mais fácil a motivação e é por isso que eu digo que o papel dos pais é importante. Porque se algum dos alunos já têm algo, vão ter determinada profissão e é um sonho, não conseguem ver o seu futuro

sem continuar os estudos, ou sem ter maior formação, para nós enquanto educadores e diretores de turma, torna-se o trabalho mais facilmente porque a parte da motivação é feita em casa, já foram trabalhados em casa. Nós apenas começamos a soldar os alunos para ver em que áreas é que nós pudemos direcioná-los, se tem mais aptidão para as áreas das letras, se é a área das expressões e depois eles têm o acompanhamento feito pelas psicólogas, eu penso que em todas as escolas existem, para a orientação vocacional, que eles agora estão a ter até no segundo período. Estão a ter, e acabam por falar e terem uma vista mais realista do que implica alunos de 9ºano, basicamente é isso.

10- Quais as manifestações que uma aluno apresenta quando está numa situação de desmotivação escolar?

A desmotivação escolar, uma das coisas que encontramos em primeiro lugar é não manifestar interesse por não ter notas boas, ou, por exemplo, não se interessa passar o ano com negativas, ter dificuldade em indicar áreas de interesse, eu gostaria de me formar em determinada área, eu gostaria de seguir para ser algo.

Não se consegue verificar um fio condutor entre as ações do aluno no dia-a-dia para que nós possamos dizer, aquele aluno tem como objetivos passar o ano e quer prosseguir os estudos ou interessado em formar-se. Também como não estão interessados, para esse tipo de alunos, muitas das vezes, até tirar uma formação, um curso técnico é complicado, muitas vezes são alunos que querem tirar o 9ºano para iniciar a vida de trabalhador, ingressar no mundo do trabalho é o que lhes interessa muitas vezes. Daí acho que é muito importante a família, dependendo da situação que desmotiva o aluno, muitas vezes eles querem ingressar num emprego qualquer para ganhar dinheiro, para ter dinheiro, no final do mês e as razões são diversas.

Basicamente, eles não estão atentos, não são empenhados, não são os que dão *feedback* nas aulas por exemplo são alunos que face a várias questões até em relação ao comportamento podem não ser alunos que se preocupem tanto em ter o exemplo de percurso exemplar. Porque é assim o que acontece é que são alunos que muitas vezes repetem dois, três anos e têm duas ou mais repetições do mesmo ciclo e estão aqui. Estudam porque os pais os puseram cá na escola mas se tiverem de escolher de hoje para amanhã um emprego para eles qualquer coisa lhes serve. Não se interessam em prosseguir os estudos, é uma coisa, é algo que lhes vai ainda num futuro longínquo ao passo que os alunos que têm motivação não colocam a hipótese de ficarem retidos um ano. Não colocam a hipótese, é assim, custa passar com negativas, eles têm muita dificuldade em aceitar a negativa, não só como nota final de período, como em trabalhos, em testes, têm uma dificuldade em assimilar a situação do fracasso e também têm pais muito mais exigentes e

aqueles que não têm pais tão exigentes, é assim alguns, eu tenho receio que a exigência dos pais possa ser interpretada como exigir dos alunos o máximo.

Há pais que exigem só 4 ou 5, portanto é uma exigência de casa e às vezes isso também é castrador para os alunos, porque estão muito sobre pressão, já desde cedo durante toda a sua vida escolar. Eu estou a falar de alunos que estão a terminar o 9ºano com 14 anos, são crianças ou como se preferirem pré-adolescentes, mas antigamente, não há muitos anos atrás, a infância era até aos 16 anos. Portanto são alunos que vão para o ensino superior, são alunos imaturos, mas que para muitos o fracasso não é admissível, são os que não conseguem lidar com a frustração, mas é assim, há pais que são exigentes e que os alunos correspondem e que aí não traz qualquer tipo de trauma para o aluno, mesmo que o pai seja exigente, que queira boas notas, os pais e os alunos lidam bem com uma situação com uma nota inferior ou de um resultado inferior. Por outro lado há pais que não são exigentes com os filhos, e os filhos correspondem com bom aproveitamento e que estão motivados apesar dos pais não exigirem, não brigarem para estudar, é assim o que se diz sobre a motivação e a desmotivação é a nível dos pais em casa, também é tudo muito relativo porque também tem muito a ver com a personalidade das crianças, dos alunos, se os alunos quiserem, forem ambiciosos e se pudemos ajudar, eu gostaria de ajudar, porque não dizer: sabes que até é interessante, tu tens estas disciplinas, mas muitos dos alunos nestas fases questionam-nos mas para que serve esta disciplina? Para que serve aquela?

Se eu quero tal profissão, para quê que servem as outras disciplinas? E acontece questionarem a minha disciplina, educação visual, como questionam outras disciplinas e a dúvida é esta, é assim nós no futuro nós pensamos que vamos desempenhar determinada função, que vamos ter determinado emprego e vamos ter determinado curso, mas em determinados cursos, por exemplo é preciso ter atividade, ser-se criativo, não é só aprender o que nos dão na faculdade e aplicarmos aquilo como está taxadamente como está no livro.

É assim, temos aos poucos quando se abre a janelinha e nós pudemos abordar mais assuntos, além dos nossos conteúdos, eu penso que é nessas alturas que nós pudemos pegar nos alunos e fazer questão, tentar puxá-los para ver se conseguimos que eles tenham outra perspetiva perante os estudos e a vida futura que eles são novinhos e entretanto as coisas vão mudar.

11- Na sua perspetiva quais são os fatores que desencadeiam as motivações ou desmotivações para ingressar no ensino superior?

Eu penso que algumas delas já foram faladas que é por exemplo uma das desmotivações são os aspetos sociais que nós vimos hoje, nós vivemos hoje, atualmente numa sociedade. É assim a

sociedade está em crise, muitos valores estão em crise, muitos valores sociais, familiares, e tudo é questionável, tinha de referir o fator do desemprego.

Para muitos alunos nós tínhamos, nós vemos o dia da amanhã, é tirar boas notas, para outros o dia da amanhã é ter dinheiro para o transporte, dinheiro para comida, é mais um dia a sobreviver e não está. É difícil chegar a esses alunos, eu já digo isto por experiências anteriores, é difícil chegar a alunos que até muito capazes e dizer-lhes continua a estudar porque pode ser benéfico ao longo prazo.

Quando no dia-a-dia ele nem se pode dar ao lucho de pensar nestas coisas é chegar a casa muitas vezes são muitos alunos que vivem do rendimento mínimo de inserção social, alguns vivem situações bastante precárias, fator económico e social que acaba por ter um peso bastante grande na situação de motivar. Porque é assim para motivar tudo paga-se e o aluno não tem no seu dia-a-dia as condições quase que mínimas para chegar ao final do dia e ter um dia, um dia normal que possa ser o mais comum. Como é que pode estar a pensar no futuro em que vai pagar propinas, em que vai ter de pagar os estudos e que possivelmente vem desmotivado, vem dececionado da situação que encontra em casa que é desemprego, e às vezes nem em casa, olha à volta tem os amigos com pais desempregados, atualmente só se fala na televisão, isto é extremamente muito importante, só se fala na televisão de miséria, é assim são os descontos, as fábricas que fecham, as dívidas, a dívida do país está quase a rebentar por todos os lados e isto os alunos mesmo não percebendo já nos desmotiva a nós adultos quanto mais alunos que ouvem isto e que na sua mente não estando a par das causas e das consequências são bombardeados todos os dias com isto.

Eles ficam desmotivados, ficam... há muito um encolher de ombros, os alunos não estão empenhados, acham tudo isto muito deprimente, vivemos numa altura muito deprimente, isto também serve como motivo para desmotivar os alunos. Eles preferem, eu consigo perceber, que era mais fácil voltar ao útero materno e ninguém nos aborrecia, estávamos bem, guardados estávamos seguros, eu penso que muitos alunos, e eu tenho alunos nesta situação, não se empenham o suficiente para passarem de ano, porque passarem de ano, chegar ao 9º ano e passar para o secundário implica crescer, implica tomar decisões e implica ser mais responsável e às vezes eu pergunto-me se não é uma forma segura que eles encontraram, uma forma de defesa que eles encontraram para não ter que entrar no mundo adulto. Está confuso e aí atualmente os adultos muitos têm dificuldade de tomar decisões também, eles vêm, eles notam isso e se calhar também somos culpados porque o nosso discurso nem sempre é aquele discurso, quando nós motivamos não podemos esquecer a realidade.

Nós não pudemos dizer só as coisas boas, é preciso de ser realista, porque dizer aos alunos, olha vocês tiram um curso motivar só para o sucesso vamos dizer que eles vão realizar... trabalhar e que vão fracassar às vezes vão empenhar-se e que podem alcançar resultados melhores pois a vida tem destas coisas para mim enquanto pessoa enquanto professora motivar implica ver um bocado o negro da realidade mas dar sempre a esperança que as coisas podem mudar. Mudam, há pessoas que têm a esperança de alcançar objetivos de ontem, da semana passada, mas que as coisas melhoram aos poucos e poucos, não é, não conseguem a situação socioeconómica a situação socio-financeira ideal mas para aí caminham.

As coisas constroem-se aos poucos eles têm que compreender isso, porque eles estão numa idade em que são os pais que ainda os sustentam, são poucos os alunos que acabam de fazer a gestão do seu dinheiro, não têm a verdadeira noção de quanto custa e quando são confrontados, quando são forçados a crescer eu penso que alguns querem ficar no 3º ciclo porque eles são alunos com muitas capacidades e os que eu digo são alunos inteligentes mas que são alunos que não realizam, não têm qualquer tipo de ambição futura não sabem o que querem ser, mas são bons alunos, mas que vão retardando cada vez mais. Assim cada vez mais, a entrada para o secundário, eu vejo os meus alunos, a minha direção de turma são bons alunos têm negativas, mas é uma boa turma, em termos de comportamento são conversadores, mas são bons alunos e de orientação vocacional, nós também aprendemos com estas coisas são alunos que entram no curso eu tenho um ou dois casos: eu quero ter uma formação técnica. Eu vejo pelos aqueles alunos que querem tirar um curso, querem uma licenciatura pelo menos continuar além da licenciatura.

Eu vejo que quando são confrontados com a carga horária do secundário, das disciplinas, os alunos ficam simplesmente em pânico, não estão preparados, não faziam a mínima ideia, porque o 3º ciclo dá um certo facilitismo que eles no secundário não têm. Eles vêm cargas horárias de seis horas semanais de determinada disciplina, têm de fazer isto e isto, eu tenho aquela disciplina e aquela e a outra. Eu sorrio, eu até depois acalma-os eles acabam por viver num estado de ansiedade antes do ano acabar já para o ano que ainda vai começar em Setembro eles mesmo stressados, mesmo ansiosos, chegamos aos exames, eles já estão a sofrer por antecipação e é verdade, eles não estão preparados em termos de maturidade para o que os espera.

Eles acabam por se integrar, hoje vimos muito uma diferença muito grande e depois os alunos encontram-nos mais tarde para dizer que realmente que há uma diferença abismal e alguns querem mudar e eu digo se eu falar da minha direção de turma estes alunos já vêm de casa com a cabecinha feita que é para continuar a estudar, não foram alunos que foram educados para desistir, é por isso que é importante porque é assim eles desmotivam em determinada altura,

mas como tiveram aquela educação dos pais, toda a infância, toda a adolescência foram apoiados, mesmo que não tenha os melhores resultados vais continuar a estudar. Portanto o trabalho nesse aspeto os familiares são extremamente importantes, eu acho que os pais trabalham com os professores para motivar os filhos, acho importante.

12- Quem são os agentes responsáveis pela motivação/desmotivação para ingressar no ensino superior?

São todos, essencialmente, os pais, os professores, nós falamos em empatia entre os professores e os alunos e eu faço referência porque há situações, as relações entre as pessoas podem ser complicadas.

Todos nós temos educações diferentes, todos nós somos diferentes e isto não falando do carácter de personalidade e às vezes os alunos, e aconteceu-me isto como aluna, gostam de uma determinada área e às vezes aquele professor que dá a determinada disciplina de repente o aluno que tinha criado tantas expectativas pela aquela disciplina fica com as expectativas um bocadinho baixas porque afinal não era aquela coisa fascinante o professor se calhar não é, da personalidade, não é aquela pessoa tão dinâmica que pensava que ia ser, não quer dizer que seja menos capaz.

Tem a ver muito com as expectativas que os alunos criam, tem a ver que o professor, há uns anos fala-se muito disto, o professor tinha de ser mais arrojado, tinha de ser o mais criativo possível, eu lembro-me perfeitamente de uma das turmas que eu tive no passado que nós tínhamos de diversificar as estratégias e enfim e as pessoas começaram a fazer o uso e o abuso dos audiovisuais portanto as escolas tiveram, foi uma altura em que houve o pedido de aquisição, os videoprojectores por exemplo e que todos os professores achavam que o videoprojector.

Os professores não podiam ser analfabetos nas tecnologias e nós tínhamos de dar as aulas através das tecnologias e eu lembro-me que tendo em consideração algumas propostas de trabalho, nem sempre as tecnologias ajudam, os materiais que numa aula prática e é uma área mais artística que os vídeos nem sempre ajudam. Eu lembro-me uma vez que dei umas aulas com apresentações e era para ser supostamente uma aula espetacular e ligou o vídeo projetor estava já tela apostes, começo a minha aula e levanta uma aluna lá do fundo e diz professora, a meio da aula professora pudemos passar esta parte dos computadores, pudemos passar à parte prática é que nós temos apresentações de computadores em todas as aulas. Portanto que, nós temos é que realmente de ter o cuidado de motivar, mas é assim se o aluno, também tem de ter uma predisposição para ser motivado, eu acho que uma exposição... se o aluno não está motivado e se o aluno cujo objetivo não é definitivamente continuar a estudar eu acho que pudemos motivar,

se eu não abrir uma porta em que pela qual nós pudemos entrar, nós pudemos ajudar. A desmotivação mais profunda em que o aluno não tem vocação para nada, apenas está na sala de aula porque é como ele próprio diz está na sala de aula, está na escola porque os pais obrigam e por lei é obrigado a estar, está nas leis da escolaridade obrigatória.

III – Perceção da Motivação para ingressar no ensino superior

13- A maioria dos alunos desta escola que acaba o ensino básico ingressa no ensino secundário regular ou no ensino profissional?

A minha experiência é que a maior parte dos alunos ingressa no ensino secundário com vista de ingressa no ensino superior, para ingressar no ensino superior a intenção é essa. Agora é natural que alguns desses alunos acabem por achar que o ensino secundário é um bocado pesado e preferem ingressar num curso técnico, por exemplo há casos de alunos que desistem do ensino secundário e ingressam no ensino técnico para uma formação técnica para ter equivalência e abreviar os anos de estudo, para começar a ter a sua vida, começar a trabalhar e começar a ter o seu ordenado.

14- Que medidas a escola utiliza para motivar os alunos a ingressarem no ensino superior?

É assim, em parte tem a ver com os professores, não só enquanto professores da disciplina, mas como diretores de turma, também nós temos como todas as escolas têm a orientação vocacional. A orientação vocacional como eu dizia à bocado também pode à primeira assustar os alunos quando são confrontados com a realidade no secundário e com a realidade do terceiro ciclo, mas depois os alunos têm a experiência de se deslocarem às escolas secundárias, estamos a falar da Apel, Jaime Moniz, Francisco Franco e de terem um contato com os cursos que lá existem.

Quando os alunos começam a ter a perceção das vias em termos profissionais das vertentes profissionais em determinadas áreas os alunos ficam mais estimulados: afinal eu vou para uma determinada área e dentro daquela área o que eu posso fazer? Eu gosto destas disciplinas, mas o que eu posso fazer? E o que eu noto é a preocupação dos alunos em quererem saber quais são as saídas profissionais se ingressarem no ensino secundário.

15- Quais as consequências dos alunos não prosseguirem os estudos para o ensino superior?

Há outras funções, é assim há alunos que preferem fazer, preferem experimentar ingressar no ensino secundário lá após o ensino do 3º ciclo, do ensino básico e há outros alunos como dizia à bocado que muitas vezes desistem do ensino secundário porque algumas disciplinas, acabam por ter certa dificuldade em certas disciplinas e são aquelas disciplinas que implicam o 11º ano, o 12º ano e os alunos ficam ali a arrastar aquela disciplina para acabar os anos. Isso desmotiva, desmotiva porque sem aquela disciplina, não consegue terminar e ingressar no ensino superior.

Alguns alunos acabam por desistir, eu já tive alunos que eu lembro-me que na minha área em que a geometria descritiva era um bicho papão e que para os alunos ainda é um bicho papão e que levaram anos, anos e anos casaram tiveram filhos e continuaram a tentar tirar a disciplina apesar de já não fazer assim muito sentido. Tipo as dificuldades eram tantas, que teria sido direccionar outra via que não fosse terminar o ensino secundário, se calhar ir para uma via profissional, mas basicamente eu penso que são essas.

16- Como motivar os alunos a ingressar no ensino superior?

Acho que é falar da realidade, da realidade do ensino superior, quanto a mim não é dizer que as coisas vão ser fáceis que requer muito trabalho, que requer dedicação, mas se eles têm uma ambição se eles querem ingressar em determinada área isso tem de ser lembrado por diversas vezes mesmo quando as linhas de comunicação faz parte do processo de todas as áreas e que se eles têm um sonho, têm um objetivo para estudar, devem continuar a estudar.

Eu até chego a dizer para aqueles alunos que muitas vezes não têm as condições financeiras para ingressar no ensino secundário também, há sempre a possibilidade de estarem a trabalhar custa muito mais, mas também em vez de fazer o 10º ano num ano fazem em dois, mas se o que interessa é não desistir se ele tem um objetivo de tirar um curso se o objetivo daquele adolescente é tirar um curso há muitas formas de o tirar e trabalhar e estudar é também uma hipótese. Porque conseguir bolsas para o ensino secundário estes regimes só existem mais depressa quando se está no ensino superior do que no ensino secundário.

Não há tanta facilidade se o aluno não tiver boas notas, se o pai e a mãe não conseguirem sustentar o aluno no ensino secundário e terem notas boas, os apoios são difíceis de qualquer forma. É preciso ter manuais, despesas que os pais têm no terceiro ciclo vão duplicar ou triplicar no ensino secundário, os manuais já são outros, são outros preços portanto os gastos com a educação são mais elevados.

17- Que acompanhamento é dado aos alunos na escolha do curso na transição do ensino básico (3º Ciclo) para o ensino secundário?

Aqui na escola, basicamente é feita orientação vocacional com a psicóloga da escola. Atualmente tendo em conta o número de turmas é só uma psicóloga que está a dar orientação vocacional, está a dar a todas as turmas de 9ºano, está a dar as aulas de formação social com o diretor de turma e para já começam a fazer com que estejam presente, falam de objetivos de vida são vários alunos... é como é uma hora que estou com eles, ajuda-me a estar presente. É uma turma de 25, porque nota que a minha direção de turma eles estão muito animados e agitados quando começaram a falar dos cursos o que queriam ser e depois eles começam e fazem uma série de testes para ver qual é a propensão, quais são as aptidões as maiores aptidões dos alunos e considero mesmo assim faço sempre, posso fazer um teste em que me dá um determinado resultado.

Eu acho no meu ver, mas não quer dizer que os testes não são 100% certos os alunos estão preocupados: Eu vou mais para esta área, nunca tinha pensado, nunca tinha equacionado esta hipótese, mas é assim porque se calhar não gosta de determinada disciplina, não vai deixar só por causa daquela disciplina, mais vale se esforçar e fazer uma coisa inteira sem custo, mas eles têm orientação vocacional depois têm as visitas de estudo às escolas, vão com os diretores das escolas é-lhes mostrado o leque de opções de cursos que as escolas têm. Os meus por acaso, vamos começar a fazer para a semana e então eles ficam animados, alguns alunos já começaram a fazer visitas de estudo de outras escolas já no 8º ano de outras disciplinas e já têm conhecimento dos irmãos que estão em determinada escola. As condições destas áreas em determinadas escolas começam a jogar com as informações que são fornecidas começam a conhecer a escola na qual vão entrar no secundário.

18- Segundo a sua experiência, como se encontram os níveis de motivação dos seus alunos, para o ingresso no ensino superior? Classifique numa escala de 0 a 10.

Os meus alunos estão sempre motivados até arriscaria logo um 9, eles estão com medo, eles estão receosos porque eles sabem que lhes vai dar muito trabalho. Eles não equacionaram que vão chegar ao 9º ano e parar, os meus estão super motivados, eu penso as turmas de 9º ano, estão motivadas em continuar, o que vai acontecer, quando lá chegarem isso já não sei.

19- Como acha que se deve prevenir a desistência de prosseguir os estudos para o ensino superior?

O que deve ser feito para os alunos não desistirem, isso depende dos fatores, é uma pergunta muito complicada, prevenir a desistência, um dos fatores é estarmos a falar constantemente a

falar de desemprego, é haver desemprego, nós somos bombardeados, isto não quer dizer que o país está mal, vamos desistir. Sim, devemos criar mais opções de emprego, na questão do desemprego há muitos alunos que estão a seguir a via técnica porque acabam por ver de terem receio de terem de despende de 3 anos no secundário, mais pelo menos 3 anos.

Eu penso que em termos sociais a situação que o país atravessa, é complicada porque quando são alunos que têm... acontece nós temos alunos, os próprios afirmam que só têm de tirar um curso porque em termos de emprego, já têm uma vida mais facilitada. Há outros alunos que nem tanto, existem outros alunos que querem tirar o curso porque ainda têm a esperança de que quando tirarem o curso vão conseguir ter o seu emprego, agora como nós somos confrontados que a percentagem de emigrantes aumentou, os jovens licenciados que emigraram porque não conseguem trabalhar dentro do país.

Quando o aluno é confrontado com esta situação e que pensam eu vou tirar um curso posso confrontar-me com o desemprego ele tem de aceitar quase que *à priori* tem que aceitar que poderá a ver a hipótese de ter que emigrar, e essa ideia pode não estar bem ensinada pelas pessoas pois supostamente qualquer pessoa pensa eu vou prosseguir os meus estudos, tirar um curso e vou ingressar no mundo do trabalho com maior ou não dificuldade vou ingressar e já estamos a ver é que são alunos até que já não querem estudar no país para não ter que enfrentar a emigração já querem estudar no estrangeiro e por lá ficar. Já não pretendem voltar, então talvez uma forma de prevenir a desistência era conseguir mais postos de trabalho, emprego.

É assim se conseguir postos de trabalho é fundamental, claro que em determinadas áreas, há áreas que são mais fáceis de conseguir emprego outras não são. Nem todos os alunos vão seguir a mesma área mas falar da criação de postos de trabalho, mesmo aqueles alunos que não continuam a estudar, esses também tentam arranjar emprego e não conseguem. As coisas não estão fáceis nem para um nem para outros e depois é assim, é claro que penso que se fossemos confrontados que vão abrir mais postos de emprego, mais postos de trabalho, claro que em casa ia haver um maior positivismo. Porque é inevitável, na sequência lógica, está a escola, pois os alunos passam muito tempo na escola, professores. São pais que às vezes tendo as suas dúvidas, suas preocupações e acabam por estarem mais motivados e é claro que as expectativas aumentam os alunos também são mais ambiciosos e querem mais e querem ir até ao fim supostamente o fim aqui é conseguir uma licenciatura é tirar uma formação porque eles estão esperançados e muito otimistas quanto à vida futura e isso hoje não se vê.

Gostaria de acrescentaria alguma coisa ao que foi dito?

Eu penso que sobre a motivação é aquilo que eu vejo dos meus alunos dentro da sala de aula, da minha direção de turma. Penso que a minha direção de turma é aquilo que eu vejo no dia-a-dia. Sem ir a grandes desempenhos de cargos, basicamente não muda muito.

Damos por terminada a entrevista.

Obrigada pela sua colaboração.

Anexos

Anexo 1 – Calendário com as ações de sensibilização/informação sobre o ensino superior do GES às Escolas

Escola	Data	Hora
APEL	20/05/2015	11:30
Atlântico	20/03/2015	09:50
Bispo D. Manuel F. Cabral	15/05/2015	10:10
Bispo D. Manuel F. Cabral (9º ano)	02/06/2015	10:10
Calheta	27/05/2015	11:40
Conservatório - Escola de Artes	13/04/2015	10:00
Estreito de Câmara de Lobos	19/03/2015	18:30
D. Lucinda Andrade	21/04/2015	10:00
D. Lucinda Andrade (9º ano)	21/04/2015	11:40
Dr. Ângelo Augusto da Silva	11/05/2015	09:45
Dr. Brazão de Castro (9º ano)	16/04/2015	11:30
Dr. Luís Dantas	20/04/2015	09:50
Francisco Franco	27/04/2015	10:00
Francisco Franco	27/04/2015	15:15
Gonçalves Zarco	17/04/2015	10:00
Gonçalves Zarco (9º ano)	30/04/2015	10:00
Hotelaria e Turismo	23/02/2015	15:00
Jaime Moniz (Ciências e Tecnologias)	12/05/2015	10:00
Jaime Moniz (Outros cursos)	13/05/2015	10:00
Machico	15/04/2015	14:30
Padre Manuel Álvares	11/03/2015	10:00
Ponta do Sol	06/02/2015	10:00
Porto Moniz	05/05/2015	12:20
Prof. Francisco Freitas Branco	01/06/2015	15:30
Santa Cruz	07/04/2015	10:05
Santa Cruz (9º ano)	14/04/2015	10:05

Anexo 2 – Declaração emitida pelo Orientador de estudo Doutor António Bento para efeitos do pedido da autorização da realização do estudo nas escolas solicitadas.



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO, ÁREA DE LIDERANÇA DE
ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL

DECLARAÇÃO


Declara-se, para os devidos efeitos, que a Dr^a Petra Diana Freitas Reis, se encontra a desenvolver um trabalho de investigação sobre a motivação dos jovens no prosseguimento de estudos a nível do Ensino Superior, sob a minha orientação, no âmbito do Mestrado em Liderança e Administração Educacional da Universidade da Madeira. Neste sentido, irá necessitar de autorização para realizar entrevistas e administrar questionários em quatro escolas públicas da RAM.

Funchal e UMa, 29 de Janeiro de 2015


Prof. Doutor António V. Bento
(Orientador)



Anexo 3 – Autorização concedida pela Secretaria Regional da Educação para a implementação do estudo nas escolas solicitadas.


REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA
GOVERNO REGIONAL
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E RECURSOS HUMANOS
DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO

C/C. ES Jaime Moniz
ES Francisco Franco
EB23 Dr. Horácio Bento Gouveia
EB123/PE Bartolomeu Perestrelo

Exma. Senhora
D. Petra Diana Freitas Reis
naradiana@hotmail.com

Direção Regional de Educação
GGAD

SAÍDA	PROCESSO(S)	DATA
Of: 230	5.68.0.0	04-02-2015

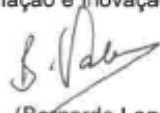
ASSUNTO: **Autorização para aplicar um estudo**

Na sequência da vossa solicitação, e por despacho do Exmo. Senhor Diretor Regional de Educação, de 03/02/2015, informa-se V. Exa. que é autorizado a aplicação dos instrumentos de investigação aos docentes e alunos selecionados das escolas Secundária Jaime Moniz, Secundária Francisco Franco, Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos do Dr. Horácio Bento Gouveia e Escola Básica dos 1.º, 2.º e 3.º ciclos com Pré-Escolar Bartolomeu Perestrelo, sob a condição da anuência dos respetivos docentes e alunos ou encarregados de educação, quando menores de idade.

Mais se informa V. Exa. de que, para efeitos da concretização do estudo, deverá proceder à articulação com os conselhos executivos das escolas.

Com os melhores cumprimentos,

O Diretor de Serviços de Investigação,
Formação e Inovação Educacional


(Bernardo Lage Valério)

Na resposta indicar a «Noessa referências». Em cada ofício tratar só de um assunto.

BV/MJM

Rua D. João, n.º 57 - 9054-510 Funchal - Tel: 291 705 860 - Fax: 291 705 870 - NIPC: 571 000 497
www.madeira-edu.pt/dre - email: dre@ive.madeira-edu.pt

1 de 1

